

## RESUMO

O título proposto para a presente tese de doutoramento: «A cerâmica comum de *AMMAIA*» pretende sintetizar o tema: cerâmica comum, o ramo: arqueologia, bem como a especialidade do estudo: arqueologia romana.

A seleção e análise de espólio cerâmico exumado desde 1995, com recurso a metodologia de escavação arqueológica, na cidade romana de *Ammaia*, particularizou os seguintes sectores: Porta Sul, termas, Estacionamento I e II, edifício da casa de Deão e também o espólio proveniente das necrópoles em torno da cidade agrupado na denominada Coleção Maças atualmente depositada no Museu Nacional de Arqueologia.

O registo e análise de mais de 1300 unidades permitiu identificar as características primordiais do universo cerâmico selecionado, possibilitando a consequente comparação com realidades cerâmicas de diversos sítios arqueológicos na Lusitânia, Hispânia, Narbonense e Península Itálica.

A aplicação de metodologias arqueológicas resultou na conclusão do desígnio central da investigação com a materialização de um quadro morfológico, funcional e tecnológico representativo do universo cerâmico da cidade de *Ammaia*, conseguindo-se ainda indicações do valor cultural do acervo.

## COMMON WARE OF THE ROMAN CITY OF *AMMAIA*

The title of the present dissertation “Common ware of the roman city of Ammaia”embodies and intents to synthetize the larger and broader areas of knowledge that include “common ceramics” and “archaeology” in general, as well as, “Roman archaeology”, in particular.

The study comprehends the selection and analysis of a ceramic asset composed by pieces exhumed via excavation of the ruins of Ammaia, since 1995, specifically from the “South Gate”, “Baths”, “Parking I”, “Parking II” and “House of Deão” sectors, along with the pieces found at the city necropolis, and that compose the “António and Delmira Maçãs” collection (now deposited at the National Museum of Archaeology). The archiving and the examination of over than 1,300 pieces has allowed to identify the fundamental characteristics of the ceramic universe studied, also enabling the subsequent comparison of the vestiges with the ceramic realities of many other archaeological sites in Lusitania, Hispania, and in the Narbonense and Italian Peninsulas.

The application of several archaeological methodologies has enabled to fulfill the objectives of the investigation and to postulate a representative morphological, functional and technological scenario of the ceramic universe of the city of Ammaia, also accompanied by the indication of the cultural value of the collection studied.



## AGRADECIMENTOS

O produto final de qualquer tarefa, mesmo que somente publicado parcialmente é o somatório de todos os momentos e a materialização personalizada do autor e do contributo de diversas fontes. A partilha gradual dos progressos atribui maior significado e harmonia ao epílogo do processo científico.

"Todo o fim é contemporâneo de todo o princípio; só a nossos olhos vem depois."

Agostinho da Silva

Na sequência do desenvolvimento do presente estudo gostaria de agradecer aos orientadores Doutor Professor Doutor Carlos Jorge Gonçalves Soares Fabião, Professor Doutor Filipe Themudo Barata e Professor Doutor Frank Maurice Richard Germain Vermeulen<sup>1</sup>. A todos agradeço a simpatia, sapiência e compreensão.

Ao Dr. Joaquim Carvalho e Dr.<sup>a</sup> Sofia Borges, respetivamente diretor de campo e diretora do Museu Cidade de *Ammaia* a estima, a paixão pelo sítio arqueológico e as contextualizações históricas dos trabalhos e materiais armazenados. À Fundação Cidade *Ammaia* e seu Presidente Engenheiro Carlos Melancia a gentileza e oportunidade de estudar este conjunto cerâmico, bem como a perspetiva filantropa e visionária de disponibilizar um sítio arqueológico tão singular à comunidade científica e população em geral. Ao Professor Doutor Francisco Sepúlveda Teixeira membro da Fundação Cidade de *Ammaia* o dinamismo científico que transmite aos investigadores. À coordenadora do projecto *Ammaia* e *Radio Past*, Professora Doutora Cristina Corsi a perspetiva mediterrânica e itálica da arqueologia contemporânea.

À Universidade de Évora, ao CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora e sucessivos presidentes, Professora Doutora Mafalda Cunha e Professora Doutora Fernanda Olival, bem como à Professora Doutora

<sup>1</sup> Orientador de Abril de 2010 a Dezembro de 2011.

Ana Cardoso Matos coordenadora do RG2, a celeridade processual e competência científica e institucional.

Ao Centro Hércules nas pessoas do Professor Doutor José Mirão coordenador da investigação arqueométrica, Professor Doutor António Candeias e Professora Doutora Cristina Dias. Às investigadoras Dr.<sup>a</sup> Lúcia Rosado e Dr.<sup>a</sup> Cátia Marques Prazeres a dedicação ao estudo arqueométrico das cerâmicas selecionadas para o qual contribuiu o projeto APOLLO – Archaeological and Physical On-site Laboratory – Lifting Outputs, Operação ALENT-07-0224-FEDER-001760, financiado pelo INALENTEJO.

Ao curso de doutoramento de arqueologia da Universidade de Évora e à Professora Doutora Leonor Rocha o acolhimento.

Ao Museu Nacional de Arqueologia e seus diretores Dr. Luís Raposo e Dr. António Carvalho, por terem permitido o estudo da Coleção Maças e o acesso às instalações do museu. Ao Mestre Matias Tissot do Departamento de conservação e restauro do Museu Nacional de Arqueologia, o acesso à informação correspondente à massa e volume de alguns recipientes, bem como a utilização de balanças das suas instalações. Ao departamento do inventário, na pessoa da Dr.<sup>a</sup> Luísa Guerreiro a cortesia e disponibilidade para consulta da base de dados, celeridade nas respostas às dúvidas e conselhos sobre as regras e modo de atuar no museu.

Ao Doutor José Carlos Quaresma, responsável pela análise das cerâmicas finas da cidade de *Ammaia* a partilha de informações alcançadas sobre crono-estratigrafia dos setores por ele estudados.

Aos colegas de laboratório da cidade de *Ammaia*, Dulce Osório, Carina Maurício, Helena Solano, Catarina Dias, Nicola Schiavottiello e do Museu da cidade de *Ammaia*, João Aires, António Jorge Raposo, Bento Mota e D. Mariana Trigueiro o modo fraterno com que me receberam e trataram. Ao meu cunhado João Paulo Agra de Castro toda a amistosa colaboração na impressão dos diversos exemplares.

Ao Henrique pelo prazer que desperta a beleza do seu sorriso, o encantador e intenso som do riso, o mágico brilho do olhar...

"O tempo dirá tudo à posteridade. É um falador.  
Fala mesmo quando nada se pergunta."

Eurípedes



## ÍNDICE GERAL

Resumo.....	I
Common ware of the roman city of <i>Ammaia</i> .....	II
Agradecimentos.....	III
Índice Geral.....	V
Índice de figuras.....	XIII
Índice de gráficos.....	XIII
Índice de tabelas.....	XIV
Abreviaturas.....	XIV
Breve reflexão introdutória: o homem e a alimentação.....	15
I. A civitas <i>Ammaiensis</i> .....	18
I. 1. A urbe e a cerâmica comum: início da investigação.....	18
I. 2. <i>Ammaia</i> e o Meio: enquadramento hidrogeomorfológico e climático.....	20
I. 3. A história do sítio e a investigação arqueológica.....	25
I. 3. 1. Enquadramento histórico-arqueológico.....	27
I. 3. 2. Campanhas de escavação e setores.....	42
I. 3. 4. Os horizontes históricos de <i>Ammaia</i> .....	50
II. A cerâmica comum romana. Problemática da designação.....	52
III. A cerâmica comum romana. Exemplos históricos de origem europeia.....	55
IV. Desenvolvimentos da investigação no atual território português.....	61
V. A cerâmica comum de <i>Ammaia</i> .....	74
V. 1. Metodologia.....	74
V. 2. Apresentação e quantificação.....	87
V. 2. 1. Porta Sul.....	88
V. 2. 2. Termas.....	91
V. 2. 3. Coleção Maçãs.....	93
V. 2. 4. Síntese dos dados quantitativos.....	96
VI. Estudo dos fabricos.....	97
VI.1. Caracterização tecnológica: os fabricos.....	99
A.....	99
B.....	100
C.....	101
D.....	103
E.....	104
F.....	105
G.....	107
H1.....	108
H2.....	110
I.....	111
J.....	113

K .....	113
L.....	114
M.....	116
O.....	117
VI. 2. Análise arqueométrica.....	118
VI. 2. 1. Breves notas sobre a composição química e mineralógica das cerâmicas comuns de <i>Ammaia</i> . José Mirão. Centro Hércules.....	119
VI. 2. 1. Introdução.....	119
VI. 2. 2. Metodologia.....	120
VI. 2. 3. Experimental.....	120
VI. 2. 4. Resultados.....	121
VI. 2. 5. Conclusões .....	126
VI. 3. Pratos.....	126
VI. 3. 1. Características técnicas.....	126
VI. 3. 2. Imitações de “engobe vermelho pompeiano” .....	127
VI. 4. Prato covo.....	132
VI. 4. 1 Características técnicas.....	132
VI. 5. Tigelas .....	132
VI. 5. 1. Características técnicas.....	132
VI. 6. Almofarizes .....	133
VI. 6. 1. Características técnicas.....	133
VI. 7. Alguidares .....	134
VI. 7. 1. Características técnicas.....	134
VI. 8. Alguidares/Bacias.....	134
VI. 8. 1. Características técnicas.....	134
VI. 9. Terrinas .....	135
VI. 9. 1. Características técnicas.....	135
VI. 10. Tachos.....	135
VI. 10. 1. Características técnicas.....	135
VI. 11. Pannels.....	136
VI. 11. 1. Características técnicas.....	136
VI. 12. Potes/Panelas .....	136
VI. 12. 1. Características técnicas.....	136
VI. 13. Potes .....	137
VI. 13. 1. Características técnicas.....	137
VI. 14. Taças .....	137
VI. 14. 1. Características técnicas.....	137
VI. 15. Potinhos/Púcaros.....	137
VI. 15. 1. Características técnicas.....	137
VI. 16. Jarros.....	138
VI. 16. 1. Características técnicas.....	138
VI. 17. Bilhas.....	138
VI. 17. 1. Características técnicas.....	138
VI. 18. Cântaros.....	139
VI. 18. 1. Características técnicas.....	139
VI. 19. Garrafas .....	139
VI. 19. 1. Características técnicas.....	139
VI. 20. Talhas .....	140
VI. 20. 1. Características técnicas.....	140
VI. 21. Tampas.....	140
VI. 21. 1. Características técnicas.....	140
VI. 22. Suporte .....	141
VI. 22. 1. Características técnicas.....	141
VI. 23. Fundos .....	141
VI. 23. 1. Características técnicas.....	141
VI. 24. Coleção Maçãs .....	141
VI. 24. 1. Características técnicas.....	141

VI. 24. 1. 1. Relação entre categorias morfológicas e fabricos .....	141
VI. 24. 1. 2. Tratamento de Superfície .....	144
VII. Estudo das Formas .....	146
VII. 1. Categorias morfológicas .....	146
VII. 1. 1. Indeterminada .....	146
VII. 2. PRATOS .....	146
VII. 2. 1. Proveniência .....	146
VII. 2. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	147
VII. 2. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	147
VII. 2. 2. Caracterização morfológica .....	147
VII. 2. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	147
VII. 2. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	148
VII. 2. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	148
VII. 2. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	148
VII. 2. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	148
VII. 2. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	149
VII. 2. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	149
VII. 2. 3. Paralelos bibliográficos .....	149
VII. 2. 3. 1. Pratos de bordo direito.....	149
VII. 2. 3. 2. Pratos de bordo extrovertido .....	153
VII. 2. 3. 3. Pratos de bordo introvertido .....	154
VII. 2. 3. 4. Cronologia e significado dos resultados .....	155
VII. 2. 4. Imitações de engobe vermelho pompeiano .....	155
VII. 2. 4. 1. A cerâmica de “engobe vermelho pompeiano”. Desenvolvimento do processo de investigação. A problemática dos centros de produção de imitações. ....	156
VII. 2. 4. 2. O caso da cidade de <i>Ammaia</i> . Porta sul. Análise quantitativa. Caracterização cronológica, técnica, morfológica e funcional.....	159
VII. 2. 4. 3. Significado dos resultados .....	162
VII. 3. PRATOS COVO.....	164
VII. 3. 1. Proveniência .....	164
VII. 3. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	164
VII. 3. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	165
VII. 3. 2. Caracterização morfológica .....	165
VII. 3. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	165
VII. 3. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	165
VII. 3. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	166
VII. 3. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	166
VII. 3. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	166
VII. 3. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	166
VII. 3. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	167
VII. 3. 3. Paralelos bibliográficos .....	167
VII. 3. 3. 1. Pratos covo de bordo direito .....	167
VII. 3. 3. 2. Prato covo de bordo extrovertido .....	169
VII. 3. 3. 3. Pratos covo de bordo introvertido.....	169
VII. 3. 3. 4. Cronologia e significado dos resultados .....	172
VII. 4. TIGELAS.....	172
VII. 4. 1. Proveniência .....	172
VII. 4. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	173
VII. 4. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	173
VII. 4. 2. Caracterização morfológica .....	174
VII. 4. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	174
VII. 4. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	174
VII. 4. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	174
VII. 4. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	174
VII. 4. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	174
VII. 4. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	175

VII. 4. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	175
VII. 4. 3. Paralelos bibliográficos .....	175
VII. 4. 3. 1. Tigelas de bordo extrovertido .....	175
VII. 4. 3. 2. Tigelas de bordo extrovertido .....	178
VII. 4. 3. 3. Cronologia e significado dos resultados.....	179
VII. 5. ALMOFARIZES .....	179
VII. 5. 1. Proveniência .....	179
VII. 5. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	179
VII. 5. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	180
VII. 5. 2. Caracterização morfológica .....	180
VII. 5. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo .....	180
VII. 5. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	180
VII. 5. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo/base.....	180
VII. 5. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	180
VII. 5. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	181
VII. 5. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	181
VII. 5. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	181
VII. 5. 3. Paralelos bibliográficos .....	181
VII. 5. 3. 1. Almofarizes de produção local de influência itálica.....	182
VII. 5. 3. 2. Almofarizes de importação do litoral da Bética .....	184
VII. 5. 3. 3. Cronologia e significado dos resultados.....	186
VII. 6. ALGUIDARES.....	187
VII. 6. 1. Proveniência .....	187
VII. 6. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	188
VII. 6. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	188
VII. 6. 2. Caracterização morfológica .....	188
VII. 6. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo .....	188
VII. 6. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	189
VII. 6. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	189
VII. 6. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	189
VII. 6. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	189
VII. 6. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	190
VII. 6. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	190
VII. 6. 3. Paralelos bibliográficos .....	190
VII. 6. 3. 1. Alguidares de bordo extrovertido .....	190
VII. 6. 3. 2. Cronologia e significado dos resultados.....	193
VII. 7. V.A. ALGUIDARES/BACIAS.....	193
VII. 7. 1. Proveniência .....	193
VII. 7. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	194
VII. 7. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	194
VII. 7. 2. Caracterização morfológica .....	194
VII. 7. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo .....	194
VII. 7. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	194
VII. 7. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	195
VII. 7. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	195
VII. 7. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	195
VII. 7. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	195
VII. 7. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	195
VII. 7. 3. Paralelos bibliográficos .....	196
VII. 7. 3. 1. Alguidares/bacias de bordo direito.....	196
VII. 7. 3. 2. Cronologia e significado dos resultados.....	197
VII. 8. TERRINAS .....	197
VII. 8. 1. Proveniência .....	197
VII. 8. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	197
VII. 8. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	198
VII. 8. 2. Caracterização morfológica .....	198
VII. 8. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo .....	198

VII. 8. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	198
VII. 8. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	198
VII. 8. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	198
VII. 8. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	199
VII. 8. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	199
VII. 8. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	199
VII. 8. 3. Paralelos bibliográficos .....	199
VII. 8. 3. 1. Terrinas de bordo direito .....	199
VII. 8. 3. 2. Terrinas de bordo introvertido .....	200
VII. 8. 3. 3. Cronologia e significado dos resultados .....	201
VII. 9. TACHOS.....	201
VII. 9. 1. Proveniência .....	201
VII. 9. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	201
VII. 9. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	202
VII. 9. 2. Caracterização morfológica .....	202
VII. 9. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	202
VII. 9. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	202
VII. 9. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	202
VII. 9. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	202
VII. 9. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	203
VII. 9. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	203
VII. 9. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	203
VII. 9. 3. Paralelos bibliográficos .....	203
VII. 9. 3. 1. Tachos de bordo extrovertido .....	203
VII. 9. 3. 2. Cronologia e significado dos resultados .....	206
VII. 10. PANELAS .....	207
VII. 10. 1. Proveniência .....	207
VII. 10. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	207
VII. 10. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	207
VII. 10. 2. Caracterização morfológica .....	208
VII. 10. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	208
VII. 10. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	208
VII. 10. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	208
VII. 10. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	208
VII. 10. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	209
VII. 10. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	209
VII. 10. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	209
VII. 10. 3. Paralelos bibliográficos .....	209
VII. 10. 3. 1. Painéis de bordo extrovertido .....	209
VII. 10. 3. 2. Cronologia.....	212
VII. 11. POTES/PANELAS .....	212
VII. 11. 1. Proveniência .....	212
VII. 11. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	212
VII. 11. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	213
VII. 11. 2. Caracterização morfológica .....	213
VII. 11. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	213
VII. 11. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	213
VII. 11. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	214
VII. 11. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	214
VII. 11. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	214
VII. 11. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	214
VII. 11. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	215
VII. 11. 3. Paralelos bibliográficos .....	215
VII. 11. 3. 1. Potes/Painéis de bordo direito .....	215
VII. 11. 3. 2. Potes/Painéis de bordo extrovertido.....	215
VII. 11. 3. 3. Cronologia.....	220
VII. 12. POTES.....	220

VII. 12. 1. Proveniência .....	220
VII. 12. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	221
VII. 12. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	221
VII. 12. 2. Caracterização morfológica .....	221
VII. 12. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	221
VII. 12. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	222
VII. 12. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	222
VII. 12. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	222
VII. 12. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	222
VII. 12. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	223
VII. 12. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	223
VII. 12. 3. Paralelos bibliográficos .....	223
VII. 12. 3. 1. Potes de bordo extrovertido.....	223
VII. 12. 3. 2. Potes de bordo introvertido .....	226
VII. 12. 3. 3. Cronologia.....	226
VII. 13. TAÇAS.....	227
VII. 13. 1. Proveniência .....	227
VII. 13. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	227
VII. 13. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	227
VII. 13. 2. Caracterização morfológica .....	228
VII. 13. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo .....	228
VII. 13. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	228
VII. 13. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	228
VII. 13. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	228
VII. 13. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	228
VII. 13. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	228
VII. 13. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	229
VII. 13. 3. Paralelos bibliográficos .....	229
VII. 13. 3. 1. Taças de bordo extrovertido.....	229
VII. 13. 3. 2. Cronologia.....	229
VII. 14. POTINHOS/PÚCAROS.....	229
VII. 14. 1. Proveniência .....	229
VII. 14. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	230
VII. 14. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	230
VII. 14. 2. Caracterização morfológica .....	231
VII. 14. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo .....	231
VII. 14. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	231
VII. 14. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	231
VII. 14. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	231
VII. 14. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	231
VII. 14. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	232
VII. 14. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	232
VII. 14. 3. Paralelos bibliográficos .....	232
VII. 14. 3. 1. Potinhos/púcaros de bordo direito.....	232
VII. 14. 3. 2. Potinhos/púcaros de bordo extrovertido .....	233
VII. 14. 3. 3. Cronologia.....	239
VII. 15. JARROS.....	240
VII. 15. 1. Proveniência .....	240
VII. 15. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	240
VII. 15. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	240
VII. 15. 2. Caracterização morfológica .....	240
VII. 15. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo .....	240
VII. 15. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	241
VII. 15. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	241
VII. 15. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	241
VII. 15. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	241
VII. 15. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	242

VII. 15. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	242
VII. 15. 3. Paralelos bibliográficos .....	242
VII. 15. 3. 1. Jarros de bordo extrovertido .....	242
VII. 15. 3. 2. Cronologia.....	245
VII. 16. BILHAS.....	246
VII. 16. 1. Proveniência .....	246
VII. 16. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	246
VII. 16. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	246
VII. 16. 2. Caracterização morfológica .....	247
VII. 16. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	247
VII. 16. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	247
VII. 16. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	247
VII. 16. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	247
VII. 16. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	247
VII. 16. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	248
VII. 16. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	248
VII. 16. 3. Paralelos bibliográficos .....	248
VII. 16. 3. 1. Bilhas de bordo direito .....	248
VII. 16. 3. 2. Bilhas de bordo extrovertido .....	249
VII. 16. 3. 3. Cronologia.....	251
VII. 17. CÂNTAROS .....	252
VII. 17. 1. Proveniência .....	252
VII. 17. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	252
VII. 17. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	252
VII. 17. 2. Caracterização morfológica .....	253
VII. 17. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	253
VII. 17. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	253
VII. 17. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	253
VII. 17. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	253
VII. 17. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	253
VII. 17. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	253
VII. 17. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	254
VII. 17. 3. Paralelos bibliográficos .....	254
VII. 17. 3. 1. Cântaros de bordo direito.....	254
VII. 17. 3. 2. Cântaros de bordo extrovertido .....	254
VII. 17. 3. 3. Cronologia.....	255
VII. 18. GARRAFAS.....	255
VII. 18. 1. Proveniência .....	255
VII. 18. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado e por unidade estratigráfica .....	255
VII. 18. 2. Caracterização morfológica .....	255
VII. 18. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	255
VII. 18. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	256
VII. 18. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	256
VII. 18. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	256
VII. 18. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma .....	256
VII. 18. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante .....	256
VII. 18. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície .....	256
VII. 18. 3. Paralelos bibliográficos .....	257
VII. 18. 3. 1. Garrafas de bordo direito .....	257
VII. 18. 3. 2. Cronologia.....	257
VII. 19. TALHAS.....	258
VII. 19. 1. Proveniência .....	258
VII. 19. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	258
VII. 19. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica .....	258
VII. 19. 2. Caracterização morfológica .....	258
VII. 19. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	258
VII. 19. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	259



VII. 19. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	259
VII. 19. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	259
VII. 19. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	259
VII. 19. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	259
VII. 19. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície.....	260
VII. 19. 3. Paralelos bibliográficos.....	260
VII. 19. 3. 1. Talhas de bordo extrovertido.....	260
VII. 19. 3. 2. Talhas de bordo introvertido.....	261
VII. 19. 3. 3. Cronologia.....	261
VII. 20. TAMPAS.....	262
VII. 20. 1. Proveniência.....	262
VII. 20. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	262
VII. 20. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica.....	262
VII. 20. 2. Caracterização morfológica.....	263
VII. 20. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo.....	263
VII. 20. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura.....	263
VII. 20. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo.....	263
VII. 20. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo.....	263
VII. 20. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma.....	264
VII. 20. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante.....	264
VII. 20. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície.....	264
VII. 20. 3. Paralelos bibliográficos.....	264
VII. 20. 3. 1. Tampas de bordo direito.....	264
VII. 20. 3. 2. Tampas de bordo extrovertido.....	265
VII. 20. 3. 3. Tampas de bordo introvertido.....	266
VII. 20. 3. 4. Cronologia.....	266
VII. 21. SUPORTES.....	266
VII. 21. 1. Proveniência.....	266
VII. 21. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, unidade estratigráfica,.....	266
VII. 21. 2. Caracterização morfológica.....	267
VII. 21. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo/fundo, altura, diâmetro interior do bordo/fundo.....	267
VII. 21. 2. 2. Distribuição de fragmentos por tipo, forma, variante, tratamento de superfície.....	267
VII. 21. 3. Paralelos bibliográficos.....	267
VII. 21. 3. 1. Suporte de base plana.....	267
VII. 21. 3. 2. Cronologia.....	267
VII. 22. FUNDOS.....	267
VII. 22. 1. Proveniência.....	267
VII. 22. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado.....	268
VII. 22. 2. Paralelos bibliográficos.....	268
VII. 22. 2. 1. Fundo de base plana.....	268
VII. 22. 2. 2. Fundos de base plana alargada.....	269
VII. 23. Coleção Maçãs.....	269
VII. 23. 1. Morfologia e tecnologia.....	269
VII. 23. 1. 1. Apresentação e análise quantitativa das características técnicas e formais.....	269
VII. 23. 2. Cronologia.....	276
VIII. Significado dos resultados.....	276
VIII. 1. Síntese das principais características e relações técnicas, morfológicas, funcionais e cronológicas: ilações culturais.....	278
XIX. Reflexões Finais.....	289
Bibliografia.....	293



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo da ficha de inventário utilizada na base de dados.....	77
Figura 2: Fabrico A.....	99
Figura 3: Fabrico B.....	100
Figura 4: B 1                      Figura 5: B 2                      Figura 6: B 3.....	100
Figura 7: Fabrico C.....	101
Figura 8: C 1                      Figura 9: C 2.....	102
Figura 10: C 3                      Figura 11: C 4.....	102
Figura 12: Fabrico D.....	103
Figura 13: Fabrico E (origem não local).....	104
Figura 14: E 1                      Figura 15: E 2                      Figura 16: E 3.....	104
Figura 17: Fabrico F.....	105
Figura 18: F 1                      Figura 19: F 2.....	106
Figura 20: Fabrico G.....	107
Figura 21: G 1                      Figura 22: G 2                      Figura 23: G 3.....	107
Figura 24: Fabrico H1.....	108
Figura 25: H1-1                      Figura 26: H1-2                      Figura 27: H1-3.....	108
Figura 28: fabrico H 2.....	110
Figura 29: Fabrico I.....	111
Figura 30: I 1    Figura 31: I 2.....	111
Figura 32: I 3    Figura 33: I 4.....	112
Figura 34: Fabrico J (origem não local).....	113
Figura 35: fabrico K.....	113
Figura 36: fabrico L (origem não local).....	114
Figura 37: L 1    Figura 38: L 2                      Figura 39: L 3.....	115
Figura 40: L 4    Figura 41: L 5.....	115
Figura 42: Fabrico M (origem não local).....	116
Figura 43: Fabrico O.....	117
Figura 44: O 1    Figura 45: O 2.....	117
Figura 46: O 3    Figura 47: O 4.....	117
Figura 48. Relação entre Ca e Sr no conjunto das amostras.....	123
Figura 49. Relação entre Zr vs Nb e Ti vs Al.....	123
Figura 50. Projeção das variáveis composicionais em função do facto 1 e do facto 2.....	124
Figura 51. Projeção das propostas em função do fator 1 e do fator 2.....	124
Figura 52. Distribuição de alguns elementos químicos na amostra L3.....	125
Figura 53. Localização e composição de uma piroxena em L3.....	125
Figura 54. Distribuição de alguns elementos químicos na amostra B2.....	125

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porta Sul. Distribuição do número total de fragmentos por categoria.....	89
Gráfico 2: Porta Sul. Distribuição do valor total de massa dos fragmentos.....	89
Gráfico 3: Termas. Distribuição da informação morfológica dos fragmentos.....	91
Gráfico 4: Termas. Distribuição do valor total de massa dos fragmentos.....	92
Gráfico 5: Coleção Maçãs. Distribuição dos fragmentos por categoria morfológica.....	96
Gráfico 6: Distribuição percentual dos fabricos.....	143
Gráfico 7: Coleção Maçãs. Distribuição percentual das categorias morfológicas.....	270

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Categorias morfológico-funcionais .....	83
Tabela 2: Síntese tecnológica dos grupos e subgrupos de fabricos .....	98
Tabela 3. Proporções relativas por Difracção de Raios-X das diferentes fases mineralógicas nas cerâmicas comuns da Cidade Romana de Ammaia .....	121
Tabela 4: Análise quantitativa das formas e fabricos .....	128
Tabela 5: Síntese da cerâmica de “imitação de engobe vermelho pompeiano” .....	131
Tabela 6: Distribuição dos fabricos por categoria morfológica .....	142
Tabela 7: Coleção Maças. Distribuição do valor de massa e capacidade dos recipientes por categoria morfológica.....	275

## ABREVIATURAS

a. C. = antes de Cristo; AMB = ambiente;	cap. = capítulo;
CIL = <i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i> ;	cms = centímetros;
CNS = Código Nacional de Sítio;	d. C. depois de Cristo;
DGPC = Direcção Geral do Património Cultural	EN = Estrada Nacional;
ext. = extrovertido;	fig. = figura;
frg. = fragmentos;	g = grama;
IGESPAR = Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico	
IPA = Instituto Português de Arqueologia	
IPPAR = Instituto Português do Património Arquitectónico	
IPPC = Instituto Português Património Cultural	
indt. = indeterminado;	int. = introvertido;
ILER= <i>Inscriptiones latinas de la España romana</i>	
IRCP = <i>Inscrições romanas do Conventos Pacensis</i> ;	
Kg. = quilograma;	Km = quilómetros;
l = litro;	m = metros;
met. = metade;	mg = miligrama;
mL = mililitro;	N = norte;
NW = noroeste;	NE = nordeste;
S = sul;	SW = sudoeste,
n.º = número;	∅ = diâmetro;
Q. = quadrado;	S. = Secção;
séc. = século;	Ue = unidade estratigráfica;
Ue's = unidades estratigráficas;	

**BREVE REFLEXÃO INTRODUTÓRIA: O HOMEM E A ALIMENTAÇÃO. DIMENSÕES CULTURAIS.**

A reflexão sobre temáticas basilares à essência humana não pode forçosamente ignorar a aprendizagem que poderemos alcançar através de estudiosos intemporais. O distanciamento cronológico e o reconhecimento da grandeza e clarividência do seu pensamento são uma garantia da importância estrutural que determinadas questões encerram. A alimentação e tudo o que implica é um assunto sem rival perante a qualidade visceral que desempenha em todo o processo de hominização e em diversos períodos históricos.

"O maior pensar da criatura humana é comer, desde que o homem nasce até que morre anda a procurar o pão para a boca."

Padre António Vieira

Os valores culturais que são expostos e transmitidos à volta de uma qualquer refeição, mesmo que consumada sem mesa, são tão profundos e civilizacionais que permanecem ao longo de diversas gerações como elementos estruturantes e caracterizadores das comunidades.

A paixão que o tema apresenta é proporcional ao prazer transversal que distintas e diversas comunidades mediterrâneas registam no ato de preparar e usufruir da refeição. O tempo e recursos despendidos em todo o processo confirmam a valorização atribuída pelas comunidades rurais, que a sociedade urbana reforça com novas roupagens.

A importância do momento da refeição encontra-se bem patente no carácter sagrado do ato. Esta sacralização que certamente remonta ao processo de hominização e à árdua luta pela sobrevivência, é certamente iniciada através da espiritualidade do feiticeiro e perpetuada ulteriormente pela generalidade das religiões.

O fascínio da temática esbarra na “maldição” estruturante da voracidade do *sapiens sapiens*, e na inevitável necessidade de se alimentar, fazendo lembrar os castigos imputados a Atlas ou Midas pelo panteão divino da mitologia clássica. Este imperativo remete-nos para o prato, para a diversidade dos recipientes suas funcionalidades e para a incontornável figura central do oleiro.

Se este pesado castigo da assiduidade com que nos temos de alimentar e nos obriga ao contrário de Midas, a transformar em comida tudo o que tocamos, igualmente nos força a abundantes tarefas preparatórias. O desenvolvimento do complexo processo alimentar, não só lembra de forma quase invertida a maldição de Midas, como demonstra que temos desempenhado como espécime tal tarefa com especial mestria. Na verdade transformamos o pré-histórico e “básico” ato de alimentação para a sobrevivência, num exuberante e refinado momento de festim.

Em especial no mundo mediterrânico, poder-se-á afirmar sem dificuldade, que “tudo começa à volta de uma mesa”. Todavia, para alcançarmos as pessoas teremos que entender minuciosamente os recipientes, perspetivar conteúdos e hábitos alimentares. Como arqueólogos não será necessário uma invulgar capacidade contextualizadora, para visualizar o Mar Mediterrâneo como uma enorme mesa onde a Hispânia romana, a Lusitânia e a cidade de *Ammaia*, ocupam e desempenham o seu papel no flanco oeste da mesa imperial onde diversos convivas interagem.

A dimensão essencialmente local da cerâmica comum contrasta com esta abrangente contextualização geográfica. Todavia esta realidade essencialmente local não se esgota nos confinados limites micro-territoriais, exigindo e possibilitando uma aproximação à cativante reflexão sobre a difusão regional da produção e comercialização cerâmica. Não sendo no momento, por razões sequenciais do conhecimento histórico-arqueológico este o objetivo prioritário do presente estudo, será oportuno salientar que é o fascínio exercido pela funcionalidade e pelo quotidiano apontado por Jeannette Nolen ou Inês Vaz Pinto, que mais seduz na cerâmica comum e está na origem desta jornada com “entrada” inicial pela Porta Sul da cidade de *Ammaia* e passagem pela restante área urbana. Acrescenta-se a noção de rotina ao carácter utilitário e quotidiano, reforçando essencialmente o último conceito de forma a transmitir maior intensidade. Recorda-se que esta reflexão não escapou a outros ilustres autores, cuja preferência recaiu no uso do sinónimo: hábito.

"O hábito é o melhor mestre em todas as coisas."

Plínio

"Nada é mais forte que o hábito."

Ovídio

Os resultados apresentados materializam uma vasta abordagem ao universo da cerâmica comum romana da cidade de *Ammaia*, particularizando a área envolvente da denominada Porta Sul, as Termas, o edifício da Quinta de Deão, a zona onde se situa o atual Estacionamento (1 e 2), bem como a coleção António e Delmira Maçãs.

Tal como o titã Atlas, os estudos arqueológicos carregam aos ombros a escassez de estudos sobre a cerâmica comum no contexto europeu e mediterrâneo.

Curioso é constatar que a “relativa” proximidade geográfico-literária do guardião grego dos pilares de Hércules (Estreito de Gibraltar) e igualmente apelidado de primeiro rei da Atlântida, o aproxima das coordenadas da cidade de *Ammaia*, das especificidades da Lusitânia e do contorno oeste e “atlântico” da mesa mediterrânica.

O *Mare Nostrum* romano é à luz de diversas categorias cerâmicas uma enorme mesa onde diversos convivas saciam e partilham produtos, hábitos e valores culturais há muito demonstrados pela arqueologia. Se a voracidade alimentar faz crer que tudo parece “começar” à mesa, esta não deixa de ser uma falsa verdade, pois o início de todas as coisas só acontece com a ajuda prévia do produtor, seja ele agricultor ou oleiro. Tudo começa realmente antes de chegar à mesa e este momento é o culminar de muitas etapas preparatórias que implicam muito “saber saber” e “saber fazer”. É este deslumbramento que está na origem da jornada e alicia a chegada até à Porta Sul da cidade de *Ammaia*.

Entre os deuses e os oleiros, mas necessariamente mais distantes da poderosa e envolvente mitologia clássica, embrião do imaginário cultural ocidental, tentar-se-á de forma pragmática focar as principais características da cerâmica comum da cidade de *Ammaia*.

A presente dissertação de doutoramento dedicada ao tema da cerâmica comum é um contributo e uma especial oportunidade para a apresentação de resultados, sobre uma temática tão negligenciada e cujas lacunas de conhecimento se assemelham para a comunidade científica, face ao prolongar da situação, a fardo idêntico ao que o titã Atlas teve de lidar.

## I. A CIVITAS AMMAIENSIS.

### I. 1. A urbe e a cerâmica comum: início da investigação

O percurso desta investigação viabilizou-se graças à bolsa de estudo concedida pela FCT (SFRH/BD/65687/2009) e iniciou-se no ano 2010 sob a orientação do Professor Doutor Frank Maurice Richard Germain Vermeulen, docente da Universidade belga de Ghent. Nesta data, o projeto científico da cidade de *Ammaia* tendo como principal objetivo a compreensão espacial do sítio, desenvolvia-se sob a coordenação dos Professores Cristina Corsi e Frank Vermeulen, privilegiando a aplicação de metodologias e práticas arqueológicas não evasivas, bem como, o estudo de materiais e sondagens arqueológicas.

A partir de Janeiro de 2012 a coordenação da investigação e respetiva bolsa passou a desenvolver-se sob a coordenação do Professor Doutor Carlos Jorge Gonçalves Soares Fabião, docente da Universidade de Lisboa e do Professor Doutor Filipe Themudo Barata, docente da Universidade de Évora.

O estudo da cerâmica comum emerge da necessidade de analisar o espólio exumado ao longo das diversas intervenções arqueológicas iniciadas na década de noventa, e do consequente diagnóstico desta lacuna por parte dos responsáveis científicos e institucionais. Já em 2006 um dos responsáveis pelas escavações arqueológicas reflete em publicação sobre a importância e dificuldade de estudo de materiais recolhidos, acrescentando em relação à cerâmica comum, que teria que abdicar da sua análise devido à quantidade e complexidade desta produção (Pereira, 2009, p. 21).

Mediante a citada orientação científica foi realizada contagem e correspondente quantificação, inventariação e seleção do conjunto cerâmico, acondicionado nas instalações da Fundação Cidade de *Ammaia* (depósito e laboratório) e disponibilizado pela diretora do Museu, Dr.<sup>a</sup> Sofia Borges, e pelo diretor de campo, Dr. Joaquim Carvalho.

Os lotes cerâmicos em causa correspondiam aos artefactos tratados na sequência das escavações realizadas em três momentos distintos: 1995-1999; 2000-2006 e 2009-2010. Desta contagem inicial de fragmentos oriundos da área intramuros e

da triagem realizada à coleção Maçãs, resultaram os dados quantitativos e qualitativos que apresentamos neste estudo.

Convirá recordar que a primeira abordagem à cerâmica comum oriunda de São Salvador de Aramenha foi consumada por Josefa Neves em 1972, abordando recipientes provenientes dum contexto de necrópole que correspondem ao acervo denominado como coleção Maçãs, atualmente presente no Museu Nacional de Arqueologia. Neste trabalho a autora aborda igualmente um conjunto de recipientes de *terra sigillata* e vidros (Neves, 1972).

A distância temporal que separa o trabalho que desenvolvemos da década de setenta é em si mesmo uma circunstância histórica. Quarenta e dois longos anos, representativos do ritmo dos estudos da cerâmica comum. Mas sobre este tema desenvolver-se-á capítulo específico mais adiante<sup>2</sup>, visto que também foi possível em 2012 analisar os recipientes da coleção Maçãs depositados no Museu Nacional de Arqueologia<sup>3</sup>.

A presente abordagem privilegia o oleiro e o seu “savoir-faire” sendo o primeiro passo rumo à mesa, ao conviva e também ao cozinheiro. Poderemos sintetizar a presente busca seguindo e reproduzindo a expressão: diz-me como comes, e o que comes, e dir-te-ei quem és! Acreditamos que seguindo a premissa subjacente a estas questões poderemos obter informações preciosas e alcançar pressupostos estruturais do modo de vida e aculturação de determinada comunidade.

Esta investigação surge na sequência das escavações arqueológicas começadas em meados da década de noventa e do processo de musealização do sítio, despoletado no ano de 2001 pela reconstrução do edifício da Casa de Deão. Igualmente marcante é a aplicação de metodologias geofísicas, coordenadas entre 2008 e 2011 pelos Professores Doutores Frank Vermeulen e Cristina Corsi (Corsi & Vermeulen, 2007, 2010, 2011, 2012).

O principal objetivo do presente estudo é a elaboração de um quadro morfológico-funcional e tecnológico, representativo do universo dos fragmentos e recipientes de cerâmica comum da cidade romana de *Ammaia*.

---

<sup>2</sup> Cfr. Por exemplo VI. 2.3. Coleção Maçãs p. 140-144 ou VII. 23. Coleção Maçãs p.277-283.

<sup>3</sup> Resultou inicialmente dessa análise uma síntese em formato de “poster” e artigo no II Congresso da Arqueologia de Transição organizado pela Universidade de Évora (Dias, 2013).

A entrada sul da cidade alvo de diversas escavações arqueológicas e variados registos ao longo dos anos, registou as primeiras intervenções arqueológicas de carácter científico no longínquo ano de 1995. Desde esta data, até ao transato ano de 2013, muitas foram as perspectivas e os contributos para alcançar o integral entendimento da denominada Porta Sul.

Os longos intervalos ocorridos na investigação arqueológica permitiram não só, constatar a continuidade da importância da análise da cultura material, mas também, a validação das pioneiras metodologias do conhecimento arqueológico. Constatou-se que apesar da modernização dos registos se adaptar ao ritmo da evolução tecnológica, a cultura material e a solidez da sua abordagem metodológica continua a ser uma tarefa basilar para o conhecimento arqueológico.

Os dados registados permitiram a inventariação e subdivisão de diversas categorias morfológicas e grupos de fabrico, culminando na criação de um pormenorizado quadro morfológico-funcional e tecnológico representativo de todo o universo cerâmico estudado. O resultado final foi precedido por uma detalhada análise quantitativa e pela busca de orientações cronológicas, resultantes dos dados crono-estratigráficos proporcionados pelas cerâmicas finas e pelos diversos casos de paralelos morfológicos identificados noutros sítios arqueológicos. Destacaram-se de todo o conjunto as produções de almofarizes, as imitações de engobe vermelho pompeiano e o lote proveniente das necrópoles de São Salvador de Aramenha agrupado na coleção Maças.

## I. 2. *Ammaia* e o Meio: enquadramento hidrogeomorfológico e climático

O Homem e o Meio, a cidade e o Meio não fazem sentido apenas por questões relacionadas com um mero enquadramento geomorfológico ou representação estatística. São igualmente a materialização das concepções culturais, económicas, políticas e sociais das diferentes épocas históricas.

O local onde se localiza a cidade de *Ammaia* sobrevive e adapta-se à ação do Homem desde a visão clássica de harmonização com o meio, onde imperavam as concepções quase filiais de harmonização com a mãe-terra, até à generalização da concepção judaico-cristã, onde o meio-ambiente é simplesmente uma oferenda à humanidade para usufruto.



Coincidindo o monoteísmo com esta alteração espiritual da relação do Homem com o meio parece que São Salvador de Aramenha ficou “imune” ao aprofundamento desta visão, intensificada no século XVII, durante a massificação da industrialização europeia<sup>4</sup>. A Aramenha para felicidade da preservação arqueológica, parece ter saltado diretamente para a consciencialização de um renascimento ecológico, coincidente com a internacionalização do capitalismo. Atrevemo-nos a chamar a este momento iniciado no século XIX, contestatário da visão de que o homem predominaria sobre a natureza, um “Renascimento ecológico”. Este despertar de consciências assumiu dimensão proporcional aos malefícios da era industrial criando por oposição a dicotomia campocidade e a visão idílica do campo que ainda hoje se experimenta ao chegar a Salvador de Aramenha, Marvão ou Portagem.

A metodologia arqueológica em oposição à ruralidade da Aramenha, tal como ocorreu noutros campos do saber, não ficou isenta de influências da corrente filosófica do Existencialismo dos séculos XIX e XX. A herança da “atitude existencial” onde é privilegiada a existência do indivíduo face à sua essência valoriza a importância atribuída ao Meio e à interação do Homem com o que o rodeia.

Os homens que selecionaram o local de implantação da cidade de *Ammaia* fizeram a sua História mas não puderam fazê-lo escolhendo todas as condições e variáveis. Esta imprevisibilidade torna a história fascinante e singular, pois os mesmos romanos que fundaram a cidade de *Ammaia*, ao fundarem uma cidade noutra qualquer lugar obteriam resultados completamente distintos. Desde os pensadores mais antigos da Grécia, a Kierkegaard, Marx ou Sartre, jamais foi possível prever quanto o Meio poderia influenciar o Homem. Todavia, parece existir unanimidade nas correntes existencialistas quanto ao fato da “existência preceder a essência”, basta existir para ser, basta existir para fazer história e ser produto do Meio em que se vive.

Tratar-se-á seguidamente no caso *ammaiense*, do Meio para depois se tentar mostrar nos capítulos posteriores parte da interação do oleiro e do consumidor com o Meio.

O Homem sendo historicamente determinado pelo meio ambiente é produto do meio em que vive. A relação em torno desta dialética intensifica e estimula o debate em

---

<sup>4</sup> Literalmente mais profundas parecem ter sido as acções de pilhagem e reaproveitamento desenvolvidas ao longo dos tempos.

torno da questão central: porque aqui e não noutra qualquer lugar? Porquê em São Salvador de Aramenha? É curioso constatar que as partes do todo que o *sapiens sapiens* não controla são extraordinariamente relevantes, por serem tudo menos aleatórias. A tarefa mecânica e quase enfadonha do capítulo que se desenvolve transforma-se deste modo em algo muito mais revelador e estrutural do que uma simples compilação de dados hidrogeomorfológicos.

A localização geográfica da cidade de *Ammaia* está fortemente condicionada pela proximidade da Serra de São Mamede e pelo rio Sever. Implantando-se em pleno Parque Natural da Serra de São Mamede a relação que estabelece com o meio ambiente é algo a que ainda hoje o mais insensível e distraído dos visitantes não fica indiferente. Maior importância assumiria na época de Augusto. A forma como a paisagem que circunda a cidade romana intervém junto do visitante, cativa e exige uma pausa para contemplação. Situada no Alto-Alentejo na atual freguesia de São Salvador de Aramenha, concelho de Marvão, distrito de Portalegre a área urbana corresponde essencialmente aos lugares de Tapada de Aramenha, Quinta do Deão e Picadeiro. Com o Código Nacional de Sítio (CNS) nº 300, a conhecida cidade romana de *Ammaia*, Monumento Nacional desde 1949, tem implantação cartográfica materializada na CMP nº 348, registando as coordenadas de sítio referente ao edifício da Casa de Deão (M: 264390 P: 267160) que alberga atualmente o Museu da Cidade de *Ammaia* e onde se inicia a visita ao sítio arqueológico<sup>5</sup>.

A área calculada da cidade truncada pela construção da estrada que ainda hoje liga a cidade de Portalegre e a vila de Marvão (atual EN nº 539), perspetiva a ocupação de cerca de 22/30 hectares, sendo propriedade da Fundação Cidade de *Ammaia* 14 hectares, cujas parcelas foram adquiridas a partir do ano de 1994 e correspondem à Tapada da Aramenha e Quinta do Deão.

A cidade é praticamente banhada pelo Rio Sever sendo a abundância dos recursos hidrológicos uma evidência. Situando-se num vale que proporciona a convergência de inúmeras linhas de água, especialmente oriundas das elevadas curvas de nível da Serra da Selada, localizada a SE da *civitas Ammaiensis*, o próprio topónimo da vizinha Quinta Olhos de Água é esclarecedor quanto à proximidade e riqueza dos recursos aquíferos da

---

<sup>5</sup> Cfr. <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=48078>

área onde está implantada. Surge como dominante para a localização da cidade de Ammaia o papel central do Rio Sever, bem como as linhas de água que provenientes do seu curso cruzam a cidade. Ambas no sentido NE-SW: a primeira a norte, junto do lugar de Salvador e a segunda a sul, próximo do lugar de Olhos de Água. No sentido S e SE, destacam-se pela proximidade e dimensão a Ribeira do Porto da Espada, seguindo-se a Ribeira de São Julião e a Ribeira da Madalena. A NE, no sentido de Castelo de Vide, a Ribeira de São João e a Ribeira de Vale Dornas. A NW, em direção a Marvão, é ainda o Rio Sever que cadencia os recursos hídricos e a paisagem com cotas mais baixas, sendo a Ribeira da Cavalinha, Ribeiro do Lobo ou a Fonte das Mortas os afluentes do Rio Sever de maior notoriedade. Um pouco mais distantes (6000 m) mas igualmente na área de influência territorial é incontornável o destaque que merecem na região a Ribeira de Niza e a Ribeira de Vale do Serrão.

A exuberância dos recursos aquíferos também se evidencia na produtividade média subterrânea que geralmente oscila entre 50 e 300 m<sup>3</sup> (dia Km<sup>2</sup>). É esta produção que está na origem do abatimento sedimentar que pôs a descoberto no mês de Abril de 2013 um algar com 100 m de profundidade e 15 m de diâmetro em Porto de Espada<sup>6</sup>, documentando manifestações do modelado cárstico profundo.

A área de influência da cidade regista litologia composta por formações sedimentares e metamórficas, com rochas eruptivas plutónicas e carbonatadas, com predomínio de granitos e rochas afins em toda a envolvente. Particularizam-se junto a Olhos de Água, xistos, grauvaques, quartzitos e depósitos de vertente, enquanto ao longo da zona do vale, predominam as areias superficiais e de terraço.

A geologia documenta desde o período Carbónico Marinho ao Pré-câmbrico, do Silúrico ao Ordovícico, Holocénico, do Divónico ao Ordovícico. Os solos cambissolos distrícos xistos e quartzitos do Ordovícico são predominantemente ácidos com alcalinidade variando entre 4.6 e 5.5 + (5.6 a 6.5). Registam dureza total compreendida entre 50 e 200 mg/l, dureza permanente entre 0 e 100 mg/l e dureza temporária entre 0 e 100 mg/l, teor dos cloretos oscilando entre 10 e 30 mg/l e teor dos sulfatos entre 0 e 10

---

<sup>6</sup> Cfr.

[http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Portalegre&Concelho=Marv%E3o&Option=Interior&content\\_id=3154088](http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Portalegre&Concelho=Marv%E3o&Option=Interior&content_id=3154088)

mg/l. A sismicidade histórica enquadra a zona numa intensidade elevada (7) reforçando as lendas e teorias catastrofísticas explicativas para o declínio da cidade de *Ammaia*.

A Carta Ecológica denuncia o tipo de zona ecológica fitoclimática, com andares em submontano (400 a 700 m), com código de zona ecológica SA. AM, numa paisagem ribeira subatlântica, com regadio dominado. A região apresenta conforto bioclimático oscilando entre o frio, quente e confortável fresco sendo resultado dos seguintes valores climáticos: geada variando entre 1 a 2 meses e entre 2 a 3 meses; humidade entre 70 a 75 %; insolação entre 2600 e 2700 horas; precipitação total oscilando entre 800 e 1000 mm; precipitação número de dias variando entre 75 a 100 dias ano; radiação solar entre 155 e 160 Kcal/cm<sup>2</sup>; temperatura média oscilando entre os 12,5 e 15 C; escoamento entre 200 e 300 mm e evapotranspiração entre 500 e 600 mm.

Dentro da área intramuros da cidade existem três árvores consideradas notáveis designadamente numeradas com o registo 1407 (Ulmeiro, *Ulmus*), 1408 (Choupo *Populus*, Pinheiro *Pinus*) e 1411 (Pinheiro *Pinus*).

A orografia da zona é fortemente condicionada pelas elevações e cumeadas que contornam o vale onde se expande o Rio Sever. Esta realidade demonstra que a localização da cidade não valorizou a necessidade de condições de defensabilidade. Também Sérgio Pereira partilha desta análise destacando igualmente a importância geomorfológica dos fenómenos de metamorfismo que a dobra da crosta terrestre acrescentou aos fenómenos erosivos do rio Sever para a formação do Vale da Aramenha que se estende até ao Prado de Escusa (Pereira, 2009, p. 22).

Analisando a área de maior proximidade geográfica do aglomerado populacional constata-se que a cumeada localizada a E e SE da cidade de *Ammaia* composta pelas elevações da Serra da Selada (758 /827 m) e da Serra Fria (782 m 964 m), bem como a elevação Águia 1 (812/842m), formam uma fronteira natural no sentido NW-SE, que terá sido aproveitada aquando da definição das “modernas” fronteiras ibéricas coincidindo *grosso modo* com a atual fronteira administrativa entre Portugal e Espanha.

A imponente das elevações ocorre igualmente a N, NE e NW. A NE destaca-se a elevação de Marvão (868 m). A N a elevação de Urra (782 m). A NW a cumeada com início mais longínquo da cidade é composta pelas elevações do Facho (762/759 m) e do Lobo (833-794 m), juntando esta última com a elevação dos Malhadais (661 m), cujas curvas de nível contactam com o lado NW mais elevado da urbe ammaiense. Esta

cordilheira prossegue para sul até à elevação de Enxames (646 m) convergindo depois para a serra de São Mamede. A Sul sobressaem as elevações próximas da Ribeira de Niza, Cancho dos Altos (804 m), Cabeça Gorda (765 m) sendo naturalmente a mais proeminente a Serra de São Mamede (1000/1087 m).

Considerando as condições geomorfológicas, físicas (relevo), estruturais (geologia) e climáticas, depreende-se que os critérios para seleção do local de implantação da cidade consideraram essencialmente a orografia e os recursos hídricos. Tendo a cidade fácil acesso a recursos aquíferos, esta abundância e proximidade encontra-se documentada pela proximidade do Rio Sever e pela Ribeira do Porto de Espada. Localizada no vale formado por estas duas linhas de água, orientado no sentido N/NW-S/SE *Ammaia* é igualmente banhada por pequenas ribeiras e diversos poços e nascentes. Esta localização é circundada por elevações montanhosas praticamente em todos os sentidos denunciando a desvalorização de critérios defensivos aquando da seleção do local de implantação da urbe.

Em suma, o vale é definido a E pela cumeada da Serra da Selada e da Serra Fria, a NE por Marvão, a NW pelas elevações da Urra e do lobo, fechando a SW com o promontório que segue de Lobo até Enxames e a S com a Serra de São Mamede. A importância desta elevação ainda hoje se exprime denominando o Parque Natural da região onde o território da urbe *ammaiensis* se expande.

### I. 3. A história do sítio e a investigação arqueológica

A investigação da cidade de *Ammaia* está historicamente vinculada à definição da sua localização e à errónea relação que alguns estudiosos estabeleceram com Portalegre. A inicial associação da localização da cidade romana de *Ammaia* com a cidade de Portalegre e a proximidade de Medobriga a São Salvador de Aramenha, é um facto que não pode estar dissociado da evolução geopolítica da zona desde os tempos da Lusitânia romana, até à formação da nacionalidade. A extinção das fronteiras romanas e o estabelecimento de novas dinâmicas regionais transformou a relação geopolítica de São Salvador de Aramenha com a região. De facto a importância atribuída pelas fontes históricas à cidade de *Ammaia*, corresponderia muito mais facilmente à

dimensão da atual capital de distrito, do que ao sereno lugar de São Salvador de Aramenha.

A criação de uma “nova” fronteira no limite Este do território *ammaiense* converteu a localização da outrora cidade central, num local periférico para a “nova” realidade administrativa e política portuguesa.

Evolução semelhante ocorreu no caso da romana *Egaeditania* e da sueva *Egitânia*, que durante o período visigodo manteve significativa cunhagem de trientes, permanecendo com a importância de diocese até 1199, durante o reinado de D. Sancho I. Ambos os casos viriam gradualmente diluída a sua centralidade e importância política, administrativa e religiosa.

Este claro declínio e similitude evolutiva e geográfica, ocasionalmente favorecem uma reminiscência romântica, onde se valoriza a imaginação popular, adensando a curiosidade sobre sítios como São Salvador de Aramenha e Idanha-a-Velha. Opondo-se à objetividade iluminista esta fascínio pela ascensão e queda de impérios e cidades continua viva e atual.

O facto histórico da reforma radical do mapa administrativo e suas graduais consequências sugere pouco valer, quando confrontado com o ideal romântico, capaz de compor narrativas que encaixam na remota emotividade da tragédia greco-romana e que ainda hoje exerce fértil influência na memória coletiva e fantasia das populações ocidentais.

A cidade de *Ammaia* abarca diversas dimensões graças às características da sua história e aos mistérios que ainda guarda. Esta enorme fronteira entre emoção literária e arqueologia apesar de muito sólida e profunda, amplia o deslumbramento que um simples leitor, viajante ou turista sentem ao estabelecer contacto com a história e paisagem que circunda o local de implantação da outrora florescente cidade romana. Falar-se-á no subcapítulo seguinte (I. 3. 2.) sobre este vínculo e a forte ligação que a geomorfologia estabelece, ainda hoje, de forma consistente e surpreendente com o Homem. De imediato (I. 3. 1.) salienta-se a dimensão histórica da cidade privilegiando o percurso da cidade nas fontes escritas.

### I. 3. 1. Enquadramento histórico-arqueológico

A historiografia da cidade de *Ammaia* tem o seu percurso documentado através do contributo de famosos pensadores ibéricos e europeus, afigurando-se como um dos exemplos de sítio arqueológico que acompanhou o fluir histórico da Hispânia. A outrora central e próspera cidade romana, distante de fronteiras, é hoje uma pequena povoação raiana, junto de uma fronteira atualmente sem guarda, que foi no passado particularmente vigiada e disputada.

Pretende-se mais do que enumerar de forma exaustiva e detalhada os contributos dos estudiosos que se interessaram sobre a romana *Ammaia*, salientar os aspetos que mais influenciam e marcam a jornada científica e patrimonial da Aramenha.

Sem esquecer a importância da minúcia cronológica opta-se por não privilegiar a sequência dos acontecimentos e atribuir especial importância a cinco momentos que consideramos decisivos para o entendimento do percurso histórico de cidade de *Ammaia*. Primeiro: o interesse bibliográfico sobre a *Ammaia*; segundo: o esclarecimento sobre a localização da cidade de *Ammaia*; terceiro: a classificação como monumento nacional <sup>7</sup>; quarto: bibliografia contemporânea; quinto: início de escavações arqueológicas continuadas com metodologia moderna. A pertinência desta abordagem prende-se com a necessidade de questionamento dos factos e com a vontade de não produzir reflexões redundantes e similares à de diversos autores que nos antecederam sintetizando já de forma metódica a viagem histórica dos *ammaiensis* (Mantas, 2000; Pereira, 2009).

Partindo deste pressuposto é imperioso destacar a abordagem científica e crítica que Emilio Hübner em 1869 (*Corpus Inscriptionum Latinarum, II*) concretiza sobre a problemática da localização da cidade de *Ammaia*. Este estudioso tem o mérito de precocemente ser o primeiro a questionar a tese até aí intocável, de Portalegre corresponder ao local de implantação da urbe *ammaiense*. Esta hipótese de trabalho baseada na ausência de dados arqueológicos, relembra as bases iluministas do método científico e questiona uma “verdade” carente de sustentação arqueológica. A luz que trouxe à questão só viria a ser convenientemente confirmada em 1935 por Leite de

<sup>7</sup> Diário do Governo, 129, de 16 de Junho de 1949, Decreto nº 37. 450.

Vasconcelos<sup>8</sup>, marcando o que designamos como segunda fase: o esclarecimento sobre a localização da cidade de *Ammaia*.

Todos os autores humanistas que antecedem Hübner e a publicação de Vasconcelos (1935) credibilizam a localização de *Ammaia* na atual cidade de Portalegre. O hiato compreendido entre o grego Ptolomeu (II), o cordovez Isa Ibn Áhmad ar-Rázi (X), até ao português frei Amador Arrais (1589), documenta o esquecimento de *Ammaia*. Este facto terá contribuído para o equívoco que suscitou a interpretação de frei Amador Arrais sobre o pedestal descoberto em Portalegre, na ermida do Espírito Santo, dedicado pelos *ammaienses* ao imperador Lúcio Vero. É esta descoberta e o reaproveitamento de materiais oriundos da Aramenha que estão na origem da associação da localização de *Ammaia* a Portalegre e Medobriga a São Salvador de Aramenha. Já no ano de 1224 a carta foral de Marvão de D. Sancho II, omite a cidade romana materializando a consequência do esquecimento do sítio, o abandono.

Passado o período correspondente aos autores clássicos, a obra de frei Amador Arrais (Arrais, 1589-1974) inicia o que denominamos de interesse bibliográfico sobre *Ammaia*. Sendo este autor que está na origem do equívoco da localização de *Ammaia*, igualmente menciona a presença de diversos elementos arquitetónicos e patrimoniais em São Salvador de Aramenha, justificando tais ocorrências com a localização da cidade de Medobriga. Sendo *Ammaia* desde o século XVI, apelidada como "a pedreira dos bispos", é precisamente a reutilização de materiais e a ausência de mais dados arqueológicos que estão na origem do erro de interpretação. Esta designação amplamente divulgada oralmente na região, indicia a utilização de muito material pétreo ammaiense no edificado religioso de Portalegre.

É curioso constatar que são precisamente a decadência urbana e o abandono físico que despoletam o saque e a reutilização de materiais, originando com o fluir do tempo, o simultâneo desmembramento da cultura material e o gradual esquecimento nas fontes escritas.

Seguem-se nomes como André de Resende (1593), Duarte Nunes de Leão (1610) ou D. Diogo Pereira de Souto Maior (1616), que tem a particularidade de reportar a

---

<sup>8</sup> Sobre este assunto Vasconcelos no artigo em que esclarece a localização de *Ammaia*, também salienta o espírito científico de Hübner, transcrevendo e traduzindo parte da sua interrogação: «...que mostra o nome da antiga cidade, se antes um pouco mais a Norte, junto de Marvão, em certo território situado na Serra de São Mamede, o qual agora chamam Aramenha» (Vasconcelos, 1935, 8).



presença de uma inscrição de inspiração cristã, datada de 526 d. C., atualmente desaparecida (Maior, 1616, cap. I). Da interpretação da epígrafe resulta uma aproximação ao percurso religioso ocorrido na Egitânia, colocando a hipótese da presença de bispos e sé catedral no período pós romano. Destacam-se nas observações de início de século XVII, a associação das ruínas de Medobriga à exploração de chumbo (Leão, 1610, pp. 28-54).

Todos apoiam a linha de pensamento de frei Arrais credibilizando-a. André de Resende concretiza mesmo aproximação linguística entre a Serra de São Mamede e os Montes Hermínios das fontes clássicas, de modo a reforçar a presença de Medobriga na Aramenha (Resende, 1593) e (Guerra, 1996, p. 9).

Reflexão linguística realiza igualmente o padre Luiz Cardozo em 1747, no famoso Dicionario Geographico, explicando que Aramenha é conhecida como Armenia (Cardoso, 1747, pp. 516-517). Onze anos mais tarde, nas memórias paroquiais de 1758, o local é ainda denominado desta forma sendo os habitantes chamados de arménios. (Gorjão, 1993, pp. 58-64).

Este caso de estudo reforça as fragilidades das fontes escritas, a importância das abordagens interdisciplinares e os perigos da reprodução de opiniões de autores mesmo que de reconhecida qualidade e fiabilidade.

Duque de Lafões (1797), Langsdorff (1798), José Andrés Cornide (1800), Francisco Silveira (1804), D. José de Viu (1852), Francisco de Gusmão (1861), Emilio Hübner (1869), Pinho Leal (1873) e Laranjo Coelho (1929) antecedem o esclarecimento sobre a localização da cidade de *Ammaia*.

D. José de Viu documenta a viagem de vinte estátuas para Inglaterra, tal como a existência de colunas de cor azul (Viu, 1852, p. 244). Sobre a temática da estatuária terá apenas resistido aos apetites dos colecionadores a estátua de *Britannicus*. Este elemento escultórico esteve diversos anos numa quinta em Escusa, viajando posteriormente para Portalegre, após a sua compra por parte do escritor José Régio. Deve-se a Jorge de Oliveira a identificação e reencontro com este elemento escultórico (Oliveira, 1991). Atualmente o original pode ser observado no Museu Cidade *Ammaia* estando uma réplica na Casa-Museu José Régio em Portalegre (Pereira, 2009, p. 26). Sobre esta questão constatamos que entre a publicação de Viu (1852) e a visita do então coronel Alexander Dickson (1810), relatada por Stylow (2009), distam somente quarenta e dois

anos. Não poderemos deixar de equacionar a possibilidade de existir relação entre esta visita e o que narra D. José Viu. Esta provável associação fica reforçada quando no diário do militar se pode ler a seguinte passagem sobre a segunda visita que faz a Aramenha «...the people at the farm brought us a bust of the same material as the foregoing. It had been broke off a statue, was much defaced, but appeared good workmanship. Colonel Campbel is determined to employ some of his people in digging here to see if he can discover any thing...» (Stylow, 2009, p. 43). Volvidos quarenta e dois anos existe ainda na memória coletiva a informação do transporte de vinte estátuas precisamente para Inglaterra permitindo o relato de D. José de Viu. Seguir esta informação poderá ser uma interessante pista sobre o paradeiro das vinte estátuas transportadas para o Reino Unido.

As viagens de militares, investigadores e curiosos às ruínas do que se pensava ser a cidade de Medobriga indiciam ter assumido, pelo menos desde o início do século XIX, uma notoriedade capaz de atrair diversas personalidades. Estas viagens e visitas parecem ter despoletado a prática de colecionismo, dando continuidade a uma crescente delapidação do sítio arqueológico que terá continuado até à contemporaneidade.

Incluem-se nesta sequência as viagens que o espião e pesquisador espanhol José Andrés Cornide realizou em 1800. O seu diário testemunha que após a sua visita a Marvão e Aramenha e imediata viagem para Portalegre «...Aí fui obsequiado pelo governador, o tenente-coronel Mateo de Pina, cavaleiro do país que me ofereceu várias curiosidades das ruínas de Arameña de barro e de vidro, que lhe pedi me enviasse para Lisboa, pois a pouca comodidade da minha equipagem não me permitia levá-las comigo sem risco das partir...» (Abascal & Cebrián, 2009, p. 27).

Francisco de Gusmão tal como acontece nas memórias paroquiais de 1758, também aborda o transporte do arco de Aramenha para Castelo de Vide, fazendo-o através das convicções do engenheiro-mor do reino Manoel Azevedo Fortes (Gusmão, 1861, p. 394). Partilhando as interpretações de André de Resende apresenta duas inscrições inéditas<sup>9</sup> que não indiciam novas interpretações às já conhecidas desde o século XVI de frei Arrais.

---

<sup>9</sup> Uma dedicada a ao flâmine provincial *Caius Iulius Vegetus* (Encarnação, IRCP, nº 617) e outra ao *Publius Cornelius Macinus* (Encarnação, IRCP, nº 618).

O contributo de Pinho Leal merece destaque essencialmente pela menção a um tesouro de 14 denários cronologicamente enquadrado entre 148 a.C. e 13/14 d. C. (Leal, 1873, pp. 226-229) e identificado aquando da construção da estrada que liga Portugal ao território espanhol.

Laranjo Coelho em 1924 relatou mais um histórico caso de mau planeamento rodoviário, correspondendo à atual E.N. 359. Segundo a mesma fonte, a construção da estrada que ligaria Marvão a Portalegre terá originado a descoberta de vasos, sepulturas, inscrições, moedas e objetos de uso doméstico (Coelho, 1924, p. 37). Sabemos igualmente por intermédio da indignação deste autor, da demolição com recurso a dinamite, em 1890 do Arco da Aramenha. O conjunto monumental reconstruído em 1710 em Castelo de Vide, aguentaria apenas 180 anos, até a construção de um asilo alterar o planeamento da vila e o destino do arco. A indignação sobre esta decisão é igualmente reforçada por José Leite de Vasconcelos que salienta a importância de ter conseguido recuperar uma fotografia de tão famoso arco monumental (Vasconcelos, 1935, p. 7).

Chegados ao início do século XX, o contributo de Vasconcelos aproxima-nos do que consideramos como segundo momento: o esclarecimento sobre a localização da cidade de *Ammaia*. Todavia, antes da descoberta do cipo de mármore por António Maçãs em 1931<sup>10</sup> e da respetiva posterior publicação de José Leite de Vasconcelos em 1935, merece destaque a aquisição de um mosaico a um antiquário de Lisboa. O único mosaico proveniente da cidade de *Ammaia*, representando um hipocampo foi apresentado na célebre obra *Religiões da Lusitânia* de José Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1913, pp. 494-495)<sup>11</sup>.

A plenitude do esclarecimento da localização da cidade de *Ammaia* teria de aguardar pela correspondência entre António Eusébio Maçãs e Vasconcelos e pela correspondente publicação de José Leite de Vasconcelos. Os factos histórico-arqueológicos teriam de aguardar 346 longos anos para clarificar uma interpretação que apenas Emilio Hübner havia questionado em 1869. A desmistificação deste equívoco

<sup>10</sup> Segundo Vasconcelos terá sido mediante a informação do amigo António Eusébio Benedito Maçãs, que foi possível deslocar-se a 26 de Agosto, de 1931, à propriedade do Sr.º António de Azevedo Coelho Corsino Caldeira, para analisar a inscrição que confirmaria a localização de *Ammaia* em São Salvador de Aramenha (Vasconcelos, 1935, 5).

<sup>11</sup> Esta proveniência rivaliza recentemente com a possibilidade deste mosaico ser oriundo de São Sebastião do freixo, *Collipo*.

tem início com a correspondência enviada a 15-07-1931, por António Maçãs a Leite de Vasconcelos, e que não resistimos em transcrever parcialmente: «*juntamente enviou cópia da inscrição que não era da ara como julgava mas que deve interessar a Portalegre pois fala em AMMAEENSIS que tem ligação com AMMAIA palavra encontrada naquele sítio que está na camara de Portalegre. Muito e muito me obsequiava se me mandasse na volta do correio a tradução da inscrição. Esta pedra é de mármore e foi encontrada naquela quinta do Corsino Caldeira*». (Oliveira & Cunha, 1994, p. 129).

A profícua relação entre estas duas personalidades está na origem da desmistificação de um erro interpretativo longamente continuado. Mérito renovado a Hübner e aos doadores e interessados pelo património, numa época em que ainda predominava a valorização do artefacto, o colecionismo e os caçadores de tesouros. Não sendo inquestionável aos olhos da contemporaneidade a ambiguidade e mesmo perversidade de algumas práticas, são relevantes os nomes de doadores ao então Museu Etnológico de Belém que Laranjo Coelho enumera: António Maçãs, Dr. Adolfo Mota, José Curvelo, Pinto Simões, João Fialho, e Dr. Rodrigues de Gusmão (Coelho, 1924, p. 36). É certamente graças à ação de personalidades como as mencionadas, que o jornal *o Século* em 1913, documenta na primeira página a chegada ao Museu Etnológico de Belém de «importante coleção de vasos de barro e vidro»<sup>12</sup>.

Este esclarecimento obrigou a repensar a localização de Medobriga, passando os investigadores a preferir a região de Meda como alternativa mais credível face ao índice de informação disponível. Alarcão em 1988 sintetiza as opções de Russel Cortez no castro dos Ranhados, de A. Vasco Rodrigues em Castelo Velho, preferindo todavia a hipótese do castro de S. Jurgo devido ao provável abandono de Castelo Velho, denunciado pela ausência de ocorrências de cronologia romana (Alarcão, 1988, p. 43).

Volvidos catorze anos, desde o esclarecimento da localização da cidade de *Ammaia*, foi alcançado em 1949 o estatuto de Monumento Nacional<sup>13</sup> para o sítio. Esta data marca o que consideramos como terceiro momento: a classificação como monumento nacional. Dois anos antes destaca-se o trabalho epigráfico de Eugénio

<sup>12</sup> *O Século*, 12 de Agosto de 1913, ano XXXIII, nº 11377, p. 1.

<sup>13</sup> Diário do Governo, 129, de 16 de Junho de 1949, Decreto nº 37.450. O mesmo jornal reporta que José Leite de Vasconcelos desenvolveu escavação em quatro tipos distintos de sepulturas de incineração, tendo sido identificados pregos, terra queimada e fragmentos cerâmicos. Tendo igualmente observado outras que foram violadas pela ação das lavras.

Jalhay (1947) que antecipa o quarto momento, designado como: bibliografia contemporânea. Este trabalho sobre dezassete inscrições e trinta e quatro numismas da propriedade da autarquia de Marvão é a primeira de diversas abordagens que provam o interesse crescente que a cidade de *Ammaia* passou a suscitar após a institucionalização do seu valor patrimonial.

O intervalo de 45 anos que medeia entre a classificação como monumento nacional (1949) e 1994, documenta não só, o desenvolvimento da bibliografia contemporânea, mas também, a continuidade de práticas agrícolas amplamente intrusivas para contextos estratigráficos e materiais arqueológicos. Já em 2009 Sérgio Pereira lamenta que a consagração como monumento nacional não tenha sido sinónimo da integral proteção do sítio (Pereira, 2009, p. 30).

Durante as quase cinco décadas que antecedem o início de escavações arqueológicas continuadas, a bibliografia sobre São Salvador de Aramenha certamente que não terá avançado tanto como o índice de afetação das práticas agrícolas, problemática ainda hoje não completamente resolvida. Apesar disso salienta-se e credibilização que nomes como Afonso do Paço (1953 e 1962), Jorge de Alarcão (1971 e 1988), Josefa Neves (1972), José D'Encarnação (1980), Jorge de Oliveira (1991, 1994, 1996), Delmira Maçãs (1991) e Adel Sidarus (1991) atribuíram aos trabalhos sobre estatuária, vidros, materiais cerâmicos e epígrafes. Embora não se registre um significativo aumento de trabalhos científicos as reflexões concretizadas até ao início dos trabalhos arqueológicos de campo (1994), consolidam a maturidade científica das abordagens e confirmam o potencial patrimonial de Salvador de Aramenha. O que foi estudado e o que se sabe ter sido perdido perspetivam a dimensão e o estatuto singular da urbe *amaiense* na região.

A carta arqueológica desenvolvida por Afonso do Paço acrescenta interessante informação para o debate em torno do termo *post quem* da cidade, mencionando a identificação, na proximidade da zona urbana, de um numisma visigótico (triente) cunhado entre 518 e 527, durante o reinado de Justino I (Paço, 1953 e Pereira, 2009, p. 30). Os contributos de Jorge Alarcão e Josefa Neves privilegiam a cultura material, sobressaindo do espólio os vidros (15), as pedras de anel (18), o anel (1), a *terra sigillata* (20) e a cerâmica comum (51), enquadrados cronologicamente no alto império, entre os

séculos I e III d. C., com preferência estatística para o período compreendido entre a segunda metade do século I e início do II d. C. (Alarcão, 1971 e Neves, 1972).

A excepcional qualidade e quantidade patenteada pelo acervo de vidros remetem-nos forçosamente para as observações de abundância de cristal de rocha de Plínio-o-Velho na área da cidade de *Ammaia*. Esta referência que conhecemos por intermédio de Amílcar Guerra (Guerra, 1995, pp. 42-43<sup>14</sup> e pp. 138-139) poderá auxiliar na justificação da excelência desta produção. Relembra-se que este mineral semiprecioso era utilizado no fabrico vítreo e simultaneamente acrescenta mais um elemento a favor da seleção do local de implantação da cidade<sup>15</sup>.

Das reflexões sobre a evolução político-administrativa ocuparam-se autores como Jorge de Alarcão ou José D'Encarnação essencialmente na década de oitenta. É unânime que a fundação da cidade aconteceu com dois magistrados indígenas: Próculo e Omuncião (Encarnação, 1984, p. 615) e que nos anos de 44-45 d. C. *Ammaia* seria um *oppidum* (Encarnação, 1984, pp. 676-677). Alarcão considerando a epígrafe onde o imperador Cláudio concede a cidadania a um duúnviro (Encarnação, 1984, pp. 679-681), é de opinião que *Ammaia* seria sede de civitas no reinado de Cláudio e terá recebido o estatuto municipal do mesmo imperador ou de Nero (Alarcão, 1988, p. 49). O mesmo autor chama a atenção para o facto do novo estatuto administrativo acontecer por intermédio do governador da Lusitânia Lúcio Calvêncio Veto Carmínio, cujo cognomen surge registado no gentílico de dois *ammaiensis*: Carmínio Cordo e Públio Carmínio Mácer (Encarnação, 1984, p. 668). Esta situação assume contorno de maior dimensão quando se constata a ausência deste gentílico fora do território de *Ammaia* (Alarcão, 1988, p. 49).

Sobre a origem indígena do nome *Ammaia* e indo ao encontro do nascimento não romano dos magistrados, outros autores como Vasco Mantas e Amílcar Guerra parecem concordar com a denominação pré-romana de *Ammaia* (Guerra, 1996, pp. 17-18 e Mantas, 2000, p. 396).

As duas obras de Amílcar Guerra denunciam o continuado interesse da bibliografia e autores contemporâneos sobre a *Ammaia*, sendo imediatamente

<sup>14</sup> «37,24 refere Cornélio Boco que na Serra da Amaia, na Lusitânia, (foi encontrado cristal) com um peso surpreendente), ao aprofundarem um poço até ao nível do veio de água».

<sup>15</sup> O mesmo autor um ano mais tarde admite não ser estranha a possibilidade desta exploração ter continuidade até ao período islâmico (Guerra, 1996, 12).

posteriores ao início do quinto momento (1994), que denominamos como início de escavações arqueológicas continuadas com metodologia moderna.

As suas obras sintetizam e questionam a produção historiográfica, abordando a explicitação dos detalhes que estão na origem de interpretações menos acertadas e opinando sobre lacunas e omissões que resultam na produção de equívocos longínquos, que durante várias gerações figuraram como factos históricos. A sua opinião aborda temáticas estruturais como a relação da localização dos Montes Hermínios e a correlação estabelecida por diversos autores com a Serra de São Mamede<sup>16</sup>, a origem do nome da cidade<sup>17</sup>, a obtenção do estatuto municipal<sup>18</sup>, a integração administrativa no *Conventus Emeritensis* e na tribo Quirina<sup>19</sup>, bem como a definição do território<sup>20</sup> da cidade.

Por questões político-administrativas e geográficas, a integração dos habitantes de *Ammaia* na tribo Quirina é determinante para a abordagem interpretativa do território e do estatuto jurídico-administrativo formulado por Amílcar Guerra. A origem tribal por confrontação geo-epigráfica com as tribos Papíria (Emerita), Galéria (Ebora) e Sérgia (*Scallabis*) auxilia à definição dos limites territoriais.

A ação deste autor adquire maior destaque na integração administrativa da cidade de *Ammaia* por romper com a unanimidade de Hübner, Alarcão e Encarnação, preferindo fazer corresponder a cidade de *Ammaia* ao *Conventus Emeritensis*, e não ao *Conventus Pacensis*. Atribuindo esta tradicional interpretação mais a critérios geográficos político-administrativos modernos, do que romanos. Reforça esta interpretação essencialmente por três motivos essenciais: a proximidade geográfica; os exemplos de migração entre as duas cidades, documentados pela epigrafia; e as

---

<sup>16</sup> Segundo o autor a errónea correlação entre os Montes Hermínios e a Serra de São Mamede tem duas dimensões, a evolução linguística e as características geomorfológicas da região. Amílcar Guerra pormenoriza o estado da questão no capítulo que intitula de Aramenha e o *mons Herminius*, partilhando a opinião de Alarcão quanto à não correlação entre ambas as cordilheiras (Guerra, 1996, 10, 13-15).

<sup>17</sup> Sobre a origem do nome atesta a sua origem pré-romana, atribuindo-lhe o significado de «mãe». Desaconselhando, o que foi exercitado por diversos dos seus antecessores, como foi o forçar linguístico da relação entre Aramenha e *Ammaia*, visto estar comprovada pela epigrafia e pela arqueologia a concordância geográfica do sítio (Guerra, 1996, 17-18).

<sup>18</sup> (Guerra, 1996, 25-29).

<sup>19</sup> Guerra concorda com a interpretação de Alarcão considerando a *Ammaia* integrada na tribo Quirina. Facto reforçado epigraficamente pela presença de dois indivíduos em Monforte, mesmo que inicialmente a interpretação da epígrafe (CIL II 159) possa suscitar alguma ambiguidade (Guerra, 1996, 23-24).

<sup>20</sup> «Em relação a *Ammaia*, seria definido por uma linha que passaria entre Veiros (Estremoz) e S. Pedro de Almor (Monforte). A confrontação com o ager eborensis passaria entre Bencatel (Vila Viçosa) e a linha Terrugem - Juromenha» (Guerra, 1996, 25).

relações de poder estabelecidas entre figuras públicas, como são o exemplo da provável ligação de *L. Caluentius Vetus Carminius* aos diversos *Carminii* da cidade de *Ammaia* (Guerra, 1996, pp. 19-21).

Invocando a perspetiva de Le Roux<sup>21</sup> sobre a problemática da obtenção do estatuto municipal, viria a suscitar nova rutura com posições anteriores (Alarcão, 1985, pp. 103). A relação entre a origem tribal (tribo Quirina *peregrinae*) e as promoções flavianas remeteu Amílcar Guerra para o édito de Vespasiano e para a interpretação de dois momentos jurídico-administrativos da cidade. O primeiro, sempre em data posterior a 47/48, possivelmente sob o reinado de Cláudio, quando a cidade alcança a presença de magistrados, que por inerência da função adquirem posteriormente a condição de cidadãos romanos, recebendo os favores do *ius Latii*. O segundo, quando sempre depois de 73/74, após Vespasiano adquire o título de município, estatuto que não alteraria as características administrativas da cidade por transmitir essencialmente valências honoríficas (Guerra, 1996, pp. 25-29).

É curioso constatar que o mesmo autor certamente animado com o arranque em 1994, da etapa que definimos como correspondente ao início de escavações arqueológicas continuadas com metodologia moderna, formula em 1996 o desejo de com o início dos trabalhos de arqueologia, ser possível quebrar os longos anos de abandono e afetação direta e indireta do sítio, esperando a possibilidade de construção de um caso de sucesso na investigação arqueológica (Guerra, 1996, pp. 9).

Certamente que esta análise não é imune ao elevado potencial do sítio que o próprio investigador realça. Volvidos mais de vinte anos e com o início em 2008, da aplicação de metodologias de prospeção não intrusivas, essas indicações estão amplamente confirmadas (Corsi & Vermeulen, 2007, 2010, 2012, 2013).

No intervalo da reflexão de Amílcar Guerra (1996) e das práticas geofísicas de Corsi e Vermeulen (2008-2012) destaca-se a coordenação de Vasco Mantas. Este investigador após análise de todos os dados epigráficos e historiográficos abordou igualmente os assuntos centrais da fundação, estado, vias e limites territoriais de *Ammaia*, concordando com a sua origem romana apesar de registar toponímia e

---

<sup>21</sup> Este autor considera que a atribuição do *ius Latii* a cidades *peregrinae* não lhe garantia automaticamente o estatuto municipal, apresentando como exemplo mais carismático o caso de *Bracara Augusta*, até ao momento sem provas desse estatuto (Le Roux, 1994, 234-240).



onomástica pré-romana (Mantas, 2000, p. 396). Sobre os primórdios da cidade Vasco Mantas acentua as atípicas características geomorfológicas que regista para um povoado pré-romano, bem como o traçado clássico da muralha quadrangular com ângulos arredondados, frequentemente aplicado segundo os modelos vitrúvianos em acampamentos e cidades. Pertinente é igualmente o facto de considerar a muralha um elemento arquitetónico com significado essencialmente simbólico e honorífico, delimitador do *pomerium*, tal como acontece em alguns casos de cidades norte africanas durante o consulado de Trajano (Mantas, 2000, p. 413).

Os limites territoriais da cidade foram analisados seguindo a pista da origem tribal já experimentada por Amílcar Guerra<sup>22</sup>. No que diz respeito ao limite sul da fronteira, Vasco Mantas partilha da opinião de Amílcar Guerra localizando-a entre Veiros e São Pedro de Almor com direção a Arronches. A norte adota o Tejo como fronteira natural. A leste Valência de Alcântara. A oeste com maiores indefinições, Aritium Vetus e a Ribeira de Aviz (Mantas, 2000, p. 410).

Abordando igualmente o estimado tema das vias, partilha a opinião de Alarcão quanto à via *Olisipo-Emerita* que partindo de *Scallabis*, seguiria pelo vale do Tejo por *Aritium Vetus* até *Ammaia* (Alarcão, 1988, pp. 99-100). Apresenta a ligação até *Ebora* pela ponte da Madalena, Carris, Portalegre, Monforte, Silveirona (Estremoz), Évora-Monte ou por *Abelterium* (Alter do Chão). A comunicação com *Emerita* concretizar-se-ia através da via de *Scallabis* por Ponte de Sor e Alter do Chão ou por estrada seguindo o traçado do Xéborá até bifurcar com uma das vias principais de *Olisipo-Emerita*. A análise dos textos de Ptolomeu reforça a existência de uma via até Cáceres (*Norba Caeserina*) através de Valência de Alcântara (Mantas, 2000, pp. 416-417).

A problemática da municipalização não foi ignorada por Vasco Mantas, tendo apresentado três hipóteses de trabalho sintetizadoras e de certo modo complementares às de Alarcão e Guerra, sem esquecer a perspetiva de Le Roux. A primeira, próxima de Alarcão e distante de Le Roux, privilegia a ação de Cláudio, pressupondo a promoção municipal entre 47-48 d. C., imediatamente após a sua questura. A segunda, valorizando a presença de clunienses na *Ammaia*, associa a ascensão administrativa a um possível

---

<sup>22</sup> Recorda-se que o facto de *Ammaia* confrontar territorialmente com as tribos Papíria (Emerita), Galéria (Ebora) e Sérgia (*Scallabis*) tinha já sido destacado como raro, e aproveitado para a análise de Amílcar Guerra (Guerra, 1996, 24).

reconhecimento de Galba ao apoio que terá recebido em 68 após a morte de Nero. A terceira pondera o período entre os Flávios e os primeiros Antoninos, indo segundo o autor, ao encontro dos 105 municípios inumerados na inscrição de Alcântara (Mantas, 2000, pp. 412-413).

Mais recentemente Stylow (2009) tal como havia feito em 1995, volta a aflorar a temática da municipalização discordando estruturalmente da perspectiva de Le Roux, que considera assentar essencialmente na errónea datação neroniana da inscrição de P. Cornelius Q. Macer (CIL II 159 = IRCP 618) (Stylow, 2009, 51). Apontando a constituição como *municipium iuris Latini* à época de Vespasiano.

O mesmo autor apresenta opinião semelhante à de Vasco Mantas para solucionar a origem autóctone da toponímia de *Ammaia* e para explicar a ausência de elementos arqueológicos que documentem a presença pré-romana em São Salvador de Aramenha. Acrescenta à possibilidade da existência de um *oppidum* na elevação de Marvão apresentada por Mantas, a possibilidade de um movimento de sinecismo de vários povoados pré-romanos no local da “nova” urbe amaiense, credibilizando esta possibilidade mais uma vez com uma fonte epigráfica (IRCP 604). Sobre a interpretação desta inscrição consagrada ao Génio do Ópido Constituído discorda de Mantas, de Le Roux, de Guerra e Alarcão, considerando que não se trata de uma alteração jurídico-administrativa, mas sim da fundação, ou comemoração, da transferência de outro local e/ou fusão de pequenas comunidades que passaram a coabitar na Aramenha «*oppidum constitutum*» (Stylow, 2009, p. 48, pp. 47-52).

O florescimento da cidade de *Ammaia* é atestado pela epigrafia com a presença de clunienses, sendo caso raro, pode igualmente ser um indício de actividade mineira. A mesma fonte documenta a presença de amaienses em Cáceres (Cerro de las Brujas, Riobobos EE IX 129), em Mérida (CIL II 501; EE IX 50) e em Granada (Illurco, ILER 1143), demonstrando uma rede de relações político-económicas e sociais da qual faz parte integrante a *Ammaia* (Mantas, 2000, p. 416).

O debate em torno da municipalização da cidade de *Ammaia*, que muitos gostariam de solucionar, a exemplo do que aconteceu com a sua localização, tem permanecido no centro do debate académico, principalmente desde o início do que denominamos de fase quatro (bibliografia contemporânea), ocupando as interrogações de diversos e reconhecidos investigadores. Sendo as fontes em torno desta questão

essencialmente epigráficas, parece evidente que todos reconhecem e aguardam o avançar da investigação arqueológica, para que as fontes se multipliquem e diversifiquem, apoiando e validando as hipóteses de trabalho que mais se aproximem dos factos histórico-arqueológicos.

Nesta derradeira fase do interesse bibliográfico, que corresponde ao definido como quarto momento convém destacar o papel dos coordenadores Jorge de Oliveira (1994-1998), Vasco Mantas e Filipe Themudo Barata (1998-2006), Cristina Corsi e Frank Vermeulen (2008-2013) e ainda Carlos Soares Fabião (2013-2014), bem como o papel ativo que desempenharam direta ou indiretamente na produção de trabalhos científicos.

Sem pretender desenvolver a temática das campanhas de escavação que seguidamente terá capítulo próprio, considera-se pertinente destacar essa última etapa da investigação da cidade de *Ammaia* (escavações arqueológicas continuadas com metodologia moderna) por ser a confirmação científica de todos os anteriores dados compilados. O hiato compreendido entre o início das escavações arqueológicas (1994) e o *terminus* do projeto *Radio Past* (2013) confina o contributo de diversos autores que estimulam e condicionam a trajetória da investigação. Este processo bibliográfico necessariamente que se encontra interligado não só, com os trabalhos e resultados das escavações, mas também com investigadores como Mendes A. J. S. C. e Borges A. G. M. (1991), Guerra A. (1995 e 1996), Martins M. A. P. (1995), Borges S. (1999 e 2002), Mantas V. G. (2000, 2002, 2003, 2009), Carneiro A. (2002), Carvalho J. (1998, 2002, 2005), Deprez S. (2004), Monteiro, (2011), Oliveira J. (1991, 1994, 1995, 1996, 1998, 2002, 2005, 2007), Pereira, S. (1998, 2002-2006), Pereira A. e Monteiro M. (2011), Stylow et al., (2009), Corsi C. (2003), Corsi, C. & Vermeulen F. (2007, 2010, 2013), Quaresma J. C. (2010, 2011 e 2013), Dias, V. S. (2011 e 2013), TAELMAN, D. (2012).

A sequência cronológica e o número de trabalhos demonstram que o gradual desenvolvimento da investigação originou uma clara regularidade e interesse académico, denunciador de uma maturidade bibliográfica, intimamente relacionada com os resultados de trabalho de campo continuado.

A síntese histórica do sítio apesar de recorrer à cooperação de diversas fontes e demonstrar o gradual aumento dos trabalhos de investigação, revela que a informação arqueológica que permitiria auxiliar a clarificar a exata cronologia de temas estruturais

como a fundação ou municipalização da cidade, permanece desconhecida. A carência de dados arqueológicos por exemplo em relação à *Ammaia* pré-romana ou ao termo *post quem* da urbe romana, evidencia que a investigação arqueológica, face ao potencial do sítio, necessita ainda de muita informação. Estas prolongadas interrogações também têm a particularidade de ampliar o fascínio sobre a historiografia da Aramenha.

Este facto relaciona-se essencialmente com a dimensão da tarefa e com a especificidade dos dados e não com a qualidade dos contributos prestados. Desde a Carta Arqueológica de Marvão, da autoria de Afonso do Paço (Paço, 1955), até ao trabalho sobre um conjunto de quinze vidros de Jorge de Alarcão (Alarcão, 1971) que a dificuldade na obtenção de dados mais precisos sobre a origem da cultura material e das políticas que a precedem, não menoriza o papel dos intervenientes. Dificuldades idênticas demonstra o também “raiano” exemplo da *Civitas Igaeditanorum*.

As semelhanças com a Beira Interior estão comprovadas pela epigrafia (Encarnação, IRCP, 1984), através do que Alarcão chamou da excecional concentração de antropónimos lusitanos (Alarcão, 1985, pp. 99-100), associando à passagem de Estrabão (III, 1, 6) quando o autor clássico refere que os romanos estabeleceram lusitanos a sul do Tejo. Similarmente Vasco Mantas acentua este facto epigráfico pormenorizando os gentílicos e destacando a informação que proporcionam na relação com *Clunia* e o pendor marcadamente rural. Quer com isto o autor alertar para o indício de uma classe de notáveis inseridos na estrutura sóciopolítica romana com relações com cargos administrativos e a vida pública provincial, fundiários indígenas muito romanizados aparentemente sem atração pelas magistraturas urbanas. A epigrafia dos libertos e dos escravos denuncia relações com o ambiente social indígena, sendo os proprietários de escravos indígenas de condição peregrina (Mantas, 2000, pp. 401-405). Conjuntamente na controversa questão da municipalização existem paralelos com o caso de Idanha-a-Velha, em ambas as cidades, indígenas governaram a *civitas* com o título de magistrado (Alarcão, 1985, pp. 100).

Quando o cronista Isa Ibn Áhmad ar-Rázi no final do período emiral (séc. VIII-XIX) refere as antigas cidades romanas de *Ammaia* (*Ammaya* das ruínas) e da *Egitânia*,

associando-as ao percurso selecionado por Ibn Maruã<sup>23</sup> (Sidarus, 1991, p. 13), comprova ainda nessa data, a permanência da importância do antigo modelo administrativo romano.

O historiador cordovês hispano-muçulmano Isa Ibn Áhmad ar-Rázi estaria longe de imaginar a existência de uma futura nova fronteira, que faria destas paragens algo que a poderemos apelidar de “rota das cidades romanas esquecidas”. Este esquecimento provavelmente começado com a fundação do hisn Maruã (séculos IX-X) lembra a interessante problemática do termo *post-quem* da urbe ammaiense. Desde o início deste estudo, não ignoramos a importância desta questão e por esse mesmo motivo prestamos especial atenção às palavras prévias de Helena Catarino, na dissertação de mestrado de Sérgio Pereira, em relação ao cuidado manifestado sobre a “cultura material”, particularmente quando faz referência a conjuntos cerâmicos da época visigótica e islâmica, associadas a contextos habitacionais revolidos de carácter residual como cozinhas (Pereira, 2009, p. 12). Seguindo esta pista, não conseguimos todavia a obtenção de novos dados que possam ajudar a clarificar esta intrigante dúvida histórica.

A religião no período clássico terá sido dedicada principalmente ao culto a Júpiter, patenteando uma especificidade religiosa do ambiente rural muito típica da região e que Alarcão denominou de «culto indiferenciado a Júpiter rural», contrastando com a irreligiosidade urbana. Se a generalização do culto de Júpiter pode ter um fundamento militar no resto do império, o culto típico da região da *Ammaia* sobressai por se manifestar pouco frequente no resto do *Conventus*, particularmente no caso do nordeste alentejano. Este facto segundo Alarcão poderá também estar radicado na veneração de um primitivo culto pré-romano assente numa incipiente divisão social do trabalho (Alarcão, 1985, p. 100). O autor explora a menor religiosidade dos habitantes da cidade em contraste com a intensa religiosidade do ambiente rural, tal como chama a atenção para o papel influenciador que os templos urbanos terão certamente

---

<sup>23</sup> O rebelde Ibn Marwan al-Yil'liqi, muladi (população hispano-romana e visigótica que adotou a religião, a língua e os costumes do Islão) conhecido como “*O Galego*” e morto em 889, terá construído o castelo de Marvão entre os anos de 876-877, na sequência da rebelião que liderou contra o emir omíada de Córdova, Muhammad I. Com sede em Badajoz, criou um reino independente que ocupava o Médio e Baixo Guadiana e o sul de Portugal e duraria até à fundação do califado de Córdova em 928.

despoletado nos rituais mais rurais, bem como para a provável maior diversidade de cultos domésticos quando comparada com os santuários oficiais.

O conjunto das inquietudes sobre as principais questões que envolvem a historiografia da cidade de *Ammaia* reúne todas as condições para interessar e conquistar um público mais vasto do que o circunscrito à comunidade científica. A dimensão museológica do sítio não deverá ignorar a importância que pode significar para a conquista de “novos públicos”, um enquadramento historiográfico rigoroso, mas que saliente problemáticas que se aproximem do imaginário coletivo, ávido de mistério e quase sempre mais interessado em enigmáticas questões do que em certezas académicas e respostas científicas.

Os momentos mais determinantes das cinco etapas que destacamos para o entendimento do percurso histórico-arqueológico da cidade de *Ammaia*, são a correta associação da sua localização a São Salvador de Aramenha (Vasconcelos, 1935) e a criação da Fundação Cidade de *Ammaia* em 1994.

A longa história da cidade romana de *Ammaia* documenta que apenas com a criação da Fundação cidade de *Ammaia* tiveram início trabalhos arqueológicos regulares enquadrados de acordo com os padrões metodológicos modernos. Actividade arqueológica que sintetizaremos no próximo capítulo. Sérgio Pereira na sua tese de mestrado identifica para este período gerido pela Fundação Cidade *Ammaia* dois momentos distintos para o trabalho de campo: o primeiro, no intervalo compreendido entre 1995-1999, o segundo, entre 2000-2006 (Pereira, 2009, pp. 37-126).

### I. 3. 2. Campanhas de escavação e setores

A cidade de *Ammaia* regista referências literárias praticamente desde os primórdios da sua fundação. Curioso é constatar que apesar desta incontestada continuidade e regularidade nas fontes documentais, o esclarecimento da sua localização apenas acontece em 1935 através da ação de José Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1935). O mistério e enredo que envolve a história do sítio arqueológico adensam o fascínio sobre o local e destaca todo o potencial arqueológico e patrimonial que encerra.

Poder-se-á dizer que as ruínas de *Ammaia* esperaram praticamente vinte séculos para serem estudadas, adquirindo pela ação do tempo, estatuto e interesse arqueológico, histórico e patrimonial de significativa dimensão para o entendimento do modelo romano na região.

Todas estas singularidades sugerem ser curto o hiato de sessenta anos compreendido desde o esclarecimento da sua localização na década de trinta do século XX, até à década de noventa do mesmo século, onde tiveram início trabalhos arqueológicos regulares com metodologia moderna.

A criação da Fundação Cidade de *Ammaia* foi essencial para o desenvolvimento de um projeto científico adaptado aos índices de conhecimento que um sítio como São Salvador de Aramenha exigia. As campanhas de escavação arqueológica com metodologia moderna desenvolveram-se a partir de meados da década de noventa (1994), após a aquisição dos terrenos da Tapada da Aramenha e da Quinta do Deão por parte do Engenheiro Carlos Melancia (Pereira, 2006, p. 142). Os trabalhos de investigação e musealização tiveram início sob a coordenação do Professor Doutor Jorge de Oliveira e a direção de Isabel Cristina Fernandes e José Olívio Caeiro (Oliveira, Fernandes, Caeiro, Borges & Carvalho, 1995).

A continuidade do projeto foi assegurada com a coordenação do Professor Doutor Vasco Gil Mantas em 1998, sendo a direção de campo assegurada por Sofia Borges, Joaquim Carvalho e Sérgio Pereira. O *terminus* da colaboração de Sérgio Pereira coincide *grosso modo* com o final do ano de 2007, a tempo de contribuir nas intervenções do edifício da Casa de Deão, Estacionamentos e Porta Sul (Pereira, 2009, pp. 57-126).

O final da década (2008) sob a coordenação científica dos Professores Doutores Cristina Corsi e Frank Vermeulen permitiu a aplicação de metodologias geofísicas não invasivas em grande escala. A singularidade do sítio e desta abordagem científica permitiu atestar o potencial arqueológico da cidade de *Ammaia*. Os resultados simultaneamente destacam a rara oportunidade de estudo proporcionada por um sítio urbano de estatuto municipal romano, praticamente sem construções modernas na área intramuros, e o contributo que métodos de prospeção geofísica não evasivos podem oferecer para a gestão, valorização e estudo de sítios arqueológicos.

Concretizada uma breve síntese dos momentos e coordenadores que mais marcaram o sítio, segue-se uma abordagem de maior pormenor aos destaques da investigação com recurso aos registos da base de dados da DGCP. Convirá lembrar que desde o ano de 1994 até 2010 estão registados mais de duas dezenas de trabalhos (24) autorizados pela entidade tutelar do património (IPPAR, IPA, IGESPAR, DGPC). Servem estes registos para pormenorizar e contextualizar o que de mais marcante se incrementou ao longo das últimas três décadas.

A análise da base de dados do portal do arqueólogo da DGCP<sup>24</sup> permite compreender a evolução da investigação do sítio mediante o contributo e ação de investigadores como Jorge de Oliveira, Vasco Gil Mantas, Filipe Themudo Barata, Cristina Corsi ou Frank Vermeulen, representando a criação do museu como alicerce para a sedimentação do processo de investigação do sítio arqueológico. Por desatualização da base de dados do portal do arqueólogo da DGCP apenas existem registos inseridos até ao ano de 2010. Por este motivo esta fonte não permite o acesso aos últimos anos, omitindo os recentes desenvolvimentos realizados sob a coordenação do Professor Doutor Carlos Soares Fabião. Socorremo-nos igualmente das publicações de Sérgio Pereira (Pereira, 1998, 2002, 2006), Jorge Oliveira (Oliveira, 1991, 1996, 2000, 2005), Jorge Oliveira e Susana Cunha (Oliveira & Cunha, 1994 e 1998), Jorge Oliveira, Sofia Borges e Joaquim Carvalho (Oliveira, Borges & Carvalho; 1998), bem como de Cristina Corsi e Frank Vermeulen (Corsi & Vermeulen, 2007, 2010, 2013).

Pretendendo a presente abordagem uma sumária contextualização dos trabalhos arqueológicos, o contributo destas diversas fontes permite o complemento de informação e uma caracterização distinta da já realizada. Relembramos que o pormenor descrito por estes autores favorece a interpretação arqueológica e é revelador da sequência do trabalho de campo desenvolvido. Se em 2006 Sérgio Pereira faz um balanço síntese do projeto, apresentando alguns dos resultados arqueológicos, tal como a gestão das expectativas para o futuro da investigação<sup>25</sup>, em 2009, no capítulo correspondente às escavações arqueológicas subdivide esta tarefa em dois momentos

<sup>24</sup> Cfr. <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=48078>

<sup>25</sup> Neste artigo o autor explora sobre a temática da importância do projecto, as áreas de intervenção, o museu, o laboratório e a gestão do sítio arqueológico. Recordar-se que a possibilidade do registo arqueológico preservar um anfiteatro e um hipódromo/circo é aflorada aumentando significativamente as expectativas de investigação e potencial museológico do sítio (Pereira, 2006, 139-152).



cronológicos distintos: 1995-1999 e 2000-2006, apresentando a metodologia e as áreas escavadas (Pereira, 2009, pp. 37-126).

Apresentam-se por ordem cronológica os projetos, os coordenadores, objetivos e resultados com início no ano de 1994. É nesta data que através do projeto Sever<sup>26</sup>, sob a coordenação do Professor Doutor Jorge Manuel Pestana Forte de Oliveira se deu início ao estudo e valorização das ruínas através da desmontagem dos morouços e seleção de materiais existentes na Quinta do Deão. Este projeto teria continuidade até 1997, ano em que os co-responsáveis Isabel Cristina Ferreira Fernandes e José Olívio da Silva Caeiro também surgem como co-responsáveis dos trabalhos. Neste intervalo os trabalhos arqueológicos autorizados foram de escavação e visaram o estudo e recuperação arquitetónica das ruínas existentes visíveis e soterradas.

Em 1995 foi escavado o compartimento utilizado como cozinha no edifício da Quinta de Deão, confirmando-se a pré-existência de estruturas murais de cronologia romana. Nos anos seguintes (1996 e 1997) as escavações abrangeram o edifício da Quinta do Deão bem como, o conjunto monumental da Porta do Arco, o Fórum o Templo, e as Termas, ficando reservado para o último ano deste projeto prospeções arqueológicas para definir o perímetro da cidade.

Os resultados arqueológicos confirmam o potencial do sítio e sintetizam-se essencialmente em três as interpretações mais reveladoras deste momento da investigação. A primeira, refere-se ao facto dos autores considerarem a monumentalização da Porta Sul correspondente ao consulado de Cláudio (Pereira, 2009, p. 41) e coincidente com a municipalização da cidade (Oliveira, 1999, p. 134); a segunda, relaciona-se com a necessidade do reforço defensivo que a cidade terá tido no século IV (Oliveira, 1996, pp. 20-21<sup>27</sup>); a terceira ilação surge da convicção dos balizamentos cronológicos da cidade romana decorrentes da análise de materiais delimitarem os termos *ante quem* e *post quem* entre ao século I e séculos V/VI<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> O Projeto SEVER tinha como principais objetivos o estudo das tendências e estratégias da fixação humana na área condicionada pelo Rio Sever, desde os inícios da Sedentarização à Idade Moderna (<http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=48078>);

<sup>27</sup> Esta hipótese de trabalho é reforçada segundo os autores com argumentos arqueológicos como a estratigrafia, a cerâmica, os numismas, o estrangulamento da entrada, o fecho precipitado dos postigos que dão acesso às torres e os materiais exumados do seu interior.

<sup>28</sup> Os materiais em causa são numismas de Constantino I, Constâncio II, Graciano e Teodósio, bem como *terra sigillata* hispânica e africana (Pereira, 2006, 41).

A partir de 1998 com o fim do projeto SEVER e início do PNTA/1998 - Arqueologia do Nordeste Alentejano<sup>29</sup>, mudam igualmente os responsáveis principais, passando os investigadores Vasco Gil da Cruz Soares Mantas e Juan Javier Enriquez Navascués a dar continuidade à investigação até 2003.

O novo projeto apresentou dois objetivos estruturais implicando dois tipos de trabalho arqueológico distinto: escavação e prospeção. A escavação arqueológica visava determinar a existência de estruturas arqueológicas sobre o edifício da Quinta de Deão, para adequação do projeto de arquitetura do museu de sítio e continuidade das escavações na Porta Sul, Fórum e Termas. A prospeção pretendia definir o perímetro da Cidade de *Ammaia* e determinação da rede viária de acesso à cidade e interligação desta com outras.

Os resultados de 1998 permitiram a escavação dos compartimentos da cozinha, sala 1 e sala 2 no edifício da Quinta do Deão. Em 1999 continuados os trabalhos de escavação destaca-se a identificação da praça lajeada na Porta Sul e a conclusão da área correspondente à futura zona dos sanitários do espaço museológico.

Entre 2000 e 2002 ainda de acordo com os ficheiros da DGCP (<http://arqueologia.igespar.pt>), Jorge Manuel Pestana Forte de Oliveira junta-se aos restantes responsáveis. Em 2000 fica concluída a escavação do edifício da Quinta de Deão iniciada em 1995. A adaptação do edifício a museu prossegue com o prévio registo da existência de construções romanas de cariz doméstico nos níveis fundacionais do atual edificado, com um intervalo de ocupação registado desde meados do século I até meados do século V. Os autores destacam o seu modesto acabamento pelo menos na fase de abandono.

No fórum fica comprovado o carácter elaborado e robusto, bem como a orientação das estruturas murais correspondentes às paredes interior e exterior do criptopórtico.

---

<sup>29</sup>O PNTA/1998-2003 - Arqueologia do Nordeste Alentejano (1998-2003) apresentou como principais objetivos dar continuidade de uma forma sistemática e abrangendo todos os períodos cronológicos, a um conjunto de estudos iniciados desde 1980 nesta região. Numa primeira fase, sobretudo através de campanhas de prospeção, pretendeu identificar e tipificar os diferentes contextos culturais. Paralelamente visava dar continuidade às ações em curso: na cidade de *Ammaia* (Marvão), necrópole megalítica de Alcogulo, Sinagoga Medieval e Praça d' Armas (Castelo de Vide), povoado de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Graça (Nisa); conjunto pictórico de Esperança (Arronches) e Megalitismo do Sever (<http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=48078>);

Com a evolução do espaço museológico, no ano de 2000 toda a coleção epigráfica que se encontrava no Museu Municipal de Marvão proveniente da cidade de *Ammaia* transitou para o museu de sítio. Salienta-se ainda no mesmo ano a elaboração de um inventário dos materiais da coleção particular pertencente à Dra. Delmira Maçãs, provenientes dos terrenos onde se situa a cidade. Este acervo atualmente no Museu Nacional de Arqueologia merece pelo seu potencial informativo capítulo de destaque na presente dissertação.

Em 2001 os resultados das escavações confirmaram no edifício da Quinta de Deão a existência de uma *domus* edificada em meados do século I, remodelada no século IV e abandonada no século V. Na área da Porta Sul foram identificadas estruturas murais também de uma habitação com fundação no século I e remodelação no século seguinte associada ao alargamento do conjunto monumental e respetivas tabernas. Nas termas foram continuados os trabalhos de escavação.

Em 2002 dos trabalhos de escavação destaca-se a identificação de uma *natatio* nas termas (Pereira, 2009, p. 46) e de uma vala de escoamento de águas ou de esgoto, paralela ao perímetro da cidade, na área correspondente ao Estacionamento 1. Paralela a esta vala foi registada uma calçada com cronologia de finais do século IV, início do século V, que circunda a cidade, localizando-se entre o seu limite exterior e o Rio Sever (Pereira, 2009, p. 46, pp. 99-100). Oriundo desta estrutura negativa (vala) foi triado diverso material de cerâmica comum com perfis de dimensão considerável e com cronologias associadas ao século III, que trataremos com maior detalhe mais adiante<sup>30</sup>.

No ano seguinte (2003) os trabalhos coordenados pelos Professores Doutores Vasco Gil da Cruz Soares Mantas e Filipe Themudo Barata até 2007, reportam a delimitação da parede nordeste da *natatio* e a continuidade da vala identificada no Estacionamento 1 também na área do Estacionamento 2, onde surgiram estruturas bem conservadas da muralha.

Em 2004, no Estacionamento 1 confirmou-se o traçado da vala e o posterior entulhamento da mesma após a construção da via que lhe é paralela no século VI. Confirmação na área correspondente ao Estacionamento 2 da continuidade da

---

<sup>30</sup> Cfr. Materiais provenientes da área de Estacionamento.

vala/cloaca, da calçada paralela ao perímetro da cidade, bem como de troço com cerca de 1,20 m de largo da muralha da cidade.

No ano de 2005, comprova-se a edificação de estrutura contemporânea M18 no alinhamento da muralha.

Em 2006 Sérgio Miguel Simões Pereira identificou duas sepulturas de inumação com sinais de violação, dispostas no sentido N-S, com cronologia entre os séculos III e IV d.C.

Em 2007, mediante a coordenação de Filipe Themudo Barata, Joaquim Emanuel Neves de Carvalho consuma a intervenção preventiva na área do Estacionamento e são realizados diversos trabalhos de prospeção possibilitando a identificação de diversos sítios arqueológicos (<http://arqueologia.igespar.pt>)<sup>31</sup>.

Os dados arqueológicos e a sua compilação seriada possibilitam-nos uma perspetiva da evolução dos trabalhos, mas tão importantes como estes factos são as interpretações mais estruturais e delimitadoras, alcançadas pelos autores da investigação. Nesta sequência consideramos pertinente que com a continuidade da investigação, tal como o autor reporta, os dados e correspondentes ilações ao dispor de Sérgio Pereira, director das escavações entre 2000 e 2006 (Pereira, 2009, pp. 55-126) sejam questionados e validados.

Terminado o projeto de PNTA/2003 - Cidade Romana da *Ammaia*, no ano de 2008 teve inicio o projeto de prospeção geofísica da responsabilidade da Professora Doutora Cristina Corsi, com a co-responsabilidade do Professor Doutor Frank Vermeulen, do Dr. Joaquim Emanuel Neves de Carvalho e da Dr.ª Sofia Isabel Lourinho Janeco de Almeida Borges. Estando os objetivos de ambos os projetos relacionados com a definição espacial da área urbana, poder-se-á assumir que são uma continuidade dos trabalhos anteriores com abordagens metodológicas e técnicas dissemelhantes mas complementares.

Constata-se que o PNTA/2003 - Cidade Romana da *Ammaia* teve como principais objetivos delimitar o perímetro urbano e o território correspondente ao *municipium*; estabelecer cronologias para a implantação, evolução e abandono da cidade; caracterizar os diferentes aspetos do urbanismo da cidade; delimitar as áreas das

---

<sup>31</sup> <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2925903&vs=48078>

necrópoles; reconhecer a importância político-económica no desenvolvimento e sobrevivência da cidade, bem como aspetos sociais, culturais e religiosos; localizar a rede viária que serviu o *municipium*; destacar o papel do *municipium* no contexto geral da administração romana.

O projeto iniciado em 2008 PNTA/2008-2007 – Cidade romana da *Ammaia* partilhou *grosso modo* todos os objetivos anteriores acrescentando ainda o desenvolvimento de modelos tridimensionais de alguns edifícios da cidade e o levantamento geofísico de toda a área urbana da cidade, pressupondo que o tratamento dessa informação permitiria definir linhas de orientação relativas à gestão do sítio e alcançar os restantes objetivos propostos.

Os resultados da primeira campanha de prospeção geofísica, realizada com um georadar (GPR), permitiram avaliar o potencial arqueológico e geofísico da cidade e obter excelentes resultados, sendo possível apresentar parte da planta do fórum, local onde foi possível identificar importantes estruturas soterradas, tais como uma pequena praça em frente do templo, duas fiadas de tabernae (lojas), uma basílica na área oposta ao templo com duas fiadas de colunas no seu interior, para além de outros vestígios que os autores não conseguiram definir, prevendo no futuro a sua escavação de forma a cruzar a informação obtida pelo georadar com a escavação arqueológica manual dos espaços em causa.

Em 2008, Cristina Corsi e Frank Vermeulen para além dos trabalhos de prospeção geofísica foram também os responsáveis pelo desenvolvido dos trabalhos de escavação pressupondo os mesmos objetivos. As escavações arqueológicas foram desenvolvidas essencialmente na área das termas, e procedeu-se à conclusão da zona dos parques de Estacionamento em frente ao museu. Relativamente às escavações efectuadas nas termas foram avaliadas as escavações anteriores e procedeu-se ao alargamento da zona de escavação de forma a tentar obter a definição de algumas áreas já escavadas para tentar determinar os diversos espaços do complexo termal (<http://arqueologia.igespar.pt>).

Em 2010 os resultados das escavações arqueológicas foram desenvolvidas essencialmente na área do Fórum. Relativamente às escavações efetuadas, foram reavaliadas as escavações anteriores e procedeu-se ao alargamento em área da zona de escavação de forma a tentar obter a definição de algumas zonas já escavadas para

determinar os diversos espaços do complexo do Forum. Para além das escavações arqueológicas foram continuadas as campanhas de prospeção geofísica com a utilização de um georadar (GPR) e de um magnetómetro. Responsáveis: Cristina Corsi, Frank Vermeulen, Joaquim Emanuel Neves de Carvalho e Sofia Isabel Lourinho Janeco de Almeida Borges (<http://arqueologia.igespar.pt>).

A partir do ano de 2010, por desatualização da base de dados do Portal do Arqueólogo, não foi possível prosseguir com a síntese dos resultados mediante a consulta dos dados oficiais da DGCP. Sintetizou-se os restantes resultados através dos relatórios de escavação entregues ao então IPA e depois ao IGESPAR mediante as informações prestadas pela diretora do Museu da Cidade de *Ammaia*, Dr.<sup>a</sup> Sofia Borges e pelo diretor de campo Dr. Joaquim Carvalho.

Os últimos anos (2010-2012) são fortemente marcados pelo contributo dos professores Cristina Corsi e Frank Vermeulen, que principalmente com o estudo geofísico da área intramuros confirmaram todo o potencial arqueológico da cidade, demonstrado pela acentuada densidade de estruturas detetadas. O desenvolvimento desta abordagem e investigação é um testemunho materializado em diversas publicações (Corsi & Vermeulen, 2005, 2007, 2012, 2013), que certamente permitirá uma mais certa e selectiva orientação metodológica para o futuro da investigação da urbe ammaiense. O inovador contributo de metodologias não evasivas, harmonizado com metodologias tradicionais possibilitará resultados ainda mais profícuos, que certificam a importância atribuída pela administração romana à cidade de *Ammaia* engrandecendo e simultaneamente garantindo a abundância de informação ao sítio arqueológico e monumento nacional.

#### I. 4. Os horizontes históricos de *Ammaia*

O desenvolvimento de campanhas da escavação arqueológica com metodologia moderna deu início a uma abordagem espacial e vertical onde os dados estratigráficos foram valorizados permitindo a obtenção de informação balizada segundo padrões crono-estratigráficos.

Estes dados que passamos a apresentar serão uma referência estrutural no estudo cerâmico. Todavia, o hiato cronológico registado entre as diversas equipas de

investigação, as distintas abordagens e as dificuldades inerentes ao próprio registo arqueológico, nem sempre permitiu a obtenção de horizontes históricos unânimes e bem preservados. Por este motivo, selecionam-se e apresentam-se os dados mais conclusivos dos diversos autores e anuncia-se a seriação que consideramos mais consistente mediante a soma dos distintos contributos. Na definição dos critérios considerou-se o somatório da informação, privilegiando a interpretação de campo, bem como a análise das cerâmicas finas para a seleção de momentos caracterizadores de horizontes históricos. Passamos a expor a perspetiva de Sérgio Pereira, de José Carlos Quaresma e de Cristina Corsi e Frank Vermeulen.

Sérgio Pereira responsável pelas escavações arqueológicas na cidade de *Ammaia* entre os anos 2000 e 2006 apresenta na sua tese de mestrado uma primeira proposta interpretativa para os diversos momentos de construção na Porta Sul, registando VII fases construtivas, estando a fase III e IV subdivididas em duas.

Iniciando em Augusto e na primeira metade do século I d. C. (Fase I) propõe uma monumentalização entre os Flávios e Trajano, associada à atribuição do estatuto de município (Fase II). A fase IIIa, datada do último quartel do século III- inícios do século IV, corresponde à remodelação de estruturas domésticas e antecede a fase IIIb (último quartel do século IV-início do século V) também correspondendo à alteração de estruturas domésticas. A fase IV é marcada pela ocupação visigoda sendo subdividida entre o estabelecimento (segunda metade do século V e inícios do século VI) e a usurpação de algumas áreas públicas (segunda metade do século VI e inícios do século VIII). Findo o período visigodo o autor atribuí aos inícios do século VIII e meados do século X, à fase V e à ocupação islâmica. Nos séculos seguintes, X e XIV o autor considera o início da fase VI, como correspondendo ao abandono da cidade e à reutilização espacial com nova funcionalidade das áreas urbanas. A derradeira fase (VII), já num período moderno-contemporâneo condiz com a reutilização de materiais e implantação de novas estruturas e habitações (Pereira, 2009, p. 61).

A análise cerâmica concretizada por José Carlos Quaresma das cerâmicas ditas finas possibilitou a obtenção de dados crono-estratigráficos válidos mais recentes mas igualmente mais circunscritos. Estes dados foram utilizados na análise da cerâmica comum sempre que a unidade estratigráfica possibilitava de forma segura e sustentada

a comparação das diversas produções cerâmicas e restantes artefactos. Pretendeu-se deste modo ampliar o índice informativo do mesmo contexto arqueológico.

Quaresma detetou no seu estudo cinco grandes momentos crono-estratigráficos que permitiram comparação estratigráfica com produções de cerâmica comum. Estes cinco momentos compreendem intervalos temporais que o autor definiu como válidos de acordo com as características tecnológicas e formais do espólio analisado. Primeiro: Flávio-Antonino (69-96 / 96-192); segundo: segundo quartel século II; terceiro: 225-250/275+; quarto: segunda metade séc. II / III (150-299); quinto: segunda metade séc. V (450-499).

Os investigadores Cristina Corsi e Frank Vermeulen responsáveis pela investigação e escavações arqueológicas na cidade de *Ammaia* entre 2008 e 2011 têm calendarizado para os primeiros meses do ano de 2014 a publicação de uma nova monografia sobre a cidade de *Ammaia*. Nesta publicação estará previsivelmente mais informação crono-estratigráfica que poderá ampliar o rol de ilações seguras agora apresentadas. Não tendo sido possível em tempo útil incluir estes dados na presente análise, será informação posteriormente analisada e acrescentada caso a sua pertinência o justifique.

## II. A CERÂMICA COMUM ROMANA. PROBLEMÁTICA DA DESIGNAÇÃO

Cerâmica comum? Porquê cerâmica comum? A problemática em torno da designação desta produção cerâmica, bem como, os desenvolvimentos da investigação no atual território português exigem reflexão, mesmo que breve, para que melhor se compreenda a evolução e especificidades teórico-metodológicas do conjunto cerâmico que se apresenta. Somente a origem das designações expõe realidades estruturais que de forma consistente e profunda auxiliam na definição, estudo e evolução da investigação.

O início da problemática em torno da designação desta produção cerâmica coincide com o início dos trabalhos de investigação arqueológica. Afirmando-se pela ausência de melhor alternativa, esta designação tem o mérito de agrupar determinada categoria cerâmica distinta das restantes até aí categorizadas. O critério de negação, atribuído nos primórdios da investigação confirma as dificuldades intrínsecas ao enquadramento e



designação deste género cerâmico. Ou seja, será caso para afirmar: a cerâmica comum não se enquadra no que já se conhece, não se encontrou melhor nome para a designar e unifica todas as produções que se desconhecem.

É curioso constatar que agrupa todo o tipo de produção cerâmica que não se distingue das restantes. Esta tendência mantém-se e é uma prática ainda reproduzida nos dias de hoje. Pretende-se lembrar que após o destaque produtivo de algum conjunto cerâmico é prática corrente os autores por uma questão de uniformização e coerência tecnológica e formal individualizarem essa produção. Esta metodologia retira as produções que se destacam do grande conjunto da cerâmica dita comum, esvaziando-o gradualmente de tudo o que o sobressai do todo.

Esta definição inicialmente desenvolvida pela negativa é demonstrativa da dificuldade em denominar e compartimentar produções cerâmicas. O índice de dificuldade parece aumentar quanto mais generalistas e diversificadas forem as produções. É sintomático reparar que na fase embrionária dos estudos de cerâmica comum foi o critério funcional que mais condicionou a definição terminológica. Tudo o que não se enquadra com as produções já conhecidas e bem balizadas foi enquadrado como cerâmica comum.

A eternização de uma designação que não convenceu desde a sua origem grande parte dos estudiosos, indicia estar intimamente relacionada com os lentos avanços que a temática da cerâmica comum tem sido alvo. Como consequência dos trabalhos não se multiplicarem a reflexão sobre o tema não acontece, “fossilizando” conceitos e designações que por circunstância cronológica se impõem. Juntar tudo o que não se conhece tem as suas virtudes, no entanto, o gigantismo da tarefa implica fragilidades incontornáveis e previsíveis. A dimensão deste conceito de negação adquire contornos próximos da “ingratidão” porque sempre que dentro da dita cerâmica comum se identifica uma produção com características uniformizadoras, esta assume protagonismo e autonomia, individualizando-se e saindo de imediato do grande conjunto das cerâmicas comuns.

Em suma, a enorme utilidade deste conceito perpétua a designação, garantindo a sua continuidade graças ao seu carácter funcional e à certeza de que irão sempre existir produções cerâmicas desconhecidas e menos estudadas.

Por diversos motivos temporais e conjunturais, consideramos que o termo inicial apesar de polémico, conquistou o seu espaço tendo sido validado inclusive pelo facto de aparentemente ter já passado o momento mais propício para o período de contestação/transformação da designação. Consideramos que apenas a proliferação de diversos trabalhos sobre a temática poderá recriar novo momento para se questionarem as orientações metodológicas e designações tradicionais, como a continuidade do termo “cerâmica comum”.

Sem pretendermos solucionar o que se impôs pelos motivos apresentados, importa relembrar que diversos autores tentaram apresentar perspectivas mais positivas com variações distintas e não tão aglutinadoras.

Jeannette Nolen por exemplo reforça o carácter quotidiano, já Dyson, Mannoni, Panella ou Vaz Pinto destacam o carácter utilitário e funcional. Alarcão através do exemplo de Conímbriga atribui valorização geográfica e espacial optando pela distinção entre “cerâmica local/regional ou indígena” e cerâmica importada.

O contributo destes investigadores bem como as semelhanças entre as pastas de ânforas e cerâmicas comuns dos vales do Tejo e Sado aconselham o reforço da importância atribuída ao carácter quotidiano, utilitário e funcional, bem como a incontornável “cumplicidade” destes critérios com as basilares questões tecnológicas. É a associação destes pressupostos que garante um conjunto cerâmico coerente e com características verdadeiramente convergentes e integradoras. Apenas a conjugação destes fatores parece permitir alcançar um grupo cerâmico com características suficientemente convergentes.

O carácter funcional e quotidiano destas produções é coerente com esta triagem e definição funcional que tem origem nesta dificuldade inicial. Interessante é constatar que é precisamente o carácter funcional e quotidiano denunciado respetivamente por Vaz Pinto e Nolen que mais fascina neste tipo de produção. O acontecimento festivo foge da normalidade e não nos transmite a rotina e o grau médio de desenvolvimento tecnológico, social, político e económico de uma qualquer comunidade. A solenidade tem por hábito comunicar uma exceção comportamental, tecnológica e económica.

Será pertinente destacar do carácter utilitário, funcional e quotidiano, a valência e significado de rotina, pois só a aproximação desta dimensão torna possível entender

com maior detalhe a comunidade que se estuda. A banalização de determinadas produções cerâmicas implica uma assimilação e sedimentação de conceitos que está intrinsecamente associada ao conhecimento de modelos tecnológicos e paradigmas económico-sociais e políticos adotados por determinada sociedade. O estudo da cerâmica comum permite conhecer oleiros e consumidores, denunciando preferências, conhecimento tecnológico, capacidade produtiva e hábitos de consumo. Dever-se-ia associar à utilidade, a funcionalidade, e ao diário, a rotina e banalização do manuseamento deste tipo de recipientes por garantir informações preciosas e maior proximidade e humanização de produtores e consumidores.

O alcance do significado destes padrões civilizacionais permite igualmente perspetivar o índice de aculturação itálica da cidade de *Ammaia* em determinado momento histórico.

### III. A CERÂMICA COMUM ROMANA. EXEMPLOS HISTÓRICOS DE ORIGEM EUROPEIA.

A investigação da cerâmica comum remonta aos estudos pioneiros de Ludowici (Ludowici, 1908) e Loeschcke (Loeschcke, 1923). Desde os tempos precursores destes autores até à maturidade alcançada no início da década de 50 com os contributos de Jean Jacques Hatt (Hatt, 1949) e Nino Lamboglia (Lamboglia, 1950), até à valorização arqueométrica precocemente iniciada por Anna Shepard (Shepard, 1942, 1960, 1966) e consumada essencialmente nos anos 70 pelas investigações de Picon (Picon, 1973, 1994) e Peacock (Peacock, 1968, 1970, 1977, 1982), foi percorrido um longo caminho de renovação metodológica que convirá compreender. Mais do que uma contextualização clássica de acontecimentos marcantes pretende-se refletir sobre como se transitou de preocupações meramente tipológicas e cronológicas, para entendimentos mais globais onde têm igualmente espaço os fabricos e a arqueometria, bem como a funcionalidade, difusão dos recipientes e respetiva dimensão cultural. Em síntese, como se chegou a orientações metodológicas onde a cerâmica comum deve ser estudada segundo objetivos morfológicos, tecnológicos, funcionais e culturais.

Sem pretender aprofundar exhaustivamente esta problemática constata-se de forma quase dramática que os reduzidos trabalhos sobre cerâmica comum, não justificam uma exaustiva atualização da minuciosa síntese realizada por Vaz Pinto em

1999. Este facto é esclarecedor sobre a velocidade dos estudos e avanços ocorridos sobre esta produção cerâmica. Face à realidade documental optou-se por primeiro por refletir brevemente sobre a evolução metodológica, e num segundo momento<sup>32</sup>, reavivar o percurso da investigação no atual território português. Apesar dos ténues avanços, as orientações metodológicas sobre cerâmica comum testemunharam ao longo do século XX um natural aperfeiçoamento, cuja sequência convirá compreender. Serve a presente reflexão simultaneamente para contextualizar e validar as opções metodológicas que seguimos para o estudo que apresentamos.

Consideramos existirem sete grandes momentos de transição e consequente mudança de paradigma metodológico nas investigações sobre cerâmica comum. Denominamos esta sequência de sete momentos do seguinte modo: 1º pioneirismo (1908-1923); 2º maturidade (1949-1950); 3º consolidação tecnológica (década de 70); 4º redescoberta da funcionalidade (década de 80); 5º despertar da dimensão cultural (década de 80); 6º quantificação; busca da origem e dos movimentos de difusão (década de 90); 7º consagração da importância e interesse sobre cerâmica comum e multiplicação de autores (transição do milénio).

O momento de pioneirismo compreende o início do século XX e meados da década de trinta englobando essencialmente os trabalhos de Ludowici (1908) e Loeschcke (1923).

Este despertar de interesse para a temática consolida-se através da importância atribuída à cronologia e às tipologias nos trabalhos de Jean Jacques Hatt (1949) e Nino Lamboglia (1950), permitindo alcançar uma maturidade académica sustentada no estudo rigoroso da estratigrafia e respetivos materiais. Este incontornável contributo baseado nos pressupostos que são a base do conhecimento arqueológico (estratigrafia e cultura material) sedimentou de forma indelével o contributo deste tipo de investigação para a caracterização da cultura material e entendimento da dimensão socio-económica. É igualmente nesta fase que Jean Jacques Hatt alerta para a importância que pode ter a relação estabelecida entre a cerâmica comum e as cerâmicas mais finas de importação, os modelos de cariz indígena ou as formas predominantes. Relação pertinente e válida que tentamos explorar também com os materiais provenientes da cidade de *Ammaia*.

<sup>32</sup> Cfr. IV. Desenvolvimentos da investigação no actual território português, p. 62.

Lamenta-se que até ao momento a definição dos horizontes históricos da cidade alentejana não tenha alcançado a minúcia demonstrada na península itálica.

Chegados à consolidação tecnológica não poderemos omitir o trabalho precoce de Anna Shepard (1942, 1960 e 1966), primeira autora a realizar análise petrográfica de lâminas delgadas, três décadas antes do fim da hegemonia das formas e tipologias sobre os fabricos. De facto o encontro da morfologia com a preocupação tecnológica apenas se generaliza na década de 70. Até aqui o que mais preocupa os investigadores é a informação tipológica e consequentes ilações cronológicas que resultam desta abordagem. Esta década demonstra ser muito profícua em trabalhos e publicações quando compara com todas as restantes (Pinto, 1999, p. 14).

Nomes como Peacock (Peacock, 1968, 1970, 1977, 1982), Mercedes Vegas (Vegas, 1973), Carandini e Panella (Carandini & Panella, 1973), Jorge de Alarcão (Alarcão, 1974), ou Stephen Dyson (Dyson, 1976), comprovam a produtividade da década consagrando a aplicação do método científico ao estudo das pastas. O estudo da tecnologia permitirá entender melhor a proveniência das pastas, quais os métodos utilizados na sua preparação, na conceção da forma, no acabamento e na própria cozedura, suscitando novas questões e influenciando no rumo seguido pela investigação. Na verdade indiciam ser as novas possibilidades facultadas pela abordagem tecnológica que originam na década seguinte a redescoberta da funcionalidade.

Tal como fez Shepard em relação aos fabricos, também Mercedes Vegas (Vegas, 1973), na síntese sobre a cerâmica comum do Mediterrâneo ocidental antecipa a aplicação das questões sobre a funcionalidade dos recipientes, destacando o seu carácter económico-social e dividindo-os em três grupos principais: doméstico; funerário e cerimonial (Vegas, 1973, p. 157) e (Pinto, 1999, p. 14).

Na produtiva década de 70 a harmonização entre morfologia e fabrico, contexto arqueológico e materiais é construída através da valorização de estudos monográficos de importantes estações arqueológicas. Inserem-se neste contexto os trabalhos de (Carandini & Panella, 1973), nas Termas de Ostia, de Jorge de Alarcão realizado em Conimbriga (Alarcão, 1974), ou Stephen Dyson (Dyson, 1976) em Cosa.

É nesta fase de intensa produção científica que se redobra o debate em volta da terminologia caracterizadora deste tipo de produção: «cerâmica comum». Alarcão surge

com a designação «cerâmica local ou indígena», distinguindo esta produção da «cerâmica importada». O nascimento do conceito geográfico de cerâmica local e regional nasce deste modo igualmente na década de 70.

Três anos mais tarde, também Stephen Dyson (Dyson, 1976) conseguiu apesar da considerável longevidade das formas, compartimentar a evolução de algumas morfologias básicas e estabelecer semelhanças com outros sítios de cronologia idêntica, sugerindo uma dinâmica de circulação regional ou supra regional (Pinto, 1999, p. 14). Segundo Alarcão, também a tradição cerâmica encontrada em Conímbriga sugere ter condicionado os hábitos de toda uma região, não se circunscrevendo apenas a Conímbriga. Relembramos que Alarcão na análise tecnológica realizada às peças de Conímbriga conseguiu definir três tipos de argilas de origem distinta demonstrando cuidado metodológico e salientando que o papel do estudo das pastas é crucial para definir a proveniência das cerâmicas, ritmos de produção e circulação destes produtos (Alarcão, 1975, pp. 21-28).

Se a década de 70 sedimentou a consolidação da análise tecnológica, a década de 80 aproveitando os novos estímulos metodológicos sistematiza o que definimos como 4ª fase (redescoberta da funcionalidade) e 5ª fase (despertar da dimensão cultural).

Os trabalhos dos anos oitenta conciliam a abordagem morfológica, tecnológica e funcional. O complemento óbvio da funcionalidade foram os contornos culturais que o indicador funcional fornece. A partir deles tornou-se exequível alcançar ilações sobre o grau de aculturação das populações ao estilo de vida romano. Ainda nesta década se intensifica a aplicação dos métodos químicos e petrográficos destacando-se os trabalhos de Peacock (Peacock, 1982) e Maurice Picon (Picon, 1982) onde são explorados o método gravimétrico de análise de silicatos, a espectrometria por fluorescência de raios X e a ativação de neutrões, bem como o exemplo das já anteriormente aplicadas lâminas delgadas (Pinto, 1999, pp. 19-21, pp. 26-28). A dificuldade desta abordagem multidisciplinar foi no presente estudo superada graças à colaboração do Centro Hércules, que coordenou através do Professor Doutor José Mirão a análise tecnológica. Volvidos todos estes anos de evolução metodológica continua a ser de difícil acesso a análise arqueométrica.

O fim da década de oitenta é fortemente influenciado pelo trabalho de Michel Batts (Batts, 1988) que ao tentar aproximar-se da funcionalidade dos recipientes

privilegiou a relação entre alimento, recipiente e cozedura, distinguindo dois tipos de cozinha: a alta cozinha e a cozinha popular. Estas distintas práticas basear-se-iam em duas sociedades com diferentes agriculturas, divergentes índices de hierarquização e distintos conhecimentos da escrita (Pinto, 1999, p. 29).

A contribuição de Bats (Bats, 1996) como editor transita para a década de 90, onde se destacam igualmente M. Roca e X. Aquilué (1995). Ambos os trabalhos em conjunto destacam publicações da região italiana da Campânia e sítios emblemáticos como *Ostia* ou *Albintimiliu*, bem como as regiões francesas da Narbonense e Aquitânia ou a região espanhola da Catalunha.

Os anos noventa correspondendo ao que denominamos de 6ª fase: quantificação; busca da origem e dos movimentos de difusão; proporcionou o aparecimento de diversos trabalhos de síntese sob a influência desta nova metodologia, onde se tenta esclarecer qual a origem das peças e movimentos proporcionados pela sua disseminação. A análise quantitativa adquire neste contexto maior importância, pois a frequência com que se repetem os tipos e as formas serve de elemento orientador para as alterações na confeção dos alimentos e dos hábitos alimentares.

Coincide praticamente este 6º momento e o fim do milénio com uma elevada diversificação de autores interessados pela temática da cerâmica comum (Clementina Panella, Gasperetti, Di Giovanni, Morelli, Tassinari, De Carolis, Moliner, Béraud, Gébara, Fiches, Passelac, Nin, Pasqualini, Rivet, Réchin, Colletti, Pavolini, e Gloria Olcese).

A transição do milénio e o desenvolvimento da 6ª fase tornou possível o que consideramos ser o 7º e derradeiro momento, que se baseia na consagração da importância e interesse sobre cerâmica comum e multiplicação de autores.

Os avanços das últimas duas décadas metodizaram a definição de duas grandes áreas espaciais para a produção cerâmica: a cerâmica local ou indígena e a regional ou importada, bem como a distinção funcional da cerâmica em três grandes grupos: loiça de cozinha, loiça de despensa e loiça de mesa. Passamos a destacar alguns dos estudos e correspondentes ilações considerados mais pertinentes para o presente estudo.

Os trabalhos da Campânia (Gasperetti, 1996) e (Di Giovanni, 1996) e de Girona (Tremoleda, 1995) registaram pouca variação entre as formas utilitárias e diferenças notórias entre zonas do interior e zonas costeiras. No interior as oficinas são

indissociáveis das instalações agrícolas e necessidades das respetivas comunidades. No litoral a produção assume um carácter industrial surgindo a cerâmica comum como complemento à produção exportadora anfórica. Também a pesquisa da província francesa da Narbonense caracteriza produções de carácter local, regional ou importações, consumando comparação entre sítios e demonstrando a influência dos modelos itálicos apesar da aparente lenta aculturação (Moliner, 1996 e Béraud & Gébara, 1996). A proximidade do exemplo itálico com o sucedido nos vales do Tejo e Sado é uma evidência confirmado também na costa lusitana o carácter complementar da cerâmica comum face às ânforas.

As questões de origem funcional e cultural indiciam raridade dos pratos de mesa e abundância de almofarizes no litoral francês e proximidade entre a península itálica e a Narbonense onde se regista idêntico predomínio da *olla* (pote/panela) sobre o *caccabus* (tacho) (Fiches, 1996, pp. 352-360), (Passelac, 1996, pp. 361-390), (Nin, 1996, pp. 257-288), (Rivet, 1996, pp. 327-350).

Em Ostia convém salientar não só, a popularidade dos *casseroles* durante o período Flávio-Trajano, Adriano e tardo-Antonino, mas também o ligeiro aumento do número de formas *tegami* e decréscimo das *olle* durante o mesmo horizonte histórico. Bizarro é o facto de neste porto as produções de cerâmica comum africana anteriores serem superiores às sigillatas (Coletti & Pavoni, 1996, pp. 391-420).

A análise arqueométrica dos materiais do porto de *Albintimilium* confirma a origem vulcânica dos recipientes e a sua origem não local, levando Gloria Olcese a ponderar que a circulação destas cerâmicas seria acompanhada de produtos alimentares como complemento do comércio por terem superior qualidade térmica e mecânica (Olcese, 1996, pp. 421-446).

O trabalho de Réchin (Réchin, 1996, pp. 447-480) sobre a loiça de mesa e de cozinha na Aquitânia meridional seguindo as preocupações funcionais e cronológicas revela que os recipientes de origem greco-romana (almofarizes, pratos, tachos, jarros, bilhas) são raros, enquanto as malgas, tigelas e potes de tradição local e utilizados no armazenamento, preparação, serviço e consumo, são mais frequentes. O mesmo autor constata que os pratos aparecem durante a época augustana diminuindo bastante depois de Augusto, permanecendo essencialmente as bilhas e os jarros como formas de



influência clássica. Durante o período flaviano, aumenta o número das cerâmicas torneadas de pasta clara nas cidades e nas *villae* (Réchin, 1996, pp. 447-480).

É igualmente interessante constatar que neste mesmo estudo existem compatibilidades entre a cerâmica culinária das zonas urbanas, as *villae* e os sítios rurais de tradição indígena. A região da cidade de *Ammaia* poderia ser um caso de estudo relacionado com questões desta natureza. A pertinência destas relações merece ser averiguada.

É nestas duas derradeiras fases (6ª e 7ª) que a necessidade de sucessivas comparações orientou os investigadores para a utilização de terminologia contemporânea. Deste modo pretendeu-se superar a dificuldade original dos autores clássicos utilizarem termos iguais para formas semelhantes e não existir uma uniformização da linguagem devido à ausência de unanimidade na interpretação das fontes latinas.

Pretendemos com esta abordagem concretizar uma breve síntese diacrónica desta evolução metodológica, mas também contextualizar e legitimar a atualidade dos objetivos do estudo das cerâmicas comuns da cidade de *Ammaia*.

#### IV. DESENVOLVIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO NO ATUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Os desenvolvimentos da investigação em torno da temática da cerâmica comum no atual território português seguem o padrão e ritmo da generalidade dos países europeus. Convirá não ignorar que nas últimas duas décadas muito devido a trabalhos no contexto da denominada arqueologia de salvamento multiplicaram-se as referências a cerâmicas comuns sem se enquadrarem no âmbito de trabalhos com dimensão monográfica. Tenderemos a considerar que este hiato temporal foi excepcional e manifestará tendência para não se reproduzir nos próximos anos.

Fazendo parte integrante de acervos com outros materiais com melhores condições de musealização e capazes de obter melhores informações cronológicas, a origem da investigação da cerâmica comum romana é indissociável da sua inevitável aparência grosseira. Esta desvantagem estética, associada à enorme quantidade de fragmentos geralmente encontrados, torna esta produção menos atrativa e ainda hoje condiciona o interesse dos investigadores.

Os trabalhos realizados no atual território nacional enquadram-se na perfeição neste panorama. O longo caminho a percorrer, no sentido de alcançar respostas mais concretas, no que se refere a centros de produção, circulação e consumo em toda a *Lusitânia*, demonstra essa realidade.

A investigação arqueológica da cerâmica comum romana no atual território português é indissociável do contributo de nomes como Jorge de Alarcão, Jeannette Smit Nolen e Inês Vaz Pinto. Não ignorando o contributo destes autores e seguindo o exemplo do exercício de compartimentação metodológica e sequência cronológica do caso da investigação europeia, dividimos a evolução do exemplo português em cinco grandes fases, marcadas por três momentos/fases marcantes da investigação cerâmica associados aos investigadores mencionados: 1) Pré-Conímbriga; 2) Conímbriga (1974); 3) Alentejo [Alto Alentejo (1985) e Costa alentejana (1984; 1987; 1998)]; Tejo e Sado (1980-1981), e Braga (1989-1990; 1994; 2009); 4) São Cucufate (1999); 5) Pós-São Cucufate.

O período pioneiro que resolvemos denominar de Pré-Conímbriga, caracteriza-se inicialmente pela abordagem de espólios de necrópoles, onde a informação morfológica se sobrepõe de forma evidente ao conteúdos dos fabricos e à crono-estratigrafia devido à dificuldade de preservação sedimentar e ao maior valor atribuído ao artefacto. Relembramos por exemplo as nove necrópoles dos arredores de Elvas, escavadas por Abel Viana e António Dias de Deus (Viana & Deus, 1955, 1957, 1958). O primeiro estudo não “distante” da atualidade metodológica remonta ao longínquo ano de 1966, data em que Jorge Alarcão e Adília Alarcão se interessaram pelo espólio da necrópole luso-romana de Valdoca. A coleção do Museu das Minas de Aljustrel estudada pelos autores contribuiu para a elaboração de uma tipologia e cronologia da cerâmica comum romana, sendo apresentando o espólio por sepulturas, com uma cronologia de ocupação compreendida entre o século I e o século III d. C.<sup>33</sup> Oito anos mais tarde, na mesma região, Jorge de Alarcão analisa o espólio da necrópole de Monte do Farrobo (Alarcão, 1974).

O fim da primeira fase coincide com o início da segunda e é assinalado pela excelência dos resultados alcançados em Conímbriga (Alarcão, 1975), que fazem deste

---

<sup>33</sup> Cronologia distinta da apresentada pelos descobridores que limitavam a ocupação até ao século II. A presença de sigillata clara C em alguns túmulos levou os investigadores a dilatar a cronologia sensivelmente até à segunda metade do século III d. C. Para os autores, os bárbaros apesar de não atingirem a Lusitânia por volta de 260 d. C., terão provocado transformações sócio-económicas significativas (Alarcão & Alarcão, 1966, p. 2).

estudo juntamente, com a investigação desenvolvida por Inês Vaz Pinto em São Cucufate (Pinto, 1999), as maiores referências nacionais sobre esta temática.

O segundo momento da investigação da cerâmica comum no atual território português, não só consolida a abordagem tecnológica, como desenvolve o conceito de cerâmica local e regional. Alarcão atribui a esta produção cerâmica uma nova e dilatada dimensão espacial, valorizando a origem da produção cerâmica e simultaneamente questionando o uso do termo “cerâmica comum”.

A proveniência das pastas e dos fabricos ocupa um lugar central no estudo não sendo esquecidos os métodos mineralógicos e químico. Das comparações com outras zonas do país (seriamente prejudicadas pela escassez de número de trabalhos) e outras províncias, resultou a constatação de afinidades apenas com algumas formas, mais populares, de carácter genérico dentro do império romano. A analogia entre os espólios de Conimbriga e o Alentejo revelou-se pouco frutuosa devido às distintas particularidades de ambas as regiões (Alarcão, 1988, p. 144).

Jorge de Alarcão através da abordagem tecnológica definiu com precisão três tipos de argilas de origem diversa: Pombal-Barrocão/Miranda do Corvo,<sup>34</sup> Condeixa e Soure. Tornou ainda possível distinguir a proveniência geográfica de mais dois grupos de cerâmica: as cerâmicas calcíticas, siltosas, de grés e de Soure consideradas como provenientes de aluvião e as cerâmicas de cauliniticas originárias do litoral/área suburbana de Conímbriga (Alarcão, 1988, p. 144).<sup>35</sup>

Ponderando a abordagem tecnológica uma intenção cronológica e preocupações quanto aos centros de produção, Alarcão identificou quanto às formas e fabricos, duas épocas distintas. A primeira, situada entre os séculos I e III, a segunda compreendendo os séculos IV e V. Os resultados registaram ainda no período tardo-romano maior frequência de bilhas,<sup>36</sup> jarros e púcaros e um decréscimo de tigelas (Alarcão, 1988, p. 142).

---

<sup>34</sup> Mais tarde o autor na sua obra “O Domínio Romano em Portugal” viria a aperfeiçoar as ilações desta área de proveniência atribuindo-as a Miranda do Corvo e constatando que nem sempre as indicações tecnológicas se mostraram infalíveis. É igualmente sobre a síntese realizada pelo próprio 14 anos mais tarde que nos baseamos (Alarcão, 1988, p. 144).

<sup>35</sup> O grupo de cerâmicas calcíticas e o grés tardo-romano terão tido também uma produção na área suburbana da cidade (Alarcão, 1988, p. 144).

<sup>36</sup> As bilhas de colo estreito e gola alta de pasta cor de tijolo destacam-se morfologicamente (Alarcão, 1988, p. 142).

A atualidade metodológica deste estudo antecede as orientações europeias das décadas de oitenta e noventa, onde se destacam as preocupações com a produção cerâmica: local, regional ou importada. À escala nacional, o contributo é ainda mais determinante considerando que se trata do primeiro trabalho que recorre a peças com contexto estratigráfico definido com rigor para o período imperial, sendo ainda hoje essa a maior das dificuldades para o estudo de espólio de cerâmica comum.

A década de oitenta afirma o início da terceira fase sobressaindo os trabalhos na região do Alto Alentejo. Aqui o contexto estudado é essencialmente de enterramento, ocupando as necrópoles de Santo André (Nolen; Dias, p. 1981) e as necrópoles da região de Elvas (Nolen, 1985b) posição de especial relevo no conhecimento arqueológico.

Os trabalhos apresentam cerâmicas comuns juntamente com todo o espólio associado aos enterramentos. O estudo dos fabricos e das formas com perfis completos é fundamental para perceber a morfologia e aspetos tecnológicos desta região produtora. Jeannette Smit Nolen e Luísa Ferrer Dias, na investigação realizada em Santo André, exploram a temática das formas e dos fabricos, apresentando igualmente dados quantitativos passíveis de comparação. Destacam-se dos resultados o período de utilização da necrópole (último terço do século I d. C. e primeiro quartel do século II), o número de bilhas e de fragmentos cerâmicos não torneados, bem como as semelhanças com algumas peças de São Cucufate (Nolen & Dias, 1981 e Pinto, 1999).

O estudo desenvolvido por Nolen dos materiais originalmente provenientes das necrópoles dos arredores de Elvas, escavadas por Abel Viana e António Dias de Deus (Viana & Deus, 1955, 1957, 1958), fornece informações complementares quanto à proveniência dos fabricos, utilizando como critérios fundamentais o tipo de argilas, os acabamentos, a análise quantitativa e a comparação.

O relevo atribuído à tecnologia leva esta investigadora a considerar fragmentos de forma igual mas de pasta diferente como variantes distintas, opção metodológica que repete no estudo dedicado a Balsa (Nolen, 1994). Poderá em diversos casos fazer sentido tal distinção, dado que as diferentes características técnicas dos recipientes poderão condicionar a sua função, possibilitando a aplicação conjunta dos critérios funcional e tecnológico facilitar o aparecimento de elementos orientadores da investigação e proveitosos aperfeiçoamentos.

Os estudos desenvolvidos em Montargil, no Monte dos Irmãos (Nolen, 1981), na cidade das Rosas, Serpa (Caeiro, 1978), na Herdade do Reguengo, em Vaiamonte (Caeiro, 1979) e na Aramenha, Marvão (Neves, 1972), integram igualmente o quadro informativo sobre esta área produtiva. Destacam-se, em Vaiamonte, a ausência de minerais ferromagnesianos<sup>37</sup>, típicos do Alto Alentejo (Pinto, 1999, p. 51) e na Aramenha a semelhança de formas que Josefa Neves constatou entre a área envolvente da cidade de *Ammaia* e as necrópoles de São Salvador de Aramenha. A validação desta proximidade aguardou quatro longas décadas e é materializada na presente investigação (cfr. Coleção Maçãs).

O somatório de todos os estudos indicia que o Alto Alentejo regista como produções mais singulares as imitações de paredes finas de Mérida e os pequenos potes de fabrico de aparente fabrico local, cor cinzento-escura, com decoração em carretilha (Alarcão, 1988, p. 142), que Nolen bem registou (Nolen, 1985b).

Apesar do destaque suscitado pelos trabalhos de Jeannette Smit Nollen, o momento pós-Conímbriga, evidenciado pela década de oitenta, origina uma significativa ampliação de trabalhos imperando quatro regiões de Portugal continental: Alto Alentejo, a região dos vales do Tejo e Sado, Sines e Ilha do Pessegueiro e a área envolvente de *Bracara Augusta*.

Este interesse é respetivamente materializado pela ação de investigadores como Jeannette Smit Nollen (Alto Alentejo e vale do Tejo), Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Coelho Soares (Vale do Sado e Sines), Teresa Soeiro (Monte Mozinho), bem como Manuela Martins e Manuela Delgado (Braga) com alguns trabalhos já na transição da década e inclusive na década de noventa. Estes estudos apesar de muitas vezes associados à apresentação de catálogos e integrados com outro tipo de espólio alargam consideravelmente as regiões alvo de estudos sobre a cerâmica comum romana. A região centro encontra-se representada nesta década, pelo trabalho de Carlos Fabião e Amílcar Guerra no famoso acampamento militar romano da Lomba do Canho (Fabião & Guerra, 1987).

O contributo de Nolen estende-se ao vale do Tejo mais precisamente à *villa* do Alto da Cidreira (Nolen, 1988). Apesar da continuidade de ocupação corresponder a uma

---

<sup>37</sup> Considerados por Nolen e Vaz Pinto como típicos do alto Alentejo (Pinto, 1999, 51).

cronologia lata, situada entre meados do século I e a Alta Idade Média, a investigadora conseguiu apurar o predomínio da panela, a abundância de almofarizes e alguidares, e a escassez de bilhas e jarros. Os resultados destacam igualmente o reduzido número de fabricos do Alto-Alentejo e a abundância de sigillata clara A. Associando a estes factos a raridade da *sigillata hispânica*, tudo parece indicar um abastecimento prioritariamente marítimo e pouca recetividade para as rotas comerciais terrestres (Nolen, 1988, pp. 61, 64). Todavia, a mais relevante informação do registo arqueológico das diversas olarias na área de influência do vale do Tejo é a associação de produção de ânforas e cerâmica comum e a proximidade tecnológica manifestada nos respetivos fabricos. A ocorrência de cerâmica comum surge geralmente interpretada como produção secundária e possivelmente complementar da produção anfórica. Esta é uma realidade verificada em diversos sítios como em Porto do Sabugueiro (Muge), Garrocheira (Benavente), Quinta do Rouxinol (Corroios), Zambujalinho (Marateca) e Porto dos Cacos (Alcochete). No forno de Porto do Sabugueiro foram igualmente encontrados com fragmentos de ânforas e cerâmica comum, fragmentos de *dolia*, tijolos e telhas (Pinto, 1999, p. 55).

O registo arqueológico do vale do Sado demonstra realidade idêntica ampliando os casos onde a circulação local da cerâmica comum se verifica com especial preferência nos sítios produtores. Nesta região é incontornável o contributo de Carlos Tavares da Silva e Françoise Mayet na investigação desenvolvida no centro de produção de ânforas da Herdade do Pinheiro. Os autores documentaram diversas variáveis do reportório morfológico atestando durante o Alto Império predomínio da ânfora Dressel 14, das tigelas e das panelas, sendo poucos os exemplos de pratos e formas fechadas, e ainda mais raros os alguidares e almofarizes. A partir do século III, a ânfora mais representada é a Almagro 51 C, as panelas mudam de forma ficando mais altas e mais fundas, e as tigelas cedem quantitativamente o lugar aos pratos. No século IV, as panelas continuam a metamorfose iniciada, transformando-se em formas fechadas e os alguidares adquirem uma representatividade nunca alcançada. O século V manifesta-se por uma raridade de formas abertas (Pinto, 1999, p. 52).

Em relação aos fabricos foram definidos dois tipos de pastas não-calcárias utilizadas na produção de ânforas. Com uma proveniência geográfica distinta, foi atribuída à pasta de cor alaranjada a designação de Sado-montante, e à pasta de tons

beije Sado-jusante/Tejo. A cerâmica encontrada na fábrica de salga localizada na Praça do Bocage, em Setúbal, reforça a importância destes centros produtivos e o seu dinamismo industrial, assemelhando-se às pastas de ânforas do Sado. As cerâmicas comuns apesar de escassas são próximas das pastas encontradas nas ânforas da olaria da Quinta da Alegria (Silva & Coelho-Soares, 1980-81, p. 262).

O mesmo investigador confirmou que também no castelo de Alcácer do Sal entre a segunda metade do século I e o século II, as pastas das cerâmicas comum de reduzida representatividade e com funções domésticas registam proximidade com as ânforas do Sado.

O somatório das diversas intervenções arqueológicas dos sítios de ambos os vales demonstra de forma consistente que a litoralização da sua situação geográfica, ora demonstrando em determinado sítio influência material orientalizante<sup>38</sup>, ou da Meseta Ibérica, testemunha uma região com produção local de forte tendência exportadora, onde parece dominar a produção local (Silva, Soares & Dias, 1980-81, p. 213).

Esta importância atlântica surge bem documentada na unidade fabril de salga do Creiro Arrábida. Datada de meados/terceiro quartel e finais do século I d. C. terá surgido como serviço de apoio à navegação costeira (Coelho-Soares, 1987, pp. 236-237). Outro exemplo sintomático desta dinâmica privilegiada com a via marítima e cronologicamente coincidente com o caso anterior é a ilha do Pessegueiro e seu porto (Coelho-Soares, 1987, p. 237), excelente ancoradouro de abrigo durante a época romana e toda a Antiguidade graças às condições de desembarcadouro e fundeadouro (Silva, Soares & Dias 1993, pp. 20-25).<sup>39</sup>

A costa alentejana apresenta também dois grandes grupos de pasta distinguidos pela cor. A pasta avermelhada do Sado e a uma pasta de cor branca. Dos trabalhos desenvolvidos na ilha de Pessegueiro, os investigadores definiram duas fases de ocupação, a primeira correspondendo à Idade do Ferro, e a segunda subdividida em três, identificada com a época romana imperial. Monte Sardinha, em Santiago do

<sup>38</sup> O caso do castelo de Alcácer do Sal regista por exemplo subdivisão em três períodos, um de evolução sidérica (VII-VI a. C.), e os restantes respectivamente de influência púnica com elementos helénicos (IV-III a. C.) e influência itálica (II-I a. C.), (Silva; Soares; Beirão; Dias; Coelho-Soares, 1980-81: 213).

<sup>39</sup> As condições de fundeadouro variavam entre os 5, 6 e 7 metros ao máximo da baixa-mar. Os meses compreendidos entre Abril e Outubro seriam os melhores para navegar na faixa atlântica (Silva; Soares; Dias, 1993: 20-25).

Cacém, reforça a existência destes principais grupos de pastas.<sup>40</sup> As cerâmicas mais abundantes entre o século II, até finais do século IV, são: a caçarola Hayes 23<sup>41</sup> e principalmente 197<sup>42</sup>, os pratos/tampas “Ostia I” e Hayes 196<sup>43</sup> (Pinto, 1999, p. 47).

O que definimos como terceira fase prolonga-se até ao final da década de noventa, e é precisamente com os renovados contributos “algarvios” de Jeannette Smit Nollen, em *Torre de Ares, Balsa* (Nolen, 1994), e Carlos Tavares da Silva na *Quinta do Marim, Olhão* (Silva, Soares & Coelho-Soares, 1992), que se acrescenta ao sul do atual território português, mais uma região produtora: o Algarve.

Em Torre de Ares, Jeannette Nolen, ponderando os dados que tinha ao seu dispor e os desenvolvimentos metodológicos anteriores<sup>44</sup>, alcançou interessantes ilações sobre o panorama dos fabricos locais ou regionais, as importações e sua origem, encontrando testemunhos reveladores de um intenso tráfego comercial de origem mediterrânica. Exemplo disso é a constatação de que os recipientes de origem Bética, como é o caso dos dólios, que dominam o mercado de Balsa (Nolen, 1994, p. 135).

A produção de cerâmica local, tal como no caso do Tejo e Sado, não ficou imune às condicionantes da implantação marítima de Torre de Ares e da Quinta do Marim. No caso de *Balsa*, Nolen considera que apesar da abundância de barreiros e madeira beneficiar a produção, o sistema produtivo se limitaria a abastecer a clientela local nas suas necessidades diárias sem alcançar índices de profissionalismo (Nolen, 1994, pp. 10, 135).

Carlos Tavares da Silva e restante equipa no exemplo de Olhão, identificam um estabelecimento industrial de produção de salga datado da primeira metade do século III e integrado no contexto da *villa* da Quinta do Marim cuja produção seria uma fusão entre a atividade agrícola e a exploração marítima. Os autores identificaram neste exemplo dupla funcionalidade do edifício, com peças de armazém como os *dolia* e peças culinárias como o prato a frigideira ou a panela (com sinais de ir ao lume). O quadro de

<sup>40</sup> Fase I: estabelecimento da Idade do Ferro; Fase II: o estabelecimento da época romano imperial; Fase II A: fundação do entreposto comercial na Segunda metade do século I; Fase II B: diversificação económica, atividade comercial e produção de salgas no século II; Fase II C: especialização na produção de salgas de peixe nos séculos III e IV (Silva, 1993, 20-25) e (Vaz Pinto, 1999: 47).

<sup>41</sup> Tipo A: início a meados do séc. II; tipo B: meado séc. II- início séc. III; Hayes, 1972, 45-48, fig. 7.

<sup>42</sup> Fins séc. II- início séc. III; Hayes, 1972, 209, fig. 36.

<sup>43</sup> Meados séc. II- meados séc. III; Hayes, J. W., 1972, 208-209, fig. 36.

<sup>44</sup> Desde a descoberta de Torre de Ares por F. Martins de Andrade e Estácio da Veiga ainda em pleno século XIX, que se multiplicaram as escavações neste local. Apesar disso, os registos limitam-se a sumários artigos sobre o espólio encontrado (Nolen; 1994: 5).



cerâmica comum completa-se com a cerâmica de cozinha norte africana com predomínio para as formas 196 e 197 (Silva, Soares & Coelho-Soares, 1992, pp. 348-349).

Salientamos que sobre a mais meridional das províncias portuguesas Inês Vaz Pinto acrescenta que apesar das nítidas semelhanças de produção e consumo das zonas costeiras de Lisboa, Alentejo e Algarve, apenas se regista em São Bartolomeu do Mar a dualidade de produção anfórica e de cerâmica comum. As dinâmicas de produção terão sido distintas nos fornos de S. João da Venda em Faro, Quinta do Lago (Loulé) e Martinhal (Sagres) (Pinto, 1999, p. 56).

Sobressai como informação estruturante do registo arqueológico de Balsa não só, a reprodução do modelo costeiro de produção cerâmica, mas também a distinção funcional dos recipientes através da associação entre a cor dos fabricos e a sua capacidade ou incapacidade para utilização culinária. A associação da cor clara a recipientes não culinários lembra a distinção cor-função tipicamente mediterrânea concebida por Picon e Olcese (Pinto, 1999, pp. 25-28), indiciando uma forte aculturação oriunda das paragens do *Mare Nostrum*.

O modelo costeiro algarvio próximo do identificado na costa alentejana, vales do Sado e Tejo é demonstrado pela frequência de cerâmica bética e africana e pela raridade da produção local e das cerâmicas ferromagnesianas que Nolen e Vaz Pinto consideram de provável origem alto alentejana. A escassez de produção autóctone é geralmente associada a um forte dinamismo comercial marítimo e a uma célere aculturação dos gostos romanos, por via mediterrânica. Como poderemos observar no capítulo correspondente também os almofarizes da cidade de *Ammaia*, apesar da interioridade geográfica, registam forte tendência para a reprodução da cor clara bética aparentando uma clara “especialização” e preferência produtiva para esta matiz.

Interessa salientar do perseverante contributo de Nolen, na sua obra *Cerâmica e Vidros de Torre de Ares, Balsa, Tavira*, as ilações morfológicas e funcionais, onde para além da distinção dos recipientes por função<sup>45</sup>, se inclui também a ausência de exemplares de pratos de engobe pompeiano (Nolen, 1994, pp. 9-10, 122). Esta lacuna

---

<sup>45</sup> Armazenamento (talhas, urnas, potes, cântaros), preparação (almofarizes, alguidares, bacias), cozinha (painéis, caçarolas, tachos, testos), serviço (terrinas, bilhas, jarros, potes pequenos e potinhos) e loiça de mesa (pratos, tigelas, taças, copos, púcaros) (Nolen, 1994, 133, 134).

artefatual é explicada por Vaz Pinto pela abundância de caçarolas e pratos fundos africanos com idêntica funcionalidade (Pinto, 1999, p. 58). A análise do critério morfológico-funcional verificou a abundância de tampas e a raridade das bilhas e jarros, igualmente detetada pela investigadora noutra sítio com vocação marítima: *villa* do Alto da Cidreira (Nolen, 1994, p. 134 e Nolen, 1988, p. 121).

Relevantes são ainda os paralelos identificados por Nolen entre a cultura cerâmica do Alto da Cidreira e os fornos de Zambujalinho, dos quais se evidencia a panela de bordo em aba horizontal ou levemente descaída e a proximidade entre esta produção litoral e as panelas de São Cucufate, de bojo fundo e parede um pouco ondulada (Nolen, 1994, pp. 140, 145 e Pinto, 1999, pp. 58-59).

A zona norte do país, marcada pelas cerâmicas oriundas de Braga e Monte Mozinho, regista uma produção de cerâmica comum, datada essencialmente entre a segunda metade do século I d. C. e o início do século II, sendo caracterizada por uma cerâmica fina de argila clara com engobe amarelado, decorada frequentemente por guilhoché. Segundo Alarcão, este tipo cerâmico explica a raridade de paredes finas encontradas nesta região do país (Alarcão, 1988, p. 142).

A investigação realizada por Manuela Martins e Manuela Delgado definiu uma grande variedade de formas onde se salienta a tentativa de imitação das categorias morfológicas dos modelos de sigillata sudgálica e hispânica (tipos Drag. 29, 24/25, 25/36, 37 e Mesquiriz 4/5 (Alarcão, 1988, p. 142). São oriundas da citânia de Briteiros três marcas de oleiro registadas em recipientes de cerâmica comum (ARCIUS, CATURO e PISIRUS). A raridade de marcas encontrada neste tipo de cerâmica em todo o país destaca ainda mais este achado, fazendo supor que neste povoado poderia existir um grande centro de produção oleira (Alarcão, 1988, p. 144).

Em 1999, o notável trabalho de síntese de Inês Vaz Pinto sobre a conhecida *villa* de São Cucufate é depois da investigação de Conimbriga, o marco mais expressivo do estudo de cerâmicas comuns romanas, representando igualmente o início da quarta fase do processo evolutivo da investigação deste tipo de produção cerâmica. Este contributo sintetiza de forma exemplar o percurso das investigações nacionais e europeias, contextualizando o seu trabalho num esforço direccionado numa quantificação exigida pelas orientações da transição de século. A grande contribuição desta autora é a

dimensão do seu estudo tipológico de grande abrangência de formas e a cuidadosa análise realizada às pastas e recursos tecnológicos. Muito nos fundamentamos na sua análise para estabelecer e criar sólidas bases de conhecimento sobre a temática da cerâmica comum e mesmo sobre o presente capítulo, visto que até à data do seu trabalho realiza igualmente uma minuciosa caracterização do estado de arte do tema da cerâmica comum. Se considerarmos Jorge de Alarcão e Jeannette Nolen como os consistentes pioneiros do desenvolvimento do tema no atual território português, Inês Vaz Pinto será certamente a pós-pioneira mais destacada da herança metodológica desenvolvida pela influência dos trabalhos de Conimbriga e do Alto-Alentejo.

Esta investigadora desenvolve particularmente as zonas de produção do sul de Portugal, reconhecendo em território atualmente português oito zonas de produção: área envolvente à cidade de Braga (*Bracara Augusta* e Monte Mozinho) e Tongobriga; a região de Conimbriga; os estuários do Tejo<sup>46</sup> e Sado<sup>47</sup>, Costa alentejana<sup>48</sup>; Alto Alentejo e zona de Elvas<sup>49</sup>; Baixo Alentejo<sup>50</sup>; Algarve<sup>51</sup> (Pinto, 1999, pp. 45-60).

Seguindo estas orientações seria imponderado não destacar a ação de Lino Tavares Dias em Tongobriga (Dias, 1997) precisamente dois anos antes do trabalho de Inês Vaz Pinto em São Cucufate, principalmente tendo em consideração o desequilíbrio informativo mencionado pela autora entre norte e sul do território nacional.

O período que decorre à transição do século e dá início à primeira década do século XXI é fortemente condicionado por diversas intervenções da denominada arqueologia de emergência ou salvamento, sendo pautado pelo carácter parcelar e restrito de muita da informação recolhida pelo recém-criado IPA (Instituto Português de Arqueologia). No meio académico poderemos considerar que a fase Pós-São Cucufate, associada à multiplicação de escavações de salvamento, alertou consciências para a necessidade de tratar este tipo de espólio, que maior representatividade apresenta em qualquer intervenção arqueológica: a cerâmica comum. A materialização desta ténue

---

<sup>46</sup> *Villa* do alto da Cidreira, cerâmica comum dos fornos de ânforas de Garrocheira, Quinta do Rouxinol, Porto do Sabugueiro, Zambujalinho.

<sup>47</sup> Alcácer do Sal, olaria de ânforas do Pinheiro, Praça do Bocage, Creio, Tróia, Casa Novas, Abul, Enchurrasqueira, Barrosinha, Arapouca.

<sup>48</sup> Ilha do Pessegueiro, Courela dos Chãos e Monte Sardinha.

<sup>49</sup> Necrópole de Santo André, necrópoles da região de Elvas, Monte dos Irmãos, Herdade do Reguengo, Aramenha/Cidade de *Ammaia*.

<sup>50</sup> Necrópoles de Aljustrel, Cidade das Rosas, Pisões, Represas, Beja, Monte da Cegonha, S. Cucufate.

<sup>51</sup> Cerâmica comum nos fornos de ânforas de S. Bartolomeu do Mar, Quinta do Marim e Balsa.

orientação surge no início da década com o nosso trabalho, também boicotado por um reduzido número de fragmentos de Idanha-a-Velha, sem dados crono-estratigráficos precisos (Dias, 2002), prosseguindo com as mais recentes investigações académicas de Mónica Rolo sobre a necrópole de Rouca, no concelho do Alandroal, Évora (Rolo, 2010) e de Cézer Santos sobre a olaria da Quinta do Rouxinol, Corroios, Seixal (Santos, 2011).

Do mesmo modo que Jorge Alarcão na fase Pós-Conímbriga desempenhou um papel de influência metodológica, também Carlos Fabião, pela ação que desempenha na coordenação de diversos novos trabalhos como os anteriormente mencionados, corporaliza a consciencialização e reconhecimento da comunidade científica sobre esta temática. Todavia, a contemporaneidade do momento devido ao facto de diversas teses de doutoramento se encontrarem em fase de desenvolvimento<sup>52</sup> aconselha prudência quanto ao imediatismo dos factos e ao contributo que possam acrescentar ao desenvolvimento da investigação.

Esta fase parece significar um generalizado reconhecimento académico das valências de uma temática de investigação tão negligenciada, indiciando uma maturidade que somente a fase pós-São Cucufate patenteia, substanciando-se na diversidade de investigadores interessados e a trabalhar sobre cerâmica comum. Este facto é igualmente documentado na atenção manifestada por Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas no sítio algarvio de Monte Molião (Arruda, Viegas & Bargão, 2010).

Os trabalhos em desenvolvimento de Carolina Grilo e Mónica Rolo seguem a influência e consolidação geográfica do Alto-Alentejo e dos vales do Sado e Tejo, sendo esta última região reforçada pela abordagem de Cézer Santos sobre a Quinta do Rouxinol (Santos, 2011). Serão os herdeiros metodológicos das fases identificadas, representantes do que poderemos apelidar de geração pós-São Cucufate, que o dinamismo da escola de Lisboa documenta em diversas intervenções concretizadas na capital (Fernandes & Filipe, 2007) ou em Alcácer do Sal (Sepúlveda, Sousa, Faria & Ferreira, 2001, 2003, 2008).

Impondo-se uma brevíssima reflexão final não poderemos deixar de relacionar o percurso metodológico da investigação da cerâmica comum romana, do período ascensional da sociedade e arqueologia portuguesa patenteado nas últimas décadas.

---

<sup>52</sup> Poderemos citar os exemplos de Carolina Grilo e Mónica Rolo.

Esperemos que o futuro não reserve hiatos temporais tão dilatados como os já anteriormente documentados, condicionando a evolução do conhecimento e os progressos já conseguidos.

A realidade da investigação arqueológica demonstra tal como havíamos considerado em 2002 que a frequência com que são realizados trabalhos sobre esta temática é fundamental para a resolução de novas e velhas questões. O significado e pertinência desta regularidade assume dimensão esclarecedora se tivermos em conta que contextualizações como as que se seguem permanecem atuais e foram reproduzidas por nós em 2002: «... a comparação é urgente e insubstituível e julgamos, tal como Inês Vaz Pinto, que o exemplo da tipologia aberta desenvolvida por Nolen nos casos das necrópoles de Santo André e da zona de Elvas é um passo considerável no sentido de entendermos a cerâmica comum num contexto geográfico mais abrangente. O estudo pioneiro de Alarcão alerta de imediato para esta necessidade, rompendo mesmo com conceitos geográficos estabelecidos. A verdadeira dimensão destas problemáticas só será compreendida a uma escala forçosamente regional ... para isso é necessário que mais trabalhos com indicadores morfológicos, cronológicos, tecnológicos e funcionais sejam publicados de forma a possibilitar analogias que proporcionem futuras sínteses regionais...».

Já na década de sessenta, Alarcão apelava para a necessidade de se dilatar o conhecimento sobre a cerâmica comum, não só, através do estudo de necrópoles, mas também, por intermédio de investigações realizadas a cidades ou fortificações (Alarcão, 1974, p. 14). Todavia, passado mais de uma década na sua obra “O domínio romano em Portugal” continuava a confirmar a escassez de estudos de carácter regionais, de investigação em cidades romanas e sobretudo de escavações em fornos que permitissem apurar a características e dimensão da difusão regional destes tipos (Alarcão, 1988, p. 144).

Volvidos 26 anos sobre o mais recente destes alertas, continuamos a ter bons indicadores cronológicos essencialmente para o Alto Império e a ser frequente a inexistência de dados cronológicos para a esmagadora maioria das investigações. Esta realidade confirma que permanecem oportunas e atuais muitas das “antigas” questões metodológicas. Esperamos contribuir para o atenuar destes hiatos temporais de conhecimento, com o presente estudo sobre as cerâmicas comuns da cidade de

*Ammaia*. Ao longo desta década salientou-se também na investigação e correspondente conhecimento arqueológico, as dissemelhanças geográficas delimitadas *grosso modo* pela bacia hidrográfica do Tejo. Curioso é que esta artificial fronteira de conhecimento coincida igualmente com o termo natural definido por Orlando Ribeiro como delimitador da separação entre o mundo orientalizante/mediterrânico e o mundo centro europeu/céltico: o rio Tejo.

## V. A CERÂMICA COMUM DE AMMAIA

### V. 1. Metodologia

A metodologia de estudo foi harmonizada com as características do universo cerâmico, tentando responder às dificuldades de triagem e registo de fragmentos de reduzidas dimensões. Desde o início foi atribuída especial importância à rigorosa quantificação de pormenores morfológicos e tecnológicos.

A necessidade de um bom registo afigurou-se determinante para o estudo de um conjunto muito fragmentado, onde os perfis completos oriundos essencialmente de contexto urbano não abundariam. Esta dificuldade orientou a metodologia para a aquisição do maior número de pormenores que possibilitasse informação passível de quantificar e correlacionar. Visto que apenas depois de concluída a inserção de todos os dados do inventário seria possível ter uma real noção das potencialidades do conjunto e do índice de informação proporcionado, optou-se inicialmente por não ignorar nenhuma informação, tentando aplicar um registo o mais exaustivo possível. Por este motivo deixou-se para uma fase posterior a decisão de apresentação e/ou omissão e estudo dos dados. Em suma, considerou-se preferível registar o maior número de dados, mesmo que depois de compilados e analisados não permitissem a obtenção de informação relevante.

A preferência pelo detalhe afirmou-se essencialmente por ser o presente estudo, a primeira abordagem de dimensão considerável à cerâmica comum da cidade de *Ammaia*. Ter o privilégio de iniciar o estudo de um vasto acervo de cerâmica comum, oriundo essencialmente da área intramuros duma cidade com um elevado índice de informação e com legítimas perspetivas de continuidade da investigação arqueológica,

exigiu a aplicação de opções metodológicas minuciosas, que em alguns casos poderão apenas vir a ser úteis com o desenvolvimento continuado da pesquisa.

É neste contexto “embrionário” do estudo que se perspetivou como válida a aproximação ao quotidiano que Nolen salientou, bem como, ao carácter funcional realçado por Vaz Pinto. Além disso, o estudo de materiais provenientes de contexto arqueológico é de crucial importância nos processos cronométricos, para datar estruturas e para proporcionar abordagens diacrónicas. Ações fundamentais para o entendimento da cidade de *Ammaia*, bem como para abordar os padrões de intercâmbio e os mecanismos de impacto da autoridade central romana nas comunidades locais. Tendo em conta que este tipo de espólio é o mais abundante em sítios arqueológicos, imaginar um momento em que a cerâmica comum possa desempenhar um contributo mais ativo na definição de momentos crono-estratigráficos é caminhar seguramente num sentido válido da investigação arqueológica.

Voltando em exclusivo ao território *ammaiense* contactou-se que as colecções regionais, mesmo que provenientes de contextos funerários, assumem especial importância para a compreensão do aglomerado urbano e respetiva região. Perante tal conjuntura o espólio fúnebre da coleção Maçãs surge como um extraordinário caso de estudo, não tendo sido ignorado.

A presente investigação anunciou como principal desafio a elaboração de uma tipologia morfológico-funcional e tecnológica. Este objetivo central foi concretizado pressupondo o carácter funcional das escolhas metodológicas.

Espera-se contribuir para despoletar maior interesse para este tipo de temática, aproximando-nos das rotinas da comunidade em estudo. Será um primeiro passo, no sentido de melhor entender a cerâmica comum na cidade de *Ammaia* e nesta divisão administrativa da Lusitânia. Numa etapa posterior poder-se-á aprofundar a abordagem tecnológica, de forma a orientar novas preocupações, em direção à definição da proveniência das pastas, origem dos barreiros e qual o tipo de peças e cozedura realizada nos fornos da cidade e da região.

A importância de estabelecer expectativas metodológicas elevadas teve como finalidade a conquista de bases de conhecimento sólidas e está na origem das orientações seguidas. Passa-se a expor as diferentes etapas.

A materialização destes objetivos foi iniciada em 2010 com uma triagem, contagem e pesagem de todos os fragmentos de cerâmica comum, provenientes dos setores das Termas, Porta Sul, Estacionamento 1, Estacionamento 2 e edifício da Quinta de Deão. No ano de 2012 foi também analisada a designada Coleção Maçãs, presente no Museu Nacional de Arqueologia. Nesta primeira análise, o grupo de fragmentos oriundo da área intramuros com informação relevante foi subdividido e quantificado seguindo o critério morfológico (fragmentos de bordos, asas, fundos) e ornamental (fragmentos com decoração), sendo considerados os valores de massa da totalidade do acervo analisado. Aquando da pesagem foi registada a informação do setor, do quadrado, do ano/campanha e da unidade estratigráfica<sup>53</sup>.

O registo dos fragmentos de asa seguiu os mesmos critérios tendo sido subdivididos de acordo com a secção do seu perfil: redonda, oval, plana, com depressão, com caneluras, geminada<sup>54</sup>. Os valores de massa não foram alvo de registo individualizado tendo sido considerado somente como relevante o valor total do conjunto dos fragmentos, distribuído por categoria. Toda a informação referente a esta etapa inicial de triagem, contagem e pesagem foi sistematizada em ficheiros excel permitindo a análise e comparação dos dados. Salienta-se o papel determinante da orientação metodológica, numa fase em que as possibilidades e dúvidas quanto ao rumo da investigação eram consideráveis.

Cumprido o objetivo inicial de conhecer com precisão a quantidade e qualidade das cerâmicas, respetivamente enquadradas nos setores da cidade de *Ammaia*, procedeu-se à marcação do espólio selecionado. O critério adotado foi previamente acordado com Dr.ª Sofia Borges, diretora do Museu cidade *Ammaia* e com o Dr. Joaquim Carvalho, diretor de campo da mesma instituição. A norma de marcação correspondeu sequencialmente à informação do sítio (AM), ano (08), setor (B), quadrado (2434) e/ou ambiente (AMBE), unidade estratigráfica [110], nº de inventário (1), resultando em exemplos semelhantes ao exposto: AM-08-B-AMBE-[110]-1.

O preenchimento da base de dados determinou a sistematização do inventário e consequente marcação e registo gráfico (desenho arqueológico) dos fragmentos selecionados, tal como das dimensões e características morfológicas e decorativas. O

---

<sup>53</sup> Cfr. Volume II. Anexos: Análise quantitativa p. 268-271.

<sup>54</sup> Cfr. Volume II. Anexos: Análise quantitativa p. 272-273.



desenvolvimento destas tarefas possibilitou o ordenamento morfológico de todos os fragmentos e a obtenção duma tipologia morfológica e tecnológica, bem como, o tratamento estatístico da informação inserida. A análise da informação estatística em gráficos e tabelas viabilizou o estudo de pormenor de todas as características do universo cerâmico inventariado, permitindo a análise dos dados alcançados e a consequente materialização no presente documento.

Os parâmetros e campos da base de dados, elaborada no programa Filemaker Pro 11 Advanced, especificamente para este estudo, moldaram-se às características morfológicas e funcionais do universo cerâmico em análise. Cada ficha de inventário ficou ordenada e subdividida por campos com o objetivo de registar a informação mais significativa correspondente à proveniência, forma, fabrico, paralelos bibliográficos e cronologia de cada fragmento. Os valores correspondentes aos três primeiros indicadores foram registados em campos de dados que proporcionam maior detalhe e que em conjunto aglomeram toda a informação referente a estes itens: proveniência (campanha; área; sector; ficha nº; quadrado; plano; estratigrafia; Z); fabrico (grupo de fabrico, código de cor, grupo de amostras; tratamento de superfície); e forma (diâmetro exterior do bordo/fundo; diâmetro interior do bordo/fundo; altura; fotografia; desenho; categoria; tipo; forma; variante).

The screenshot shows a database record form for a ceramic inventory. The form is titled '2011-10-92' and contains various fields for recording data. The 'Foto' field shows a photograph of a reddish-brown ceramic vessel. The 'Desenho' field shows a line drawing of the same vessel with red decorative bands. The 'Observações' field contains a detailed description of the vessel's morphology and fabric.

Nº Inv.	2011-10-92	Data inv.	10-12-2012	Campanha/Ano		Sector		Quadrado		Estratigrafia	Indeterminada	2011-10-92	
Área	Colecção Maças (MNA)	Ficha nº		Plano		Z							
Grupo de Fabrico	I	Cor	5YR 6/6	Grupo Amostras		Trat sup	decoreação pintada (5YR 5/4)	Dm ext bordo/ topo fundo	Topo: ext.4,3; int.4-1,9	Dm int bordo/ base do fundo	Base: ext.3,5; int. ?	Altura	24
Categoria	XV. Bilha	Tipo	B - bordo direito sem inflexão	Forma	1- fechada ou envasada	Variante	- perfil ovóide com aperto na zona superior	Cronologia		Observações	Bilha de cerâmica comum, piriforme, de base plana. O lábio é em anel estriado com perfil externo recto e bordo de extremo arredondado, apresentando lacuna. Tem uma asa de fita simétrica que liga a zona inferior do bordo ao bojo. Apresenta vestígios de decoração pintada de cor vermelha escura acastanhada, sobre superfície engobada de cor alaranjada. Foi fabricada com uma pasta fina, compacta e homogénea com elementos não plásticos de grão muito fino. A cozedura foi oxidante. Incorporação: doação -		
Bibliografia Paralelos	NEVES, J. C., 1972, Est. V, nº 36												

Figura 1: Exemplo da ficha de inventário utilizada na base de dados

Mostra-se de seguida a informação inscrita nos campos de dados mais delimitadores para a definição da morfologia e do fabrico desta produção cerâmica:

**Categoria:** Indeterminada; I. Prato; II. Prato covo; III. Tigela; IV. Almofariz; V. Alguidar; V.A. Alguidar/bacia; VI. Terrina; VII. Tacho; VIII. Panela; IX. Pote/Panela; X. Pote; XI. Taça; XII. Potinho/Púcaro; XIII. Jarro; XIV. Bilha; XV. Cântaro; XVI. Garrafa; XVII. Talha; XVIII. Tampa; XIX. Suporte; XX. Fundos;

**Tipo:** S – indeterminado; A - bordo introvertido; Aa - bordo introvertido de aba horizontal; Aaa - bordo introvertido de aba soerguida; Aaaa - bordo introvertido de aba horizontal dobrada sobre os ombros; B - bordo direito sem inflexão; Bb - bordo direito de aba horizontal; C - bordo extrovertido; Cc - bordo extrovertido de aba horizontal; Ccc - bordo extrovertido de aba soerguida; Cccc - bordo extrovertido de aba horizontal dobrada sobre os ombros; D - fundo de base plana; E - fundo de base plana alargada, F - fundo de base côncava; G - fundo de base côncava alargada; H - asa de fita simétrica; I - asa de fita assimétrica, J - asa de rolo, K - asa de duplo rolo; L – pé; M – ombro; N – pega; O – sobrelanço; P – carena; Q – bojo, R – colo; S – indeterminado;

**Forma:** 26- Indeterminado; 1- fechada ou envasada; 2- esvasada; 3- cilíndrica; 4 - bordo extrovertido c/ inflexão s/ ressalto; 5 - bordo extrovertido c/ inflexão c/ ressalto, 6 - bordo extrovertido c/ dupla inflexão; 7 - bordo direito s/inflexão; 8 - bordo introvertido c/ inflexão s/ ressalto; 9 - bordo introvertido c/ inflexão c/ ressalto; 10 - bordo introvertido c/ dupla inflexão, 11- assentamento discoidal, 12 - assentamento discoidal com engrossamento externo, 13 - assentamento em aresta, 14- assentamento em aresta com engrossamento externo, 15 - assentamento anelar, com pé, 16- assentamento anelar, com pé desenvolvido; 17 - assentamento em aresta com engrossamento externo e canelura concêntrica; 18 - assentamento discoidal com engrossamento externo e canelura concêntrica; 19 - secção redonda, 20 - secção oval, 21 - secção plana, 22 - secção c/ depressão longitudinal, 23 - secção c/ caneluras longitudinais; 24 - secção geminada; 25 - secção espiralada, 26- secção mamilar;

**Variante:** o – indeterminado; a - lábio direito; aa - lábio bifurcado; aaa - lábio em gancho; b - lábio boleado; bb - lábio amendoado; c - lábio biselado; d - lábio afilado; e - lábio triangular; f - lábio semi – circular; g - perfil esférico; h - perfil elipsoidal; i - perfil ovóide com aperto na zona superior; j - perfil ovóide com aperto na zona inferior, k - perfil cilíndrico; l - perfil exterior curvo e côncavo; m - perfil troncocónico; n - perfil troncocónico invertido;

**Tratamento de superfície:** Alisada; engobe; decoração polida; decoração pintada; decoração incisa; decoração esgrafitada; canelura; ranhura; filete; aresta; cordão; decoração incisa p/ guilhoché; decoração incisa penteada; decoração incisa p/ carretilha ou rolete; decoração incisa p/ estampagem; decoração aplicada; decoração aplicada em barbotina c/ folhas de água; decoração aplicada em barbotina c/ mamilos; vidrada; aguada; marcas de fabrico;

A informação materializada em catálogo apresenta os dados inseridos e quantificados na base de dados considerados relevantes para publicação e exhibe a seguinte ordem: nº de inventário; setor; quadrado; unidade estratigráfica; categoria morfológica; fabrico; código de cor; grupo de amostra; diâmetro externo do bordo/fundo; diâmetro interno do bordo/fundo; altura; categoria morfológica; forma; variante; observações; paralelos bibliográficos. O número de inventário é o mesmo para os desenhos e fotografias de forma a evitar confusões desnecessárias.

Nem sempre todos os fragmentos inventariados apresentam as mesmas características. Por isso mesmo, o catálogo adapta-se à informação recolhida, não sendo uniformes e estanques os itens apresentados. Quando algum campo se encontra em branco estando omissa do catálogo é porque não foi possível o seu preenchimento, ou porque a informação foi considerada não credível: indeterminada. Apresenta-se exemplo:

48; 2001; B; Porta Sul; 2734; Indeterminada; D; 7.5YR 7/3; análise 1; 28; 22,8; 2,3; V. Alguidar; Aa - bordo introvertido de aba horizontal; 1- fechada ou envasada; d - lábio afilado; Bordo moldurado no topo; altura após reconstituição e junção com o nº 379 = 13 cm; Caeiro, 1978, pp. 256, 268; Federico, 1996, nº 73, p. 194; Pinto, 1999, nº 84. 3502-2A, p. 371 (terrina, finais séc. II inícios do séc. IV); Pinto & Schmitt, 2010, nº 6, p. 354 (alguidar, 260-261).

Nos campos da base de dados atribuídos às formas, registou-se sempre que viável e credível a descrição formal dos bordos, dos lábios e das paredes do fragmento. Seguindo o mesmo critério da fiabilidade tentou-se sempre que possível apresentar a tendência da morfologia completa dos fragmentos: envasada, esvasada ou cilíndrica.

No campo atribuído à variante, optamos por registar em cada fragmento de bordo a forma do lábio com o objetivo de conseguir um maior número de dados de modo a atenuar dificuldades e lacunas originadas pela fragmentação das cerâmicas. Esta

informação inserida individualmente no campo “variante” não foi determinante para a definição de variantes morfológicas.

Entendeu-se por categoria cerâmica todas as peças que pela sua dimensão e forma se possam enquadrar em determinada categoria morfológica genérica, como por exemplo os pratos, os potes, as panelas ou as talhas.

As formas e dimensões que serviram de orientação para a definição e balizamento das categorias morfológicas são genericamente as apresentadas em Conímbriga, sendo o diâmetro de abertura da peça um dos critérios considerados para esta categorização (Alarcão, 1975, pp. 25-37). No entanto, a tipologia de São Cucufate foi também considerada. O quadro de formas apresentado é um compromisso entre ambas as investigações, sempre com o objetivo de adaptar o estudo e o enquadramento metodológico às formas e fabricos de *Ammaia*. A variabilidade dentro de cada categoria ou tipo teve sempre em conta o principal objetivo de definir grupos próximos do modelo de produção.

Tentou-se apesar de nem sempre usar terminologia idêntica à utilizada por Inês Vaz Pinto, estabelecer um paralelo com as formas identificadas por esta autora, com a intenção de melhor facilitar futuras comparações num quadro tipológico tão vasto. A importância e atualidade científica do seu trabalho justificam a opção tomada. Satisfaz-se desta forma o objetivo de contribuir para uma uniformização da linguagem arqueológica. A pertinência da opção é validada não só, pela grande fragmentação das peças, como pela interioridade dos aglomerados populacionais e contexto habitacional visto que são características que aproximam a *Ammaia* de São Cucufate e de Conímbriga.

Considerando que os perfis completos são exceção, a dificuldade de definir formas ou variantes representativas de determinada categoria e/ou tipo morfológico foi uma constante. Derivando da importância desta classificação as ilações de ordem funcional e cultural, tentou-se minimizar este obstáculo registando de forma descritivo-sintética o maior número de informações morfológicas de cada fragmento, perspetivando a possibilidade de quantificação e posterior comparação.

O contributo da coleção Maçãs, proveniente de uma necrópole, viria a confirmar-se determinante para o enquadramento morfológico-funcional do acervo em estudo.

Depois de desenhados os tipos de morfologia, e estarem determinadas as categorias morfológicas, foram posteriormente analisados os paralelos bibliográficos mais representativos. Os objetivos foram gradualmente moldados pela quantidade de informação oferecida pelos indivíduos inventariados.

Nesta sequência aplicou-se um critério cronológico, tecnológico e formal na distinção e caracterização das morfologias e dos fabricos estudados. Esta definição visou definir quais as categorias e tipos morfológicos utilizados na *Ammaia* e tentar perspetivar se possível a sua evolução diacrónica<sup>55</sup>.

Analisou-se o conjunto cerâmico através das características das pastas e da sua morfologia, privilegiando uma divisão ordenada segundo categorias morfológicas, subdivididas pelas unidades estratigráficas. Julgou-se ser possível desta forma, em determinadas situações e fases da investigação perspetivar os contornos de uma evolução de formas na cidade de *Ammaia*<sup>56</sup>. A questão cronológica ficou reforçada e salvaguardada pelos horizontes históricos definidos pela crono-estratigrafia, sendo a datação direta melhorada pelo estudo das cerâmicas finas de valor cronológico comprovado.

As pastas foram inicialmente separadas recorrendo à ajuda de uma lupa manual segundo os critérios de definição de um tipo de fabrico. Ou seja, dividiram-se os fragmentos tendo em conta a natureza, percentagem e proporções relativas dos diferentes tipos de elementos não-plásticos, textura e cozedura. A confirmação e caracterização desta triagem foi realizada pelas Dr.ª Lúcia Rosado e Dr.ª Cátia Marques Prazeres investigadoras do Centro Hércules, mediante a coordenação do Professor Doutor José Mirão, docente da Universidade de Évora. A descrição mineralógica dos diferentes tipos de pastas apresentados e a análise arqueométrica são baseados no trabalho destes investigadores.

A concretização e definição dos grupos de fabrico baseou-se nas características da argila, surgindo os acabamentos e o tratamento da superfície em segundo plano. Dado que todo o processo de fabrico cerâmico tem início no barreiro e na seleção praticada pelo oleiro, resolveu-se seguir este critério tecnológico, acreditando no

---

<sup>55</sup> Objectivo posteriormente muito condicionado pela carência de dados cronológicos.

<sup>56</sup> Embora esta preocupação surja mesmo na apresentação das estampas que é sequenciada sempre que possível com os recipientes mais antigos surgindo da base para o topo da página, não foi possível explorar possíveis evoluções.

pressuposto de que a experiência do oleiro perspectiva já no momento da recolha da argila, qual o tipo de recipientes que serão concebidos depois de concretizada a transformação da argila em pasta.

As características contempladas no estudo das pastas foram: descrição; elementos não plásticos presentes; granulometria dos elementos não plásticos; percentagem de elementos não plásticos; arredondamento e esfericidade das partículas; porosidade e observações.

Na definição dos fabricos seguiu-se o exemplo que Inês Vaz Pinto desenvolveu no caso de estudo de São Cucufate, definindo as características das pastas e descrevendo os tipos de tratamento de superfície aplicados com maior frequência a cada grupo de pastas. Deste modo, espera-se alcançar uma caracterização mais ampla e uniformizadora de cada grupo de fabrico funcionando esta descrição não quantificada, como indicador das características gerais desse grupo de pastas. A análise quantitativa de todas as características definidas pela ficha de inventário, onde incluímos o tratamento de superfície de cada fragmento, é contemplada na interpretação.

Depois de agrupados de acordo com as suas características mineralógicas, os fragmentos foram divididos em 15 grupos de fabrico (A, B, C, D, E, F, G, H1, H2, I, J, K, L, M, O)<sup>57</sup>, sendo alguns deles subdivididos em subgrupos cuja familiaridade foi reavaliada aquando da análise arqueométrica realizada pelo Centro Hércules da Universidade de Évora. A divisão e subdivisão dos fabricos mesmo quando os grupos apresentavam forte semelhança visou a aproximação ao número de recipientes, confirmando-se maior facilidade e superior percentagem de colagens de fragmentos.



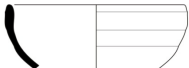
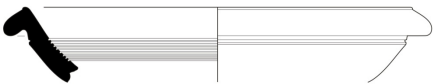


A metodologia selecionada pretendeu-se universal e de fácil entendimento antecipando possíveis comparações futuras. Na sequência deste objetivo resolveu-se conciliar a terminologia usada na designação das categorias morfológicas de São Cucufate por Inês Vaz Pinto, na descrição formal de Jorge de Alarcão (Alarcão, 1975, pp. 32-37) e por Jeannette Nolen (Nolen, 1994, p. 133, 134). O reduzido tamanho dos fragmentos e o conseqüente reduzido número de formas completas, orientou a metodologia no sentido de adotar uma perspectiva quantificadora.

---

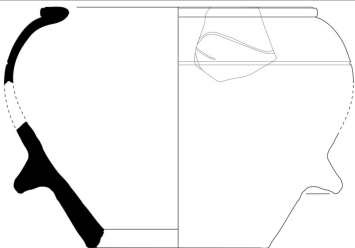
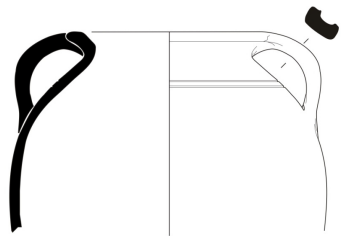
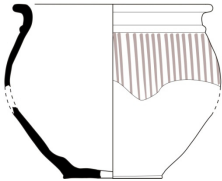


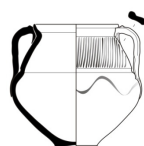
<sup>57</sup> O fabrico N viria a ser posteriormente integrado noutra denominação, não se consumando a reordenação para não confundir as designações do grupo de amostras químicas e mineralógicas.

A importância e abrangência das obras destes autores justifica a opção, e garante, no que diz respeito à terminologia das categorias morfológicas, a ausência de ambiguidades entre a forma propriamente dita e a sua designação latina. No que diz respeito às tipologias de formas, estes contributos são significativos, havendo uma consolidação de argumentos que não faz sentido algum ignorar. Sintetizam-se as opções tomadas em relação à terminologia usada para a designação das categorias morfológicas e correspondentes funções:

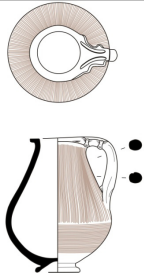
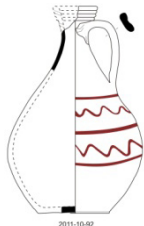
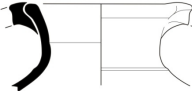
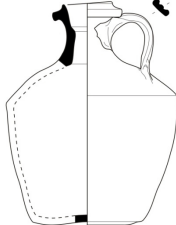
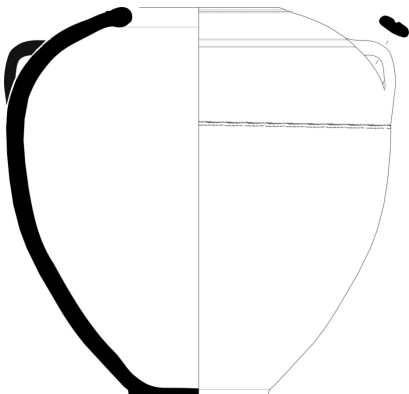

**Tabela 1: Categorias morfológico-funcionais**

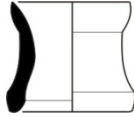
Categorias Morfológico-funcionais <sup>58</sup>		
Designação	Função	Morfologia/Ammaia
I. Prato ( <i>discus, catinos</i> )	Os pratos são louça de ir à mesa, onde se come diretamente a comida. O fundo pode ser plano ou ligeiramente côncavo. As paredes são normalmente curvas e baixas. Loiça de servir/mesa.	
II. Pratos covo ( <i>patella subtilis, patina</i> )	Semelhante ao prato mas mais fundo, mais alto e côncavo, podendo ser utilizado pontualmente na cozinha como frigideira. Loiça de servir e preparar/mesa e cozinha.	
III. Tigela ( <i>acetabulum, caucus, formella, gustatorium, panna, scutella</i> )	A tigela ou malga designa pequenos vasos nos quais se come ou se bebe. As formas são muito variadas. Loiça de servir e preparar/mesa e cozinha. Diâmetro da abertura compreendido entre 9-26 cm.	
IV. Almofariz	Os almofarizes são vasos de paredes curvas, de fundo discoidal, de bordo saliente, onde se trituravam alimentos. Loiça de preparar/ cozinha.	
V. Alguidar ( <i>vasculum ?</i> )	Os alguidares têm corpo com perfil troncocónico, sendo a base mais estreita que a abertura. As suas funções são múltiplas: amassar o pão, lavar roupa, recolher restos de comida ou até dar banho às crianças. Loiça de preparar/cozinha.	
VI. Terrina ( <i>patina,</i>	As terrinas são recipientes fundos, podendo ser tapados por um testo. A forma varia entre um perfil troncocónico e hemisférico. Serviam	

<sup>58</sup> Baseado em Alarcão, 1975, p. 32-37, Nolen, 1994, p. 133, 134 e Pinto, 1999.

<i>operculum)</i>	para cozer alimentos. Loiça de servir/mesa.	
VII. Tacho ( <i>patella, patina, caccabus, sartago</i> )	Os tachos serviam para fazer cozidos, guisados e estufados. Recipientes altos e fundos com parede curva de forma a reduzir a abertura. Diâmetro da abertura compreendido entre 10-31 cm. Loiça de preparar/ cozinha.	
VIII. Panela IX. Pote/panela ( <i>olla</i> )	As panelas e/ou potes/panelas corpo com perfil ovóide e um bordo muito largo, de fundo plano, geralmente sem asa, de pasta grosseira, servindo a ir ao forno. Diâmetro da abertura compreendido entre 8-28 cm. Loiça de preparar/ cozinha.	
X. Pote	Os potes têm corpo com perfil geralmente ovóide, mais comprida que a da panela. São cerâmica de armazenamento de alimentos (sal, mel, azeitonas, frutas secas...), servindo por vezes para levar alimentos ao fogo (cozer). Diâmetro da abertura compreendido entre 11,5-19 cm. Loiça de servir, de preparar e armazenar/ mesa, cozinha e despensa.	
XI. Taça	As taças indiciam corpo com perfil troncocónico invertido semelhantes a algumas tigelas mas de dimensão superior e paredes mais altas e verticais. Serviriam para beber líquidos (água, vinho ou caldos) ou como fruteiras. Loiça de servir e armazenar/ mesa e despensa.	
XII. Potinho/ Púcaro ( <i>flasco, poculum</i> )	Os potes têm corpo com perfil geralmente ovóide, em todo semelhante aos potes mas registam menor dimensão. Loiça de servir e armazenar/ mesa e despensa. Diâmetro da abertura compreendido entre 6-15 cm.	
	Os púcaros têm corpo com perfil ovóide e um colo encurvado, de perfil geralmente em S, com uma ou duas asas. Serviam para transvasar líquidos, servi-los à mesa, ou a levá-los à boca. Loiça de servir/mesa.	



<p><b>XIII. Jarro</b> (<i>lagoena</i>)</p>	<p>Os jarros são parecidos com os púcaros, embora tenham um colo mais estrangulado. Serviam para servir líquidos à mesa e registam com frequência boca trilobada. Loiça de servir e preparar/mesa e cozinha. Diâmetro da abertura compreendido entre 5-7,5 cm.</p>	
<p><b>XIV. Bilha</b> (<i>lagoena, urceus</i>)</p>	<p>As bilhas têm corpo com perfil ovóide, mais larga que a do jarro, um colo mais alto e estreito, com uma ou duas asas. Serviam para servir líquidos à mesa. Diâmetro da abertura compreendido entre 5-11 cm. Loiça de servir e preparar/mesa e cozinha.</p>	
<p><b>XV. Cântaro</b></p>	<p>Os cântaros são grandes recipientes de perfil ovóide, bordo largo, boca circular ou trilobada, com uma ou duas asas, servindo para ir buscar água a fonte. Loiça de armazenar/dispensa.</p>	
<p><b>XVI. Garrafa</b></p>	<p>As garrafas têm corpo com perfil troncocónico da base até ao ombro, e perfil troncocónico invertido do ombro ao colo. O colo apresenta-se curto e estreito em relação à abertura e donde arranca asa em direção ao ombro. Serviria líquidos. Loiça de servir e armazenar/ mesa e despensa.</p>	
<p><b>XVII. Talha</b> (<i>dolium, urceus</i>)</p>	<p>As talhas têm um perfil semelhante ao do pote, mas têm dimensões bem maiores. As funções são de armazenamento de líquidos (azeite, vinho) e sólidos (cereais, favas ...). Diâmetro da abertura compreendido entre 20-45 cm. Loiça de armazenar/adeга.</p>	
<p><b>XVIII. Tampa/ Testo</b> (<i>operculum</i>)</p>	<p>Os testos serviam para cobrir recipientes diversos (terrinas, panelas, potes ...). Loiça de servir, de preparar e armazenar.</p>	

<p>XIX. Suporte ??</p>	<p>Objecto com corpo de perfil exterior curvo e côncavo provavelmente utilizado como apoio à atividade oleira (montagem, enforamento e secagem) ou simplesmente para suporte de recipientes de armazenamento. Loiça de preparar.</p>	
------------------------	--	---

Tendo em conta o índice de fragmentação das cerâmicas estudadas e as características do universo cerâmico em estudo, optou-se por agrupar o maior número de formas com afinidades morfológicas e funcionais na mesma categoria. Pretendeu-se evitar a multiplicação de categorias, num contexto de elevada fragmentação e baixa representatividade. Esta perspetiva conservadora permite salvaguardar os registos que se encontram em territórios morfológicos de fronteira entre categorias, acautelando a sua precoce individualização.

O estruturante papel da quantificação foi igualmente uma forma de contornar a dificuldade que o reduzido tamanho de alguns bordos e fundos colocou na tarefa de os enquadrar corretamente em determinado grupo de categorias, tipos, formas ou variantes morfológicas. No entanto, adaptou-se a metodologia a todos estes fatores, apresentando na caracterização dos tipos a descrição das tipologias dos bordos, fundos, asas, e corpos. No caso dos fundos, foi preocupação regular associá-los a categorias morfológicas com o intuito de descobrir qual a sua funcionalidade.

A preocupação com a definição de categorias, tipos e formas morfológicas, bem como o esclarecimento relacionado com a terminologia usada, reside na importância que desde o início do estudo se atribuiu à uniformização de linguagens e conceitos.

O principal obstáculo no estudo deste lote cerâmico é como seria expectável simultaneamente a sua característica mais marcante: o índice de fragmentação. Os perfis completos são exceção e correspondem maioritariamente à coleção Maçãs cujas peças são oriundas de contexto funerário sem estratigrafia definida. Esta característica associada ao aparente reduzido tratamento de superfície deste tipo de recipientes, poderá estar na origem de estereótipos, que acervos como a coleção Maçãs poderão ajudar a questionar. Como se poderá observar mais adiante no capítulo correspondente, a observação de recipientes inteiros de cerâmica comum não corrobora esta visão generalizada. Na verdade esta perspetiva é truncada pela fragmentação cerâmica. A

ausência de algo no registo arqueológico não significará forçosamente a sua inexistência. O carácter quotidiano, funcional e rotineiro desta produção cerâmica está na base desta interpretação, cujas características muitas vezes se encontram dissimuladas pelas condicionantes do registo arqueológico.

Pretendeu-se responder a questões que se impunham pela pertinência e atualidade, não esquecendo a importância da comparação e quantificação, apresentando resultados seguros e proporcionais ao âmbito no qual este trabalho se encontra inserido. Conhecer e entender a evolução do contributo da investigação europeia e portuguesa foi fundamental para esta seleção e definição de prioridades. O rumo seguido pelos investigadores que mais se destacaram na abordagem desta problemática facilmente evidencia os avanços alcançados e a importância que as questões de ordem metodológica assumem nestes progressos.

A metodologia selecionada tentou conjugar diversos fatores, tais como a tipologia de fabricos e formas e os horizontes cronológicos, articulando-os para uma necessária quantificação de resultados. A presente organização metodológica visou alcançar resultados que auxiliem a responder a questões de âmbito tecnológico, sócioeconómico, funcional e cultural.

A origem, características morfológicas, função e significado cultural dos recipientes, associada a contextos estratigráficos definidos, deverá ser capaz de atribuir à cerâmica uma dimensão cronológica e cultural suficientemente esclarecedora ao ponto de se poder inferir do grau de aculturação atingido pelo modelo romano. Se na transição do século a análise mineralógica (que está na origem da designação arqueometria) surgia como uma nova esperança para o entendimento da questão tecnológica e da origem da matéria-prima, a contemporaneidade metodológica foca o arqueomagnetismo como novo contributo para o aperfeiçoamento da informação cronológica. Ter-se-á que aguardar pelo desenvolvimento dos dados de modo a comprovar a validade académica desta nova panaceia.

## V. 2. Apresentação e quantificação

O presente exercício de registo e quantificação de dados, pretende assinalar factos da cultura material cerâmica e uniformizar informação, que permita alcançar

comportamentos e definir padrões de produção e consumo. A produção cerâmica pelo facto de corresponder a um processo repetitivo de cariz pré-industrial e/ou industrial tende à uniformização de comportamentos produtivos e padronização de hábitos de consumo. Procura-se na tarefa de quantificação dados objetivos e concretos que permitam indiciar normas comportamentais de oleiros e consumidores. Apesar de por vezes se encontrarem exceções e serem complexas as variáveis, cremos que a representatividade da amostra deste universo cerâmico permite afirmar com segurança que os critérios e valores tecnológicos e formais representam no presente caso, a regra e não a exceção. Passa-se à apresentação e análise dos dados morfológicos registados no volume dos anexos, capítulo XI. 4. Análise Quantitativa<sup>59</sup>.

Os resultados alcançados começaram a ser compilados em 2010 tendo sido analisada a totalidade dos fragmentos oriundos das termas. No ano seguinte foi analisado todo o acervo da Porta Sul e uma pequena parcela dos materiais provenientes da casa da Quinta de Deão. Em 2012, foi abordado o universo de fragmentos cerâmicos oriundos da Coleção António/Delmira Maças presentes no Museu Nacional de Arqueologia, bem como parte de materiais originários do sector designado como Estacionamento<sup>60</sup>, por corresponder atualmente ao local de estacionamento automóvel do Museu Cidade *Ammaia*. O universo total de 1305 fragmentos selecionados regista proveniência distribuída do seguinte modo: Porta Sul 828; termas: 327; Estacionamento I: 41; Estacionamento II: 8; casa da Quinta de Deão: 3; Coleção Maças: 98.

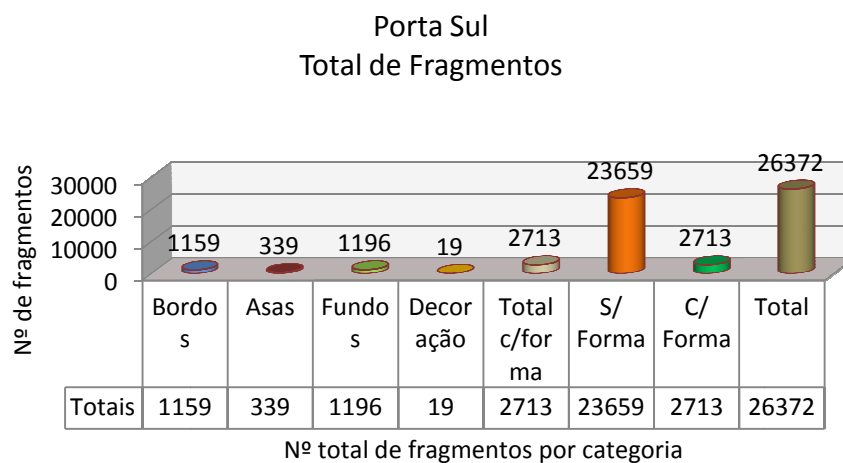
### V. 2. 1. Porta Sul

Seguindo a ordem documentada no volume dos anexos apresenta-se inicialmente o universo de fragmentos cerâmicos procedentes da denominada Porta Sul. Tal como nos restantes lotes cerâmicos foram registadas e inseridas na base de dados, todas as características consideradas relevantes do universo cerâmico em estudo. Consumamos inicialmente a contagem (total de 26372 fragmentos; 23659 indivíduos sem forma e 2713 com forma) e pesagem (massa sem forma: 200,215 kg, massa com forma: 67,243 kg; total de massa: 267,473 kg) da cerâmica comum romana exumada do

<sup>59</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. Análise Quantitativa, 268-571.

<sup>60</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 1. 6. Cidade Romana de Ammaia. Setor A; Estacionamento I e II (planta geral/2005), p. 20).

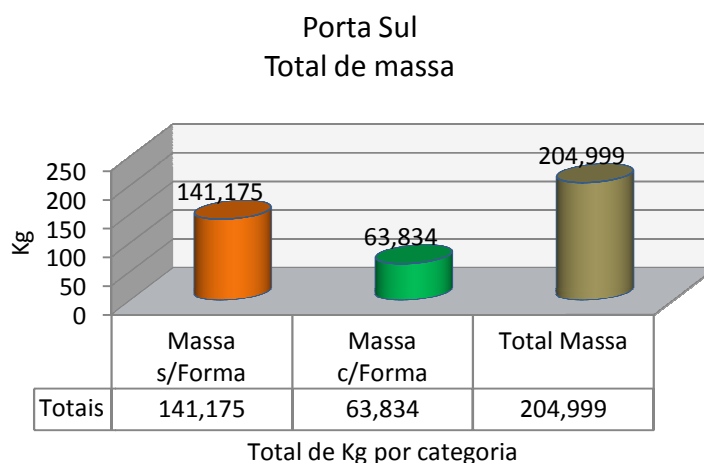
sector da Porta Sul da cidade de *Ammaia* no seguimento de escavações arqueológicas iniciadas na década de noventa do século transacto.



**Gráfico 1: Porta Sul. Distribuição do número total de fragmentos por categoria.**

Os resultados da quantificação foram alvo de tratamento estatístico tendo sido posteriormente acondicionado o universo total de 828 fragmentos cerâmicos selecionados para análise.

A maioria da informação morfológica é representada por fundos (1196) seguida de muito perto pelos fragmentos de bordo (1159). Seguem-se com valores praticamente residuais os fragmentos de asa (339) e os fragmentos com decoração (19). O valor de massa da totalidade dos 26372 fragmentos da Porta Sul regista 267,473 Kg assinalando os fragmentos com forma somente 67,243 Kg em oposição aos 200,230 Kg dos fragmentos sem forma.



**Gráfico 2: Porta Sul. Distribuição do valor total de massa dos fragmentos.**

No sector da Porta Sul os quadrados com maior representatividade morfológica e consequentemente com maior índice de informação são pela respetiva ordem numérica os seguintes: Q: 2734 (404), Q: 2635 (400), Q: 2735 (281), Q: 2338 (227), Q: 2537 (223), Q: 2538 (220), Q: 2736 (209), Q: 2733 (156), estrutura 2 (134), Q: 2438 (103)<sup>61</sup>. Evidenciam-se os quadrados 2734 e 2635 correspondendo às áreas intramuros que circundam a torre Oeste. A área definida pelos restantes quadrados representa *grosso modo* a mesma envolvência em torno da torre Este, sendo que o interior de ambas as estruturas circulares respetivamente enquadradas pelos quadrados (Q: 2735 + Q: 2736 = 490) e (Q: 2527 + Q: 2538 = 443) contabilizam no total (torre Oeste 490 + torre Este 443 = 933) 933 fragmentos. O registo arqueológico demonstra uma clara tendência para uma maior produtividade no interior e na envolvência das torres indiciando uma sucessiva atração e reaproveitamento de ambos os espaços e zonas internas limítrofes.

Por oposição, os quadrados com menor representatividade morfológica e que documentam menor índice de informação são os Q: 2633 (69), Q: 2634 (67), Q: 2436 (57), Q: 2337 (40), Q: 2737 (36), Q: 2334 (35), Q: 2535 (34), Q: 2433 (28), Q: 2637 (26), Q: 2533 (13), Q: 2636 (12), Q: 2336 (12), Q: 2534 (11), Q: 2233 (11), Q: 2335 (10), Q: 2333 (7), Q: 2435 (6), Q: 2237 (4), Q: 2234 (2).

A quantificação no caso dos quadrados com menos fragmentos identificados reforça a tendência de menor concentração de materiais cerâmicos nas áreas públicas da Porta Sul. Ou seja, os quadrados com menos de uma centena de fragmentos, mas ainda assim mais populosos que os seus pares (Q: 2633, Q: 2634, Q: 2436, Q: 2337), localizam-se no limite da área ocupada pelas estruturas murais associadas às torres. Os restantes quadrados com evidente menor representatividade enquadram-se essencialmente nas proximidades do *Cardus Maximus* ou da praça lageada que flanqueia a via.

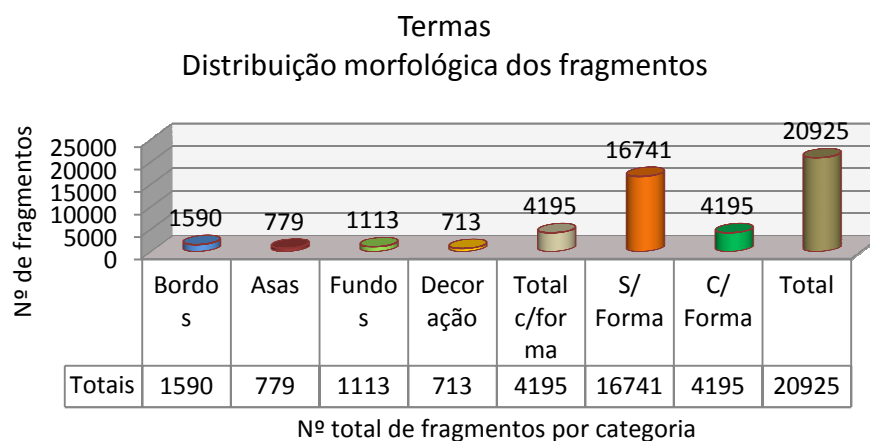
A primeira tarefa de seleção e quantificação ponderou igualmente o registo das secções dos fragmentos de asa. Tal opção afigurou-se como válida aquando desta primeira triagem pelo facto destes fragmentos se evidenciarem do todo e poderem significar numa fase embrionária da investigação, uma perda de informação, que num contexto urbano, bem delimitado, poderia no futuro servir como elemento orientador

<sup>61</sup> Cfr. Volume II. Anexos: distribuição de fragmentos por quadrado e por categoria morfológica, p. 285, 304, 322, 342, 353, 366, 376, 386, 401, 415, 434, 448, 480, 494, 507, 514, 519, 529.

de tendências produtivas. Consumado o registo e quantificação foram alcançados no total de 261 fragmentos de asa, preferência pela secção com depressão longitudinal (113), seguida por um quase empate entre a secção com caneluras longitudinais (62) e oval (60).<sup>62</sup> Significando que o primeiro caso regista praticamente o dobro das duas secções seguintes, sendo por larga margem o mais adotado e que as três formas em conjunto representam a maioria dos exemplos registados. Na verdade a secção plana (16), redonda (6) e geminada (4), são praticamente residuais não demonstrando uma prática regular dos oleiros por estas formas.

### V. 2. 2. Termas

Reproduziu-se igual tarefa na área correspondente às termas consumando-se a contagem (total de 20925 fragmentos; 16741 indivíduos sem forma e 4195 com forma) e pesagem (massa sem forma: 143,507 Kg; com forma: 64,370 Kg; total de massa: 207,877 Kg) de todos os fragmentos de cerâmica comum exumados no seguimento de anteriores sondagens arqueológicas.

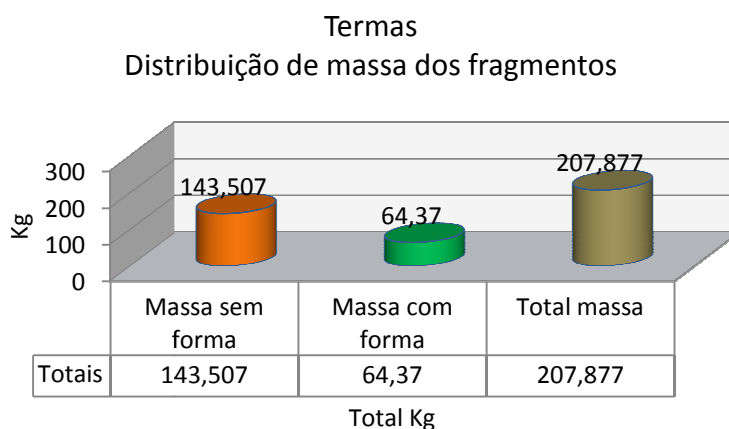


**Gráfico 3: Termas. Distribuição da informação morfológica dos fragmentos.**

A exemplo do sucedido no sector da Porta Sul igualmente nas termas se confirma uma preponderância dos fundos e bordos, sendo que no caso do balneário público se destacam os bordos (1590) em detrimento dos fundos (1113). Neste sector abundam igualmente os fragmentos de asa e com decoração evidenciando não só, que os

<sup>62</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. Análise Quantitativa, p. 272-273.

recipientes para líquidos contemplam como seria de esperar o registo arqueológico, mas também, que o material cerâmico foi alvo de tratamento de superfície mais cuidado.



**Gráfico 4: Termas. Distribuição do valor total de massa dos fragmentos.**

Na sequência da importância que resolvemos atribuir às secções dos fragmentos de asa adquire contornos de maior relevância o total de 599 fragmentos de asa provenientes do sector das termas. Nesta área da cidade predominam os exemplos de secção geminada (381) e secção com caneluras (160), sendo estranhamente ausente a secção com depressão longitudinal. O que mais sobressai é a preferência pela secção geminada e a consistência numérica dos exemplares de secção com caneluras tanto nas termas como na Porta Sul. Os valores residuais da secção redonda e plana vão ao encontro dos resultados demonstrados na Porta Sul, indiciando uma perda de importância produtiva da secção oval nas termas em relação ao registado na Porta Sul. Ou seja, a secção com a terceira maior representatividade na entrada da cidade tem apenas um valor residual nas termas.

As unidades estratigráficas [86]: 724 frg., [152]: 502 frg., [69]: 454 frg., [68]: 322 frg., [112]: 146 frg., [110]: 118 frg., [130]: 86 frg., foram as que se destacaram com maior índice de informação morfológica. Em oposição, são as Ue, s [98]: 63 frg., [155]: 64 frg., [151]: 40 frg., [63]: 34 frg., [147]: 31 frg., [90]: 19 frg., [89]: 14 frg., [1]: 12 frg., [174]: 5 frg., [116]: 4 frg., [149]: 3 frg., com menos dados disponíveis para tratamento<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. Análise Quantitativa, p. 279-280.



### V. 2. 3. Coleção Maçãs

Relembra-se que a primeira publicação sobre este conjunto remonta a 1972 e foi corporalizada no estudo de Josefa Neves (Neves,1972). A presente análise é uma original oportunidade para a apresentação/comparação de resultados dum conjunto singular de recipientes oriundos de São Salvador de Aramenha, com localização cartográfica não especificada. Seleccionados em 2012, no Museu Nacional de Arqueologia foram oportunamente incluídos no projeto de doutoramento em curso dedicado ao tema da cerâmica comum de *Ammaia*. Na verdade a ausência deste acervo no presente estudo seria uma oportunidade perdida e uma bizarria que limitaria de forma considerável o alcance das ilações do universo cerâmico em estudo.

A coleção Maçãs é construída como resultado da dinâmica desenvolvida entre José Leite de Vasconcelos e António Eusébio Benito Maçãs, bem como, do subsequente interesse de sua filha Delmira Maçãs. Volvidos 100 anos da primeira correspondência que documenta a angariação de recipientes cerâmicos de São Salvador de Aramenha para o então Museu Etnológico Português volta-se a analisar o acervo já estudado em 1972 por Josefa Neves (Neves,1972). Este atualizado olhar teve como principal objetivo integrar e comparar os dados morfológicos e tecnológicos, com a informação dos fragmentos e recipientes de cerâmica comum exumados da área intramuros da cidade de *Ammaia*.

O espólio de contexto urbano é resultante dos trabalhos arqueológicos iniciados na década de noventa e contrasta com o carácter fúnebre da coleção Maçãs. Conciliando o contacto entre os dois contextos desenvolve-se breve análise quantitativa das características técnicas e formais do acervo Maçãs. Com o intuito de melhor avaliar o contributo integrador dos dois conjuntos reflete-se no momento em exclusivo sobre o significado da informação técnica e formal da coleção Maçãs. Agradecemos à direção do Museu Nacional de Arqueologia a possibilidade de estudar este acervo, alargando o reconhecimento às equipas de inventário e de conservação e restauro, a quem estamos gratos pelas informações prestadas e pelo trabalho desenvolvido. De igual modo, e por motivos em tudo idênticos estamos reconhecidos à Fundação e Museu cidade *Ammaia* cuja disponibilidade e contributo de toda a equipa está na origem de toda a investigação.

A preservação deste espólio tem como principais “obreiros” as incontornáveis figuras de António Eusébio Benito Maçãs e José Leite de Vasconcelos. Já muito se escreveu sobre a relação estabelecida entre ambos (Oliveira & Cunha, 1994) e/ou (Maçãs, 1991). Prefere-se destacar os duradouros e positivos resultados na preservação de artefactos, que permitem várias gerações depois reanalisar parte do espólio que viajou de comboio entre São Salvador de Aramenha e Lisboa. Este legado documenta de forma sólida a paixão pela atividade arqueológica e a génese do reconhecimento da importância do registo arqueológico.

Numa época em que predomina a valorização do artefacto e é ténue a fronteira entre o colecionismo, a arqueologia e os caçadores de tesouros, não será estranho que alguns juízos geracionais salientem a ambiguidade e perversidade de determinadas práticas. Todavia, se por vezes a distinção destas metodologias se afigura como difícil tarefa aos olhos da contemporaneidade, não restam dúvidas que a ação de ambos se destaca dos seus “pares” e apresentam resultados científicos profícuos e duradouros, que a oportunidade da presente reflexão é prova irrefutável.

Da correspondência trocada entre ambos sobressai igualmente o carácter obstinado que o arqueólogo ainda hoje necessita de possuir e a consciente noção do que hoje se chama: causa pública (Oliveira & Cunha, 1994).

A dinâmica estabelecida permitiu não só, a salvaguarda de inúmero e diverso espólio arqueológico, como está na origem do esclarecimento da localização precisa da cidade de *Ammaia*, que até 1935 se julgava implantada na cidade de Portalegre (Vasconcelos, 1935). O significado da distinção entre *Ammaia* e *Medóbriga* tem a valiosa dimensão de corrigir um erro secular despoletado na época do grande humanista André de Resende, onde se associava Salvador de Aramenha a *Medóbriga* e *Ammaia* a Portalegre. A desmistificação deste equívoco tem início com a correspondência enviada a 15-07-1931 por António Maçãs a Leite de Vasconcelos, e que na introdução já se consumou transcrição (Oliveira & Cunha, 1994, p. 129)<sup>64</sup>.

O reconhecimento da ação de ambos pode ser avaliado e contextualizado com o pormenor que diversas publicações o permitem, graças igualmente ao interesse que sua filha, Delmira Maçãs “herdou” das ações do pai, António Maçãs (Maçãs, 1991). Somente

<sup>64</sup> Cfr. I. 3. 1. Enquadramento Histórico-Arqueológico, p. 34.

esta continuidade geracional nas temáticas de interesse patrimonial e arqueológico possibilita um integral entendimento do percurso da Coleção Maçãs. Uma sumária análise diacrónica às diversas personalidades, investigadores e práticas arqueológicas envolvidas, demonstram como denominador comum a paixão pelo tema. Este inato fascínio garantiu uma continuada renovação de contributos de diversos estudiosos que consolidaram o rigor científico de sucessivas abordagens geracionais.

A primeira publicação dedicada a parte deste conjunto cerâmico coloca “precocemente” São Salvador de Aramenha e a cidade de *Ammaia*, no “roteiro nacional” dos estudos da cerâmica comum romana. Josefa da Conceição Neves apresenta juntamente com *terra sigillata*, e vidros, um conjunto apreciável de recipientes inteiros (Neves, 1972). Ocorre inclusive antes da primeira grande abordagem nacional concretizada por Jorge de Alarcão em Conímbriga (Alarcão, 1975) e das abordagens realizadas por Jeannette Nolen essencialmente na década de oitenta (Nolen, 1981, 1985, 1988, 1994).

O Conjunto cerâmico oriundo dum contexto funerário evoca os exemplos estudados por Adília Alarcão e Jorge de Alarcão em Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966), Jorge de Alarcão em Monte Farrobo (Alarcão, 1974), ou mesmo, os casos pioneiros de Abel Viana em meados da década de cinquenta no concelho de Elvas (Viana, 1956 e Viana & Deus, 1955).

Significativo é o hiato ocorrido desde 1972 até à presente data. Volvidas quatro longas décadas representativas dos morosos avanços que a temática da cerâmica comum tem sido alvo. Pretende-se com esta análise ampliar, integrar e comparar o número de exemplares oriundos da região de São Salvador de Aramenha.

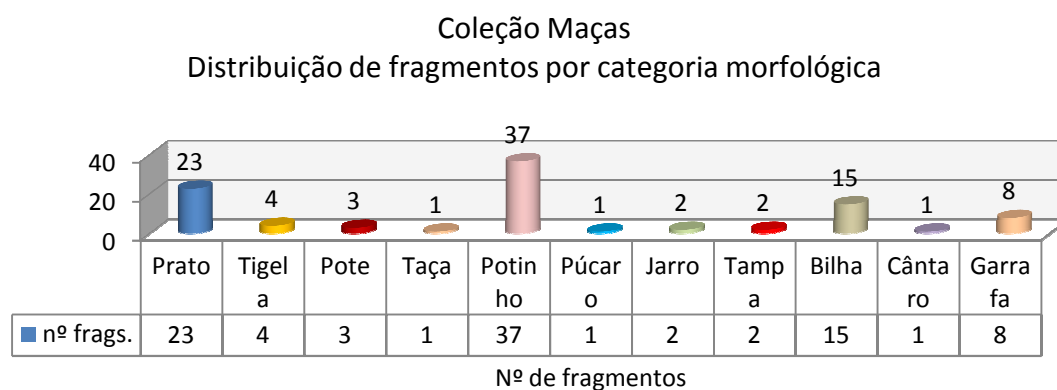
Consideraram-se todos os fragmentos depositados no Museu Nacional de Arqueologia com o objetivo de posteriormente integrar e comparar toda a informação, com os restantes indivíduos exumados na sequência das diversas intervenções arqueológicas desenvolvidas na cidade de *Ammaia*. A seleção gráfica privilegiou as formas não desenhadas na publicação dos anos setenta, apesar da evidente proximidade morfológica de todo o conjunto.

A presente abordagem privilegia a análise quantitativa, caracterização morfológica e técnica, com aprofundamento da associação entre fabricos/formas e tratamento de superfície. Presta-se especial atenção à comparação tecnológica tal

como, à apresentação de orientações cronológicas, salientando a inexistência de informação estratigráfica.

Como se poderá verificar este conjunto cerâmico pela riqueza da sua informação morfológica e técnica, permite alcançar dados que mesmo o fluir do tempo parece não encerrar. A preservação deste tipo de coleções mesmo sem contextualização estratigráfica ou de sítio possibilitou graças à aplicação de contemporâneas técnicas de restauro, a comprovação de novas surpresas, em “velhos” espólios, que se julgavam completamente retratados.

Em 2012 foi abordado o universo de fragmentos cerâmicos oriundos da Coleção António/Delmira Maças presentes no Museu Nacional de Arqueologia, registando a seguinte distribuição:



**Gráfico 5: Coleção Maças. Distribuição dos fragmentos por categoria morfológica**

#### V. 2. 4. Síntese dos dados quantitativos

A reduzida representatividade e indefinição estratigráfica dos materiais oriundos da Casa da Quinta de Deão, Estacionamento I e II e da Coleção Maças não tornou pertinente a quantificação tão pormenorizada dos dados destes sectores, tal como verificado e concretizado com a amostra cerâmica proveniente das termas ou da Porta Sul. Em suma, os dados da quantificação demonstram as seguintes orientações:

1. Preferência para a preservação no registo cerâmico-arqueológico de fragmentos sem forma;
2. Prevalência de fundos e de bordos, seguidos dos fragmentos de asa com informação morfológica;

3. Interdependência registada entre os valores de massa dos fragmentos com e sem forma;
4. Elevada divergência entre o número de fragmentos observados e os fragmentos selecionados;
5. Realidade reveladora do elevado índice de fragmentação dos recipientes em contexto urbano/doméstico e de baixo índice de informação morfológica e tecnológica que cada fragmento proporciona;
6. Os elementos cerâmicos que fornecem informação representam 10,28 % do total de fragmentos observados no caso da Porta Sul, e de 20,04 % do total de fragmentos observados no caso das termas;
7. Preferência por asas de secção geminada nas termas e de secção com depressão longitudinal na Porta Sul;
8. No sector da Porta Sul os quadrados com maior representatividade e fragmentos passíveis de se traduzirem em informação morfológica são os que correspondem ao interior e envólvecia das torres e zona envolvente intramuros.
9. Nas termas as unidades estratigráficas com maior representatividade são as seguintes: [86]: 724, [152]: 502, [69]: 454, [68]: 322, [112]: 146, [110]: 118, [130]: 86.

## VI. ESTUDO DOS FABRICOS

A identificação das características técnicas dos fabricos cerâmicos seguiu as orientações metodológicas já expostas tendo como objetivo estrutural a definição das opções técnicas e arqueométricas selecionadas para o caso produtivo ammaiense. Partindo do conhecimento tecnológico, o objetivo estrutural desta etapa do estudo cerâmico foi a elaboração de uma sólida tipologia de fabricos. O posterior esclarecimento de afinidades entre a listagem morfológica e tecnológica facultou a obtenção dum quadro morfológico-tecnológico onde será testada a aproximação das formas e respetiva funcionalidade dos recipientes originando um quadro morfológico-tecnológico e funcional<sup>65</sup>.

Recorda-se que a tarefa de separação das pastas foi concretizada recorrendo à ajuda de uma lupa manual dividindo-se os fragmentos tendo em conta a natureza, percentagem e proporções relativas dos diferentes tipos de elementos não-plásticos, textura e cozedura. O desenvolvimento destas tarefas possibilitou a identificação e enquadramento de quinze (15) grupos de fabrico sintetizados na tabela 2.

<sup>65</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 6. Categorias morfológico-funcionais: síntese, p. 623.

Tabela 2: Síntese tecnológica dos grupos e subgrupos de fabricos

Cerâmica Comum de AMMAIA		
Síntese tecnológica dos grupos e subgrupos de fabricos		
Nº de Fabricos	Denominação grupos/subgrupos de fabricos	Origem
1	A	Local
2	B (subgrupos: 1, 2, 3)	Local
3	C (subgrupos: 1, 2, 3)	Local
4	D	Local
5	E (subgrupos: 1, 2, 3)	Não local
6	F (subgrupos: 1, 2)	Local
7	G (subgrupos: 1, 2, 3)	Local
8	H1 (subgrupos: 1, 2, 3)	Local
9	H2	Local
10	I (subgrupos: 1, 2, 3,4)	Local
11	J	Não local
12	K	Local
13	L (subgrupos: 1, 2, 3,4,5)	Não local
14	M	Não local
-	N (fabrico anulado)	Local
15	O	Local

A subdivisão dos grupos em subgrupos teve como principal objetivo a aproximação dos diversos fragmentos aos recipientes, pressupondo uma superior facilidade na obtenção de afinidades entre fragmentos, confirmada num maior número de unidades coladas ao longo do processo de investigação.

A compartimentação individualizada dos fabricos desenvolvida no laboratório do museu cidade *Ammaia* resulta do compromisso entre a composição das pastas, o tratamento da superfície dos fragmentos e a cor da pasta dos diferentes grupos definidos. O prévio conhecimento da colaboração do Centro Hércules na posterior reavaliação das afinidades entre pastas confirmou ser uma excelente oportunidade para testar afinidades entre fabricos com ténues fronteiras. Os fabricos que seguidamente se apresentam são identificados por uma letra maiúscula, exibidos por ordem crescente e expostos segundo as características do tratamento de superfície, salientando-se igualmente as observações uniformizadoras sobre a cozedura, granulometria, compacticidade, cor e categorias morfológicas mais frequentes.

## VI.1. Caracterização tecnológica: os fabricos.

A

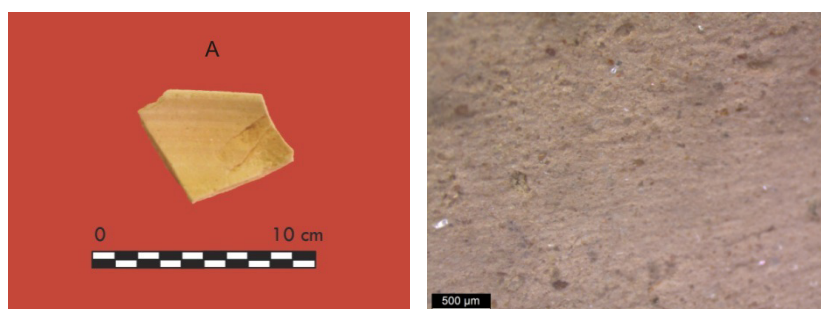


Figura 2: Fabrico A

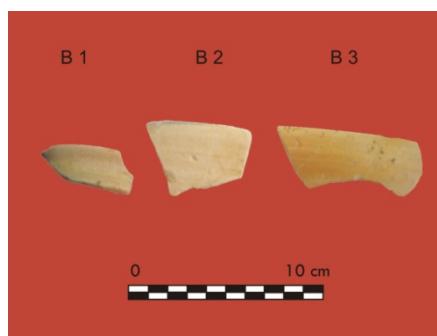
**Superfície**

A generalidade das peças, especialmente nos fragmentos de fundos e bojos decorados, foi alvo de alisamento na parede exterior, notando-se preocupação e cuidado com a decoração do recipiente. A decoração é principalmente incisa e polida. Vestígio de fuligem associada à utilização do fogo para cozinha nas paredes interior e exterior de alguns potes e pratos.

**Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)**

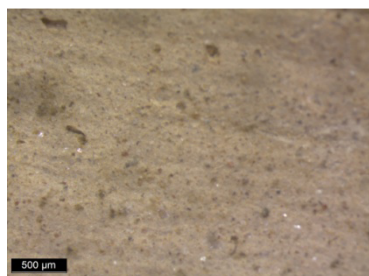
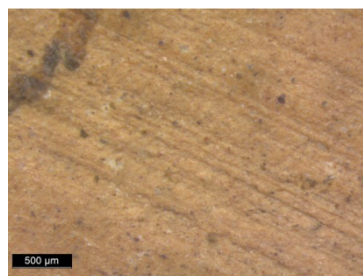
Pasta rosa, cozedura oxidante, com granulometria muito fina, bem depurada, porosa ao tato e compactidade alta, sinais evidentes do uso do torno especialmente na parede exterior dos pratos covos e na parede interior dos fragmentos de fundos. O alisamento irregular de torno em algumas peças originou o aparecimento de bandas horizontais principalmente no seu interior. Apresenta os seguintes códigos de cor: vermelho esbatido e castanho avermelhado vivo (2.5YR 6/2 - 6/3 - 6/4 - 7/4); cinzento muito escuro, castanho avermelhado vivo, rosa e branco rosado (5YR 3/1 - 6/4 - 7/4 - 8/2 - 8/3 - 8/4); vermelho esbatido (5R 7/4); vermelho esbatido e rosa vivo (7.5R 6/3 - 6/4 - 7/3 - 8/3 - 8/4); castanho vivo, rosa e branco rosado (7.5YR 6/4 - 7/3 - 8/2 - 8/3 - 8/4); vermelho esbatido e rosa (10R 5/2 - 6/3 - 6/4 - 6/6 - 7/3 - 7/4 - 7/6 - 8/4); cinzento e castanho esbatido (10YR 5/1 - 6/3 - 8/3).

Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão reduzida, indiciando a produção de um fabrico cuidado e fino essencialmente de potinhos (25 frags), pratos (17 frags) e potes (13 frags).

**B****Figura 3: Fabrico B****Superfície**

Tal como no caso anterior o alisamento é o tratamento mais registado, sendo também usual o polimento em mau estado de conservação. Destacam-se ainda os fragmentos de potinhos (?) com decoração a rolete identificada com frequência nas necrópoles alto alentejanas e associada à primeira metade do século I<sup>66</sup>. Também neste fabrico surgem quatro fragmentos com vestígios de fuligem associada à utilização do fogo para cozinha nas paredes interior e exterior de três 3 potes/potinhos e um bojo.

A decoração polida registada com preferência entre o ombro e o colo dos fragmentos de bordo e bojo.

**Figura 4: B 1****Figura 5: B 2****Figura 6: B 3**

B1: cor castanha com vestígios de fogo no bordo e lábio; decoração brunida e com engobe;

B2: cor bege (engobe) amarelo/laranja c/engobe e vestígios de fogo na parede exterior;

B3: cor bege clara (engobe) amarelo/laranja c/engobe e sem vestígios de fogo na parede exterior;

<sup>66</sup> Cfr. Neves, J., 1972, p. 15 Est. III (igual aos fragmentos nº 15 e nº 31 de Valdoça: Alarcão & Alarcão, 1966).

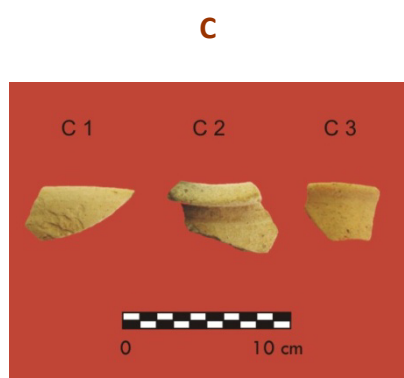


**Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta amarela, cozedura oxidante, com granulometria muito fina, bem depurada, compactidade alta, porosa ao tato, e com sinais evidentes do uso do torno. Fabrico de peças com dimensões ligeiramente superiores ao anterior em tamanho e espessura. Todavia demonstra ser um grupo muito próximo, igualmente bem cuidado e com tratamento e acabamentos com grau de sofisticação superior aos restantes. A reduzida volumetria das peças e os exemplares com sinais de decoração documentam a utilização “requintada” dos fabricos A e B.

Apresenta os seguintes códigos de cor: castanho avermelhado (2.5YR - 5/4 - 5/6); castanho avermelhado, castanho avermelhado vivo e rosa (5YR 5/3 - 6/4 - 7/3 - 7/4 - 8/3 - 8/4); vermelho esbatido (7.5R - 6/3 - 6/4); cinzento, castanho, amarelo avermelhado, branco rosado e rosa (7.5YR 5/1 - 5/4 - 6/4 - 6/6 - 7/3 - 7/4 - 7/6 - 8/2 - 8/3 - 8/4); cinzento, castanho esbatido, castanho amarelado vivo e castanho muito esbatido (10YR - 5/1 - 6/3 - 6/4 - 7/3 - 7/4 - 8/2 - 8/3 - 8/4); rosa amarelado esbatido (WHITE 7.5YR\_2 9); castanho muito esbatido (WHITE 10YR\_2 8.5).

Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão reduzida, indiciando a produção de um fabrico cuidado principalmente de potinhos (61 frags), potes (12 frags), tigelas (11 frags) e bilhas (11 frags).

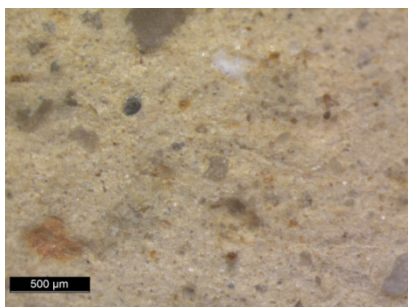


**Figura 7: Fabrico C**

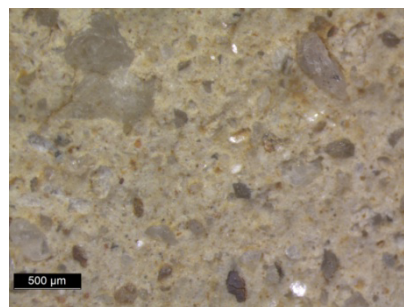
**Superfície**

Tal como nos casos anteriores o alisamento é o tratamento mais registado, sendo pontual a utilização do engobe de cor laranja nos fragmentos de menor dimensão. Também neste fabrico surgem nove fragmentos com vestígios de fuligem associada à utilização do fogo para cozinha nas paredes exteriores (fragmentos de bordo e bojo),

apresentando dois fragmentos também marcas semelhantes no limite exterior do lábio. A decoração incisa é registada com preferência entre o colo e o ombro dos fragmentos de bordo e bojo.



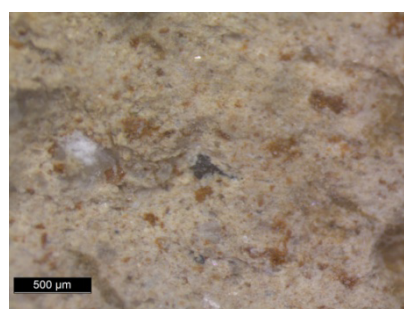
**Figura 8: C 1**



**Figura 9: C 2**



**Figura 10: C 3**



**Figura 11: C 4**

C1: cor bege e branca pontualmente com fragmentos com engobe ténue de cor laranja (potinhos e pratos);

C2: cor bege mais escura com vestígios de fogo nos lábios (pratos e potes);

C3: cor laranja claro com engobe melhor conservado. Cor laranja predominante (pratos, potinhos, panelas e potes);

**Observações (cozedura, granulometria, compacticidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta clara, branca e bege, cozedura oxidante, com granulometria média (sendo evidente o aumento de volumetria dos elementos não plásticos), porosa, compacticidade média-baixa e sinais evidentes do uso do torno. Nos casos dos fragmentos de menor dimensão e com engobe, regista muita porosidade ao tato. Fabrico de peças com dimensões ligeiramente superiores aos casos anteriores em tamanho e espessura. O aumento da volumetria das peças e o reduzido número de exemplares com decoração documentam a utilização menos “requintada” do que nos fabricos A e B.

Apresenta os seguintes códigos de cor: rosa (2.5YR - 8/4); castanho avermelhado vivo, amarelo avermelhado, branco e rosa (5YR - 6/3 - 6/4 - 6/6 - 7/2 - 7/3 - 7/4 - 7/6 - 7/8 - 8/2 - 8/3); vermelho esbatido (7.5R - 7/4); castanho forte, castanho vivo, rosa, branco rosado, rosa amarelo avermelhado (7.5YR - 4/6 - 6/4 - 6/6 - 7/3 - 7/4 - 7/6 - 8/2 - 8/3 - 8/4 - 8/6); castanho esbatido, cinzento vivo, castanho muito esbatido (10YR 6/3 - 7/2 - 7/3 - 7/4 - 8/1 - 8/2 - 8/3 - 8/4); castanho muito esbatido (WHITE 10YR\_2 8.5);

Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão média, indiciando a produção de um fabrico corrente principalmente de potes/panelas (25 frags), potinhos (21 frags), potes (12 frags), pratos (12 frags) e panelas (11 frags).

D

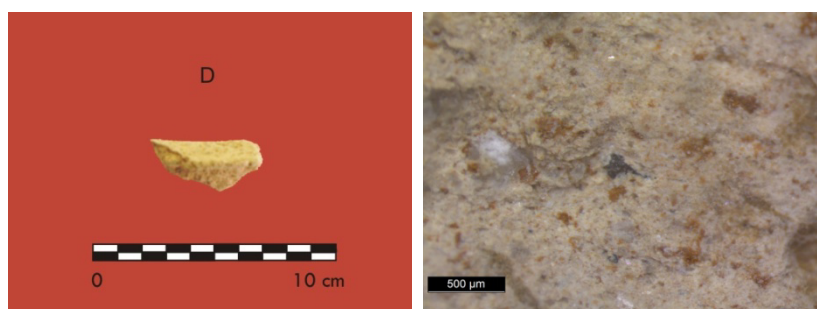


Figura 12: Fabrico D

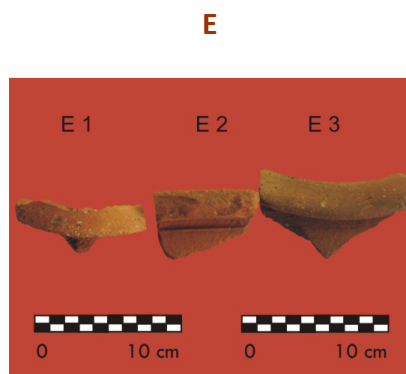
### Superfície

O tratamento da superfície que melhor define este grupo de fabrico é o alisamento. Alguns fragmentos registam decoração de linhas incisas no lábio interno acompanhando a orientação do diâmetro do recipiente. Neste fabrico regista-se a ausência de fragmentos com vestígios de fuligem associada à utilização do fogo para cozinha.

### Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)

Pasta variando entre o castanho muito pálido, castanho vermelho claro, e cozedura oxidante, não porosa, com granulometria e compactidade médias, sendo notórios os elementos não plásticos e os sinais evidentes do uso do torno. Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão média e grande, indiciando a produção de um fabrico de carácter funcional e corrente principalmente de alguidares (13 frags), e alguidares/bacias (4 frags).

Apresenta os seguintes códigos de cor: castanho avermelhado vivo, amarelo avermelhado e rosa (5YR - 6/4 - 6/6 - 6/8 - 7/4 - 7/6); castanho vivo, amarelo avermelhado, rosa (7.5YR 6/4 - 6/6 - 7/3 - 7/4 - 8/3 - 8/4); castanho avermelhado, castanho esbatido e castanho muito esbatido (10YR 5/4 - 6/3 - 6/4 - 7/3 - 7/4 - 8/3 - 8/4).



**Figura 13: Fabrico E (origem não local)**

### Superfície

O tratamento de superfície apresenta grande variedade de soluções registando casos de alisamento, pintura, incisão, uso de engobe laranja e decoração a roleta. As três últimas soluções são aplicadas em fragmentos de menor dimensão e espessura. É nos fragmentos de maior dimensão que surgem cinco unidades com vestígios de fuligem associada à utilização do fogo para cozinha nas paredes exteriores (fragmentos de bordo e bojo). Três fragmentos registam igualmente marcas semelhantes no limite exterior do lábio e bojo. A decoração incisa é registada com preferência ou no lábio ou entre o colo e o ombro dos fragmentos de bordo e bojo.



**Figura 14: E 1**



**Figura 15: E 2**



**Figura 16: E 3**

E1: cor variando entre o laranja e o castanho, enps grosseiros, brancos frequentes e regulares (fundos e alguidares);

E2: enps finos, alisamento e engobe interno frequentes (alguidares);

E3: perfis de maior dimensão (panelas e tachos);

**Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta de matiz laranja com muitas inclusões brilhantes de cor negra e cozedura oxidante, com granulometria média, não porosa e compactidade alta. Os exemplares de espessura superior apresentam cozedura incompleta registando feio central de cor ligeiramente acinzentada.

Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão pequena e média, indiciando a produção de um fabrico dividido entre o carácter funcional e corrente dos alguidares e alguidar/bacias (16 + 1 = 17 frags), tachos (16 frags), pratos (14 frags), potes (11 frags), potes/panelas (8 frags), e as características mais seletivas dos potinhos (15 frags) de pequena dimensão com engobe, pinturas e decoração de rolete.

Apresenta as seguintes cores: cinzento (2.5Y 5/1); castanho avermelhado, vermelho, castanho avermelhado vivo e vermelho vivo (2.5YR 5/4 - 5/6 - 6/4 - 6/6 - 6/8); vermelho vivo (5R - 6/8); castanho avermelhado, vermelho amarelado, castanho avermelhado vivo, amarelo avermelhado e rosa (5YR 5/4 - 5/6 - 5/8 - 6/4 - 6/6 - 6/8 - 7/6 - 7/8 - 8/3 - 8/4); castanho, castanho vivo, amarelo avermelhado (7.5YR 5/4 - 6/4 - 6/6 - 6/8 - 7/6); castanho amarelado vivo (10YR - 6/4 - 7/4);

**F**



**Figura 17: Fabrico F**

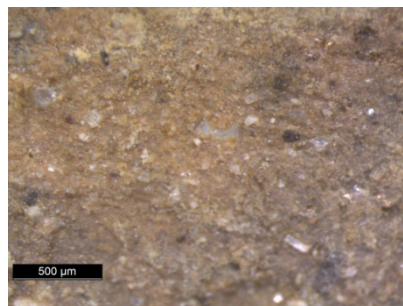
**Superfície**

Neste fabrico a decoração é praticamente ausente não existindo exemplares que sinalizem essa preocupação estética. Mesmo o alisamento surge pouco trabalhado evidenciando ser o conjunto menos centrado no tratamento de superfície das peças.

Juntamente com esta característica destacam-se o elevado número de fragmentos (24) com vestígios de fuligem associada à utilização do fogo. Surgem essencialmente nos bordos de potes e num fragmento de fundo.



**Figura 18: F 1**



**Figura 19: F 2**

F1: pasta clara;

F2: pasta laranja;

**Observações (cozedura, granulometria, compacticidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta de matiz variando entre o castanho e o laranja, cozedura oxidante, com granulometria média e grande, porosa, compacticidade média, sinais evidentes do uso do torno originando o aparecimento de bandas horizontais especialmente na parede exterior dos potes. Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão média, indiciando a produção de um fabrico assumidamente de utilização corrente e muito funcional de potes/panelas (22 frags) e potes (15 frags), panelas (6 frags) e tachos (5 frags). Pontualmente surgem fragmentos com cozedura incompleta registando feio central de cor ligeiramente acinzentada.

Apresenta as seguintes cores: vermelho, vermelho vivo (2.5YR - 5/6 - 6/8); cinzento, castanho avermelhado, amarelo avermelhado (5YR - 5/1 - 5/4 - 6/6); castanho-escuro, castanho, cinzento rosado, castanho vivo, rosa, amarelo avermelhado (7.5YR 3/4 - 5/4 - 5/2 - 6/2 - 6/3 - 6/4 - 7/3 - 7/4 - 7/6 - 8/4); castanho, castanho esbatido, castanho amarelado vivo, cinzento vivo, castanho muito esbatido (10YR 5/3 - 6/3 - 6/4 - 7/2 - 7/3 - 7/4 - 8/2 - 8/3);



## G

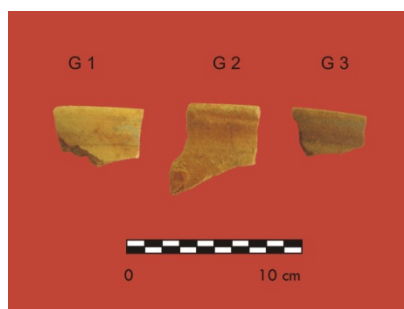


Figura 20: Fabrico G

**Superfície**

O tratamento da superfície que melhor define este grupo de fabrico é o alisamento. Alguns fragmentos de potes e jarros pertencendo ao mesmo recipiente registando engobe castanho, mas o que caracteriza este conjunto é a quase ausência de tratamento de superfície. Apresenta vários fragmentos com sinais de contato com fogo no bordo e nas paredes exteriores.



Figura 21: G 1



Figura 22: G 2



Figura 23: G 3

G1: pasta cor castanho-claro vestígios de fogo;

G2: pasta cor laranja;

G3: engobe cinza;

**Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta de matiz variando entre o castanho claro e o laranja claro, cozedura oxidante, com granulometria média, não porosa, compactidade média, sinais evidentes do uso do torno nas paredes interiores e exteriores dos fragmentos. O alisamento de torno em algumas peças originou o aparecimento de bandas horizontais principalmente na parede interior dos fragmentos de bordo dos potes e jarros. Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão média-pequena, indiciando a produção de um fabrico de utilização corrente e muito funcional

essencialmente de potes/panelas (21 frags) e panelas (19 frags), sendo menos representados os fragmentos de potes (9 frags) e jarros (9 frags).

Apresenta os seguintes códigos de cor: castanho avermelhado, vermelho (2.5YR - 5/4 - 5/8); castanho avermelhado, vermelho amarelado, castanho avermelhado vivo, amarelo avermelhado e rosa (5YR - 5/3 - 5/4 - 5/6 - 5/8 - 6/4 - 6/6 - 6/8 - 7/3 - 7/4 - 7/6; vermelho esbatido (7.5R - 6/4); castanho, castanho forte, castanho vivo, rosa, amarelo avermelhado (7.5YR - 5/4 - 5/6 - 6/4 - 6/6 - 7/4 - 7/6- 8/3; castanho acinzentado, castanho esbatido, castanho muito esbatido (10YR - 5/2 - 6/3 - 7/3 - 7/4 - 8/3 - 8/4);

### H1



Figura 24: Fabrico H1

### Superfície

O tratamento de superfície apresenta alguma variedade de soluções registando casos de alisamento, incisão e incisão a rolete essencialmente nos casos dos potinhos de menor volumetria. A decoração incisa é registada com preferência entre o colo e o ombro dos fragmentos, surgindo o brunido e rolete no ombro dos recipientes. Em casos raros regista-se feio central de cor acinzentada demonstrando evidências de cozedura incompleta. Não são muito frequentes os casos de vestígios de contato com o fogo.



Figura 25: H1-1

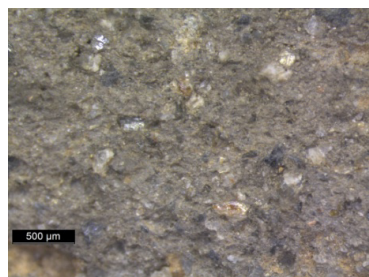


Figura 26: H1-2

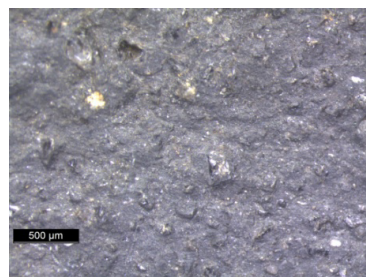


Figura 27: H1-3

H1a): cinza-castanho (variação de cor entre cinza-castanho e cinza claro);

H2b): cinza clara (enps brancos frequentes e rugosos);



H3c): cinza-escuro (com engobe em alguns fragmentos, vestígios de fogo no exterior; predomínio de formas abertas: pratos covo);

**Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta com matiz variando entre o cinzento-claro, escuro e cinza-castanho proporcionado por cozedura concretizada em atmosfera redutora, com granulometria média-fina, não porosa, compactidade média-fina, e sinais evidentes do uso do torno. Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão pequena-média, indiciando a produção de um fabrico de utilização corrente, nitidamente de cozinha, essencialmente de potinhos (46 frags), potes/panelas (41 frags), tachos (39 frags), pratos covo (33 frags) e alguidares (17 frags).

Apresenta os seguintes códigos de cor: cinzento avermelhado escuro, vermelho ténue, cinzento avermelhado, vermelho esbatido, castanho avermelhado vivo (2.5Y 3/1 - 4/1 - 4/2 - 5/1 - 5/2 - 6/1 - 6/2 - 7/1 - 7/3 - 8/1; castanho avermelhado, cinzento avermelhado e vermelho esbatido (2.5YR 5/4 - 6/1 - 6/2); cinzento muito escuro, cinzento escuro, cinzento, cinzento oliva, cinzento oliva vivo, cinzento vivo (5Y 3/1 - 4/1 - 5/1 - 5/2 - 6/1 - 6/2 - 7/1); cinzento, castanho avermelhado, amarelo avermelhado e rosa 5YR 5/1 - 5/3 - 5/4 - 6/1 - 6/6 - 7/4; cinzento muito escuro, cinzento escuro, castanho, castanho vivo e rosa 7.5YR 3/1 - 4/1 - 4/3 - 5/1 - 5/2 - 5/3 - 5/4 - 6/1 - 6/4 - 7/1 - 8/4; cinzento escuro, castanho acinzentado escuro, cinzento, castanho acinzentado, castanho, castanho amarelado, cinzento acastanhado vivo, castanho esbatido, castanho amarelado vivo, castanho muito esbatido (10YR 4/1 - 4/2 - 5/1 - 5/2 - 5/3 - 5/4 - 6/1 - 6/2 - 6/3 - 6/4 - 7/4); preto (GLEY 1 2.5/N; GLEY 1 4/N; GLEY 1 5/N; GLEY 1 6/N; GLEY 1 N 6); cinzento muito escuro (GLEY 1 3/N); cinzento esverdeado escuro (GLEY 1 4/10Y); cinzento esverdeado (GLEY 1 5/10GY; GLEY 1 5/10Y; GLEY 1 6/10GY; GLEY 1 6/10Y; cinzento vivo (GLEY 1 7/10GY), cinzento esverdeado vivo GLEY 1 8/10Y;

## H2

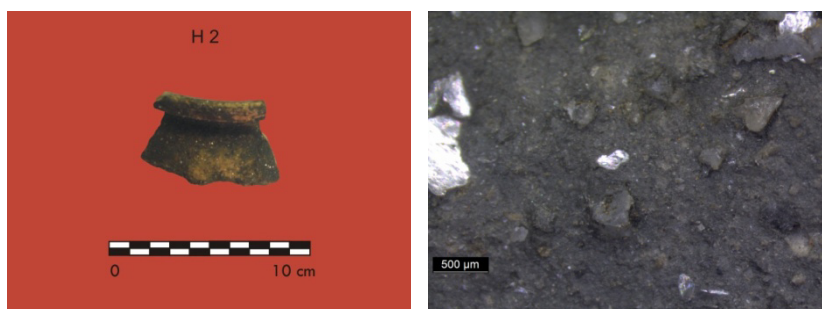


Figura 28: fabrico H 2

**Superfície**

Os potes/panelas de maior dimensão são os que registam fuligem nitidamente associada ao fabrico de alimentos, sendo as soluções decorativas aplicadas em fragmentos de menor dimensão e espessura. É nos fragmentos de média dimensão que surgem vestígios de fuligem associada à utilização do fogo para cozinha nas paredes exteriores e interiores (fragmentos de bordo e bojo). Em casos raros regista-se feio central de cor acinzentada demonstrando evidências de cozedura incompleta. São frequentes os casos de vestígios de contato com o fogo.

**Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)**

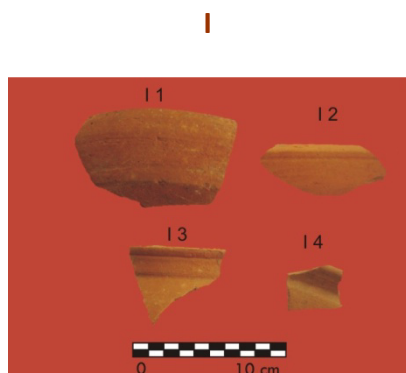
Pasta com matiz cinzento-escuro proporcionada por cozedura concretizada em atmosfera redutora, com granulometria média, não porosa, compactidade média, e sinais evidentes do uso do torno. O alisamento de torno em algumas peças originou o aparecimento de bandas horizontais principalmente no interior dos fragmentos de fundo e nos fragmentos de bordo de prato covado.

Parede exterior e interior enegrecida, vestígios de ir ao lume, sujeita à ação do fogo, registando cor enegrecida na superfície exterior. Existem casos de cozedura oxidante na superfície interna. Carácter grosseiro e aspecto rude de uso culinário certamente diário.

Predominam os casos de fragmentos de espessura de dimensão média, indiciando a produção de um fabrico de potes/panelas (11 frags) de pequena e média dimensão, nitidamente de cozinha e de utilização corrente.

Apresenta as seguintes cores: cinzento avermelhado (2.5Y - 6/1); cinzento avermelhado (2.5YR - 6/1); cinzento escuro, cinzento, cinzento oliva, amarelo esbatido (5Y - 4/1- 5/1- 5/2 - 7/1); castanho avermelhado e rosa (5YR 5/3 - 5/4 - 7/3); cinzento

muito escuro, cinzento escuro, castanho (7.5YR 3/1- 4/1- 5/2); castanho acinzentado, castanho, castanho amarelado, cinzento acastanhado vivo, castanho esbatido (10YR 5/2 - 5/3 - 5/4 - 6/2 - 6/3); cinzento muito escuro (GLEY 1 3/N); cinzento esverdeado (GLEY 1 5/10Y, GLEY 1 6/10Y);



**Figura 29: Fabrico I**

### Superfície

O alisamento exterior demonstra ser um dos mais cuidados de todos os fabricos no entanto, no interior dos fragmentos dos fundos são igualmente evidentes o aparecimento de bandas horizontais. Existe uma única peça com decoração a engobe branco rosa, e uma outra com motivos incisos que aparentam a designação de letras, mas cuja fragmentação impede a identificação. Tem como elemento unificador o engobe e o tom laranja e uniforme dado pela cozedura e o carácter cuidado do tratamento de superfície, da pasta e do acabamento geral.



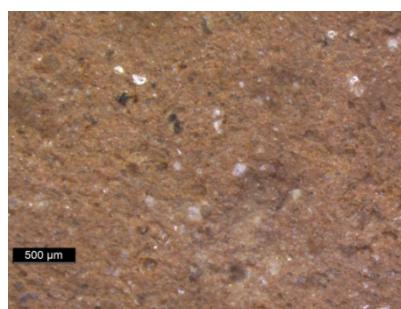
**Figura 30: I 1**



**Figura 31: I 2**



**Figura 32: I 3**



**Figura 33: I 4**

- I1): cor laranja-claro e escuro com micas brilhantes na parede exterior enps pequenos; decoração pintada (fundos, pratos, potes e panelas);
- I2): pratos laranja vivo claro, porosos com formas abertas;
- I3): pratos e bilhas; cor laranja-castanho; enps praticamente invisíveis;
- I4): conjunto de bordos de potes com enps mais volumosos do que no caso 3;

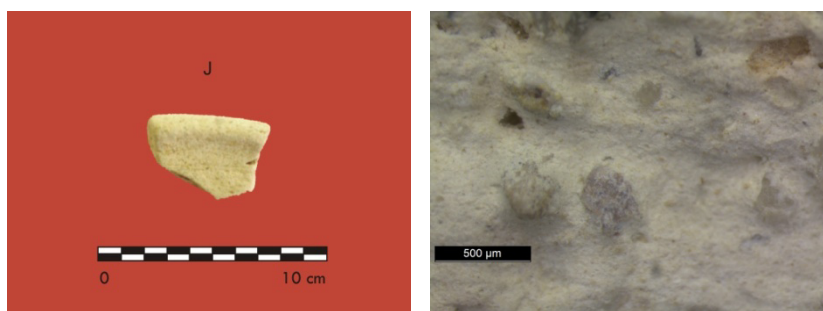
**Observações (cozedura, granulometria, compacticidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta de matiz laranja cozedura oxidante, com granulometria fina, não porosa, compacticidade fina, e sinais evidentes do uso do torno.

Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão média, indiciando a produção de um fabrico de utilização cuidado, essencialmente de potinhos (21 frags), pratos (14 frags), bilhas (9 frags) e potes/panelas (21 frags). Todavia, como predominam os fragmentos de fundos a caracterização morfológica surge bastante condicionada.

Apresenta as seguintes cores: vermelho ténue, castanho avermelhado, vermelho, castanho avermelhado vivo, vermelho vivo (2.5YR - 4/2 - 4/4 - 4/6 - 5/2 - 5/3 - 5/4 - 5/6 - 5/8 - 6/1 - 6/3 - 6/4 - 6/6 - 6/8 - 7/4 - 7/6 - 7/8); castanho avermelhado, vermelho amarelado, castanho avermelhado vivo, amarelo avermelhado e rosa (5YR 5/4 - 5/6 - 5/8 - 6/4 - 6/6 - 7/4 - 7/8); vermelho vivo (7.5R 6/6); castanho vivo 7.5YR - 6/4; castanho esbatido (10YR - 6/3);

J



**Figura 34: Fabrico J (origem não local)**

### **Superfície**

No tratamento de superfície salientam-se os casos de alisamento, incisão e rolete. Os fragmentos de almofariz preservam estrias concêntricas, registando igualmente um fragmento de bojo incisão a rolete. Salienta-se deste conjunto de fragmentos o carácter cuidado da decoração e da pasta.

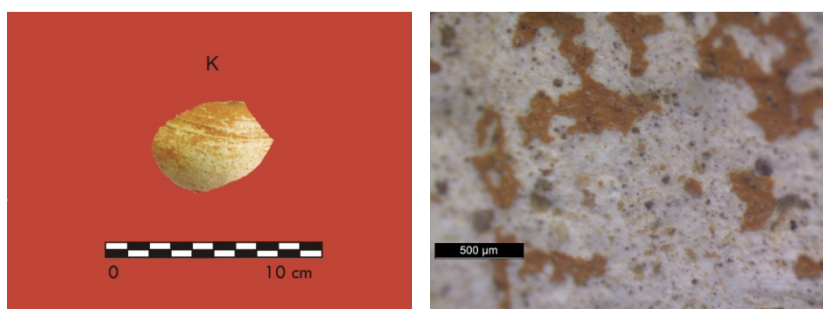
### **Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta de matiz branca cozedura oxidante, com granulometria fina, porosa, compactidade fina, com sinais do uso do torno.

Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão média, indiciando ser um fabrico de importação do litoral bético, de utilização cuidada, essencialmente de almofarizes (6 frags), potinhos (3 frags) e bilhas (3 frags).

A matiz clara da pasta distingue-se de todas as restantes. Apresenta as seguintes cores: castanho muito esbatido (WHITE 10YR\_/2 8; WHITE 10YR\_/2 8.5); laranja amarela esbatido (WHITE 10YR\_/2 9); branco (WHITE 2.5YR\_/1 8.5); branco (WHITE 2.5YR\_/1 9); castanho muito esbatido (WHITE 2.5YR\_/2 8.5)

K



**Figura 35: fabrico K**

### Superfície

No tratamento de superfície salientam-se os casos de alisamento e engobe. O engobe laranja e laranja claro sugere querer recriar o tratamento de superfície das lucernas emeritenses. É um conjunto com reduzido número de fragmentos denotando-se algum desgaste especialmente na parede exterior. Notam-se especiais cuidados no carácter da decoração e da pasta.

### Observações (cozedura, granulometria, compacticidade, cor, categoria morfológica)

Pasta de matiz branca, cozedura oxidante, com granulometria fina, ligeiramente porosa, compacticidade fina, com sinais do uso do torno.

Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão média, indiciando ser um fabrico com influência da produção emeritense, de utilização cuidada, essencialmente de potinhos (5 frags).

O engobe laranja claro distingue-se de todas as restantes. Apresenta as seguintes cores: castanho muito esbatido (WHITE 10YR\_/2 8; WHITE 10YR\_/2 8.5); branco (WHITE 2.5YR\_/1 9).



Figura 36: fabrico L (origem não local)

### Superfície

No tratamento de superfície a decoração incisa é o tratamento de superfície mais frequente juntamente com o alisamento. A decoração incisa é registada com preferência entre o colo e o ombro dos fragmentos de bordo e bojo. É um grupo que se caracteriza pela grande dimensão dos fragmentos de dólios sendo essencialmente um conjunto de armazenamento.





Figura 37: L 1



Figura 38: L 2



Figura 39: L 3



Figura 40: L 4

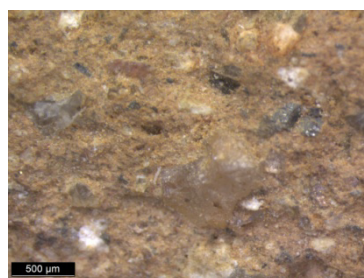


Figura 41: L 5

L1: cor laranja com inclusões muito escuras e brilhantes;

L2: cinza mesclado;

L3: cinza muito escuro (vestígios de fogo, essencialmente no exterior);

L4: laranja;

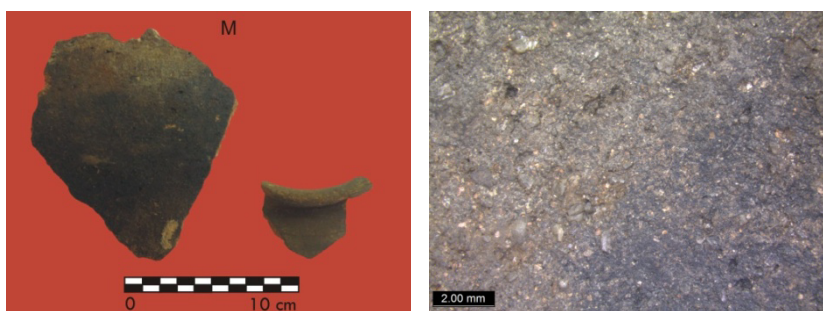
L5: laranja-escuro;

#### **Observações (cozedura, granulometria, compacticidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta com cinco variantes de cor e cozedura oxidante, com granulometria grosseira (sendo evidente a proporcionalidade e o aumento de volumetria dos elementos não plásticos), porosa, compacticidade alta. Fabrico de peças com a maior dimensão de todos os grupos de fabrico. Regista dimensões superiores aos casos anteriores em todas as dimensões e espessura.

Predominam os casos de fragmentos com considerável espessura e grande dimensão, indiciando a produção de um fabrico regular de talhas e grandes dólios (14 frags).

Regista os seguintes códigos de cor: cinzento avermelhado, castanho avermelhado e vermelho (2.5YR - 5/1 - 5/3 - 5/6); castanho avermelhado (5YR - 5/4); vermelho ténue (7.5R - 5/3); castanho, castanho vivo (7.5YR - 5/4 - 6/3); cinzento esverdeado vivo (GLEY 1 7/10Y);

**M****Figura 42: Fabrico M (origem não local)****Superfície**

Tal como nos casos anteriores o alisamento e a incisão são o tratamento mais registado. Também neste fabrico surgem variações de cor e vestígios de fuligem associados à utilização do fogo para cozinha nas paredes exteriores e no bordo de dois fragmentos. A decoração incisa é registada com preferência entre o colo e o ombro dos fragmentos de bordo e bojo. Regista superfície de cor cinza por vezes com pasta de cor laranja.

**Observações (cozedura, granulometria, compactidade, cor, categoria morfológica)**

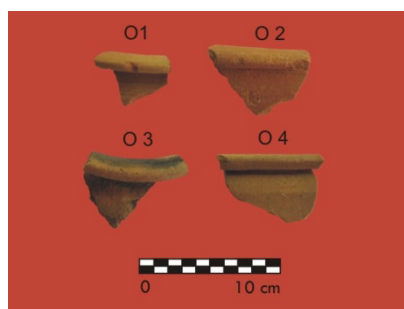
Pasta cinza e cinza-castanha, com cozedura concretizada em atmosfera redutora, com granulometria média (sendo evidente o aumento da proporcionalidade da volumetria dos elementos não plásticos), não porosa, compactidade média e sinais evidentes do uso do torno. Fabrico de peças com dimensões médias aparentemente de uso corrente, registando alguns sinais indiciadores de uso culinário. A volumetria das peças e o reduzido número de exemplares com decoração documentam a utilização menos “requintada” do que por exemplo a documentada nos fabricos A e B.

Predominam os casos de fragmentos de espessura e dimensão média, indiciando a produção de um fabrico corrente de tachos (10 frags) e potes/panelas (2 + 1 = 3 frags).

Apresenta os seguintes códigos de cor: cinzento avermelhado escuro, vermelho ténue, castanho avermelhado (2.5YR 4/1 - 5/2 - 5/3 - 5/4; castanho avermelhado, castanho avermelhado vivo (5YR - 5/3 - 5/4 - 6/4); vermelho ténue, vermelho esbatido, rosa vivo (7.5R 4/2 - 5/4 - 6/4 - 8/3);



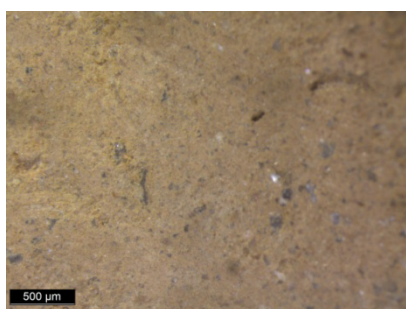
O<sup>67</sup>



**Figura 43: Fabrico O**

### Superfície

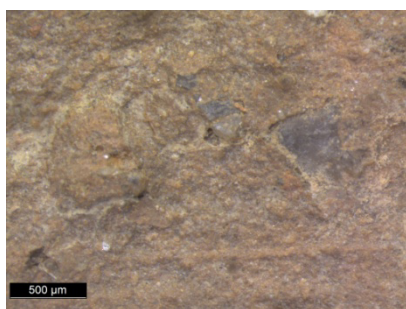
Tal como nos casos anteriores o alisamento e a incisão são os tratamentos mais registados. A incisão é frequente no colo e bojo dos potes. Os vestígios de fogo surgem apenas no fabrico designado como O 3 e num caso do fabrico O 2.



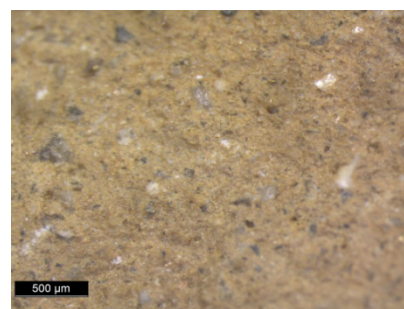
**Figura 44: O 1**



**Figura 45: O 2**



**Figura 46: O 3**



**Figura 47: O 4**

O 1: cor castanho-clara; com micas, enps brancos de média dimensão (potes/panelas);

O 2: cor laranja; com micas e 3 variações de cor: castanho-claro; laranja, com vestígios de fogo;

O 3: cor castanha e laranja apresentando variação provocada pela ação de vestígios de fogo; com micas, enps brancos de média dimensão;

<sup>67</sup> Relembra-se que o fabrico N foi anulado por se integrar nos fabricos já caracterizados optando-se por manter a sequência já elaborada para não fomentar a confusão no grupo de amostras cerâmicas em análise arqueométrica.

---

O 4: cor castanho-clara; com micas, enps. brancos de média dimensão;

**Observações (cozedura, granulometria, compacticidade, cor, categoria morfológica)**

Pasta com cor variando entre o castanho e laranja com diferentes tonalidades e cozedura oxidante, com granulometria fina e média e a presença evidente de micas brilhantes, porosa, compacticidade média-baixa e sinais evidentes do uso do torno. Nos casos dos fragmentos de forma fechada registam menor dimensão em oposição às formas abertas de tamanho superior. Fabrico de peças com dimensões medianas. O recurso regular à decoração incisa denota algum cuidado na conceção de determinadas peças. Predominam os exemplos de fragmentos de espessura e dimensão média, indiciando a produção de um fabrico de potes/panelas (20 frags), tachos (12 frags) e potinhos (8 frags).

Apresenta os seguintes códigos de cor: castanho avermelhado, vermelho, castanho avermelhado vivo, vermelho vivo (2.5YR - 5/4 - 5/6 - 6/4 - 6/6- 6/8); cinzento muito escuro, castanho avermelhado, vermelho amarelado, castanho avermelhado vivo, amarelo avermelhado e rosa (5YR - 3/1 - 4/3 - 4/4 - 5/3- 5/4 - 5/6 - 6/4 - 6/6- 7/4); vermelho vivo (7.5R - 6/6); castanho, castanho vivo, amarelo avermelhado (7.5YR - 4/3 - 5/4 - 6/3 - 6/4 - 6/6); castanho esverdeado, castanho, castanho amarelado, castanho esbatido, castanho amarelado vivo (10YR 5/2 - 5/3 - 5/4 - 6/3 - 6/4).

## VI. 2. Análise arqueométrica

Identificadas as principais características uniformizadoras e individualizadoras de cada conjunto de fabricos, foram selecionados fragmentos representativos de cada grupo tecnológico para análise arqueométrica a realizar no Centro Hércules da Universidade de Évora.

A análise destas amostras assume destaque pelo facto da tipologia tecnológica poder ser reavaliada através de estudo arqueométrico. Este contributo sobre o processo de elaboração das pastas da cerâmica comum da cidade de *Ammaia* possibilita o conhecimento de um universo significativo de fragmentos provenientes da área intramuros.

A análise arqueométrica confirmou a proveniência não local de quatro (4) fabricos: E, J, L, M, tendo os restantes onze (11) grupos, afinidades mineralógicas enquadradas nas características da região. As diversas divisões e subdivisões do quadro tipológico de origem local acontecem essencialmente pelas diferenças ocorridas no conjunto dos trabalhos de produção cerâmica, incluindo o acto de cozedura e depuração. Sobre a problemática dos fornos convirá no futuro tentar concentrar alguns esforços da investigação na tentativa de identificar e definir possíveis locais e zonas de produção. O forno identificado na Horta do Montinho, localizada entre Fortios e Portalegre, com o C.N.S. 5933, merece especial atenção não só, pelo que acrescenta a descrição da base de dados do IGESPAR<sup>68</sup> mas também, pelas características mineralógicas da área envolvente.

A análise mineralógica e química do conjunto resultante da triagem concretizada no laboratório do Museu Cidade de *Ammaia* foi realizada pela Dr.<sup>a</sup> Lúcia Rosado e pela Dr.<sup>a</sup> Cátia Marques Prazeres, investigadoras do Centro Hércules, mediante a coordenação do Professor Doutor José Mirão, docente da Universidade de Évora. Esta interdisciplinaridade pretendeu desde o primeiro momento a possibilidade de revelar orientações válidas sobre a dinâmica local e regional da produção e consumo cerâmico do território *ammaiense*.

#### VI. 2. 1. Breves notas sobre a composição química e mineralógica das cerâmicas comuns de *Ammaia*. José Mirão. Centro Hércules.

##### VI. 2. 1. Introdução

Como apoio à realização da Tese de Doutoramento sobre o assunto. O laboratório Hércules procedeu à análise química e mineralógica de cerâmicas comuns da cidade romana de Ammaia.

Pretende-se estabelecer grupos de composições semelhantes e diferenças entre grupos. Eventualmente poderão ser propostas hipóteses de proveniência.

---

<sup>68</sup> Apesar do campo descritivo não definir períodos cronológicos e atestar a não recolha de materiais arqueológicos, convirá aprofundar os indícios anunciados para este sítio: «Na sequência de uma limpeza de terreno, apareceram vestígios de uma estrutura. A estrutura inferior encontrava-se soterrada, parecendo no entanto estar bem conservada. Em redor, viam-se tijolos e blocos de pedra pertencentes à parte superior do forno que foi completamente decapada pela máquina que executava o trabalho de limpeza do terreno. Não se recolheram quaisquer materiais arqueológicos» (<http://arqueologia.igespar.pt>).

## VI. 2. 2. Metodologia

A composição mineralógica foi estabelecida por difração de raios-X (DRX). Esta técnica apenas é sensível a sólidos cristalinos, pelo que qualquer material amorfo não será identificado. A química das cerâmicas foi identificada por fluorescência de raios-X (XRF) *in-situ* de forma a preservar as peças para outras técnicas e metodologias.

A composição mineralógica de cada um dos elementos do desgordurante foi obtida por espectroscopia de raio-X acoplada a um microscópio eletrónico de varrimento (SEM-EDS).

## VI. 2. 3. Experimental

A difração de raios-X foi efetuada num difractómetro Bruker D8 Advance, utilizando radiação de cobre, varrimentos de 3º a 75º em 2 $\theta$ , com um passo de 0,05º e um tempo em cada ponto de 1s.

Os difractogramas foram tratados com o software X'pert High Score (Panalytical). Cada uma das fases presentes foi identificada recorrendo à base de dados de PDF-2 do "International Centre for Diffraction Data". A avaliação semi-quantitativa recorre à intensidade de cada reflexão e deve ser tomada apenas como indicativa e sobretudo, para efeitos de comparação entre as amostras.

A análise química das cerâmicas foi efetuada recorrendo a um equipamento portátil de marca Bruker e modelo Tracer. Foi usada uma aceleração de 40 KeV, para uma corrente de cerca de 12.5 $\mu$ A. Para minimizar a absorção pelo ar, foi usada uma bomba de vácuo. Para tornar mais eficiente, a deteção de elementos em traço todas as análises foram repetidas com um filtro para otimizar o espaço energético de 5 a 20KeV: Considerando que o objetivo se centram na deteção de relações de semelhança e dissemelhança entre cerâmicas, as análises efetuadas não pretendem ser expressas em % ou ppm. Toda a quantificação é efetuada por determinação da área dos picos. De forma, a valorizar os dados, análise em Componentes Principais, recorrendo ao *software* ANDAD (IST).

A textura, a distribuição dos diferentes elementos químicos e a análise pontual dos diferentes elementos do desgordurante foi avaliado recorrendo a um microscópio eletrónico de varrimento de marca de Hitachi e modelo S3700N, ao qual está acoplado

um espectrómetro de raios-X por dispersão em energia de marca Bruker e modelo Xflash 5010. A aceleração foi de 20kV e a recolha de imagens fez-se sistematicamente modo eletrões retrodifundidos. Os dados composicionais foram obtidos e tratados recorrendo ao software QUANTAX.

#### VI. 2. 4. Resultados

**Tabela 3. Proporções relativas por Difração de Raios-X das diferentes fases mineralógicas nas cerâmicas comuns da Cidade Romana de Ammaia**

Amostra / fase	Quartzo	Illite/moscovite	Hematite	Goethite	Ti-magneite	Fedspato	Mullite	Anfibolas	Piroxena	Zeolitos	Esmectite	Uranianite/Thorianite	Rutilo	Pirofilita	Calcite	Talco
A	++++	+++	+	?		?										
B1	++++	+++	vtg	?	+	?										
B2	++++	++	+	?												
B3	++++	+	vtg													
C1	++++		vtg			vtg	+									
C2	++++	+	?			vtg	?									
C2	++++	++	?			+	?									
D	++++	+++	+			?										
E1	++++	+++	vtg			++		+++	vtg							
E2	++++	+++	+			++		vtg								
E3	++++	++	vtg			++++		+++		++						
F1	++++	+	?			+										
F2	++++	++				++										
G1	++++		?													
G2	++++	++	+				?									
G3	++++						++									
H1-1	++++	+++				+++										
H1-2	+					+++		++++			+++					
H1-3	++++	++				?										
H2	++++	+++				+										
I1	++++	++				++										
I2	++++		+									+	?			
I3	++++		+			++		?				+				
I4	++++	++										+/?				
J	++++	vtg				+			++							
K	++++	vtg					+									
L1	++++	vtg	+			++		+++							?	
L2	+++					++++		+++		++/?	+++				?	?

L3	+++					++++		++++		++/?	+++							?
L4	++++	+				+++		++		?								?
L4	++++	++				+++		+		?								?
M	+					++++												++/?
O1	++++	++				+												
O2	++++	++	+					+										
O3	++++	++				+++												
O4	++++	++				++												
Amostra / fase	Quartzo	Illite/moscovite	Hematite	Goethite	Ti-magneite	Fedspato	Mullite	Anfibolas	Piroxena	Zeolitos	Esmectite	Uranianite/Thorianite	Rutilo	Pirofilita	Calcite	Talco		

++++ (proporção muito elevada (composto predominante)); +++ (proporção elevada); ++ (proporção média); + (existe em fraca proporção); vtg (existe em fraca proporção),? (dúvidas na presença)

A difração de raios-X mostra que com exceção do grupo M, em todos os outros grupos o quartzo é a fase mineralógica mais abundante. Neste grupo, composto por uma única amostra, o feldspato é extremamente abundante e registou-se a presença de pirofilita que pode ser facilmente confundido com calcite.

Existem dois grandes grupos de cerâmicas, no que concerne à mineralogia. Nas cerâmicas A, B, C, D, F, G, H, I (exceto H1-2) e O a illite é a fase argilosa dominante e o feldspato muito abundante. A presença de óxidos de ferro sob a forma de hematite, goethite ou magnetite é uma constante. A possibilidade da existência de óxidos de Urânio, sugere um substrato granítico como rocha mãe da metéria prima usada nestas cerâmicas. A presença de mullite demonstra o uso de temperaturas elevadas durante o cozimento da cerâmica.

Por oposição, os grupos E, J e L são caracterizados pela presença de anfíbola e/ou piroxena. Os feldspatos e quartzo continuam presentes. A esmectite e os zeólitos fazem-se notar como materiais típicos de alteração de rochas ígneas mais básicas.

Os dados de composição química mostram a relações entre elementos químicos. Por exemplo, a afinidade geoquímica entre o Ca e o Sr está marcada pela relação de proporcionalidade entre os elementos (fig. 44).

Da mesma forma, elementos químicos associados a componentes detríticas mantêm uma relação de proporcionalidade (fig. 45).

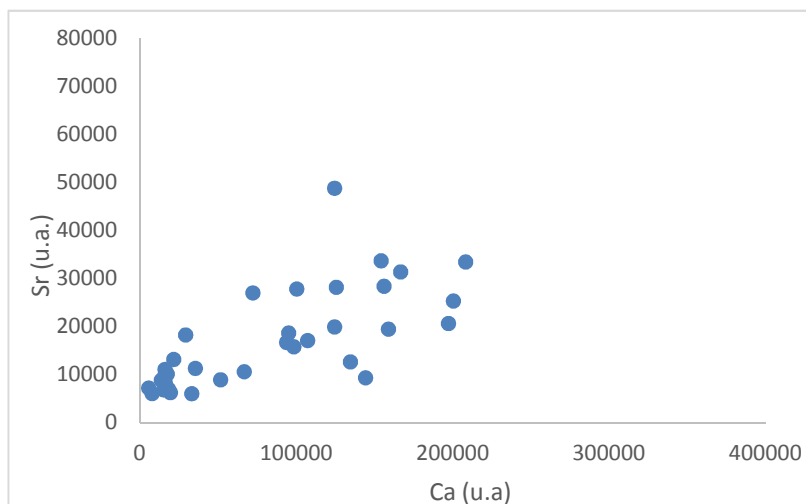


Figura 48. Relação entre Ca e Sr no conjunto das amostras

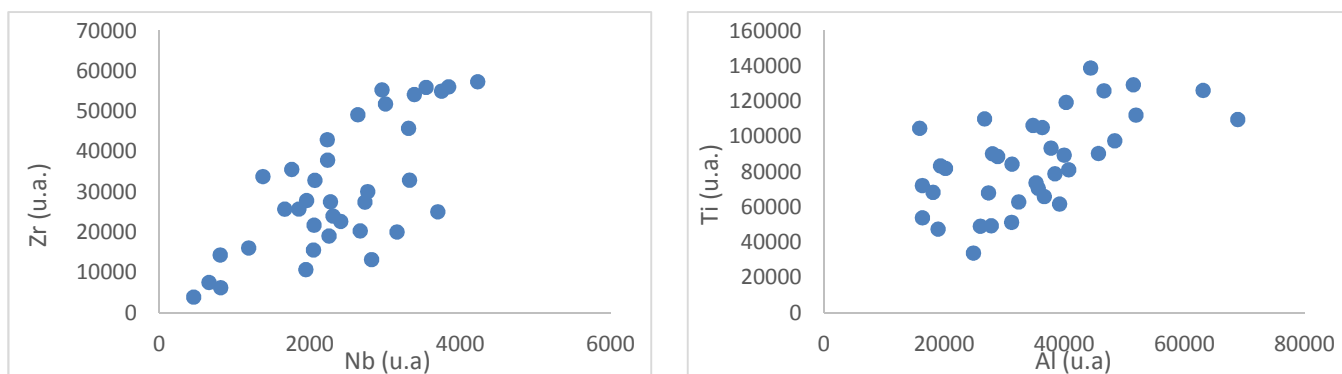


Figura 49. Relação entre Zr vs Nb e Ti vs Al.

Para sublinhar todas as relações entre elementos e o posicionamento das amostras em relação às variáveis, foi efetuada análise em componentes principais com projeção das variáveis composicionais e de amostras em função dos diferentes fatores (fig. 46 e fig. 47).

O fator 1 separa variáveis como manganês, ferro, níquel, cromo, cálcio e estrôncio de variáveis como rubídio, gálio, tório, zircônio, nióbio e potássio. Estes dois grupos apontam para rochas mães máficas, no primeiro caso e félsicas, no segundo. Por outro lado, o fator 2 individualiza amostras ricas em silício, alumínio, titânio, ferro e potássio. Elementos químicos associados a sedimentos detríticos bastante evoluídos e onde as características da rocha mãe estão bastante diluídas.

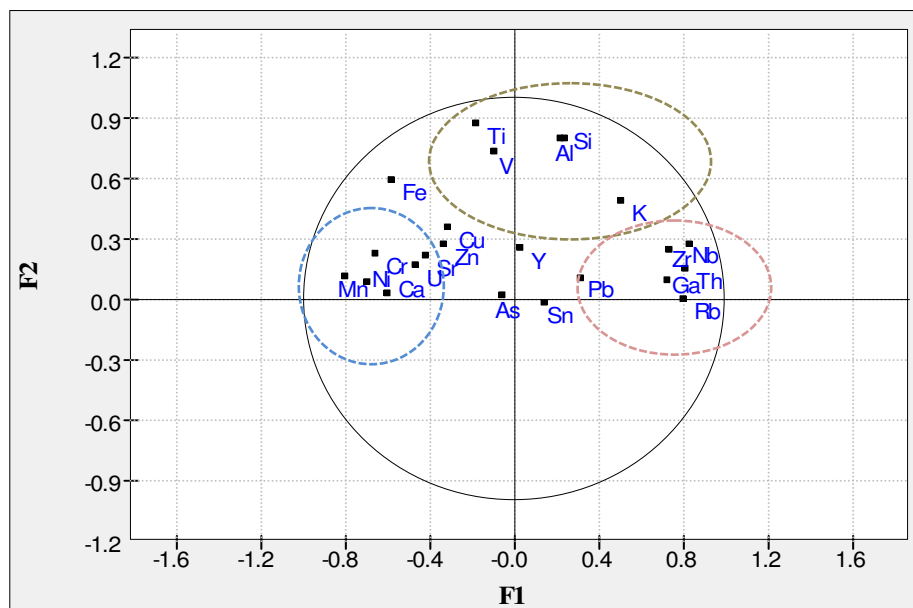


Figura 50. Projeção das variáveis composicionais em função do facto 1 e do facto 2.

Projetando as amostras no mesmo sistema de fatores (fig. 47), é possível vislumbrar que as cerâmicas dos grupos L, J e parcialmente E se projetam no campo associado a rochas máficas. Em oposição, no fator 1, as amostras dos grupos G, C, B projetam-se no campo associado a rochas graníticas. O fator 2 parece separar amostras do mesmo grupo e o campo enriquecido em Ti, Si, Al coincidem com amostras mais empobrecidas em feldspato e portanto mais rica em pasta e ou quartzo. Algumas variações no mesmo grupo podem ser explicadas por heterogeneidades em cada amostra.

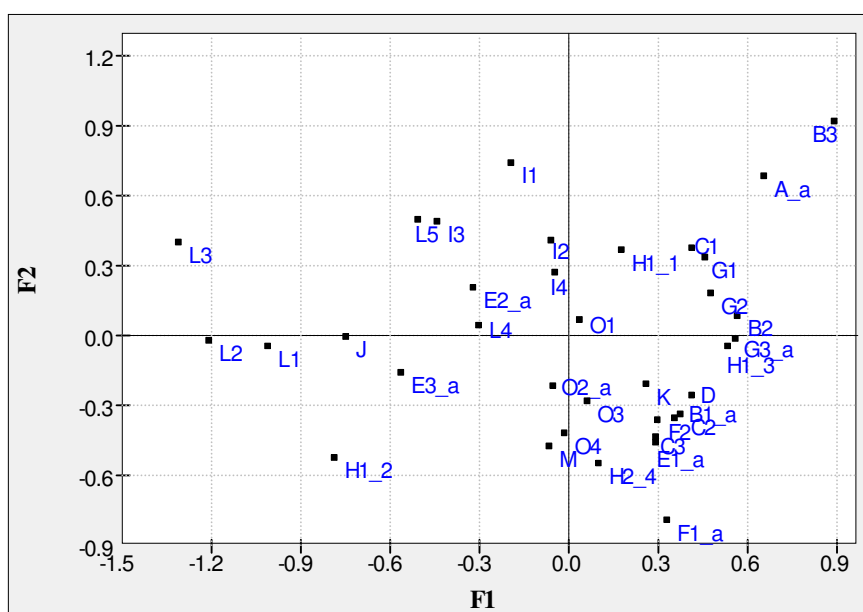
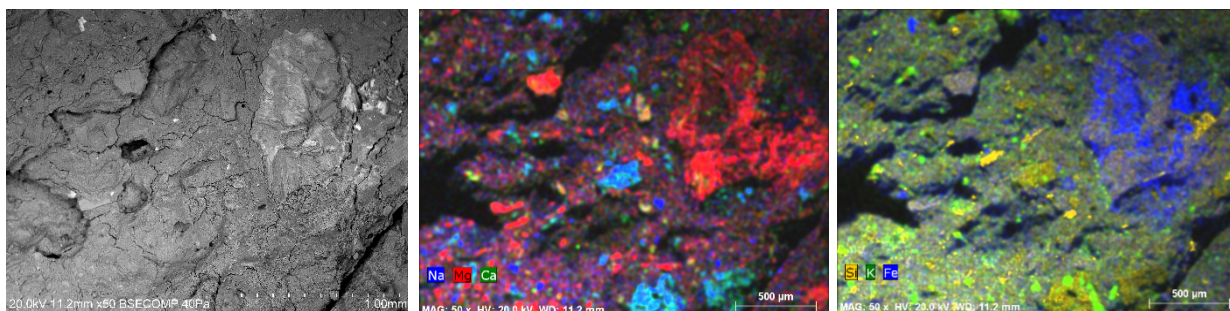


Figura 51. Projeção das propostas em função do fator 1 e do fator 2.

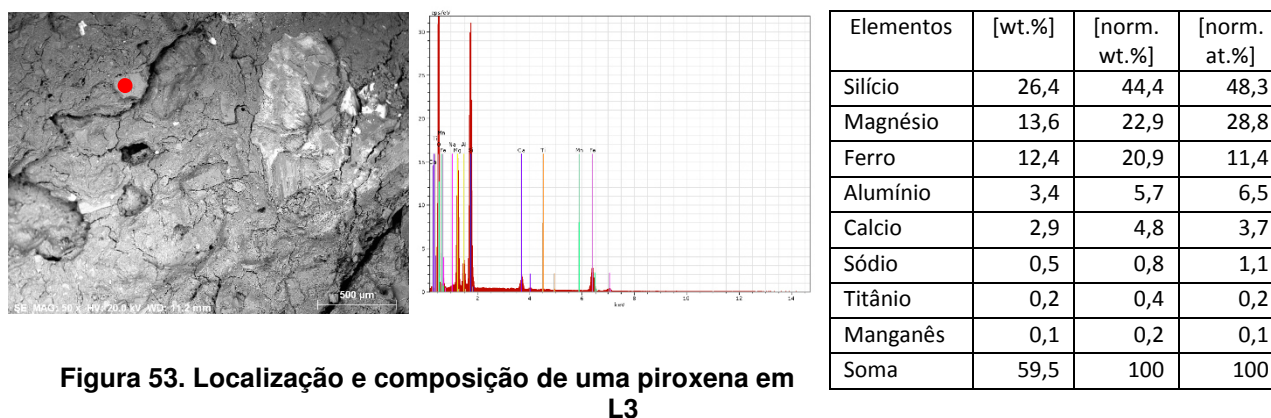


Tomando a amostra L3 como exemplo das cerâmicas ligadas a rochas máficas, recorrendo a SEM-EDS, é possível (fig. 48) perceber que se trata de uma cerâmica de textura grosseira com desengordurantes ricos em Ca, Mg, Fe e sobretudo, com raros constituintes só com sílica (quartzo).

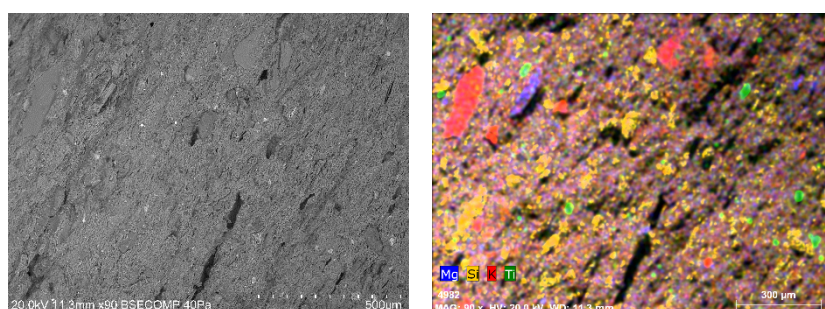


**Figura 52. Distribuição de alguns elementos químicos na amostra L3.**

A composição pontual de alguns elementos do desengordurante confirma a presença de piroxenas (fig. 49) do grupo das pigeonites. Por outro lado, nas cerâmicas associadas a rochas graníticas a granulometria é muito mais fina e abundam os fragmentos de quartzo.



**Figura 53. Localização e composição de uma piroxena em L3**



**Figura 54. Distribuição de alguns elementos químicos na amostra B2**

## VI. 2. 5. Conclusões

Este documento resume de uma forma breve, os dados arqueométricos obtidos sobre as cerâmicas comuns da cidade romana de Ammaia. Apesar de traços comuns, como a abundância de quartzo, existem dois grupos de cerâmicas:

- Um grupo pode ser associado a rochas graníticas e caracterizado pelo domínio de quartzo e feldspato e enriquecimento em elementos como Rb, Zr e Nb.
- Um outro grupo de cerâmicas está associado a rochas máficas, com clara abundância de piroxenas (i.e. pigeonites), anfíbolas e feldspatos e enriquecimento relativo em Ni, Cr, Mn, Ca Sr. A mineralogia de algumas amostras de cerâmica é marcada pela presença de esmectite

Sublinha-se que para o segundo grupo, não há enquadramento geológico na área de Marvão que explique a composição química e mineralógica destas cerâmicas.

## VI. 3. Pratos

### VI. 3. 1. Características técnicas

O conjunto de 74 pratos registou 11 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico A (17 = 22,9 %), E (14 = 18,9 %), I (14 = 18,9 %) e C (11 = 14,8 %). Seguem-se ainda com alguma representatividade os fabricos F (5 = 6,7 %) e H (5 = 6,7 %) e por fim o B (4 = 5,4 %). Os restantes fabricos M (3), G (2), O (2) e K (1) significam juntos apenas 8,1 % do total de indivíduos. A representatividade estatística atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos A, E e I estando alguma popularidade embora secundarizada também definida pelos valores do fabrico C<sup>69</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelos tons vermelhos (2.5 YR 5/6 e 5/4) (6+7 = 13 = 17,5 %), vermelho amarelado (5YR 6/8 e 6/6) (7+5 = 16,2 %), bem como pelo rosa (4) (5YR 7/4) (4 = 5,4 %)<sup>70</sup>.

<sup>69</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 293.

<sup>70</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 294.

### VI. 3. 2. Imitações de “engobe vermelho pompeiano”

Os fabricos que se enquadram nos casos de imitação de “engobe vermelho pompeiano” e registam morfologia idêntica à tipificada por Aguarod Otal são oito. Deste conjunto seis estão associados aos pratos (A, B, C, G, I, O) e quatro (G, H, M, B) às tampas estando dois (B e G) repetidos em ambas as tipologias<sup>71</sup>.

Salienta-se o facto de grande parte dos fabricos que correspondem a imitações desta produção cerâmica se diferenciarem dos restantes quer pela qualidade técnica, quer pelo superior cuidado registado no tratamento de superfície. São igualmente fabricos sem grande expressão numérica quando comparamos com todo o universo cerâmico exumado da Porta Sul. Este facto indicia que especialmente aos fabricos A, B, C e I poderiam estar reservadas tarefas mais específicas e de maior notoriedade podendo denunciar uma proveniência marcadamente mais regional, do que local. Esta realidade aproxima-se do sugerido por Manuela Delgado (Delgado, 1993-94, 119-120) no caso do noroeste peninsular, e enquadra-se na generalidade do que se conhece, sobre a proliferação dos centros de produção não itálicos com capacidade exportadora.

Na região da cidade de *Ammaia* será igualmente pertinente que futuras investigações questionem a origem dos prováveis centros de produção da cerâmica de “imitação de engobe vermelho pompeiano”. É neste caso a incontornável proximidade com *Augusta Emerita* um indício geográfico com sólidos paralelos cerâmicos (Quaresma, 2013) que convirá aprofundar. Sobre este tema o trabalho de Santarém destaca o reportório formal de *terra sigillata* e também de cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” do conhecido centro produtor de Andújar (Arruda, Viegas, 2002; 233).

A análise da relação estabelecida entre fabricos e formas documenta uma preponderância do fabrico A em todas as morfologias, excepto nas tampas. Apesar da reduzida dimensão dos fragmentos de tampa e da sua frequente dupla função prato/tampa dificultar esta abordagem, as semelhanças morfológicas aproxima-os dos casos publicados por Aguarod Otal e aconselham a sua distinção (Aguarod Otal, 1991, p. nº 3 e nº 5, pp. 322, 324).

<sup>71</sup> Cfr. tabela 4. Análise quantitativa das formas e fabricos, pp. 127-128.

**Tabela 4: Análise quantitativa das formas e fabricos**

Figura 1: Análise quantitativa das formas e fabricos							
Forma (Aguarod Otal, 1991)	Nº de fragmentos	Distribuição da representatividade das formas (%)	Nº provável de recipientes	Fabricos		Representatividade (fabricos)	
				Designação	Nº frag.	Designação	(%)
<b>Forma 3</b>	3	8,10 %	2	A	1	A	10 %
				O	9	O	90 %
<b>Forma 5</b>	3	8,10 %	2	A	2	A	100%
<b>Forma 6</b>	19	51,30 %	16	A	4	A	21,05 %
				B	1	B	5,26 %
				C	5	C	26,31 %
				I	9	I	47,36 %
<b>Forma 3 (Tampas)</b>	5	13,50 %	5	G	1	G	20 %
				H	2	H	40 %
				M	1	M	20 %
				B	1	B	20 %
<b>Formas indeterminadas</b>	7	8,90 %	3	I	7	I	100%
<b>Totais</b>	<b>37</b>	<b>100 %</b>	<b>28</b>	<b>8 Fabricos</b>		<b>100 %</b>	

Os fabricos das tampas de um modo geral apresentam pastas mais grosseiras e com enps. de maior dimensão. A frequente dupla funcionalidade destes recipientes prejudica não só, a sua preservação no registo arqueológico como também aproxima a morfologia dos bordos de ambas as categorias dificultando a interpretação tipológica. Este inconveniente adquire contornos de maior evidência em contextos arqueológicos como o atual, onde o índice de fracturação é elevado e o espólio recolhido de pequena e/ou diminuta dimensão.

Destaca-se igualmente o fabrico I pelo número de fragmentos (16) registados essencialmente na forma 6. É a disparidade numérica dos restantes fabricos o que mais sobressai dos números apresentados. A qualidade dos três recipientes deste fabrico também se impõe pela positiva, apresentando engobe interno e predomínio da cor 2.5YR 5/6 na pasta e no engobe.

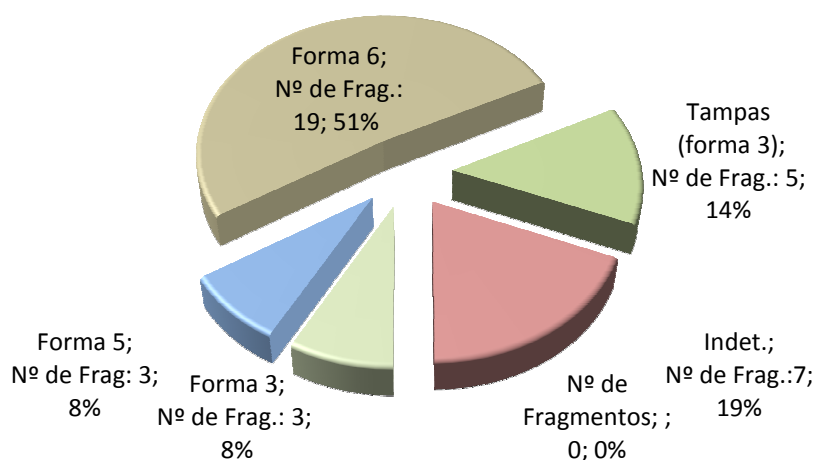
No casos do fabrico I o engobe regista um brilho mais acetinado enquanto que o fabrico O é ligeiramente mais mate. Salientamos igualmente a particularidade das ranhuras ou caneluras concêntricas documentadas na parede interior dos fundos nº 1087, 1088, 1094 e 1095 (fabrico I) a lembrarem as ranhuras concêntricas dos modelos itálicos. O presente conjunto regista a adoção de características típicas da produção

campana não só, na seleção morfológica, como no tratamento de superfície e opções decorativas como são o caso da aplicação de engobe e aguada.

A maior distribuição dos restantes fabricos pelas formas 3, e 5 tendo em consideração o parco número de fragmentos identificados pode relacionar-se mais com as vicissitudes do registo arqueológico do que com uma real tendência documentada estatisticamente. Interpretamos os resultados deste modo, pelo facto da maioria dos fragmentos do fabrico I e O serem resultado de colagens e pertencerem a dois recipientes distintos melhor preservados.

Numa amostra quantitativa de valores limitados e seguindo o mesmo princípio do critério percentual, a variedade de formas materializada pela presença de quatro morfologias distintas, incluindo as tampas, é apesar de tudo um facto assinalável e consistente. Indicia esta realidade um acentuado conhecimento e contato com os modelos originalmente itálicos.

**Distribuição da representatividade das formas**



**Gráfico 6: Distribuição numérica e percentual da representatividade das formas**

Relembramos que a presença da forma 6 é predominante na *Lusitânia* “portuguesa” mas que as restantes formas 3, 4 e 5 rareiam. A morfologia 5 está inclusive ausente do registo de Santarém e a 4 é residual em Lisboa com apenas um fragmento (Fernandes; Filipe, 2007, 238, 242), estando presente também com um exemplar em Alcácer do Sal (Sousa, Sepúlveda, Faria & Ferreira, 2008, 154). Em Conímbriga a situação é idêntica estando apenas representadas as formas 4 (Oberaden 22) e 6 (Oberaden 21 a-b), sendo

apenas quatro exemplares importados da forma 4 e os restantes da forma 6 (Alarcão, 1976, 52, pl. XII, nº 1-4).<sup>72</sup>

A diferença entre as importações de *Olissipo* ou *Scallabis* e as produções locais/regionais da *Ammaia* distanciam a comparação, mas denunciam o conhecimento generalizado de diversos modelos e a opção consciente de preferência pela forma 6. Esta predileção é destacada pelo caso de Conímbriga especialmente nas imitações, todas produzidas por um conjunto de 5 fabricos distintos reproduzindo apenas a forma 6, embora com quatro variações do perfil (Alarcão, 1976, 52).

A popularidade comercial e produtiva desta forma não merece contestação. A coerência dos números é atestada por toda a *Lusitânia*. Os exemplares da cidade da *Ammaia* também comprovam esta tendência.

A função para esta produção cerâmica evidencia no caso *ammaiense* uma clara vocação destes pratos para a preparação de alimentos ou para o uso de serviço de mesa. Inventariou-se um único recipiente com vestígios de marcas de fogo na superfície exterior, estando a singularidade deste exemplo documentada na forma 3.

O significado da associação entre a forma 4 (Aguarod Otal, 1991, 63-67)<sup>73</sup> e o uso culinário coincide com a utilização culinária descrita no caso da Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, 68). Todavia, não é consistente quando comparado com o único exemplar (nº 2339) do teatro de Lisboa (Fernandes; Filipe, 2007, 249) ou com o nº 17 de Alcácer do Sal (Sepúlveda; Sousa, Faria; Ferreira, 2003, 394-95), que sendo dos raros exemplares da mesma forma não apresentam qualquer marca de fogo. Os quatro exemplares de Conímbriga também não documentam qualquer uso culinário (Alarcão, 1976, 55, nº 1-4). Também em Braga as observações sobre a funcionalidade dos fragmentos importados aos quais se associam genericamente tarefas culinárias como cozer pão ou cozinhados à base de farinhas, contrasta com a ausência de vestígios de fuligem nas paredes exteriores dos fragmentos de imitação (Delgado, 1993-94, 116-117). Tal situação reforçada pela análise quantitativa leva a autora a atribuir funcionalidade diversa como servir alimentos sólidos afastando-se da função culinária.

<sup>72</sup> Sobre a correspondência das formas identificadas por Loeschcke (Haltern e Oberaden), Manasse (Luni), Vegas e Aguarod Otal vide: Arruda & Viegas, 2002, 224.

<sup>73</sup> Esta autora divide a forma 4 em dois, salientando as características do bordo e a orientação das paredes. Distingue essencialmente entre bordo oblíquo: a) e bordo horizontal: b) Aguarod Otal, 1991, p. 63-67.



Os exemplos estudados indiciam que todas as formas terão sido multifuncionais não parecendo apontar para qualquer tipo de especialização morfológico-funcional. A proximidade das formas, bem como as características técnicas da produção expressam esta versatilidade.

Curioso é o registo cerâmico de Braga permitir identificar traços atribuídos ao corte de alimentos (Delgado, 1993-94, 117), podendo registo semelhante ser encontrado no teatro de Lisboa e também na *Ammaia*. Lídia Fernandes e Victor Filipe chamam a atenção para este pormenor e para o facto de Aguarod mencionar prática idêntica em cerâmica proveniente da cidade de *Bilbilis*. Igualmente no caso lisboeta estas marcas são interpretadas como resultado da ação do uso de facas (Fernandes; Filipe, 2007, 237). Também no caso *ammaiense* existe um único fragmento (nº 1088)<sup>74</sup> onde é possível identificar marcas aleatórias semelhantes às descritas no teatro de Lisboa e em Braga. Sendo este um detalhe muitas vezes omissivo do registo cerâmico, difícil de identificar e por vezes não valorizado, a persistência destes exemplos exige que a análise dos fundos preservados seja minuciosa em busca de mais paralelos que sustentem esta prática.

A existência de engobe aplicado na parede interior verifica-se em poucos fragmentos. Mais frequente é a presença de uma fina aguada cujo registo é praticamente impercetível. A reduzida amostra cerâmica e elevada fragmentação dos exemplares, não permite esclarecer se este facto se deve a uma opção do oleiro no momento da sua produção, ou ao posterior desaparecimento desta característica técnica do registo cerâmico.

**Tabela 5: Síntese da cerâmica de “imitação de engobe vermelho pompeiano”**

Catálogo síntese da cerâmica de “imitação de engobe vermelho pompeiano” da Porta Sul da cidade de Ammaia													
Nº Invent.	Morfologia			Origem			Fabrico				Dimensões		
	Forma Aguarod Otal	Tipo/morfo	Nº Frag.	Ano	Setor	Q.	Fabrico	Marcas de fogo	Cor:pasta	Cor:engobe	Dm interior bordo/f	Dm exterior bordo/fu	Alt. (cm)
590	3	Prato	3	1995	B (1)	Est 2	O	sim	7.5YR 6/4	2.5 YR 5/6	22	20	3,9
46	5	Prato	1	2001	B	2734	A	não	10R 6/6	-	28	29	3,6
842	5	Prato	1	1995	B	2366	A	não	10R 6/6	10R 6/6	22	20,5	2,7
848	5	Prato	1	1995	B	2533	A	não	10R 6/4	-	46?	43,4?	4,6
131	6	Prato	1	2001	B	2735	A	não	10R 6/6	10R 6/6	25	24,4	5,0
547	6	Prato	1	1995	B	2534	A	não	10R 6/3	10R 6/3	26	24,5	3,3
93	6	Prato	1	1995	B	2534	A	não	10R 6/3	10R 6/3	26	24,5	3,3
467	6	Prato	1	2001	B	2733	B	não	5YR 6/4	10YR 8/5	30	29	2,7

<sup>74</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 5. Anexo fotográfico: XXI. 1. 1. Fundos de pratos/ potes/potinhos? base plana assentamento discoidal, nº 1088, pp. 571-623.

284	6	Prato	1	2001	B	2734	C	não	7.5YR 7/3	-	?	?	1,7
239	6	Prato	1	2001-02	B	2734	C	não	10YR 8/3	-	24	22,7	2,8
234	6	Prato	1	2001-02	B	2734	C	não	10YR 7/3	-	24	22,7	2,8
236	6	Prato	1	2001-02	B	2734	C	não	5YR 7/2	-	24	22,7	2,8
895	6	Prato	1	1995	B	Est 2	C	não	10YR 8/3	-	28	25,5	3,9
229	6	Prato	1	2001-02	B	2734	I	não	7.5YR 8/4	-	30	29	3,5
1019	6	Prato	5	1995	B	2537	I	não	2.5YR 5/6	2.5YR 5/6	32	30,8	4,6
753	6	Prato	2	1996	B	2635	I	não	2.5YR 5/6	-	33	31,9	4,3
754	6	Prato	2	1996	B	2635	I	não	2.5YR 5/6	-	33	31,9	4,3
664	3	Tampa	1	1996	B	2633	G	não	7.5YR 5/4	-	25	23,6	1,0
288	3	Tampa	1	2001	B	2734	H	não	10YR 6/1	-	27	25,3	1,5
947	3	Tampa	1	1996	B	2733	H	não	7.5YR 5/3	-	32	30,2	1,7
803	3	Tampa	1	1995	B	2535	M	não	7.5YR 8/3	-	33	28	1,8
705	3	Tampa	1	1996	B	2635	B	sim	7.5YR 8/3	-	16	15	1,2
1087	?	Fundo	4	1995	B	2537	I	não	2.5YR 5/6	2.5YR 5/6	27	25	1,2
1088	?	Fundo	2	1995	B	2537	I	não	2.5YR 5/6	2.5YR 5/6	28	26	2,8
1138	?	Fundo	1	1995	B	2537	I	não	2.5YR 5/6	2.5YR 5/6	27	25	1,3
Totais	4	2	37	4	1	11	8		13	6			

#### VI. 4. Prato covo

##### VI. 4. 1 Características técnicas

O conjunto de 59 pratos covos registou 12 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destaca o fabrico H (32 = 54,2 %) e C (8 = 13,5 %). Seguem-se ainda com alguma representatividade os fabricos B (5 = 8,4 %) e I (4 = 6,7 %). Os restantes fabricos A, E, G, H2, E, O com (2) indivíduos cada e F (1), L (1), e M (1) significam juntos apenas 25,4 % do total de indivíduos. A representatividade estatística atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos H e C estando alguma popularidade embora secundarizada também definida pelos valores do fabrico B e I<sup>75</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom vermelho acinzentado escuro (2.5 YR 4/1 e 5/1) (8+3 = 11 = 18,6 %) e pelo cinzento esverdeado (GLEY 1 6/10 Y e 5/10 Y) (4+3 = 7 = 11,8)<sup>76</sup>.

#### VI. 5. Tigelas

##### VI. 5. 1. Características técnicas

O conjunto de 46 tigelas registou 10 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico H1 (12 = 26 %), B (11 = 23,9 %), C (8 = 17,3 %) e I (8 = 17,3 %). Segue-se com alguma representatividade o fabrico A (4 = 8,9 %). Os restantes fabricos G (2), O (2) e H2 (1) e M (1) significam juntos apenas 11,8 % do total de indivíduos. A

<sup>75</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 310.

<sup>76</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 294.



representatividade estatística confirma preferência pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos H1, B, C e I<sup>77</sup>.

Os códigos de cor registam predileção pelo tom vermelho amarelado (5 YR 6/6; 2.5 YR 7/6) (6+3 = 19,5 %), rosa (2.5 YR 7/4 e 7.5 YR 7/4) (3+3 = 6 = 13 %) e vermelho acastalhado vivo (2.5 YR 6/4) (3 = 6,5 %)<sup>78</sup>.

## VI. 6. Almofarizes

### VI. 6. 1. Características técnicas

O conjunto de 20 almofarizes registou 7 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico J (6 = 30 %), D (5 = 25 %) e C (3 = 15 %). Seguem-se com alguma representatividade os fabricos E (2 = 10 %) e O (2 = 10 %) e por fim B (1 = 1 %) e H1 (1 = 1 %). A representatividade estatística atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelo fabrico J, D, e C. Recorda-se que o fabrico J corresponde a importações béticas litorais e que tanto o fabrico C como o fabrico D são igualmente pastas claras. Parecendo os 60 % dos três fabricos enumerados significar uma eleição destes fabricos como mais adequados para este tipo de função e morfologia<sup>79</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelos tons claros e muito claros como o laranja amarelado esbatido (WHITE 10YR\_2 9) (2 = 10 %), o castanho muito esbatido (WHITE 10YR\_2 8 10YR 7/4 e 10YR 8/4) ou o castanho amarelado claro (10YR 6/4) (2 = 10 %). Outros exemplos são o castanho claro (7.5YR 6/8) ou o rosa claro (7.5YR 7/3; 7.5YR 8/3; 5YR 7/4)<sup>80</sup>.

Os fabricos retratam a influência do litoral da bética no conjunto estando 6 fragmentos associados a pastas nitidamente béticas (J). A importância quantitativa deste valor assume dimensão de especial relevo nesta categoria morfológica, se tivermos em consideração que em toda a área escavada apenas foram identificados 15 fragmentos originalmente béticos. Seguem-se as pastas calcárias locais/regionais de tons claros e beges identificados com as siglas C (3) e D (5). Este conjunto perfaz 14 do total de 20 fragmentos de almofariz, representando 70 % do conjunto em análise. Os restantes fabricos H1 (1), O (2), E (2) e B (1) significam escassos 20 %.

<sup>77</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 330.

<sup>78</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 331.

<sup>79</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 346.

<sup>80</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 346.

O tratamento de superfície mais frequente é a decoração incisa (4), sucedendo-se o engobe (2), alisamento (1) e aguada (1).

## VI. 7. Alguidares

### VI. 7. 1. Características técnicas

O conjunto de 66 alguidares registou 11 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam os fabricos H1 (17 = 25,7 %), E (16 = 24,2 %), D (13 = 19,6 %) e O (7 = 10,6 %). O fabrico G (5 = 7,5 %) testemunha igualmente alguma representatividade. Os restantes fabricos: A, C, F, H2, I, L, todos com um único fragmento (1) significam juntos apenas 9 % do total de indivíduos.

A representatividade estatística atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos H1, E, D e O<sup>81</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom vermelho (2.5 YR 5/6 e 2.5 YR 5/4) (5 = 7,5 % e 2 = 3 %), pelo vermelho amarelado (5 YR 6/6) (4 = 5,4 %), bem como pelo vermelho claro (2.5 YR 6/8) (4 = 5,4 %) e pelo castanho (10 YR 5/3) (4 = 5,4 %)<sup>82</sup>.

## VI. 8. Alguidares/Bacias

### VI. 8. 1. Características técnicas

O conjunto de 11 alguidares/bacia registou 5 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico D (4 = 36,3 %) e C (3 = 27,2 %). Os restantes fabricos B (1), E (1), H (1) significam juntos apenas 27,2 % do total de indivíduos. A representatividade estatística 63,5 % atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos D e C<sup>83</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom castanho muito esbatido (10 YR 8/4 10 YR 7/4) (3+1 = 4 = 36,3 %) rosa (7.5YR 7/3 e 7/4) (2+1 = 27,2 %). Apresenta igualmente exemplos de fragmentos com variações de vermelho com significativa residualidade numérica como é o caso do vermelho claro (2.5YR 6/6), do vermelho (2.5YR 5/6) e do castanho avermelhado (2.5YR 5/4)<sup>84</sup>.

<sup>81</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 357.

<sup>82</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 358.

<sup>83</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 371.

<sup>84</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 371.

## VI. 9. Terrinas

### VI. 9. 1. Características técnicas

O conjunto de 26 terrinas registou 8 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico B (8 = 30,7 %) e H1 (7 = 26,9 %). Apresenta ainda alguma representatividade o fabrico C (3 = 11,5 %). Seguem-se os fabricos A, E e I, todos com 2 indivíduos (2 = 7,6 %). As restantes produções F (1), G (1) e I (1) manifestam muita residualidade. A representatividade estatística confirma predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos B, H1 <sup>85</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom rosa (7.5 YR 7/3; 7.5 YR 7/4 e 7.5 YR 8/4) (4+2+1+3 = 11 = 42,3 %), castanho acinzentado (10YR 5/2) (3 = 11,5 %), e pelo vermelho esbatido (10R 6/4) (2 = 7,6 %) <sup>86</sup>.

## VI. 10. Tachos

### VI. 10. 1. Características técnicas

O conjunto de 96 tachos registou 10 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico H1 (38 = 39,5 %), E (16 = 16,6 %), O (11 = 11,4 %) e M (10 = 10,4 %). Seguem-se igualmente com alguma representatividade as produções F (5 = 5,2 %) e C (4 = 4,1 %). Os restantes fabricos D (3), G (3), H2 (2) e B (1) registam valores residuais. A representatividade estatística atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos H1, E, O e M estando alguma popularidade embora secundarizada também definida pelos valores conjuntos dos fabrico F e C <sup>87</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom vermelho acastanhado (5YR 5/4; 5YR 5/3; 5YR 5/3; 5YR 4/4) (11+2+1 = 14,5 %), vermelho amarelado (5 YR 6/6) (9 = 9,3 %), e vermelho vivo (2.5 YR 6/6; 2.5 YR 6/8) (5+4 = 9,3 %). Com muito menor expressividade regista-se igualmente a matiz cinzenta (5 Y 5/1; 5 Y 6/1) e cinzenta oliva (5 Y 5/3; 5 Y 4/4) <sup>88</sup>.

<sup>85</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 380.

<sup>86</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 380.

<sup>87</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 391.

<sup>88</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 392.

## VI. 11. Painelas

### VI. 11. 1. Características técnicas

O conjunto de 60 painelas registou 14 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico G (19 = 31,6 %) e C (11 = 18,3 %). Seguem-se ainda com alguma representatividade os fabricos E (7 = 11,6 %), F (6 = 10 %) e H1 (5 = 8,3 %). Os restantes fabricos B (3), D (2), H2 (2), e A, I, J, M e O (1) registam valores residuais. A representatividade estatística certifica predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos G e C, estando alguma popularidade embora secundarizada, também definida pelos valores do fabrico E e F<sup>89</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo vermelho amarelado (7.5 YR 7/6) e rosa (7.5 YR 7/4) (7 = 13 = 11,6 %). As restantes cores à exceção do castanho muito esbatido (10YR 7/3; 10YR 8/2; 10YR 8/4) (4+1+1 = 6 = 10 %) e dos tons de vermelho acastanhado (5 YR 5/4) (3 = 5 %), vermelho acastanhado claro (5 YR 6/4) (3 = 5 %), e do vermelho amarelado (5 YR 6/6) (3 = 5 %), registam valores residuais<sup>90</sup>.

## VI. 12. Potes/Painelas

### VI. 12. 1. Características técnicas

O conjunto de 165 potes/painelas registou 12 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico H1 (40 = 24,2 %), C (25 = 15,1 %), F (22 = 13,3 %), G (20 = 12,1 %) e O (20 = 12,1 %). Igualmente bem representadas estão as produções H2 (11 = 6,6 %), E (8 = 4,8 %) e I (7 = 4,2 %). Os restantes fabricos A (2), B (2), D (2) e M (2) registam valores residuais. A representatividade estatística confirma preferência pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos H1, C, F, G e O<sup>91</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom rosa (7.5YR 7/4) (12 = 7,2 %), vermelho amarelado (5YR 6/6) (7 = 4,2 %), castanho (7.5YR 5/4), castanho muito esbatido (10YR 7/4; 10YR 7/3) (6+5 = 11 = 6,6 %), bem como pelo vermelho (2.5YR 5/6), ou pelo castanho avermelhado (5YR 5/4; 5YR 4/3) (7 = 11 = 6,6 %)<sup>92</sup>.

<sup>89</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 406.

<sup>90</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 407.

<sup>91</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 420.

<sup>92</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 421.

## VI. 13. Potes

### VI. 13. 1. Características técnicas

O conjunto de 97 potes registou 13 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico F (14 = 14,4 %), A (13 = 13,4 %), B (12 = 13,3 %), C (12 = 13,3 %), E (11 = 11,3 %), H1 (11 = 11,3 %) e G (9 = 9,2 %). Segue-se com menor representatividade a produção I (5 = 5,1 %). Os restantes fabricos O (3), M (2), H2 (1), J (1) e L (1) registam valores residuais. A representatividade estatística infere predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos F, A, B, C, E, H1, e G<sup>93</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom de castanho muito esbatido (10 YR 7/3; 10 YR 7/4; 10 YR 8/2; 10 YR 8/4; 10 YR 8/4) (8+4+1+3+4 = 20,6 %), castanho avermelhado vivo (5YR 6/3, 5YR 6/4) (1+8 = 9,2 %), e rosa (7.5YR 7/4; 7.5YR 7/3; 7.5YR 8/3; 7.5YR 8/4) (6+3+1+1 = 11 = 11,3 %)<sup>94</sup>.

## VI. 14. Taças

### VI. 14. 1. Características técnicas

O conjunto de 5 taças registou 3 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico H2 (2 = 40 %). Seguem-se os fabricos E (1 = 20 %) e O (1 = 20 %). A representatividade estatística apesar de muito reduzida atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelo fabrico H2 estando estas ilações condicionadas pela deficiente representatividade do conjunto<sup>95</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom cinzento (5 YR 6/1) (2 = 40 %), vermelho amarelado (5YR 5/6) (1 = 20 %), e castanho avermelhado (5YR 5/4) (1 = 20 %)<sup>96</sup>.

## VI. 15. Potinhos/Púcaros

### VI. 15. 1. Características técnicas

O universo de 126 potinhos/púcaros registou 12 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico B (61 = 48,4 %), H1 (46 = 36,5 %), A (24 = 19 %), C (21 = 16,6 %), I (21 = 16,6 %). A sequência percentual privilegia as produções E (15 = 11,9 %) e O (9 = 7,1

<sup>93</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 438.

<sup>94</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 439.

<sup>95</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 451.

<sup>96</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 451.

%). Os restantes fabricos K (5), H2 (5), F (4), G (3) e J (3) apresentam valores residuais. A representatividade estatística atesta primazia pelo quadro tecnológico definido essencialmente pelo fabrico B, secundarizado por H1, A, C e I<sup>97</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom rosa (7.5 YR 7/4; 7.5 YR 7/3; 7.5 YR 8/3; 7.5 YR 8/4; 5YR 7/4) (18+5+5+8+11 = 47 = 37,3 %), castanho muito esbatido (10YR 7/3; 10YR 7/4; 10YR 8/2; 10YR 8/3; 10YR 8/4) (9+3+3+3+4 = 22 = 17,4 %), castanho claro (7.5YR 6/4) (7 = 5,5 %), castanho avermelhado claro (2.5YR 6/4; 2.5YR 6/3; 2.5YR 7/3; 2.5YR 7/4) (5+2+1+3 = 11 = 8,7 %). De modo menos representativo também pelo cinzento (GLEY 1 5/10Y) e pelo branco (WHITE 10YR\_ /2 8).

## VI. 16. Jarros

### VI. 16. 1. Características técnicas

O universo de 35 jarros registou 9 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico H1 (11 = 31,4 %) e G (9 = 25,7 %). A sequência representativa favorece as produções B (4 = 11,4 %) e E (7 = 11,4 %) e por fim C (3 = 8,5 %). Os restantes fabricos A (1), D (1), H2 (2) e L (1) registam valores residuais. A representatividade estatística determina preferência pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos H1 e G, estando alguma popularidade secundarizada igualmente pelos valores do fabrico B e E<sup>98</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom castanho avermelhado (2.5 YR 5/4) (5 = 14,2 %), vermelho amarelado (5YR 6/8), (3 = 8,5 %), castanho muito esbatido (10YR 7/4; 10YR 8/3) (2+2 = 11,4 %), castanho (7.5 YR 5/4) (1), castanho vivo (7.5 YR 6/4) (3 = 8,5 %) e cinzento esverdeado (GLEY 1 5/10Y) (2 = 5,7 %)<sup>99</sup>. O único recipiente mais próximo da morfologia tradicional dos púcaros regista fabrico H1 e cor cinzenta escura (5Y 4/1)<sup>100</sup>.

## VI. 17. Bilhas

### VI. 17. 1. Características técnicas

O conjunto de 54 bilhas registou 11 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam os fabricos B (10 = 18,5 %), E (10 = 18,5 %) e I (10 = 18,5 %). A sequência representativa

<sup>97</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 462.

<sup>98</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 484.

<sup>99</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 485.

<sup>100</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 463.

favorece as produções G (5 = 9,2 %), C (4 = 7,4 %) e H1 (4 = 7,4 %). Os restantes fabricos à exceção do A (3) e do J (3) registam valores residuais: O (2), D (1), M (1). A representatividade estatística documenta primazia pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos B, E e I, estando alguma popularidade embora secundarizada igualmente definida pelos valores do fabrico G <sup>101</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom amarelo avermelhado (5 YR 6/6; 5 YR 7/6; 5 YR 7/8; 5 YR 7/6) (8+2+1 = 11 = 20,3 %), castanho muito esbatido (10YR 8/4; 10YR 8/3; 10YR 8/2; 10YR 7/3) (5+2+3+1 = 11 = 20,3 %), castanho (7.5 YR 6/4) (4 = 7,4 %), castanho avermelhado vivo (2.5 YR 7/4) (3 = 5,5 %) e vermelho (2.5 YR 6/6) (3 = 5,5 %) <sup>102</sup>.

## VI. 18. Cântaros

### VI. 18. 1. Características técnicas

O conjunto de 9 cântaros registou 11 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico C (2 = 22,2 %), E (22,2 %). Os restantes fabricos D (1), F (1), G (1), I (1) e O (1) apresentam valores residuais. A representatividade estatística apesar de frágil determina primazia pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos C e E <sup>103</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom amarelo avermelhado (7.5YR 6/6; 5YR 7/8; 5 YR 7/8) (1+1+1 = 3 = 22,2 %), castanho vivo (7.5 YR 6/4) (2 = 22,2 %), castanho (7.5 YR 5/4) e ainda a opção pelo castanho muito esbatido (10YR 8/3; 10YR 7/3) (1+1 = 2 = 22,2 %) <sup>104</sup>.

## VI. 19. Garrafas

### VI. 19. 1. Características técnicas

O conjunto de 8 garrafas registou 2 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destaca o fabrico B (6 = 75 %). Segue-se o fabrico E (2 = 25 %). A representatividade estatística atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelo fabrico B <sup>105</sup>.

<sup>101</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 16. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 498..

<sup>102</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 16. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 499.

<sup>103</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 511.

<sup>104</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 511.

<sup>105</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 517.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom castanho muito esbatido (10YR 8/4; 10YR 8/3) ( $4+2 = 6 = 75 \%$ ) e amarelo avermelhado (7.5 YR 6/6; 5 YR 7/6) ( $1+1 = 2 = 25 \%$ )<sup>106</sup>.

## VI. 20. Talhas

### VI. 20. 1. Características técnicas

O conjunto de 28 talhas registou 9 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico L (14 = 50 %) e E (6 = 21,4 %). Os restantes fabricos D (2), F (1), G (1), H1 (1), H2 (1), M (1) e O (1) apresentam valores residuais. A representatividade estatística documenta clara predileção pelo quadro tecnológico definido pelo fabrico L, seguindo-se a longa distância o fabrico E<sup>107</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom castanho avermelhado (5YR 5/4; 5YR 5/3; 2YR 5/3) ( $6+1+2 = 9 = 32,1 \%$ ), vermelho (2YR 5/6) (3 = 25 %) e castanho claro (7.5YR 6/3) (2 = 7,1 %)<sup>108</sup>.

## VI. 21. Tampas

### VI. 21. 1. Características técnicas

O universo de 24 tampas registou 7 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico H1 (9 = 32,1 %), B (6 = 21,4 %) e G (5 = 17,8 %). Os restantes fabricos A (1), C (1), E (1) e M (1) significam juntos apenas 14,2 %, apresentando valores residuais. A representatividade estatística documenta primazia do quadro tecnológico definido com as pelos fabricos H1, B e C<sup>109</sup>.

Os códigos de cor registam preferência pelo tom rosa (7.5YR 7/4; 7.5YR 8/3; 7.5YR 8/4; 5 YR 7/4) ( $2+2+2+1 = 7 = 25 \%$ ), castanho muito esbatido (10YR 7/3) (2 = 7,1 %) e castanho esbatido (10YR 6/3) (2 = 7,1 %). Menos representados estão igualmente o castanho avermelhado (5YR 5/3; 2YR 5/4) ( $1+1 = 2 = 7,1 \%$ ), castanho avermelhado claro (5YR 6/4) ( $1+1 = 2 = 7,1 \%$ ), o cinzento (GLEY 1 6/N) (2 = 7,1 %) e o cinzento esverdeado (GLEY 1 6/N) (1 = 3,5 %)<sup>110</sup>.

<sup>106</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 517.

<sup>107</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 524.

<sup>108</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 524.

<sup>109</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico, p. 533.

<sup>110</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 3. 2. Distribuição de fragmentos por código de cor, p. 533.



## VI. 22. Suporte

### VI. 22. 1. Características técnicas

O único fragmento de suporte identificado apresenta fabrico C e cor cinzenta (10YR 7/1)<sup>111</sup>.

## VI. 23. Fundos

### VI. 23. 1. Características técnicas

O conjunto de fragmentos de fundos foi enquadrado com as restantes categorias morfológicas. Registou 11 tipos de fabrico cerâmico dos quais se destacam o fabrico H1 (17 = 22,9 %), E (16 = 18,9 %), D (13 = 18,9 %) e O (7 = 14,8 %). Seguem-se ainda com alguma representatividade os fabricos F (5 = 6,7 %) e H (5 = 6,7 %) e por fim o B (4 = 5,4 %). Os restantes fabricos M (3), G (2), O (2) e K (1) significam juntos somente 8,1 % do total de indivíduos. A representatividade estatística atesta predileção pelo quadro tecnológico definido pelos fabricos A, E e I estando alguma popularidade secundarizada igualmente pelos valores definidos pelo fabrico C.

Os códigos de cor registam preferência pelos tons vermelhos (2.5 YR 5/6 e 5/4) (6+7 = 13 = 17,5 %), vermelho amarelado (5YR 6/8 e 6/6) (7+5 = 16,2 %), bem como pelo rosa (4) (5YR 7/4) (4 = 5,4 %).

## VI. 24. Coleção Maças

### VI. 24. 1. Características técnicas

#### VI. 24. 1. 1. Relação entre categorias morfológicas e fabricos

A informação dos fabricos começou a ser compreendida a partir dos fragmentos exumados da área intramuros da cidade de *Ammaia*. Mencionam-se os fabricos que foram identificados na coleção Maças sendo por isso comuns a ambas as proveniências: coleção Maças e cidade de *Ammaia*. A confrontação da informação arqueométrica dos recipientes da coleção Maças, oriundos das necrópoles da mesma urbe foi juntamente com o valor morfológico de peças inteiras, uma das principais motivações para procurar este encontro e contextualização cerâmica.

<sup>111</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 21. 3. 1. Distribuição de fragmentos por grupo de fabrico e código de cor, p. 539.

**Tabela 6: Distribuição dos fabricos por categoria morfológica**

Distribuição dos fabricos por categoria morfológica	
Categoria Morfológica	Fabricos
Pratos	A (3), B (2), C (7), E (11)
Tigelas	A (1), C (1), E (1), H1(1)
Potes	E (2), O (1)
Taças	O (1)
Potinhos/ Púcaro	A (1), B (8), C (1), E (10), F (2), H1 (6), O (8) H1 (1)
Jarros	B (1), L (1)
Bilhas	B (8), C (1), E (6), I (1), O (1)
Garrafas	B (6), E (2)
Tampas	B (1), H1 (1)

A distribuição estatística dos fabricos demonstra que em muitas das categorias morfológicas não é possível alcançar valores de predileção devido ao baixo número de exemplares e elevada variedade de fabricos. Contudo, poder-se-á em alguns casos, estabelecer tendências que apesar de fortemente condicionadas pelo reduzido valor da amostra são indicadores.

O que mais se destaca de todo o conjunto é a frequência do fabrico E nas formas de pratos, potinhos e bilhas apesar de também surgir com as tigelas e com os potes. Sendo os três primeiros casos as morfologias mais representadas (24 % + 37 % + 18 % = 79 %) a amostra assume neste exemplo, considerável solidez numérica, indiciando uma preferência pelas formas mencionadas e evidente maior representatividade deste fabrico (33 %) em relação aos restantes.

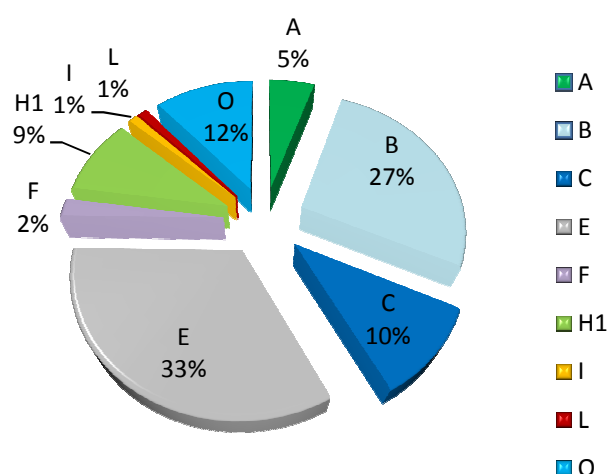
O segundo fabrico mais representado é o B (27 %) surgindo associado aos pratos, potinhos, jarros, bilhas garrafas e tampas. Apresenta grande variedade morfológica, sendo no entanto, a sua presença nas tampas e garrafas meramente residual.

O fabrico O (12 %) foi identificado em potes, no único exemplar de taça, potinhos e bilhas e distancia-se numericamente da representatividade dos dois primeiros grupos tecnológicos.

Com percentagem semelhante, o fabrico C (10 %) associa-se a pratos, tigelas, potinhos e bilhas, estabelecendo um limite credível para a atribuição de valores de representação razoáveis.

O fabrico H1 com apenas 9 % do número total de indivíduos distribuídos por tigelas, potinhos, púcaros e tampas separa-se dos valores meramente residuais dos fabricos A (5 %), I (1 %) e L (1 %).

O significado dos resultados estatísticos destaca não só, a maior representação dos fabricos E, B, O e C, como uma grande variedade de formas adotadas por cada fabrico. Confirmou-se uma oscilação máxima entre quatro a seis formas distintas por fabrico.



**Gráfico 6: Distribuição percentual dos fabricos**

Passa-se a expor o impacto destas opções em cada categoria morfológica identificada neste universo cerâmico.

Os fabricos que se encontram associados à forma dos pratos são o E (11), C (7), A (3) e B (2), indiciando um clara preferência pelas duas primeiras escolhas técnicas: E e C.

As tigelas registam elevada diversidade de fabricos existindo tantos fabricos como o número de exemplares (A, C, E, H1).

No caso dos potes os fabricos resumem-se a dois (E e O) num universo restrito de apenas três exemplares.

A única taça identificada de cronologia pré-romana apresenta fabrico O.

A forma com maior representatividade são os potinhos (37 %) que se traduzem igualmente numa grande diversidade de fabricos (7). Nota-se uma tendência centrada

em B, E e O. O único púcaro estudado regista fabrico H1. A reduzida representatividade dos jarros divide-se pelos fabricos B e L.

As bilhas demonstram predileção pelos fabricos B (7) e E (6), estando residualmente também presentes o fabrico C e I apenas com um exemplo cada.

As garrafas apresentam reduzida variedade igualmente nas cores, estando somente o fabrico B (6) e E (2) documentados.

Por fim, as tampas apenas com dois exemplares de fabricos distintos: B e H1, destacam-se pela atenção decorativa evidenciada no tratamento de superfície.

#### VI. 24. 1. 2. Tratamento de Superfície

A integral compreensão desta característica técnica só será entendida se forem tidas em conta todas as condicionantes e variáveis que possam afetar o índice de preservação dos recipientes cerâmicos. Ou seja, depois de observado todo o universo cerâmico em estudo facilmente se observa que na esmagadora maioria dos casos os recursos técnicos dos tratamentos de superfície apenas estão preservados e visíveis em pequenas percentagens das paredes exteriores ou interiores.

A análise de todo o universo cerâmico, acentuada pelos casos de recipientes que após tratamento de restauro documentaram polimento e mesmo pinturas, indicia e reforça a sensação de que grande parte do acervo teria tratamento de superfície cuidado, não estando atualmente visível no registo cerâmico.

Este lote permite obter uma noção de conjunto demonstrativa que o todo é necessariamente mais do que a soma das partes. Vejamos por exemplo, o caso do jarro identificado no MNA com o nº 2011-10-58<sup>112</sup> e apresentado por Josefa Neves (Neves, 1972, Est. V, nº 37) sem polimento ou menção a ténues vestígios de engobe. Estas características não tinham sido detetada no trabalho de 1972 simplesmente porque ainda não tinha sido algo de limpeza/tratamento por parte de técnicos de conservação e restauro do Museu Nacional de Arqueologia.

Situação idêntica ocorre com os potinhos nº 2011-10-63 (Neves,1972, Est. IV, nº 26) e 2011-10-96 (Neves,1972, Est. IV, nº 25), ambos com bandas paralelas polidas

<sup>112</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 6. Anexo fotográfico.

levemente oblíquas localizadas entre o colo e o bojo, igualmente não identificadas em 1972<sup>113</sup>.

A dimensão estética de todos os recipientes adquire contornos e impactos completamente distintos. Um dos exemplos mais marcante é o identificado na bilha 2011-10-92 (Neves, 1972, Est. V, nº 36), onde não surpreende que na publicação de 1972 estejam ausentes as pinturas no ombro e bojo. Mais surpreendente é que passadas quatro décadas entre estes dois trabalhos, e quase um século desde o início da formação da coleção Maçãs, ainda se consigam identificar técnicas e novidades em recipientes com tão longa história. Esta dimensão quase duplamente arqueológica, permitiu constatar que neste intervalo de quatro décadas, este mesmo recipiente (2011-10-92) sofreu ligeira fratura no bordo e que o potinho nº 2011-10-63 ficou sem um asa em virtude do seu descolamento.

Este caso de estudo, alerta para a importância da boa prática da questionação e aconselha a moderação quanto ao alcance das “certezas” e “verdades” quantificáveis no contexto da cultura cerâmica. Relembra simultaneamente, o grande desafio que representa para a prática arqueológica a precibilidade de inúmeras realidades materiais, e um ensinamento que facilmente se olvida: a ausência de algo no registo arqueológico, não significa a sua direta inexistência.

Relembramos que estas peças para além de terem sido estudadas em 1972, foram inclusive expostas e permaneceram longos anos classificadas sem qualquer decoração de superfície.

O privilégio de perante as atuais circunstâncias poder analisar diversos recipientes inteiros de cerâmica comum, oriundos do mesmo sítio, faculta a oportunidade de com razoável segurança, dilatar a dimensão decorativa das peças de cerâmica comum. Na verdade, o que geralmente é analisado são pequenos fragmentos de cerâmica com considerável desgaste e onde geralmente não resiste a decoração de superfície mais delicada. A observação deste conjunto de formas inteiras possibilitou não só, o mais espontâneo enquadramento morfológico de diminutos fragmentos, como possibilitou conhecer um patamar de informação técnica credível que autoriza questionar a generalização das práticas decorativas da dita cerâmica comum.

---

<sup>113</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 6. Anexo fotográfico.

A desequilibrada percentagem de fragmentos de cerâmica comum decorada, poderá ser explicada não apenas por causas relacionadas com a matéria-prima, técnicas ou opções de fabrico, mas também e em grande medida, pelas diversas condicionantes do registo arqueológico e índices de fragmentação/preservação cerâmica.

## VII. ESTUDO DAS FORMAS

### VII. 1. Categorias morfológicas

#### VII. 1. 1. Indeterminada

Os valores percentuais de fragmentos com informação morfológica quando comparados com todo o universo cerâmico analisado são francamente reduzidos. Se observarmos o valor de 10,28 % referente à Porta Sul, e de 20,04 % referente às Termas temos uma amostra que confirma o elevado índice de fragmentação cerâmica e o denso trabalho de triagem que o registo arqueológico exige.

Os valores apresentados são igualmente atestados pelos 204 fragmentos que depois de inventariados não permitiram a definição da categoria morfológica. Sendo uma realidade identificada com valores percentuais idênticos na Porta Sul (134) (total = 828; 134 frags. = **16, 1 %**), nas Termas (64) (total = 327; 64 frags. = **19, 5 %**) = 31,3 % e no Estacionamento (6) (total = 41; 6 frags. = **14,6 %**)<sup>114</sup>, todas as áreas reforçam a mesma tendência do registo cerâmico e a mesma proporcionalidade face aos valores globais.

### VII. 2. PRATOS

#### VII. 2. 1. Proveniência

O número total de 74 fragmentos de pratos identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 61 exemplares identificados na Porta Sul e pelos 13 exemplares oriundos das termas. As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (29), 1996 (17) e 2001 (12) o valor de 58 fragmentos de prato, significando 78 % do número total de fragmentos.

<sup>114</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 1. Indeterminada, p. 280-284.

Nas termas os fragmentos de pratos resumem-se a escassas 13 unidades. Relembra-se que os exemplares associados ao contexto de necrópole da coleção Maças foram individualizados em capítulo autónomo<sup>115</sup>.

#### VII. 2. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 61 fragmentos de prato identificados na Porta Sul demonstra especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2636 (17), Q: 2635 (8) e Q: 2734 (8). Esta primazia indicia predileção sobre o limite exterior intramuros, da estrutura circular, confirmada igualmente pelo número alcançado pelo Q: 2733 (6). Também a torre Este atesta este facto, embora de forma menos notória, através do Q: 2537 (7).

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas fica prejudicada pela sua diminuta representatividade numérica. Destacam-se apesar disso os Q: D (4), Q: AMB E (4) quando comparados com o Q: 1110 (3) e Q: 1209 (2)<sup>116</sup>.

#### VII. 2. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A parca representatividade condiciona igualmente a interpretação estratigráfica. Os fragmentos de prato estão presentes nas Ue's [86], [110], [152], [98], demonstrando ligeira prevalência as Ue's [86] (2) e [152] (2) para este tipo de categoria morfológica<sup>117</sup>.

#### VII. 2. 2. Caracterização morfológica

##### VII. 2. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de prato registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 10 cm e os 46 cm. Sobressaem os diâmetros com 16 cm, 26 cm, 27 cm, 33 cm e 35 cm. Confirma-se maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 26 e os 35 cm<sup>118</sup>.

<sup>115</sup> Todos os recipientes com esta origem independentemente da categoria morfológica foram igualmente contabilizados sendo parte integrante da informação estatística apresentada na abordagem quantitativa.

<sup>116</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 285-289.

<sup>117</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 290.

<sup>118</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 290.

#### VII. 2. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de prato compreende um intervalo de valores entre os 1cm e os 5 cm. Esta reduzida dimensão é reveladora do elevado índice de fragmentação essencialmente dos bordos desta forma aberta. Sendo os 3,55 cm a altura com mais fragmentos (5) representados é igualmente possível encontrar quatro (4) casos de 2,7 cm e de 3 cm. Os valores de registo com dois e um único exemplar são os mais frequentes e variam entre 1 cm e os 4,5 cm. Destacam-se desta regularidade os registos de altura de 1,8 cm, 3,8 cm e 4,7 cm com três (3) exemplares cada <sup>119</sup>.

#### VII. 2. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de prato apresentam valores entre os 10 cm e os 20 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 10 e os 11 cm <sup>120</sup>.

#### VII. 2. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de prato foi o bordo direito sem inflexão (37), seguido do bordo introvertido com 12 (22 %) indivíduos. Os bordos extrovertidos (3) e os bordos extrovertidos com inflexão sem ressalto (2) representam juntos apenas 9 % do número total de fragmentos. Os 68 % do bordo direito sem inflexão não deixam contestação ao predomínio desta opção morfológica <sup>121</sup>.

#### VII. 2. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A forma dos fragmentos de prato que mais se reproduz é naturalmente a forma esvasada e representa como seria de esperar 86 % do total de fragmentos. Todas as restantes formas incluindo o bordo introvertido com inflexão e sem ressalto, com apenas três (3) exemplos são manifestamente residuais.<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 291.

<sup>120</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interno do bordo, p. 291.

<sup>121</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 292.

<sup>122</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 292.



#### VII. 2. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de prato. Neste caso impera o lábio boleado com 58,6 %, seguido do perfil troncocónico invertido com 34,6 %, sendo os restantes casos meramente residuais <sup>123</sup>.

#### VII. 2. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de prato são o engobe, representando 55 % do total de indivíduos e o alisamento com 26 %. Também se registaram casos nunca superiores a dois exemplares de aguada, caneluras, incisões e ranhuras, significando ora 2 %, ora 5 % do total do conjunto <sup>124</sup>.

#### VII. 2. 3. Paralelos bibliográficos

A comparação morfológica realizada com cerâmicas comuns de outras origens possibilitou o confronto com a informação alcançada nesses sítios. Optou-se por individualizar a análise formal e tecnológica de cada fragmento ou recipiente, apresentando essas características em tabelas específicas para o efeito no volume II, dos anexos <sup>125</sup>. Destaca-se neste capítulo a interpretação morfológica, espacial e cronológica que as diversas fontes e proveniências possibilitaram.

#### VII. 2. 3. 1. Pratos de bordo direito

A categoria dos pratos (**I. 1. 1 A.**)<sup>126</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. A sobretudo no caso do nº 131 regista paralelos com a publicação de Josefa Neves dedicada às cerâmicas de contexto fúnebre da coleção Maçãs, provenientes de São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est III: nº 7-11). As semelhanças documentam-se

<sup>123</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 293.

<sup>124</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 295.

<sup>125</sup> Cfr. Volume II. Anexos: Cfr. Paralelos bibliográficos de cada categoria morfológica.

<sup>126</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. Paralelos Bibliográficos, p. 296. I. 1. 1. A. Prato de bordo direito por vezes com ligeira inflexão, lábio boleado, parede tendencialmente reta, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base plana de assentamento discoidal.

igualmente com *Igaeditania* (Idanha-a-Velha) (Dias, 2002, nº 186, p. 130), e com a Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est.I, n. 245, 1122).

A proximidade formal com os recipientes da coleção Maças é somente a confirmação duma evidência arqueológica ainda não materializada pelo facto dos trabalhos sobre da cerâmica comum não se desenvolverem ao mesmo ritmo das restantes produções cerâmicas. A proximidade com a *Igaeditania* também não surpreende tendo em consideração a geografia e as rotas viárias. Diversos trabalhos como do investigador Vasco Gil Mantas (Mantas, 2009, pp. 167-188) ou do arqueólogo Vítor Pereira (Pereira, 2006), já atestaram a proximidade do registo arqueológico/arquitetónico e cerâmico de ambas as cidades romanas.

As semelhanças com o material estudado por Cézer Santos junto ao litoral da Quinta do Rouxinol, Seixal acontecem também com o fragmento nº 1019 (Santos, 2011, Est.I, n. 245,1122) e enquadram-se no “recente” interesse que a cerâmica comum tem suscitado, promovendo novos trabalhos e facultando uma comparação morfológica e espacial mais vasta. Na sequência desta ampla comparação geográfica certificam-se paralelos igualmente na Tarraconense, em especial através dos nºs 467 e 229 (Aguarod Otal, 1991, pp. 199-200). Se esta distância pode surpreender os mais desatentos o mesmo não acontece com a incontornável presença das formas de São Cucufate, Vidigueira, próximas do nº 467. Inês Vaz Pinto considera a forma imitação das produções de engobe vermelho pompeiano, tardia e com continuidade atestada até ao século IV. Sobre a cronologia a autora explora os contextos crono-estratigráficos da ilha do Pessegueiro (séc. II), da olaria do Pinheiro (séc. III e primeiro terço do séc. IV) e da vila do Alto da Cidreira onde se encontra documentado um prato tardo-romano com forma idêntica (Pinto, 1999, nº 84.6758-2A, p. 216).

O nº 229 faz-nos voltar a *Ammaia* mais precisamente às necrópoles de São Salvador de Aramenha (Neves,1972, Est III1, nº 1). Recorda-se que no caso *ammaiense* a comparação crono-estratigráfica destes fragmentos com exemplares de cerâmica fina permite a associação desta forma maioritariamente à segunda metade séc. V (450-499). Destacam-se ainda os nºs 753/754 que comprovam mais uma vez a proximidade morfológica entre a cidade de *Ammaia* e a capital *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, 1993, fig.7, nº 31).

Estes fragmentos provenientes da Porta Sul enquadram-se na perfeição, na forma e tecnologia na designada produção cerâmica de imitação de “engobe vermelho pompeiano” cujos pormenores também foram desenvolvidos em campos autónomos.

A categoria do prato (I. 1. 1. B)<sup>127</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 1. B com o nº 2011-10-76, originário da coleção Maçãs, apresenta semelhanças com outro contexto fúnebre, as necrópoles do Alto Alentejo estudadas por Nolen. Esta estudiosa compartimenta esta morfologia com interrogações na segunda metade séc. I ? (Nolen, 1985b, Est. XXXI, nº 272).

A categoria dos pratos (I. 1. 2.)<sup>128</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 2 é maioritariamente proveniente da coleção Maçãs, sendo o nº 394 o único exemplar com origem diversa associada às termas e a um momento crono-estratigráfico enquadrado com a segunda metade do século V (450-499). Este mesmo caso regista semelhanças com formas de São Cucufate, Vidigueira com vestígios de engobe (Pinto, 1999, nº 84.5322-2B, p. 187), cujo expoente de produção a autora baliza entre meados do séc. II e meados do séc. IV apesar de existir nos horizontes 1, 2, 3, 4 e 5. O nº 13643 apresenta proximidade com as morfologias das necrópoles de Santo André (Santiago do Cacém) (Nolen & Dias, 1981, Est. XXXII, E 2.14, p. 131 e Est. LXIII, J5.6, p. 132) com datações atribuídas ao princípio séc. II e finais séc. I - inícios II.

O recipiente nº 2011-10-75 confirma a proximidade formal entre os recipientes da coleção Maçãs (Neves, 1972, Est. III, nº 10) e os fragmentos da área intramuros da cidade de *Ammaia*.

Os números 13673 (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. XVII, sepultura 22, nº 1, p. 58) e 2011-10-99 (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. III, sepultura 22, nº 1, pp. 10-11) registam proximidade com os materiais exumados da sepultura nº 22 escavados por Adília Alarcão e Jorge Alarcão, no longuíquo ano de 1966, em Valdoca, Aljustrel. Salienta-se o facto de os autores sugerirem para o segundo caso cronologia situada entre o séc. II ou séc. III-IV, dilatando a continuidade e o uso da forma para um intervalo temporal mais alongado o que coincide com a cronologia registada nas termas da cidade de *Ammaia*. O

<sup>127</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 297. I. 1. 1. B. Prato de bordo direito por vezes com ligeira inflexão, lábio boleado, parede tendencialmente reta, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, base levemente côncava de assentamento discoidal.

<sup>128</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 297. I. 1. 2. Prato de bordo direito, lábio boleado por vezes espessado, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base plana de assentamento discoidal.

nº 2011-10-99 apresenta também semelhanças com as necrópoles de São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est. III, nº 12).

A síntese dos resultados bibliográficos sugere atestar o início da produção no final do séc. I expandindo-se até à plenitude do Alto Império. O caso ammaiense e de Valdoca sugerem a continuidade da forma entre os séculos II, III-IV até à segunda metade séc. V (450-499).

A categoria dos pratos (**I. 1. 3.**)<sup>129</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 3. são todos oriundos da Porta Sul. Os paralelos bibliográficos demonstram uma menor presença de paralelos morfológicos com proveniência em necrópoles salientando-se no caso do nº 837 a proximidade com *Igaeditania* (Idanha-a-Velha) (Dias, 2002, nº 186, p. 130), São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 84.1386-1A, pp. 187-194, 190), Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, p. 344, nº 17, p. 256) e Conímbriga (Condeixa-a-Velha) (Alarcão, 1976, pl. IV, nº 22, p. 23). Atesta-se igual semelhança também com as necrópoles de São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, pp. 17-18) e de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, pp. 65, 66, 128). Vaz Pinto apresenta diversos paralelos como por exemplo a necrópole de Valdoca ou a Cidade das Rosas associando a cronologia de São Cucufate especialmente ao último quartel do séc. III e primeira metade do séc. IV (Pinto, 1999, pp. 192-193).

O nº 367 aproxima-se das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XXXI, nº 272) e da litoralidade manifestada pela estação do Creio, Arrábida (Soares, 1987, nº 21, p. 200).

A dualidade entre interior e litoral permanece com os exemplos do nº 739 próximo do Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, p. 348, nº 12, pp. 258-259) e dos nºs 241 e 139 com paralelos na necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, Est. LVIII nº 13.3). No exemplar do Castelo da Lousa as autoras apresentam o fragmento como uma provável imitação da forma 6 de Aguarod de engobe vermelho pompeiano.

A categoria dos pratos (**I. 1. 5.**)<sup>130</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 5. com origem na Porta Sul assinala proximidade com a necrópole de São Salvador de

<sup>129</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 298-299. I. 1. 3. Prato de bordo direito, por vezes com inflexão pronunciada, lábio boleado, parede tendencialmente reta, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>130</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 299-300. I. 1. 5. Prato de bordo direito, lábio boleado ou direito, parede levemente arqueada evasada ou muito evasada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

Aramenha (Neves, 1972, nº 17, p. 18) e a necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen, Dias, 1981, pp. 65, 66, 128). As semelhanças com contextos habitacionais surgem documentadas pelo nº 230 em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. IX, nº 166, p. 64) e São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 82.5599-1B, p. 195). Na vila alentejana é descrita como uma forma antiga que perdura, visto que surge em todos os horizontes cronológicos. O exemplo de Conímbriga tem cronologia entre Augusto, Cláudio, Flávio e Trajano e é categorizado como prato covo, com fundo côncavo, copa levemente arqueada com grande esvasamento. Jorge de Alarcão chama a atenção para o facto de surgir igualmente em Santa Olaia (Santos Rocha, 1971, est. XI, p. 106) registando um dos recipientes furos de suspensão.

A categoria dos pratos (I. 1. 6)<sup>131</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 6. originários da coleção Maçãs atestam grande proximidade com contextos fúnebres. Os n.ºs 13645 e 2011-10-77 assemelham-se à necrópole de São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est. III, nº 4) e aos materiais recolhidos da sepultura 244 de Valdoca, Aljustrel. Adília Alarcão e Jorge Alarcão associam este contexto crono-estratigráfico ao século III e identificam um perfil igual ao prato de sigillata clara C.

O nº 13672 (Nolen, 1985b, Est.XXX, nº 266, p. 267) e o nº 13641 (Nolen, 1985b, Est.XXXI, nº 271) registam paralelo nas necrópoles do Alto Alentejo. Nolen apesar de manifestar algumas interrogações aponta também indicação cronológica associando ambos os casos à segunda metade séc. I.

A categoria dos pratos (I. 1. 7.)<sup>132</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 7. proveniente da Porta Sul assinala através do nº 703 proximidade com o sítio litoral de Monte Molião, Lagos (Arruda, Viegas & Bargão, 2010, fig. 7, nº 1).

### VII. 2. 3. 2. Pratos de bordo extrovertido

A categoria dos pratos (I. 2. 1.)<sup>133</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 1. com origem na Porta Sul atestam proximidade com Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXVI,

<sup>131</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 300-301. I. 1. 6. Prato de bordo direito, lábio boleado por vezes espessado, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base ligeiramente côncava com assentamento levemente em aresta.

<sup>132</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 301. I. 1. 7. Prato de bordo direito, lábio boleado por vezes reentrante, parede muito arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, muito evasado.

<sup>133</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 301. I. 2. 1. Prato de bordo extrovertido formando aba horizontal pronunciada, lábio boleado ou semi-circular por vezes espessado, parede muito arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, muito evasado.

nº 533, p. 95), Augusta Emerita (Sánchez Sánchez, 1992, fig.7, nº29), São Cucufate, (Pinto, 1999, nº 80.2134-2B, p. 242,) e com a tigela/almofariz em Monte Molião, Lagos (Sousa & Arruda, 2010, fig. 24). Os nºs 768 e 801 fazem lembrar a forma africana Hayes 6 C (tipo B: meados e fim séc. II; C:?), (Hayes, 1972, p. 28) e Hayes, 60 nº 3 (meados/fim do séc. XIV?), (Hayes, 1972, p. 98).

O nº 846 lembra fragmentos de terra sigillata do tipo itálico Consp 11: fase “clássica”, meados e os finais do período de Augusto cuja familiaridade podemos por exemplo identificar com significativa proximidade formal no Castelo da Lousa (Herdade do Montinho, Mourão) (Carvalho & Morais, 2010, pp. 146, 139). Aproxima-se igualmente da forma africana Hayes 60 nº 3 (meados/fim do séc. XIV?), (Hayes, 1972, fig. 15, p. 100).

A categoria dos pratos (I. 2. 2.)<sup>134</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 2. com origem na Porta Sul, enquadra-se nas produções que imitam as formas itálicas de engobe vermelho pompeiano que desenvolveremos seguidamente. O nº 590 assemelha-se a um fragmento identificado em Málaga, que o autor Serrano Ramos, também aproxima da forma Luni 1 e Vegas 15a<sup>135</sup> (equivalente à forma 3 de Aguarod, 1991) (Serrano Ramos, 2000, nº 28, p. 26).

### VII. 2. 3. 3. Pratos de bordo introvertido

A categoria dos pratos (I. 3. 1.)<sup>136</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3. 1. originária da Porta sul assinala mediante os nº 547 e nº 93 paralelos com a Herdade do Pinheiro, Alcácer do Sal (Mayet & Silva, 1998, pp. 151-152, 174). Vaz Pinto em 1999 também verificou esta proximidade demonstrando exemplares presentes nos horizontes 1, 3 e 4 de São Cucufate (Pinto, 1999, p. 218).

A categoria dos pratos (I. 3. 2.)<sup>137</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3. 2. com proveniência nas termas regista crono-estratigrafia associada ao intervalo temporal de 225-250/275+ e à segunda metade do século V (450-499). Os paralelos bibliográficos

<sup>134</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 302. I. 2. 2. Prato de bordo extrovertido, com leve inflexão na zona do bordo, lábio boleado, colo ligeiramente arqueado e côncavo, parede tendencialmente reta, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base plana de assentamento.

<sup>135</sup> Equivalente à forma 3 de Aguarod (Aguarod, 1991, 63-67).

<sup>136</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 302. I. 3. 1. Prato de bordo introvertido, lábio boleado reentrante, parede muito arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, muito evasado.

<sup>137</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 303. I. 3. 2. Prato de bordo introvertido, lábio boleado ou semi-circular por vezes espessado, parede recta levemente oblíqua muito pouco evasada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base plana de assentamento discoidal.

do nº 534 aproximam *Ammaia* de São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 84.5755-2B, p. 215, 216), das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, Est. XXIX, nº 249) e da Quinta do Rouxinol (Seixal) onde 91 % dos fragmentos estão enquadrados entre o séc. III e inícios IV. O nº 658 apresenta afinidades com São Cucufate (Vidigueira). Vaz Pinto enquadra esta forma nas imitações de engobe vermelho pompeiano atribuindo à forma cronologia antiga que perdura e que perde importância a partir de meados do século IV (Pinto, 1999, 218).

A categoria dos pratos (I. 3. 3.)<sup>138</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3. 3. oriunda das termas tem crono-estratigrafia enquadrada na segunda metade do século V (450-499). Os fragmentos nº 524 e nº 40 atestam semelhanças com cerâmicas de Conímbriga, Condeixa-a-Velha (Alarcão, 1975, pl. XXIV, nº 486), São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 79.165-2B, p. 227), Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est.I, n. 701, 1122 B) e Málaga (Serrano Ramos, 2000, nº 24, p. 123). Vaz Pinto insere este paralelo nos horizontes 3 e 4 apresentando como exemplo o paralelo de Santo André, Montargil com cronologia situada entre os finais do séc. I e inícios do II.

#### VII. 2. 3. 4. Cronologia e significado dos resultados

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitem balizar no caso ammaiense, um (1) fragmento de prato entre 225-250/275+ e relacionar a estratigrafia de outros três (3) fragmentos num momento sedimentar enquadrado na segunda metade do século V (450-499)<sup>139</sup>.

#### VII. 2. 4. Imitações de engobe vermelho pompeiano

A informação apresentada pormenoriza um restrito conjunto de 37 fragmentos de imitação de “engobe vermelho pompeiano”, destacados do universo mais vasto da cerâmica comum da cidade romana de *Ammaia* particularizando o sector da denominada Porta Sul.

Pretendeu-se sempre que possível articular os actuais resultados, com o estado da arte deste tema no atual território nacional, revisitando especialmente os exemplos de

<sup>138</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 5. p. 303. I. 3. 3. Prato de bordo introvertido, com inflexão, lábio boleado, parede tendencialmente reta, corpo de perfil troncocónico invertido, muito evasado.

<sup>139</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 2. 4. Cronologia, p. 295.

*Bracara Augusta, Conímbriga, Scallabis e Olisipo*. No caso do reduzido universo cerâmico identificado até ao momento na cidade de *Ammaia*, concretizou-se análise quantitativa, caracterização morfológica e técnica, com aprofundamento da associação entre fabricos e formas, bem como a apresentação das respetivas orientações cronológicas do conjunto identificado.

Relembra-se que as primeiras referências à cerâmica de imitação de “engobe vermelho pompeiano” de São Salvador de Aramenha remontam a 1972 através do estudo de Josefa Neves (Neves, 1972). Amplia-se com esta sucinta análise o número de exemplares oriundos da região da Aramenha.

Os exemplos ilustrados registam proveniência específica do sector da Porta Sul da cidade de *Ammaia*, sendo resultado do espólio exumado durante as campanhas de 1995, 1996, 1997, 2001, 2002, 2003 e 2008. Aborda-se sucintamente as características morfológicas e técnicas desta produção cerâmica prestando-se especial atenção à existência ou ausência de engobe na superfície interior e bordo, ou de marcas de enegrecimento das paredes exteriores.

VII. 2. 4. 1. A cerâmica de “engobe vermelho pompeiano”.  
Desenvolvimento do processo de investigação. A problemática dos centros de produção de imitações.

O estudo de Josefa Neves é o primeiro a registar casos de cerâmica de imitação de “engobe vermelho pompeiano” oriundos de São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, est. III). Apesar do distanciamento cronológico que medeia a década de setenta, dos trabalhos mais recentes, a coerência dos estudos e a localização geográfica da cidade de *Ammaia*, “aproximou” São Salvador de Aramenha dos exemplos de imitação de cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” ocorridos nas necrópoles alto alentejanas (Nolen, 1985), Santo André (Nolen & Dias, 1981), na vila de São Cucufate (Pinto, 1999), Serpa (Caeiro, 1974), Conímbriga (Alarcão, 1976), Braga (Delgado, 1994) ou Coimbra (Carvalho, 1998). Esta proximidade implicou um simultâneo afastamento do fenómeno de litoralização registado nos casos de importação itálica de Santarém (Arruda & Viegas, 2002), Lisboa (Sepúlveda, Sousa, Faria, & Ferreira, 2003) ou Alcácer do Sal (Fernandes & Filipe, 2007).

Os exemplos de imitação formal registados na publicação de Josefa Neves ocorrem quatro anos antes da primeira grande abordagem nacional concretizada por Jorge de



Alarcão em Conímbriga e são oriundos dum contexto de necrópole (Neves, 1972 e Dias, no prelo II). A presença destas produções em contextos sepulcrais e urbanos foi já demonstrada por Arruda e Viegas (Arruda & Viegas, 2002, pp. 231-232) através dos exemplos das necrópoles do Alto Alentejo e de Santo André.

Jorge de Alarcão é o primeiro autor no atual território português a destacar a produção de “céramiques a engobe rouge non grésé” do grande conjunto de cerâmica comum (Alarcão, 1976, pp. 51-56, pl. XII-XIII), seguindo-se os casos de Serpa (Caeiro, 1978) e de *Bracara Augusta* através de Manuela Delgado (Delgado, 1991, pp. 113-150).

Significativo é o hiato ocorrido desde 1972 até à presente data. O histórico europeu em relação aos casos cerâmicos de engobe vermelho pompeiano não é exceção, apresentando intervalos idênticos. Vejamos por exemplo os pioneiros trabalhos de Ritterling (1901), Kruger (1905), ou Loeschcke (Loeschcke, 1909), datados da primeira década do século passado e a segunda abordagem de Loeschcke apenas na década de quarenta (Oberaden, 1942). Após o contributo de Nino Lamboglia em 1950 (Lamboglia, 1950), esta tendência mantém-se de forma mais atenuada na segunda metade do século XX, onde se destacam na produtiva década de setenta Goudineau (Goudineau, 1970), Peacock (Peacock, 1977) e Vegas (Vegas, 1973). Será necessário aguardar pelos anos noventa para acrescentar o contributo incontornável de Aguero Otal (Aguero Otal, 1991).

O estudo da cidade de Santarém, como exemplo “luso”, sobressai pela “contemporaneidade” e pelo carácter contextualizador, destacando-se juntamente com o teatro de Lisboa pela quantidade de fragmentos e pela coerência uniformizadora atribuída à importância geográfica das rotas atlânticas e da capacidade importadora de ambas as urbes. Recordar-se que o estrutural estudo de Santarém não ignora o exemplo de São Salvador de Aramenha citando-o (Arruda & Viegas, 2002; p. 232).

Nos casos mais distantes do litoral e sem acesso direto a um porto, a quantidade de fragmentos é bastante inferior predominando as imitações. Veja-se o exemplo da proeminente *Bracara Augusta*, onde é esclarecedora a pequena dimensão dos fragmentos e o carácter residual das importações limitadas a dois pequenos fragmentos, comparados com as imitações da produção “pompejanish - roten Platten” (Delgado, 1993-94, pp. 116, 129-130).

A influência dos pratos italianos na produção local, materializada na reprodução de imitações é prova clara do singular índice de aceitação que a nova forma recebeu por todo o império (Aguarod Otal, 1991, pp. 65, 70, 72, 76). Para esta recetividade muito terá colaborado a espantosa funcionalidade de pratos largos e pouco profundos que atestamos ainda todos os dias. Esta inovadora vantagem terá sido prontamente reconhecida, proliferando na produção local. Esta popularidade também foi destacada por Manuela Delgado, que considera ser a vantagem funcional e o baixo custo desta produção que estão na origem da sua célere implantação pelo império já em época augustana. A mesma investigadora atribui a longevidade destes recipientes em diversas zonas do império (até à primeira metade do século IV), ao facto de existirem diversos centros de produção (Delgado, 1993-94, p. 116).

O desenvolvimento dos estudos dos fabricos donde se destaca o impulsionador contributo de Peacock foi determinante para o gradual conhecimento e distinção dos centros de produção com origem itálica (Etrúria<sup>140</sup> e Campânia<sup>141</sup>), dos sítios com produção de origem local/regional.

A difusão comercial desta produção cerâmica coloca diversas dificuldades na identificação de centros produtores não itálicos, sendo agravada pelos lentos avanços do processo científico. Arruda e Viegas em 2003 abordam esta problemática, destacando a capacidade exportadora que alguns centros de produção não itálica desenvolveram e relembrando os casos identificados por Peacock na Britânia com verosímil proveniência francesa (Lezoux) e belga (Arruda & Viegas, 2002, p. 224).

A virtude dos estudos arqueométricos revela no caso do noroeste peninsular uma tendência para uma produção não local, mas sim regional e de considerável extensão geográfica, destacando-se as cidades de Braga e Lugo. Atestadas as semelhanças entre fabricos, confirma-se a proximidade formal e tecnológica entre ambas as cidades e um distanciamento com a realidade cerâmica de Conímbriga. A análise dos fabricos reforça a possibilidade de uma dimensão regional para a produção de imitações situada no noroeste da península distinguindo o papel desempenhado pela cidade de Lugo. Isto porque, o registo cerâmico confirma até ao momento, a presença de marcas de oficinas

---

<sup>140</sup> Segundo Carmen Aguarod Otal esta produção ocorre essencialmente entre o final do século III a. C. e o segundo quartel do século II, desaparecendo com o fim da república (Aguarod Otal, 1991, p.58).

<sup>141</sup> A partir de Augusto a produção da Campânia terá substituído o centro produtivo da Etrúria, terminando no fim do século I d.C. (Aguarod Otal, 1991, p.58).

apenas em Lugo, sendo inexistentes em Braga e Conímbriga (Delgado, 1993-94, pp. 119-120).

Mais do que concretizar um exaustivo enquadramento do estado de arte da cerâmica de engobe vermelho pompeiano, já ensaiado por diversos autores em diferentes ocasiões, considerou-se mais pertinente, nesta breve abordagem introdutória, contextualizar e articular problemáticas, sublinhando a importância de futuras investigações tentarem uma aproximação à origem dos centros oleiros produtores de imitações. Vejamos como se enquadra com os dados já conhecidos a caracterização dos exemplares oriundos da cidade de *Ammaia*.

#### VII. 2. 4. 2. O caso da cidade de *Ammaia*. Porta sul. Análise quantitativa. Caracterização cronológica, técnica, morfológica e funcional.

A análise da cerâmica comum da Porta Sul da cidade de *Ammaia* facultou a individualização de 37 fragmentos cerâmicos com características morfológicas e técnicas enquadráveis na designação de cerâmica de imitação de “engobe vermelho pompeiano”. A designação terminológica encontra-se intimamente relacionada com a origem geográfica da produção cerâmica com origem na Etrúria e na Campânia, especificamente na região de Herculano e Pompeia<sup>142</sup>. O universo apresentado é essencialmente composto por fragmentos de pratos e de tampa de pequena dimensão evidenciando uma natural influência itálica. A reduzida dimensão destes acervos indicia ser uma das características uniformizadoras do registo arqueológico nos diversos sítios onde se identificou este tipo de produção cerâmica.

O universo cerâmico do sector da Porta Sul demonstra maior tendência para produções atribuídas ao Alto Império. As formas com cronologia posterior aos séculos II-III d.C. registam clara menor representatividade estatística, evidenciando ser um conjunto de produções e formatos às quais se confere alguma continuidade cronológica. As imitações da cerâmica de “engobe vermelho pompeiano” presentes na área da Porta Sul, da cidade de *Ammaia*, indiciam termo *ante quem* alto-imperial, com preferência pelo século I d.C. e com provável continuidade até ao século V.

<sup>142</sup> Cfr. Para conferir a evolução das características técnicas, origem, difusão comercial, tipologia cronologia e imitações: Aguardo Otal, 1991, p. 51-83. Para uma contextualização e evolução da investigação no atual território português: Alarcão, 1976, p.51-58 (pl. XII-XIII); Delgado, 1991, p. 113-149; Arruda&Viegas, 2002, p. 221-238 e (Fernandes & Filipe, 2007, 235-236).

A valorização do critério geográfico está na base da denominação desta produção originária da Campânia, especificamente na região de Herculano e Pompeia. O caso *ammaiense* é um conjunto essencialmente composto por pratos que evidencia uma marcante influência itálica, materializada na imitação de formas e recursos tecnológicos. São estas características construtivas, devido à ausência de informação estratigráfica esclarecedora, que se afiguram como os melhores indicadores cronológicos deste conjunto cerâmico. Por este motivo, é determinante correlacionar as orientações cronológicas de diversos sítios e autores com as características morfológicas, técnicas e funcionais *ammaienses*.

A forma 3, representada com um único exemplar é de todas as morfologias a mais rara e antiga. Sendo um produto típico das oficinas da Etrúria meridional, trata-se de um modelo de época mais distante. Popularizou-se a partir do fim do séc. I a. C e terá convivido com outras morfologias até à época de Augusto e Tibério (Aguarod, 1991, pp. 64-66). Esta cronologia confere com o termo *post quem* do uso desta forma e com provável fundação augustana da cidade de *Ammaia*, podendo estar também associada a um segundo momento de produção desta forma executado na região da Campânia, em época augustana ou tiberiana (Arruda & Viegas, 2002, pp. 227-228).

A difusão da forma 4 indicia ter começado na península ibérica a partir da primeira centúria d.C., sobretudo a partir do segundo quartel. Tal como a forma anterior a sua produção tem origem na Etrúria tendo sido reproduzida igualmente na Campânia, neste caso até aos consulados de Tibério e Cláudio (Aguarod, 1991, p. 70).

A difusão da forma 5 na Tarraconense desenvolve-se a partir de Augusto, tendo nesse período a sua maior expansão. Perdura todo o século I, sendo os balizamentos temporais definidos por Aguarod em *Caesaraugusta* entre o início do séc. I e o fim do consulado de Tibério, e em *Bilbilis* também em níveis da primeira metade da centúria (Aguarod, 1991, p. 73).

A forma 6 mais tardia é uma produção iniciada na Campânia a partir da época de Augusto e que perdura até ao final das produções na última metade do séc. I a.C. (Aguarod, 1991, pp. 77-78)

Relembra-se que a cronologia registada em Conímbriga para os fragmentos correspondentes a Oberaden 21 (forma 6: Aguarod) e Oberaden 22 (forma 4: Aguarod) se enquadra na época de Flávio e Trajano, sendo igualmente consideradas as cronologia

claudiana e augustana (Alarcão, 1976, p. 53). Segundo Manuela Delgado, a cidade de Lugo regista um intervalo situado entre a segunda metade do século I e início do século II, estando a cronologia de Braga ausente de contextos estratigráficos bem preservados (Delgado, 1993-94, p. 120). Esta autora é de opinião que estas produções terão em alguns locais do império perdurado até ao século IV, pelo facto de se terem expandido através de diversos centros de produção (Delgado, 1993-94, p. 116).

Mais “recentemente” De Man, sugere no caso de Conímbriga, um distanciamento cronológico entre as “verdadeiras” imitações com engobe interno, tipicamente alto-imperiais, e as produções mais tardias, que se prolongam até ao século IV, apenas com uma leve aguada e que o autor denomina de «criações já muito distantes» (De Man, 2006, pp. 113-114).

A existência ou ausência de engobe ou aguada tem paralelo por exemplo em Tongobriga, onde se destacam precisamente a ausência de engobe nas paredes internas e a diversidade de fabricos em torno da forma 6 de Aguarod Otal (Arruda&Viegas, 2002, p. 232). Apesar da ausência de engobe ser frequente no caso *ammaiense*, e termos inclusivamente optado por individualizar estes exemplos denominando-os: de imitações formais, a atribuição de valor cronológico a estas características técnicas carece ainda de mais dados.

Seguindo esta indicação técnica poderemos supor que o caso *ammaiense* com vários paralelos sem engobe nas paredes interiores, tal como em Tongobriga ou em Conímbriga, regista no seu conjunto exemplares mais tardios, portanto já produzidos em época posterior ao século I d. C. Esta hipótese de trabalho parece aceitável, carecendo todavia, no caso da cidade de *Ammaia* de confirmação estratigráfica. As incertezas sobre esta possibilidade avolumam-se se considerarmos que no conjunto de recipientes da coleção Maçãs (Neves, 1972) e (Dias, no prelo), datada genericamente do Alto Império, composta por recipientes originários de necrópoles da mesma cidade, também surgem paralelos formais de pratos sem engobe na parede interior. O facto dos recipientes desta coleção não terem contexto definido não apoia a clarificação desta hipótese.

Os padrões de produção e de consumo dos sítios onde foram identificados exemplares de engobe vermelho pompeiano, registam muitas paridades que auxiliam na interpretação das características formais e técnicas do presente lote cerâmico. Todavia,

os ritmos e especificidades da cidade de *Ammaia* terão de ser melhor documentados, de modo a testar e afinar as tendências e modelos já conhecidos.

### VII. 2. 4. 3. Significado dos resultados

Por todo o país é evidente que os acervos de cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” registam reduzida dimensão estatística e baixa representação quantitativa quando comparados com outras produções cerâmicas igualmente presentes no registo arqueológico. Este dado assinala paralelos em cidades de considerável dimensão e estatuto administrativo como Santarém: 89 (Arruda & Viegas, 2002, p. 222), Lisboa: 62 (Fernandes & Filipe, 2007, p. 229), Braga: 8 (Delgado, 1993-94, pp. 115-120), Conímbriga: 31 (Alarcão, 1976, pp. 55-56), Coimbra: 4 (Carvalho, 1998, pp. 78-79) ou Alcácer do Sal: 3+5 (Sepúlveda, Sousa, Faria & Ferreira, 2003, p. 385 e Sousa, Sepúlveda, Faria, & Ferreira, pp. 153-154 e Sepúlveda, Ferreira, & Mata, 2008, pp. 288-289).

O significado dos resultados alcançados, no caso *ammaiense*, adquirirá contornos mais contextualizadores quando conhecido e comparado o universo cerâmico na sua dimensão local e regional. Pelos motivos apresentados opta-se por não exaltar o significado dos resultados e destacar em síntese os mais indicativos. Sobressai do significado do conjunto, o conhecimento, adoção e produção de modelos itálicos. Tornase claro que a “interioridade” geográfica da cidade de *Ammaia* não representou qualquer tipo de obstáculo, permitindo aos seus habitantes e artesãos, imitar e produzir de forma sincrónica e atualizada os modelos cerâmicos e padrões estéticos vigentes na península itálica.

O contato com elementos exógenos influenciou nos padrões de produção e consumo locais. Os resultados morfológicos demonstram que de todas as “novas” orientações cerâmicas a que merece melhor aceitação é a forma 6 (Aguarod Otal). Embora as formas 3 e 5 também estejam presentes, demonstram muito menor representatividade. Esta evidência estatística reforça não só, o predomínio da morfologia 6 no território atualmente português, como atesta que esta popularidade reside numa opção consciente, e não baseada no desconhecimento de outros modelos itálicos. De acordo com os resultados de Braga, Conímbriga, Lisboa e Alcácer do Sal poderemos afirmar que até ao momento, se manifestam padrões de produção similares apresentando considerável consistência geográfica.

O registo cerâmico em relação à funcionalidade dos recipientes, sem excluir o serviço de mesa e a preparação de alimentos, indicia predomínio da função culinária, sempre maioritários, para os sítios com fragmentos importados, como são os casos de Santarém, (Arruda & Viegas, 2002, p. 222) e Lisboa (Fernandes & Filipe, 2007, p. 237) e mesmo de Alcácer do Sal apesar de registar poucos exemplares (Sepúlveda, et al., 2008, pp. 288-289).

Seguindo o critério espacial e por oposição ao caso anterior, as cidades não portuárias onde predominam as imitações, manifestam coerência oposta, evidenciando predomínio da função de servir à mesa ou de preparação de alimentos, atestada pela raridade de vestígios de carvão nas paredes exteriores. Destacam-se os casos de Braga (Delgado, 1991, p. 117), Conímbriga (Alarcão, 1976, p. 54) e *Ammaia*. Uma abordagem estatística generalista desta característica aponta valores próximos no norte, centro e sul do país. Sobre esta questão convirá lembrar que Alarcão atesta a versatilidade desta produção já em 1976, confirmando a ocorrência de vestígios de fogo também nos pratos com engobe (Alarcão, 1976, p. 54).

Interessante no caso *ammaiense* é a descoberta de um fragmento de fundo com a parede interna com sulcos aleatórios originados pela ação de um objeto cortante (cfr. volume II. Anexo fotográfico, nº 1088. Este exemplo junta-se aos já conhecidos exemplos de Braga e Lisboa salientando a importância que estes recipientes poderiam ter na preparação de alimentos e reforçando o seu carácter multifuncional.

As orientações cronológicas mostram que as imitações do setor da Porta Sul da cidade de *Ammaia*, sendo essencialmente alto-imperiais indiciam um termo *ante quem* provavelmente associado ao consulado de Augusto ou Tibério. Depois do século I a produção deste tipo de pratos pode ter evoluído no sentido de negligenciar a aplicação de engobe nas paredes internas e privilegiar a solução técnica de finas camadas de aguada. Não sendo raros os exemplos onde mesmo a aguada é inexistente, fica em aberto, devido à ausência de informação estratigráfica e à reduzida amostra quantitativa, tanto o indício cronológico deste progresso, como a possibilidade das duas soluções técnicas serem opção consciente do oleiro e representativas de diferentes paradigmas de consumo.

A ausência de um padrão geográfico uniformizador ocorre também quando se comparam os números de exemplares importados entre cidades localizadas no interior

ou próximo do litoral. O facto de até ao momento, os fragmentos originalmente itálicos estarem ausentes do registo arqueológico da cidade de *Ammaia*, não querendo indiciar a sua completa inexistência, reforça a tendência das importações surgirem preferencialmente em cidades portuárias. Este pendor para uma litoralização dos padrões de consumo importados é atestado pela representatividade estatística de Santarém, Lisboa ou Alcácer do Sal, quando comparada com Braga, Conímbriga, ou *Ammaia*.

Os dados obtidos permitem apontar para uma cronologia alto-imperial, essencialmente do século I d.C. com um distanciamento dos modelos de consumo entre as metrópoles com vocação importadora situadas próximo do litoral, e as cidades com localização no interior, que valorizam a produção local/regional das imitações com provável tendência para a especialização e gradual substituição do engobe pela aguada.

### VII. 3. PRATOS COVO

#### VII. 3. 1. Proveniência

O número total de 59 fragmentos de prato covado identificados na área da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído por 53 exemplares identificados na Porta Sul, por 4 exemplares oriundos das termas e 2 do Estacionamento<sup>143</sup>. Tal como no caso dos pratos as campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (13), 1996 (19) e 2001 (14) o valor de 46 fragmentos de prato, significando 77,9 % do número total de fragmentos. Valor próximo do registado nos pratos.

#### VII. 3. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 53 exemplares de fragmento de prato covado identificados na Porta Sul tal como no caso dos pratos demonstram especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2635 (6), Q: 2734 (10) e Q: 2735 (105).

Esta primazia mostra idêntica predileção sobre o limite exterior intramuros da estrutura circular. O único quadrado que se encontra bem representado e mais afastado da torre é o Q: 2533 com 6 indivíduos. Fenómeno semelhante, apesar de ser muito menos convincente, acontece na torre Este através dos Q: 2537 (5) e Q: 2538 (3).

<sup>143</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 304-307.



A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: D (1), Q: 1209 (4) e do Estacionamento Q: D (1), Q: 1209 (4) fica prejudicada pela baixa representatividade numérica. No caso do Estacionamento toda a deposição cerâmica acontece na vala paralela e exterior à muralha identificada por Sérgio Pereira e interpretada pelo mesmo autor como cloaca e escoamento de águas<sup>144</sup>.

### VII. 3. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de prato covado não se encontra definida estando a parca representatividade desta categoria morfológica condicionada por este motivo.

### VII. 3. 2. Caracterização morfológica

#### VII. 3. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de prato covado registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 20 cm e os 34 cm. Sobressaem os diâmetros com 24 cm, 30 cm, 20 cm, 26 cm, 27 cm e 32 cm. Existe maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 26 cm e os 32 cm<sup>145</sup>.

#### VII. 3. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de prato covado compreende um intervalo de valores entre os 1 cm e os 6 cm. Esta reduzida dimensão é reveladora do elevado índice de fragmentação do universo cerâmico em estudo. Sendo os 2,8 cm a altura com mais fragmentos (6) representados. É igualmente possível encontrar quatro (4) casos de 3 cm e de 3,6 cm. Os valores de registo com dois e um único exemplar são os mais frequentes e variam entre 1,5 cm e os 9,5 cm. Destacam-se desta regularidade os registos com altura de 3,4 cm e 4,2 cm, ambos com 3 exemplares cada<sup>146</sup>.

<sup>144</sup> Pereira, 2009, p. 102, 183, 229, 231. Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4.3.1.1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 304-307.

<sup>145</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 307.

<sup>146</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 308.

### VII. 3. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de prato covo apresentam valores entre os 15 cm e os 32 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 28 cm e os 32 cm<sup>147</sup>.

### VII. 3. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de prato covo demonstrou ser o bordo direito sem inflexão (27 = 45 %), seguido do bordo introvertido com 16 (26,6 %) indivíduos. Seguem-se os bordos introvertidos com 15 % (9), sendo que os bordos extrovertidos com quatro (4) e os bordos extrovertidos de aba horizontal com três (3) representam juntos apenas 11,6 % do número total de fragmentos. A representatividade do bordo direito sem inflexão e do bordo introvertido significa uma clara maioria de 71,6 % por estas opções morfológicas<sup>148</sup>.

### VII. 3. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado nos pratos a forma dos fragmentos de prato covo que mais se reproduz é naturalmente a forma esvasada representando 83 % do total de fragmentos. As restantes formas à exceção de um exemplar indeterminado concentram-se nos casos de bordo extrovertido com inflexão e com ressalto. Tal situação encontra-se intimamente relacionada com o elevado índice de fragmentação que não permite uma classificação mais detalhada<sup>149</sup>.

### VII. 3. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de prato. No presente caso impera o lábio boleado (35) com 59 % do total de indivíduos, seguido do lábio direito (14) com 23,7 %. Os restantes casos à exceção do lábio biselado com (6) 10 % são meramente residuais<sup>150</sup>.

<sup>147</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 308.

<sup>148</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 309.

<sup>149</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 309.

<sup>150</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 310.

### VII. 3. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de prato covo são a decoração incisa (4) e as caneluras (2). Seguem-se casos de um único exemplar de alisamento, de cordão e de decoração brunida. A amostra revela grande diversidade decorativa e nenhuma situação evidente de prevalência de qualquer dos tratamentos de superfície <sup>151</sup>.

### VII. 3. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 3. 3. 1. Pratos covo de bordo direito

A categoria dos pratos covo (II. 1. 1.)<sup>152</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 1 é oriunda da Porta Sul e regista paralelos essencialmente no interior e litoral alentejano, estando o nº 266 também próximo dos pratos de bordo bífido e da forma 4 da Tarraconense (Aguarod Otal, C., 1991, 203). Esta morfologia surge igualmente nas Necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XXVIII, nº 226).

O nº 1044 assemelha-se à forma hemisférica ou levemente troncocónica com o fundo anelar identificado por Vaz Pinto no Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, nº 44, pp. 351, 260-263). Curiosamente alguns anos antes a mesma autora registou em São Cucufate, Vidigueira forma idêntica aos nºs 336 e 1055 através da denominada forma I-A-4 (Pinto, 1999, nº 81.1198-2A, p. 200). Já nesta data Inês Vaz Pinto ao refletir sobre os paralelos bibliográficos acrescenta a proximidade com exemplos de Balsa e precisamente também com Aramenha (*Ammaia*). Os casos de São Cucufate registam engobe geralmente mal conservado e são enquadrados particularmente entre os horizontes 3 e 4.

Voltando ao estudo de Mourão, Castelo da Lousa atesta-se afinidades com este sítio nos nºs 220, 306 e 472 (Pinto & Schmitt, 2010, nº 21, pp. 350, 260-263). O caso do nº 838 regista proximidade formal com os recipientes da coleção Maçãs, provenientes de São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est III: nº 7-11). As semelhanças documentam-se igualmente com as necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, pp. 23,

<sup>151</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 311.

<sup>152</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Pratos covo, p. 312-313. II. 1. 1. Prato covo de bordo direito, lábio boleado ou direito por vezes espessado, parede arqueada ou levemente arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

24, 83), a necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, pp. 66, 128, 160), São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 84.5395-6, p. 199) e com o Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, nº 17, pp. 350, 260-263).

A categoria dos pratos covo (II. 1. 2.)<sup>153</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 2 com exemplos na Porta Sul manifesta paralelos geográficos idênticos à forma anterior estando contemplado o Alentejo e a Tarraconense especificamente através do nº 664 (Aguarod Otal, C., 1991, nº 5, p. 324) que sugere proximidade com a forma Lamboglia 10 A e apresenta indivíduo similar na Quinta das Longas, Elvas (Almeida & Carvalho, 2005, p. 362 nº 49 e 50, pp. 341).

Os n.ºs 288, 377 e 221 continuam este quadro geográfico de exemplos entre a Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, p. 322, nº 3 e pp. 324, nº 5), a Quinta das Longas, Elvas (Almeida & Carvalho, 2005, p. 341, 362, nº 49, p. 50) e São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, pp. 200-207). O interior alentejano continua a estar documentado através dos nºs 947 e do nº 785 respetivamente com exemplos em São Cucufate (Pinto, 1999, nº 84.5395-6, pp. 190-200) e nas necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XXVIII, nº 226). São Cucufate regista engobe geralmente mal conservado e apesar de existir em todos os horizontes particulariza os horizontes 3 e 4.

A categoria dos pratos covo (II. 1. 3. A)<sup>154</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 3. A. regista paralelos na região alentejana e nas distantes Campânia e Provença. O nº 804 manifesta semelhanças em São Cucufate com a forma I-A-9-a (Pinto, 1999, p. 209), sendo apresentado um paralelo em Montargil, Santo André datado de finais do séc. I inícios do séc. II. O mesmo exemplo surge no submerso Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, nº 7, pp. 347, 258) e em Ercolano (Nápoles, Campania) (Scatozza Höricht, 1996, nº 1864, p. 142).

O nº 222 repete a proximidade com Ercolano (Nápoles, Campania) (Scatozza Höricht, L.A., 1996, nº 829, p. 142) e amplia a distribuição espacial até à Baixa-Provença (Rivet, L.A., 1996, 335, nº 1,2,3). O lábio do bordo nº 418 lembra Forma 4 de Hayes (segundo quartel séc. V), (Hayes, 1972, fig. 69, nº 1, p. 338).

<sup>153</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 313-314. II. 1. 2. Prato covo de bordo direito, lábio boleado ou direito levemente reentrante por vezes espessado, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>154</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 314. II. 1. 3. A. Prato covo de bordo direito, lábio bifurcado espessado, parede tendencialmente reta ou levemente arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

A categoria dos pratos covo (II. 1. 3. B)<sup>155</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 3. B. originária da Porta Sul renova a dicotomia espacial dos exemplos entre o Alentejo e a Tarraconense. Esta coerência é manifestada pelo nº 968 com proximidade formal na Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, p. 204), em São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, est. III 4, 5, pp. 16-17), em Santiago do Cacém com a necrópole de Santo André (Nolen & Dias, 1981, est. LIII nº G4.1 (2) e na Vidigueira (Pinto, 1999, p. 209) São Cucufate.

#### VII. 3. 3. 2. Prato covo de bordo extrovertido

A categoria dos pratos covo (II. 2. 1.)<sup>156</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 1. é essencialmente proveniente da Porta Sul apesar de também existirem indivíduos com origem nas termas. Inscreve um único exemplo de proximidade formal idêntico ao nº 80 de *Ammaia* em São Cucufate, Vidigueira. Nesta vila é enquadrado com a categoria morfológica das terrinas e considerado uma forma rara (VI-A-fr4) (Pinto, 1999, nº 85.493-2ª, 360). A forma desenvolvida pelo nº 574 lembra a forma Hayes 5C (tipo A: fim séc. I-início séc. II), (tipo B: segunda metade séc. II), (Hayes, 1972, fig. 3, pp. 29-31).

#### VII. 3. 3. 3. Pratos covo de bordo introvertido

A categoria dos pratos covo (II. 3. 1.)<sup>157</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3.1 maioritariamente procedente da Porta Sul apresenta também exemplos no Estacionamento. Regista proximidade formal na Tarraconense através dos nºs 239, 234 e 236 (Aguarod Otal, 1991, nº 1, pp. 316,) que a autora considera próximos da forma Lamboglia 9 A. O nº 332 é próximo de um exemplar enquadrado num momento cronoestratigráfico de reutilização como lixeira balizado por Carlos Tavares da Silva como tardo romano (Silva, Soares & Coelho-Soares, 1992, fig. 6, nº1). O nº 662 com origem na Porta Sul assemelha-se ao material das necrópoles da cidade (Neves, 1972, Est III, 1, nº 2) São Salvador de Aramenha. O nº 895 encontra paralelos igualmente na Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, nº 2, p. 317; próximo de Lamboglia 9 A) e em contextos fúnebres

<sup>155</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 315. II. 1. 3. B. Prato covo de bordo direito, com inflexão carenada na zona do colo, lábio bifurcado espessado, parede tendencialmente reta, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>156</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 315. II. 2. 1. Prato covo de bordo extrovertido formando aba horizontal pronunciada por vezes com sulcos, lábio boleado, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base plana de assentamento ligeiramente em aresta na zona central interior.

<sup>157</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 316. II. 3. 1. Prato covo de bordo introvertido, lábio boleado reentrante, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

alentejanos como são os casos de Valdoca, Aljustrel (Alarcão, 1966, est. III, 26, nº 2) e das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XXXI, nº 278-279).

A categoria dos pratos covo (**II. 3. 2. B**)<sup>158</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3.2.B. vinda da Porta Sul revela uma representatividade significativa, sendo o registo dos paralelos bibliográficos essencialmente do litoral e interior alentejano e de Conímbriga. Esta forma é a que mais se assemelha com uma frigideira, todavia optou-se por não fragmentar as categorias morfológicas com o propósito de simplificar a interpretação final dos resultados. Os números 777, 490, 675 e 981 documentam proximidade com Conímbriga, Condeixa-a-Velha (Alarcão, 1975, pl. IX, nº 169), Courela dos Chãos, Sines (Coelho-Soares, 1987, pp. 197-200), Herdade do Pinheiro, Alcácer do Sal (Mayet & Silva, 1998, pp. 198, 221, 260), as necrópoles do Alto Alentejo, Elvas (Nolen, 1985b, 84 e 19, est. XXIX) e São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, 82.3157-2A, p. 254). Na vila da Vidigueira surge precocemente no horizonte 1 desaparece no horizonte 2, para manter pouca representatividade nos horizontes 3 e 4 e demonstrar o máximo da representatividade no horizonte 6. A autora salienta dos paralelos a cronologia da olaria do Pinheiro enquadrada entre o início e meados do séc. IV (Pinto, 1999, pp. 252-256).

O fragmento 959 regista os mesmos paralelos mais dois exemplos em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. VII, nº 103 e pl. XXX, nº 638) e nas necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XXVIII, nº 216, 218 e 219, est. XXIX 241 e 239). O nº 1006 diversifica as proximidades com sítios alentejanos como a necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen, Dias, 1981, p. 93) onde se destaca a forma 2 (Nolen, Dias, 1981, p. 128) e uma morfologia próxima da frigideira (Nolen & Dias, 1981, Est. XXXV nº E 5.4). Assemelha-se ainda a exemplares registados em Serpa (Caeiro, 1978, pp. 253, 256), São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, p.226) e finalmente São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, EST III, nº 5).

A categoria dos pratos covo (**II. 3. 3. A**)<sup>159</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3. 3. A. apresenta paralelos morfológicos idênticos à forma anterior e acrescenta mais exemplos próximos da costa atlântica como são os casos da Quinta do Rouxinol, no

<sup>158</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 316-318. I. 3. 2. B. Prato covo de bordo introvertido, lábio boleado, afilado ou direito reentrante, parede reta oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base plana de assentamento discoidal.

<sup>159</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 319-320. II. 3. 3. A. Prato covo de bordo introvertido formando pequena aba oblíqua soerguida, lábio boleado ou amendoado reentrante, parede levemente arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

Seixal e do Alto da Cidreira, em Cascais. Com proveniência na Porta Sul assemelha-se à forma Hayes 61 (tipo A: c. 325-400/420; tipo B: c. 400/450), (Hayes, 1972, fig. 16, 17, pp. 100-107) parecendo indiciar uma imitação desta forma. Com paralelos próximos do nº 964 em São Cucufate, Vidigueira, (Pinto, 1999, nº 80.1037-2D, pp. 232-233) já esta investigadora havia chamado a atenção para esta possível imitação de *terra sigillata* clara D.

Os exemplos estendem-se por intermédio do nº 448 de Sines, Courela dos Chãos (Coelho-Soares, 1987, pp. 197, 199, nº 8, p. 200, nº 20, p. 234, nº 1), Alcácer do Sal (Diogo, 1987, est. XV, p. 103), necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XXIX, nº 250), São Cucufate (Pinto, 1999, 80.1037-2D, p. 103) e Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est.IV, nº 1819 e 87, 1.2.3.1.). O nº 214 assinala vizinhança com um único caso das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XXX nº 257). O nº 832 aproxima-se também com um exemplo da Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est.I, nº 223, 1136).

A litoralidade continua documentada novamente nos casos dos números 125 e 136 através do Alto da Cidreira, Cascais (Nolen, 1988, est.IX, nº 66), da necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, Est. LXIII nº Dis.A.14) e da Quinta do Marim, Olhão (Silva, Soares & Coelho-Soares, 1992, p. 234). Todos os restantes exemplos são divididos entre as necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est XXIX nº 249, nº 236 e XXX, pp. 84, 85, 197, 198,) e a vila de São Cucufate na Vidigueira (Pinto, 1999, 83.2399-2D, 81.3246-2D, 82.2594-2G, pp. 257-258). Inês Vaz Pinto atribui claramente a esta morfologia cronologia de Baixo Império tardia. O nº 794 enquadra-se no mesmo cenário espacial de interioridade (Nolen, 1985b, est. XXIX nº 249).

A categoria dos pratos covo (II. 3. 3. B)<sup>160</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3. 3. B. revela semelhanças com a forma Hayes 61 (tipo A: c. 325-400/420; tipo B: c. 400/450), (Hayes, 1972, fig. 16, 17, p. 100-107). Com paralelo em São Cucufate particularmente através do nº 812, são apresentados como forma claramente associada ao Baixo Império (Pinto, 1999, nº 83.2399-2D e nº 81.3246-2D, p. 258), podendo ser mesmo tardia. Inês Vaz Pinto reforça a tendência tardia da forma com os exemplos de

<sup>160</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 320. II. 3. 3. B. Prato covo de bordo introvertido formando pequena aba oblíqua soerguida, lábio boleado reentrante, parede levemente arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, em aresta na zona central interior.

um prato covo proveniente do Creio Arrábida e ainda com a associação realizada por Nolen entre esta forma e os pratos de sigillata clara D e de sigillata hispânica nas necrópoles da região de Elvas. A proximidade dos exemplos verifica-se como se pode conferir precisamente nas necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XXIX, Est. XXIX nº 236 e XXX, pp. 84, 85, 197, 198,), na litoralidade dos exemplos do Alto da Cidreira, Cascais (Nolen, 1988, est. IX, nº 66), na necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, Est. LXIII nº Dis.A.14), e necrópole de Santo André e Quinta do Marim, Olhão (Silva, Soares & Coelho-Soares, 1992, p. 234).

A categoria dos pratos covo (II. 3. 3. 4)<sup>161</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3. 3. 4. demonstra proximidade particularmente através do nº 642 com o sítio de Monte do Farrobo, Aljustrel (Alarcão, 1974, 10, est. V, 25), *Olisipo* (Amaro, Bugalhão & Sabrosa, 1996, nº 1, pp. 207, 214) Alcácer do Sal (Diogo, et al., 1987, est. XVIII, p. 108) Alto da Cidreira, Cascais, (Nolen, 1988a, est. VIII, nº 55), São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 81.1521-2D, p. 249,) e no distante território francês da Aquitânia (Réchin, 1996, nº 34, p. 465). Em São Cucufate só está presente a partir do horizonte 3 mantendo até ao horizonte 4 o período de maior produção que começa a decair a partir do horizonte 6 (Pinto, 1999, p. 251).

#### VII. 3. 3. 4. Cronologia e significado dos resultados

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permite balizar quatro (4) fragmentos de prato covo no segundo quartel do século II e relacionar a estratigrafia de um (1) único fragmento num momento sedimentar enquadrado na segunda metade do século V (450-499)<sup>162</sup>.

#### VII. 4. TIGELAS

##### VII. 4. 1. Proveniência

O número total de 46 fragmentos de tigelas identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 31 exemplares identificados na Porta

<sup>161</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 5. Prato covo, p. 321. II. 3. 4. Prato covo de bordo introvertido com inflexão na zona do colo, lábio boleado reentrante por vezes espessado, parede tendencialmente reta ou levemente arqueada, evasada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base plana indiciando assentamento em aresta.

<sup>162</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 4. Cronologia, p. 312.



Sul e pelos 14 exemplares oriundos das termas. Na área do Estacionamento os fragmentos de tigelas resumem-se a um único indivíduo<sup>163</sup>.

Tal como no caso dos pratos ou dos pratos covo as campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (10), 1996 (10), 2001 (6) e 2001-02 (6) o valor de 32 fragmentos de tigelas, significando 69,5 % do número total de fragmentos. Proporcionalidade idêntica aos casos mencionados.

#### VII. 4. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 31 exemplares de fragmento de tigela identificados na Porta Sul tal como no caso dos pratos demonstram especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos Q: 2734 (10 = 21 %), Q: 2635 (5). Tal como no caso dos pratos covo, também no caso das tigelas se encontra documentada uma intensificação da concentração de fragmentos com forma, numa área ligeiramente afastada no sentido NW da torre Oeste, precisamente no mesmo quadrado Q: 2533 (6).

A predileção pela torre Este também se encontra registada através dos Q: 2537 (5) e Q: 2538 (3).

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas fica prejudicada pela diminuta representatividade numérica embora estejam destacados os Q: AMB E (4) e Q: AMB D (4), ambos com 26,6 %. No caso do Estacionamento regista-se um único exemplar<sup>164</sup>.

#### VII. 2. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A parca representatividade afeta igualmente a interpretação estratigráfica. São poucos os fragmentos de tigela com estratigrafia definida. Praticamente todas as unidades estratigráficas que documentam tigelas estão representadas com apenas um único indivíduo [69], [86], [98], [112], [147], [162]. A única exceção é a unidade estratigráfica [63] com dois exemplares<sup>165</sup>.

<sup>163</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 322-326. Relembra-se que os 4 exemplares associados ao contexto de necrópole da coleção Maças serão individualizados em capítulo autónomo.

<sup>164</sup> Pereira, 2009, p. 102, 183, 229, 231.

<sup>165</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p.326.

## VII. 4. 2. Caracterização morfológica

### VII. 4. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de tigelas registaram valores do diâmetro exterior do bordo compreendidos entre os 10,5 cm e os 30 cm. Sobressaem os diâmetros com 22 cm e 30 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 20 cm e os 24 cm<sup>166</sup>.

### VII. 4. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de tigela compreende um intervalo de valores entre os 2,5 cm e os 5 cm. Sendo os 3,4 cm a altura com mais fragmentos (4) representados é igualmente possível encontrar a repetição de dois fragmentos nos casos com 2,5 cm, 3,3 cm, 3,6 cm e 3,8 cm. Os valores de registo com um único exemplar são os mais frequentes e variam entre 2,2 cm e os 5,5 cm<sup>167</sup>.

### VII. 4. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de tigela apresentam valores entre os 9,3 cm e os 8,5 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 19 e os 21 cm<sup>168</sup>.

### VII. 4. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de tigelas demonstrou ser o bordo direito sem inflexão (32 = 64 %), seguido do bordo extrovertido com 12 (24, %) indivíduos. Seguem-se os bordos introvertidos com 10 % (5), sendo que os bordos introvertidos de aba horizontal registam apenas um indivíduo. A representatividade do bordo direito sem inflexão e do bordo introvertido significa uma clara maioria de 95,5 % por estas opções morfológicas<sup>169</sup>.

### VII. 4. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado na categoria morfológica dos pratos e pratos covos a forma dos fragmentos de tigelas que mais se reproduz é naturalmente a forma esvasada

<sup>166</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 327.

<sup>167</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 327.

<sup>168</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 328.

<sup>169</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 328.

representando 90 % do total de fragmentos. As restantes formas à exceção de três exemplares (6 %) de bordo extrovertido com inflexão e sem ressalto são meramente residuais. Tal situação encontra-se intimamente relacionada com o elevado índice de fragmentação que não permite uma classificação mais detalhada <sup>170</sup>.

#### VII. 4. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido nos casos anteriores as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de tigela. Igualmente no presente caso impera o lábio boleado (34) com 68 % do total de indivíduos seguido do lábio direito (4) com 8 %. Os restantes casos apresentam proporcionalidade meramente residual <sup>171</sup>.

#### VII. 4. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de tigela são a decoração alisada (6), as caneluras (4) e a aguada (4). Seguem-se três exemplos de engobe restando casos de residualidade numérica. A amostra revela alguma diversidade decorativa manifestando residualidade geral <sup>172</sup>.

#### VII. 4. 3. Paralelos bibliográficos

##### VII. 4. 3. 1. Tigelas de bordo extrovertido

A categoria das tigelas (III. 1. 1. A.)<sup>173</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 1. A é oriunda da Porta Sul e regista paralelos em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXVI, nº 545, p. 95), Lomba do Canho, Arganil (Fabião & Gerra, 1987, nº 832, p. 294), São Cucufate (Pinto, 1999, p. 267, 84.5435-7), Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 193, p. 131), Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 8, p. 26) e Monte Molião (Arruda, Sousa, Lourenço & Bargão, 2008, fig. 9, nº 2006.97.124.1). O nº 209 assemelha-se à forma de São Cucufate onde foram identificadas peças de fabrico pós-romano com esta morfologia. A tendência antiga desta forma aparece também documentada pela semelhança do nº

<sup>170</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 329.

<sup>171</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 329.

<sup>172</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 332.

<sup>173</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 5. p. 333. III. 1. 1. A. Tigela de bordo direito, lábio boleado ou direito, por vezes com caneluras a demarcar o bordo do colo, parede tendencialmente reta, levemente oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

233 com o nº 832 da Lomba do Canho com datações seguras de meados do séc. I a. C. A proximidade com a Vidigueira mantém-se com a morfologia idêntica ao nº 938, enquadrada na forma III-A-1 e com enquadramento cronológico de longa duração, embora mais frequente no Alto Império. As afinidades esgotam-se com o nº 342 idêntico à forma III-A-2, apresentada igualmente como morfologia de longa duração abarcando os horizontes 1,2, 4 e 6 (Pinto, 1999, pp. 270-271).

A categoria das tigelas (**III. 1. 1. B.**)<sup>174</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 1. B é oriunda da Porta Sul e das termas e regista proximidade com as formas de São Cucufate (Pinto, 1999, pp. 270-271), Conímbriga (Alarcão, 1975, pl., XXXVI, 715, p. 113), a região de Elvas (Nolen, 1985b, est. XXXV, pp. 338, 339), Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 5, p. 25, séc. I-V) e Torre Alta em Cádiz (Sáez Romero, 2004, nº 20, 22, p. 704). Se em São Cucufate a forma documenta grande continuidade em Conímbriga, Alarcão categoriza a forma idêntica ao nº 545 como prato covo, enquadrando-a num momento alto imperial particularmente associado a Flávio.

O nº 176 regista paralelos especialmente na região de Elvas (Nolen, 1985b, est. XXXII, nº 289-290 e nº 231-326), em Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, XLVIII, I1.4, p. 132) e nas vizinhas vilas de Mascárro e Mosteiros em Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 8, p. 26). A região das necrópoles do Alto Alentejo data esta forma da segunda metade do séc. II – IV, enquanto a necrópole de Santo André em Santiago do Cacém, tem cronologia alto imperial entre a segunda metade séc. I- inícios II. Lembra a forma Hayes 2 (Hayes, 1972, fig. 2, p. 19-21).

A cronologia ammaiense permite o balizamento crono-estratigráfico situado entre a segunda metade do séc. II/III (150-299) e a segunda metade do séc. V (450-499).

A categoria das tigelas (**III. 1. 1. C.**)<sup>175</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 1. C é oriunda da Porta Sul e apresenta proximidades bibliográficas essencialmente para o nº 832. Estes exemplos são oriundos da Campânia, Benevento (Federico, 1996, nº 70, p. 194), Elvas (Nolen, 1985b, est. XXIX nº 250), Languedoque, Narbonne (Passelac, M., 1996, nº 4, p. 378) e Vidigueira, São Cucufate (Pinto, 1999, 83.1882-2C, p. 231). A

<sup>174</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 5. p. 334-335. III. 1. 1. B. Tigela de bordo direito, lábio boleado ou direito, por vezes espessado, parede tendencialmente reta, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>175</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 5. p. 335. III. 1. 1. C. Tigela de bordo direito, lábio afilado ou bifurcado por vezes reentrante, parede reta, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

cronologia da vila da Vidigueira aponta para curta duração da forma mais enquadrada no Alto Império.

A categoria das tigelas (III. 1. 2.)<sup>176</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 2 é oriunda das termas e documenta uma longa lista de paralelos que começa com o nº 60 e as semelhanças com a produção cerâmica de oficinas do litoral de Málaga (Serrano Ramos, 2000, nº 10, 11, 72) e em São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 82.5730-5, p. 261), prosseguindo com o nº 696 igualmente próximo do exemplo de Málaga, de São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 82.2157-2-A, p. 262). As afinidades estão documentadas também em Conímbriga onde surge classificado como prato covo e associado a uma cronologia dilatada de grande continuidade, desde as cerâmicas torneadas de tradição indígena, a Augusto, Cláudio, Flavio, Trajano e ao século V (Alarcão, 1975, pl. IX, p.166).

Os números 811 e 162 são próximos das formas de Elvas (Nolen, 1985b, est. XXXIII, nº 294-296, séc. I - II, p. 242), da necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, XLVIII, G3.1, p. 134), onde são datados do último quartel séc. I - inícios II e Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 5, p. 25), onde os autores encontram paralelos com São Cucufate igualmente enquadrado na segunda metade do séc. I - segundo terço séc.II. Esta cronologia mantém-se com o paralelo das necrópoles do Alto Alentejo, associadas à segunda metade do século I (Nolen, 1985b, est. XXXIII, nº 231-326) e idêntico ao nº 729 de *Ammaia*.

Este mesmo exemplar também encontra paralelo em Castelo de Vide (Pereira, Monteiro, 2011, fig. 8, p. 26) onde os autores encontraram paralelos com São Cucufate numa forma com cronologia de longa duração (segunda metade do séc. I - meados séc. V). São ainda documentadas igualmente semelhanças na necrópole de Santo André, Santiago do Cacém com contextos do século II (Nolen & Dias, 1981, XLVIII, G2.2, p. 132) e em Girona, Catalunha (Casas, Pere Castanyer, Nolla & Tremoleda, 1995, nº 8, p. 120) onde a segunda metade do século II também esta comprovada.

Os fragmentos 310 e 177 reforçam os locais de origem e as datações já anunciadas.

<sup>176</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 5. p. 336-338. III. 1. 2. Tigela de bordo direito, lábio boleado ou amendoado espessado, parede levemente arqueada, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

A comparação crono-estratigráfica dos materiais de cerâmica dita fina ammaiense indicia cronologia enquadrada entre Flávio-Antonino (69-96 / 96-192), 225-250/275+, a segunda metade do séc. II / III (150-299) e a segunda metade do séc. V (450-499).

A categoria das tigelas (III. 1. 3. A.)<sup>177</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 3. A é oriunda da Porta Sul e da coleção Maçãs registando afinidades através do nº 43 com São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 84.3384-1B, p. 267), do nº 865 (Nolen, 1985b, est. XXXIII, nº 304) e dos nºs 667 e 446 com Elvas (Nolen, 1985b, est. XXXIV, nº 308 309), São Cucufate (Pinto, 1999, p. 262, p. 257-259), Mourão, Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, nº 10, p. 348) e Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 5, p. 25, fig. 24, p. 32) (forma rara1). Para os últimos exemplos sobressai a cronologia do século I-inícios II da Vidigueira.

A categoria das tigelas (III. 1. 3. B.)<sup>178</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1. 3. B oriunda das termas. Lembra a forma Hayes 9 A (tipo A: c. 100-160+; tipo B: segunda metade séc. II) Hayes, 1972, fig. 4, p. 35-37).

#### VII. 4. 3. 2. Tigelas de bordo extrovertido

A categoria das tigelas (III. 2. 1. A.)<sup>179</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 1. A oriunda da Porta Sul testemunha afinidades particularmente no bordo de um fragmento de São Cucufate (Pinto, 1999, nº 81.1475-2B, p. 443).

A categoria das tigelas (III. 2. 1. B.)<sup>180</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 1. B é oriunda da Porta Sul e atesta afinidades através do nº 741 com materiais de Aix-en-Provence (Nin, 1996, nº D, p. 268), São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 80.1332-1B, p. 303) e Basse-Provence (Rivet, 1996, nº 4, p. 335).

<sup>177</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 5. p. 338-339. III. 1. 3. A. Tigela de bordo direito, lábio boleado por vezes espessado, parede arqueada, evasada, hemisférica, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base ligeiramente côncava com assentamento levemente em aresta.

<sup>178</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 5. p. 339. III. 1. 3. B. Tigela de bordo direito, lábio boleado por vezes espessado, parede arqueada, evasada, hemisférica, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base ligeiramente côncava com assentamento levemente em aresta.

<sup>179</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 5. p. 339. III. 2. 1. A. Tigela de bordo extrovertido formando aba horizontal soerguida, lábio boleado ou biselado, parede levemente arqueada, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>180</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 5. p. 340. III. 2. 1. B. Tigela de bordo extrovertido formando aba horizontal soerguida, lábio boleado ou biselado, parede levemente arqueada, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

### VII. 4. 3. 3. Cronologia e significado dos resultados

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas, permite balizar quatro fragmentos de tigela na segunda metade do século V (450-499) e dois na segunda metade do século II/III (150-229). Os restantes três exemplos correspondem cada um ao período Flávio Antonino (69-96/96-192), ao segundo quartel do século II e à segunda metade do século II/III (150-299)<sup>181</sup>.

## VII. 5. ALMOFARIZES

### VII. 5. 1. Proveniência

O número total de 20 fragmentos de almofariz identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 13 exemplares identificados na Porta Sul e pelos 7 exemplares oriundos das termas. As campanhas que se revelaram como mais produtivas não correspondem aos primeiros anos. Ao contrário do registado noutras categorias morfológicas os anos mais produtivos em almofarizes foram 1995 (7), 2001 (4) e 2009 (4). Nestes anos foi registado o valor de 15 fragmentos de almofariz, significando 75 % do universo total desta produção.

#### VII. 5. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A seleção de fragmentos provenientes das diversas campanhas de escavação (1995 (7), 1996 (2), 1999 (1), 2001 (4), 2002 (2) e 2009 (4) realizadas na cidade de *Ammaia* resultou no estudo de 20 fragmentos de almofariz. Treze indivíduos são oriundos do setor da Porta sul e 7 do setor termas. No setor Porta Sul destacam-se os Q: 2534, Q: 2735, Q: 2736 e a Estrutura 2 todos com dois fragmentos cada, exceto o Q: 2736 com quatro. Esta distribuição espacial acentua uma predileção pela torre Este e áreas circundantes.

Nas termas é o ambiente D (Q: AMB D) que com quatro exemplares sobressai em toda a área. Igualmente neste setor estão representados os Q: 1009, Q: 1110 e Q: 1209

<sup>181</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 4. 4. Cronologia, p. 332.

todos com um fragmento. Deste conjunto desenvolve-se especialmente os fragmentos de importação do litoral bético.

#### VII. 5. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de almofariz regista dois (2) indivíduos na unidade [154] e um (1) na unidade [147] e [170] <sup>182</sup>.

#### VII. 5. 2. Caracterização morfológica

##### VII. 5. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

O diâmetro externo dos fragmentos de almofariz apresenta valores que oscilam entre 12 cm e 42 cm. Desta característica formal o que mais sobressai é a grande variedade de diâmetros. Apesar disso são os diâmetros com 34 cm, 35 cm, 38 cm e 41 cm, que mais se repetem, registando todos dois exemplares <sup>183</sup>.

##### VII. 5. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos demonstra o elevado índice de fragmentação dos indivíduos exumados, situando-se entre os 2,4 cm e os 7,4 cm. Sendo os 3,5 cm e 3,6 cm o registo de altura com mais fragmentos (2) representados é possível constatar que os valores de registo com um único exemplar são os mais frequentes e variam entre 2,4 cm e os 5,5 cm e os 7,4 cm <sup>184</sup>.

##### VII. 5. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo/base

Os diâmetros internos dos fragmentos de almofariz apresentam valores entre os 10,3 cm e os 36,5 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 33 cm e os 36,5 cm <sup>185</sup>.

##### VII. 5. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais representado é o bordo extrovertido de aba horizontal com onze casos (11 = 55 %), seguido de longe pelo bordo extrovertido com quatro (4 = 20 %).

<sup>182</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 2. 1. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 342.

<sup>183</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 343.

<sup>184</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 343.

<sup>185</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo/base, p. 344.



Os bordos introvertidos são meramente residuais ( $1+10 = 2$ ), acontecendo o mesmo com os fundos ( $1+1 = 2$ ) e bojos (1) <sup>186</sup>.

#### VII. 5. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A forma preponderante é naturalmente a esvasada (14 = 70 %) variando o bordo entre o boleado, ou amendoado, por vezes com toro na orla superior, parede arqueada oblíqua, com ou sem estrias nas paredes superiores.

As restantes formas à exceção de dois exemplares de bordo extrovertido com inflexão e sem ressalto apenas apresentam um único indivíduo. O elevado índice de fragmentação não permite uma classificação mais detalhada <sup>187</sup>.

#### VII. 5. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de prato. No presente caso impera também o lábio boleado (15) com 75 % do total de indivíduos seguido do perfil troncocónico invertido (2) com 10 %. Os restantes casos são meramente residuais <sup>188</sup>.

#### VII. 5. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de almofariz são a decoração incisa (4) e as caneluras (2). Seguem-se os casos de dois exemplares cada de decoração aplicada e engobe e um de aguáda e de alisamento. A amostra revela alguma diversidade decorativa e prevalência da incisão como tratamento de superfície <sup>189</sup>.

#### VII. 5. 3. Paralelos bibliográficos

O papel de destaque que tem sido atribuído aos almofarizes como categoria morfológica com potencial informativo cada vez mais relevante foi já explorado por diversos autores (Arruda&Viegas, 2004) (Pinto, 2003), tendo sido alvo de reflexões contextualizadoras no que diz respeito à morfologia, cronologia, fabricos e proveniência (Quaresma, 1995-1997 e 2008).

<sup>186</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 344.

<sup>187</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 345.

<sup>188</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 345.

<sup>189</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 347.

Dado o inquestionável valor informativo desta forma seguiremos os critérios já valorizados com o objetivo de permitir uma aproximação e posterior confronto com os dados já conhecidos essencialmente a sul do Tejo, mas também em Conímbriga ou na Tarraconense.

### VII. 5. 3. 1. Almofarizes de produção local de influência itálica

O Almofariz nº 570 regista proximidade com a forma *Emporiae* 36,2. Proveniente da Campânia tem o termo *ante quem* da sua produção associada a cronologia republicana (150 a. C.), tendo o fim da produção ocorrido na segunda metade do século I d. C. (Aguarod, 1991, pp. 123-124)<sup>190</sup>. Tal como na Tarraconense, também os estudos no atual território português conferem início republicano a esta morfologia em Braga, Santarém, Balsa, São Cucufate e Povos. Todavia, os exemplos das produções lusitanas de Chão Salgados com cronologia muito mais recente (séculos II e III), e o caso de São Cucufate, com espaço temporal compreendido entre os séculos II e IV (Quaresma, 2006, pp. 150-151), conferem às produções locais e regionais longevidade muito superior aos modelos originalmente itálicos.

A forma *ammaiense* assemelha-se aos exemplos publicados na Tarraconense (Aguarod, 1991, nº 5, p. 215), e em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXXIII, nº 680). Existem semelhanças com um exemplar em Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 19, p. 134) e outro em Monte Molião (Arruda & Sousa, 2010, fig. 10, nº 25). Igualmente neste caso as autoras atribuem cronologias mais recuadas às importações béticas, situando as produções locais apenas a partir do final do século I d. C. Será a produção local inicialmente influenciada pela imitação de modelos béticos, atribuindo-se à evolução do bordo em aba intervenção de Dramont D1 (Arruda & Sousa, 2010, 10-11).

Os números 962 e 592 têm semelhanças com a forma Dramont D2 de origem centro itálica. Morfologia originária da região do Tibre difundiu-se por todo o império estando amplamente documentada na península ibérica. Relembramos que Aguarod Otal havia já salientado os paralelos desta forma em Conímbriga e Mérida (Aguarod, 1991, p. 178).

O almofariz nº 592 parecendo influenciado pela forma Dramont D 2, assemelha-se igualmente com a taça nº 5, da sepultura nº 477 de Valdoca. Alarcão atribui a esta

<sup>190</sup> Sobre a presença e cronologia desta forma no atual território português vide: Arruda & Viegas, 2004, 343-345 e Quaresma, 2006, 150.

sepultura cronologia do século I d. C. com espólio enquadrado entre Cláudio e os Flávios (Alarcão & Alarcão, 1966, est. XXXIV, nº 5) o que se enquadra com a cronologia proposta por Aguarod para a fase 3 dos bordos de almofariz Dramont 2 (finais de Cláudio, Flávios e primeiros Antoninos). A semelhança demonstrada pelo bordo extrovertido espessado, de aba mais descaída e menos horizontal, bem como, o forte ressaltado em toro na orla interior superior, lembrando as ranhuras na parte interior do bordo descrita por Aguarod, aproximam este exemplo da denominada fase 3 (Aguarod, 1991, p. 141).

O bordo 962 regista especial proximidade com o nº 4 desta publicação (Aguarod, 1991, nº 4, p. 224). A morfologia do bordo mais levantado e tendendo para a horizontalidade, com permanência da ranhura na parte interior do bordo, enquadra-o na fase 4 da evolução de perfil do bordo desenvolvido por esta autora atribuída à época dos Antoninos (Aguarod, 1991, p. 141). Esta tendência faz desta imitação um modelo imediatamente posterior ao nº 592.

Os números 924, 1093 e 691, tal como no caso anterior, sugerem ser uma variação local/regional neste caso da forma Dramont 1. Embora esta produção na sua versão itálica não tenha desenvolvido diferenciação cronológica no que respeita à forma do bordo, tal como aconteceu com a forma Dramont 2 (Aguarod, 1991, pp. 129-130), também estes exemplos, apesar de menos espessos parecem inspirar-se no modelo da Dramont D 1. Confirmando-se esta inspiração poderemos atribuir a estes fragmentos cronologia mais remota do que os almofarizes com inspiração na morfologia Dramont 2 (nº 592 e nº 962). O início da sua produção terá ocorrido ainda em época republicana, na transição da Era, em momento augustano e perdurado até ao final do século I, quando após período de convivência serão substituídos pela morfologia Dramont 2 (Aguarod, 1991, pp. 137-138).

A proximidade formal dos números 924, 1093 e 691, indicia uma variação local/regional da mesma forma, de fabrico bético, identificada por Vaz Pinto em São Cucufate, denominada como IV-C-1, e da forma 1 registada por Arruda e Viegas em Santarém. Em ambos os estudos as autoras também salientam as afinidades com a forma itálica Dramont 1, apesar de assegurado o fabrico bético (Pinto, 2003, p. 172 e Arruda & Viegas, 2004, p. 343).

O somatório dos quatro casos (Monte Molião, São Cucufate, Santarém e *Ammaia*) indicia que o conhecimento e reprodução de formas originalmente itálicas poderá ter

tido uma rota meridional seguramente com passagem pela bética. A influência meridional demonstrada pela presença de importações béticas em especial a sul do Tejo (Santarém, Povos (Vila Franca de Xira), São Cucufate, Aljustrel, Pisões (Beja), Monte da Cegonha (Vidigueira), Balsa, mas também em Braga e Conímbriga está atestada por diversos autores (Arruda & Viegas, 2004, pp. 346-347). Lembra-se que também no caso *ammaiense* se encontram comprovadas importações béticas. O nº 924 regista proximidade com exemplos na Tarraconense (Aguarod, 1991, nº 4, p. 219) e em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl est. XXVI nº 537) enquanto que o nº 1093 tem paralelos em São Cucufate (Pinto, 1999, nº 83.5041-9 e nº 13-16, p. 173).

Os números 727 e 69 reforçam o carácter regional desta produção registando paralelos com a “vizinha” barragem romana de Tapada Grande, localizada no lugar de Meadas, no concelho de Castelo de Vide. Como material de superfície não acrescentam informação crono-estratigráfica a esta forma (Pereira & Monteiro, 2011, pp. 27-29). No entanto, como apresentam semelhanças com a forma III-C-2 das tigelas de São Cucufate (Pinto, 1999, p. 298), seguindo esta indicação poderemos enquadrar esta forma entre a segunda metade do século I e o segundo terço do século II.

#### VII. 5. 3. 2. Almofarizes de importação do litoral da Bética

Os seis fragmentos de produção bética apresentados são exemplo da capacidade importadora da cidade de *Ammaia*. Os números 782 e 340 aproximam-se da forma 4 identificada em Santarém, sendo o nº 782 mais comparável ao nº 3, nº 340 e ao nº 6 de *Scallabis* (Arruda&Viegas, 2004, p. 346). O elevado índice de fragmentação não permite clarificar a ausência ou existência de moldura externa da parede, típica da fase 1 sequenciada por Quaresma para os bordos arredondados. Todavia, a fratura indicia a inexistência desta característica. Partindo deste pressuposto enquadram-se na fase 2, surgindo apenas na segunda metade do século I d. C. (Quaresma, 2006, 164, nº 20 e 21), o que confere com a informação estratigráfica dos números 17 e 20.

O nº 340 atesta igualmente semelhanças com o bordo de Conímbriga, datado de Trajano (Alarcão, Delgado, Mayet, Alarcão, & Ponte, 1976, pl. XVII, nº 12). As semelhanças são ainda mais evidentes com o nº 1 da forma IV-A-2 de São Cucufate (Pinto, 1999, nº 83, pp. 232-9, p. 311). Este caso de estudo acrescenta que esta forma

geralmente desenvolve o fundo levemente alteado sendo pouco destacado (Pinto, 2006, p. 172).

Ambos os autores (Quaresma, 2006, p. 158 e Pinto, 2006, p. 172) enumeram diversas cronologias conhecidas, de famosas estações arqueológicas: Munigua, Braga, Conímbriga, Santarém, Ilha do Pessegueiro, Povos, São Cucufate, Pisões, Monte da Cegonha, Balsa. Apesar do detalhe temporal de cada sítio apresentam em comum balizamento situado entra a segunda parte do século I e o início II d.C. O contributo *ammaiense* não ajuda ao esclarecimento da possível continuidade desta forma até ao Baixo Império como é sugerido no caso de Povos (Vila Franca de Xira) e de São Cucufate (Quaresma, 2006, nº 158, p. 165).

Os fragmentos nº 17 e nº 20 foram ambos exumados no setor das termas em níveis Cláudio-Nero. O bordo regista alguma afinidade formal com a taça nº 4 do teatro de Málaga (Serrano Ramos, 2000, nº 4, p. 47) e o fundo com os exemplos de Santarém (Arruda & Viegas, 2004, nº 1 e 3, p. 347) e de São Cucufate (Pinto, 2006, nº 8, p. 171). Apesar das estrias concêntricas do fundo nº 20 significarem cronologia tardo republicana/augusto-tiberiana (Pinto, 2006, p. 172) e por isso não o aproximarem do bordo nº 17, sem moldura externa mais típica da segunda metade do século I d. C., o registo arqueológico relaciona-os. Não fazendo crer pelos motivos apresentados que pertençam ao mesmo recipiente, aproxima-os a unidade estratigráfica, a raridade de fragmentos béticos oriundos do mesmo contexto (6), a proximidade das pastas, bem como a aparente harmonia no tamanho, forma e orientação das paredes. Do mesmo modo, sugere o fundo ser mais alteado e destacado do que anelar (Pinto, 2006, nº 8, p. 171). Recordar-se que no caso de Santarém os exemplares de fundos não estão associados a nenhuma forma específica (Arruda & Viegas, 2004, p. 347). De acordo com os resultados do registo arqueológico seria menos orientador não expor esta indicação do que a sua omissão. De qualquer modo, esta possibilidade perante as atuais condicionantes deverá ser devidamente averiguada por investigações futuras.

O nº 356 tem algumas semelhanças com o nº 84. 5204-2A de São Cucufate enquadrado na forma IV-C-1. Com 36 indivíduos, alguns com vertedouro e frequentemente com estrias, tal como no caso ammaiense, é uma produção local (Pinto, 1999, p. 317). A semelhança com as pastas acontece mais com o caso de Conímbriga dado que as pastas regionais são igualmente alaranjadas, contrastado com o tom claro

das importações semelhante aos exemplares da Vidigueira. Tal como nos exemplos apresentados pelos nºs 924, 1093, 691 e 1161 da *Ammaia*, também neste caso a autora encontra semelhanças com a forma Dramont 1. A influência parece nítida, sendo que este exemplar *ammaiense* se distancia dos restantes casos por apresentar bordo menos horizontal indiciando ser uma diferente interpretação local da forma itálica. É este modelo mais próximo do nº 537 de Conímbriga (Alarcão et al., 1976, pl. XXVI, nº 537, p. 93) do que dos paralelos sugeridos para São Cucufate (Alarcão et al., 1976, pp. 77, 137, 138).

O nº 18 é semelhante ao fundo 59, provável forma fechada de São Cucufate (Pinto, 2006, nº 59, p. 177).

### VII. 5. 3. 3. Cronologia e significado dos resultados

As indicações crono-estratigráficas dos setores Termas e Porta Sul resultam não só, da análise da cerâmica comum, mas igualmente, da confrontação estratigráfica de cerâmicas finas como são o caso de *terra sigillata* ou lucernas e mesmo de vidros, estudados por José Carlos Quaresma (Quaresma, 1995-1996 e 2006). As unidades estratigráficas que registam presença de almofarizes no setor das termas são a [154] com 2 indivíduos e a [170] e [147], ambas com um único fragmento. Na área correspondente à Porta Sul o registo arqueológico não permitiu informação estratigráfica válida.

Os valores crono-estratigráficos alcançados nas termas mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas indicam a presença de fragmentos de almofariz associados a dois momentos. Foi possível associar dois fragmentos de almofariz à época Cláudio (41-54) - Nero (54-68) e relacionar a estratigrafia de um único fragmento, num momento sedimentar enquadrado na época balizada entre Flávio-Antonino (69-96/96-192)<sup>191</sup>. Esta indicação é facultada pela análise do conjunto dos materiais onde se encontravam depositados os fragmentos nº 24 e 17, associados à Ue [154], e pela informação dos níveis da Ue [147] donde foi exumado o nº 18. É interessante constatar que todos os fragmentos têm origem bética (fabrico J).

O conjunto de 20 almofarizes apresenta casos de convincente influência morfológica itálica materializada nas produções locais/regionais pelas formas *Emporiae*

<sup>191</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 4. Cronologia, p. 347.

36,2 e Dramont 1 e Dramont 2. Esta proliferação de modelos itálicos aparenta ter uma influência de origem Bética. Sendo claro neste contexto a influência morfológica itálica nas produções locais, os resultados indiciam que esta inspiração em modelos itálicos aparenta ter uma rota meridional de origem Bética. Relembra-se que esta primazia geográfica é reforçada igualmente pelos casos documentados na forma IV-C-1 de São Cucufate (Pinto, 2003, p. 172), e na forma 1 de Santarém (Arruda & Viegas, 2004, p. 343), ambas de produção Bética e com influência da forma itálica Dramont 1. De igual modo, em Monte Molião os dados crono-estratigráficos documentam não só, maior antiguidade às importações béticas, como influência e imitação de modelos béticos no início da produção local (Arruda & Sousa, 2010, pp. 10-11).

O destaque da região Bética manifesta-se inclusive nos resultados da amostra quantitativa, representando as importações 30% dos fabricos de almofarizes identificados. Com enquadramento estratigráfico associado às épocas de Cláudio-Nero e de Flávio-Antonino, reporta-se para este período a capacidade económica importadora da cidade de *Ammaia* e a predileção por almofarizes desta região.

A importância das importações béticas na categoria morfológica dos almofarizes é ainda mais expressiva se tivermos em consideração, que em todo o acervo de cerâmica comum da cidade de *Ammaia*, apenas foram identificados até ao momento, 14 fragmentos originalmente béticos (6 almofarizes; 2 potes?; 3 potinhos? e 3 bilhas).

Curioso é constatar que as pastas de origem clara que se aproximam do tom bético significam 40% do total de fabricos de almofarizes. Representam em conjunto, as importações e as produções locais/regionais de tom claro 70% do total desta categoria morfológica.

## VII. 6. ALGUIDARES

### VII. 6. 1. Proveniência

O número total de 66 fragmentos de alguidares identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 48 (72,7%) exemplares identificados na Porta Sul, por 11 (16,6 %) exemplares oriundos das termas, por 3 (4,5 %) fragmentos da área denominada como Estacionamento e 4 de proveniência indeterminada (6,0 %). Tal como no caso dos pratos, pratos covos e tigelas as campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (32), 1996 (12) e 2001 (9)

o valor de 53 fragmentos de alguidares, significando 80 % do número total de fragmentos<sup>192</sup>.

#### VII. 6. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 48 exemplares de fragmento de alguidar identificados na Porta Sul tal como no caso dos pratos, pratos covo e tigelas demonstram especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos Q: 2734 (6), Q: 2736 (5) e Q: 2635 (2).

Esta superioridade indicia idêntica predileção sobre o limite exterior intramuros da torre Oeste. O mesmo fenómeno em relação à torre Este já não se repete de forma tão notória como nos casos das categorias morfológicas citadas. É por isso muito menos convincente a interpretação do mesmo cenário se registar em ambas as torres no caso dos alguidares.

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: 1109 (2); Q: 1110 (2); Q: 1209 (3) Q: D (2), Q: AMB D (1), Q: AMB H (1) e do Estacionamento Q: A2 (2), Q: A1 (1) fica prejudicada pela sua baixa representatividade numérica<sup>193</sup>.

#### VII. 6. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de alguidar está seriamente condicionada pela parca representatividade desta categoria morfológica em contextos estratigráficos definidos. Estão somente registados quatro fragmentos de alguidar respetivamente associados a quatro unidades: [68], [69], [86] e [89]<sup>194</sup>.

#### VII. 6. 2. Caracterização morfológica

##### VII. 6. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de alguidar apresentam valores do diâmetro exterior do bordo compreendidos entre os 19 e os 72 cm. Sobressaem os diâmetros com 40 cm, 41 cm, 55 cm e ainda 34 cm, 44 cm e 46 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 40 cm e os 44 cm<sup>195</sup>.

<sup>192</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 353.

<sup>193</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 353.

<sup>194</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 354.

<sup>195</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 354.



### VII. 6. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos demonstra um índice de fragmentação inferior à generalidade de outras categorias morfológicas situando-se entre os 2,2 cm e os 15,8 cm. Sendo os 8 cm (7) e os 4,2 cm (4) os registos de altura com mais fragmentos (7 e 4) representados é igualmente possível encontrar a repetição de três fragmentos nos casos de 3,5 cm e 4,5 cm. Os valores de registo com um ou dois exemplares são os mais frequentes e variam entre 2,2 cm e os 15,8 cm<sup>196</sup>.

### VII. 6. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de alguidar apresentam valores entre os 13,5 cm e os 65 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 33,5 cm e os 48 cm<sup>197</sup>.

### VII. 6. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de alguidar demonstrou ser o bordo extrovertido de aba horizontal (46 = 69,6 %), seguido do bordo extrovertido com 16 (24 %) indivíduos. Seguem-se os bordos introvertidos de aba horizontal dobrada sobre os ombros e os bordos direitos sem inflexão, ambos com apenas três exemplares (3 = 4,5 %). Todos os restantes casos documentam apenas dois ou três indivíduos demonstrando clara residualidade face aos 86,6 % dos tipos preferidos. Estes valores assumem uma clara preferência pelo bordo extrovertido de aba horizontal<sup>198</sup>.

### VII. 6. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado nos pratos, pratos covos e tigelas a forma dos fragmentos de alguidares que mais se reproduz é naturalmente a forma esvasada representando 90,9 % do total de fragmentos. As restantes formas à exceção de um exemplar indeterminado concentram-se no bordo extrovertido com inflexão e com ressalto.<sup>199</sup>

<sup>196</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 355.

<sup>197</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo/base, p. 355.

<sup>198</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 356.

<sup>199</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 356.

### VII. 6. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de alguidar. Igualmente no presente caso impera o lábio boleado (36) com 54,5 % do total de indivíduos seguido do lábio afilado (8) com 12 %. Os restantes casos à exceção do lábio direito (6) e do lábio semicircular (6), ambos com 6 indivíduos são meramente residuais. Os dois últimos casos juntos perfazem 18 % do total de fragmentos <sup>200</sup>.

### VII. 6. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de alguidar são a decoração incisa (8 = 12 %) e o engobe (3 = 4,5 %). Seguem-se casos de um único exemplo de decoração esgrafitada e ranhura. A amostra revela aparente prevalência da decoração incisa como elemento decorativo da superfície especialmente no bordo <sup>201</sup>.

### VII. 6. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 6. 3. 1. Alguidares de bordo extrovertido

A categoria dos alguidares (**V. 2. 1.**)<sup>202</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 1 é oriunda da Porta Sul e regista paralelos para o nº 910 em *Aeminium*, Coimbra (Carvalho, P. C., 1998, fig. 18, p. 98-98), *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 237, p. 132) e Mourão, Castelo da Lousã (Pinto & Schmitt, 2010, nº 14, p. 355).

A categoria dos alguidares (**V. 2. 2. A.**)<sup>203</sup> de bordo direito (tipo: 2.) e forma 2. 2. A é oriunda da Porta Sul e regista paralelos especialmente para o nº 740 em *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, p. 135), São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 81. 563-2B, pp. 336) e Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XIV, nº 6, 1.6.4.4.) Na investigação de São Cucufate a forma está associada a um período de longa duração apesar de apresentar exemplos de paralelos com maior propensão para o balizamento de séc. I até princípios de séc. II. Os restantes casos dilatam a cronologia para o século IV

<sup>200</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 357.

<sup>201</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 358.

<sup>202</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 359. V. 2. 1. Alguidar de bordo extrovertido, lábio boleado, parede levemente arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>203</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 360. V. 2. 2. A. Alguidar de bordo extrovertido formando aba horizontal pronunciada, reentrante, lábio boleado com decoração incisa ondulada muito frequente, parede tendencialmente reta, levemente oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

(Pinheiro, Alcácer do Sal) e para hiatos entre I-IV (Casas Novas, Alcácer do Sal) e I-V (Comenda, Setúbal). Esta publicação alerta igualmente para o facto de se poder confundir com a forma clássica designada como *caccabi* geralmente enquadrados como tachos (Pinto, 1999, pp. 340-341, 344).

A categoria dos alguidares (V. 2. 2. B.)<sup>204</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 2. B oriunda da Porta Sul regista variados paralelos cuja particularidade reside na dispersão e proximidade geográfica dado o distanciamento dos exemplos de Braga referente ao nº 71 (Delgado & Morais, 2009, nº 191, p. 67) ou da Catalunha (Casas, et al., 1995, nº 19, p. 102) e de Castelo de Vide (nº 543: Monteiro, 2011, fig. 62, p. 73, 122) (nº 182: Pereira & Monteiro, 2011, fig. 16, p. 28), ou do Castelo da Lousa (nº 265+283: Pinto & Schmitt, 2010, nº 2, pp. 354, 263-265 Fr8). Recordar-se que o exemplo catalão se reporta a Platja de Fenals em Loret de Mar, Girona e que o caso bracarense baliza a forma entre os sécs. V-VI. Os paralelos de longa duração que identificam Monteiro e Pereira para as vilas de Castelo de Vide através do paralelo de São Cucufate estabelecem em balizamento situado entre a segunda metade séc. I - meados do séc.V. A comparação morfológica com os resultados deste estudo permite diversas proximidades para o nº 653 (Monteiro, 2011, est. 21, nº 90, pp. 83, 124) e nº 694 (Monteiro, 2011, est. 21, nº 90, pp. 83, 124), confirmando as afinidades que a vizinhança geográfica sugere.

Com paralelos também em Conímbriga (nº 303: Alarcão, 1975, pl. XXVII, p. 96, nº 561) e na Quinta do Rouxinol (nº 182: Santos, 2011, Est.XVI, nº 759, p. 73) é o registo cerâmico deste sítio do Seixal que possibilita a datação entre a segunda metade séc. IV - inícios do séc. V. A cronologia ammaiense enquadra-se entre o segundo quartel do século II e a segunda metade do séc. V (450-499).

A categoria dos alguidares (V. 2. 3.)<sup>205</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 3 é oriunda da Porta Sul registando paralelos para o nº 587 e 127 no litoral algarvio (Sousa, Arruda, 2010, fig. 23) e para o número 783 em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XVI nº 319) e em São Cucufate, (783: Pinto, 1999, nº 84.4928-6, p. 351). Em Conímbriga está associada no fórum a Flávio e nas termas a Trajano. A proximidade formal acontece

<sup>204</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 360. V. 2. 2. B. Alguidar de bordo extrovertido formando aba horizontal pronunciada, reentrante, lábio boleado com decoração incisa ondulada muito frequente, por vezes com sulcos, parede tendencialmente reta, com orientação praticamente vertical, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>205</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 361-362. V. 2. 3. Alguidar de bordo extrovertido formando aba horizontal ligeiramente soerguida, lábio boleado por vezes biselado no remate, com colo na contracurva marcado por um rebaixo, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

também na região do Languedoque, mais precisamente em Narbonne (Passelac, M., 1996, p. 380, nº 11).

A categoria dos alguidares (**V. 2. 4.**)<sup>206</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 4 é oriunda da Porta Sul e regista paralelos especialmente próximos do nº 48 em Serpa (Caeiro, 1978, pp. 256, 268), em Circello, Benevento, Campânia (Federico, 1996, nº 73, p. 194), no Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, nº 6, p. 354) e em São Cucufate (Pinto, 1999, nº 84. 3502-2A, p. 371) onde se aproxima da terrina datada entre finais séc. II inícios do séc. IV.

A categoria dos alguidares (**V. 2. 6.**)<sup>207</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 6 é oriunda da Porta Sul e regista paralelos na vila de Mosteiros (Monteiro, 2011, fig. 62, p. 73, 122), Castelo de Vide, Quinta das Longas, Elvas (Almeida & Carvalho, 2005, p. 355, nº 18 e p. 333), São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 82. 1700-2A, p. 335) e Quinta do Marim Olhão (Silva, Soares & Coelho-Soares, 1992, fig. 6, nº 1). A cronologia de São Cucufate associa a forma à segunda metade séc. I - meados do séc.V, enquanto na Quinta das Longas, Elvas aponta para a produção entre meados ou a segunda metade séc. IV, inícios V, reforçando a tendência pelos níveis tardo romano de reutilização como lixeira na Quinta do Marim.

A categoria dos alguidares (**V. 2. 7. B.**)<sup>208</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 7. B oriunda da Porta Sul regista paralelos próximos de todos os números na Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XVII, nº 218, 1.6.5.1).

A categoria dos alguidares (**V. 2. 8.**)<sup>209</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 8 oriunda da Porta Sul regista paralelos na vizinha vila de Mascárro (Pereira, & Monteiro, 2011, fig. 18, p. 29) onde os autores identificam proximidade com São Cucufate balizada entre meados do século II até ao século V. As semelhanças também acontecem em

<sup>206</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 362. V. 2. 4 Alguidar de bordo extrovertido formando aba horizontal pronunciada reentrante, lábio afilado ou boleado, moldurado no topo, parede tendencialmente reta, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado, fundo de base plana, de assentamento discoidal.

<sup>207</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 363. V. 2. 6. Alguidar de bordo extrovertido formando aba horizontal pendente, reentrante, lábio boleado, parede arqueada levemente oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>208</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 363-364. V. 2. 7. B. Alguidar de bordo extrovertido formando aba, lábio semicircular, com colo na contracurva marcado por um pequeno rebaixo, parede tendencialmente reta, orientação levemente oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>209</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 364. V. 2. 8. Alguidar de bordo extrovertido formando aba, lábio boleado ou biselado, parede tendencialmente reta, orientação levemente oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

*Bracara Augusta* (Delgado & Morais, 2009, nº 261, p. 85) através do mesmo fragmento: nº 613.

A categoria dos alguidares (V. 2. 9.)<sup>210</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 9 maioritariamente oriunda da Porta Sul, mas também com exemplares das termas regista paralelos na *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 196, p. 135), São Cucufate (Pinto, 1999, nº 83. 1131-1B, p. 337 e nº 84. 3171-4, p. 339), Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXXV, nº 446, p. 85 e pl. XXI, nº 419, p. 84), Castelo de Vide (Monteiro, 2011, Est. 19, nº 62, pp. 83, 122) e Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XVI, nº 759, p. 73). Nos dois paralelos de Conímbriga, o primeiro mais próximo do nº 746 é categorizado como bacia e datado de Flávio, enquanto o segundo semelhante ao nº 1045 regista cronologia entre Cláudio, Flávio e Trajano. A Quinta do Rouxinol documenta hiato temporal compreendido entre a segunda metade do séc. IV, inícios do séc. V, próximo da datação apurada na *Ammaia*: segunda metade séc. V (450-499).

#### VII. 6. 3. 2. Cronologia e significado dos resultados

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitem balizar três (3) fragmentos de alguidar no segundo quartel do século II; um (1) no século IV; e três (3) associados a com o momento sedimentar enquadrado na segunda metade do século V (450-499)<sup>211</sup>.

#### VII. 7. V.A. ALGUIDARES/BACIAS

##### VII. 7. 1. Proveniência

O número total de 11 fragmentos de alguidares/bacias identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 8 exemplares identificados na Porta Sul e por 3 exemplares oriundos das termas. As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (3), 1996 (2) e 2001 (3) o valor de 8 fragmentos de alguidares/bacias, significando 72,7 % do número total de unidades desta produção.

<sup>210</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 364-365. V. 2. 9. Alguidar de bordo extrovertido dobrado sobre os ombros, reentrante, lábio boleado ou biselado com decoração incisa ondulada muito frequente, parede levemente arqueada, levemente oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

<sup>211</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 4. Cronologia, p. 359.

### VII. 7. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 8 exemplares de fragmento de alguidares/bacias identificados na Porta Sul tal como em casos de categorias morfológicas anteriores demonstram especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados Q: 2735 (2) e Q: 2736 (1).

Nas termas os fragmentos de alguidares/bacias resumem-se a três indivíduos distribuídos por três quadrados Q: D (1), Q: 1110 (1), Q: AMB E (1)<sup>212</sup>.

### VII. 7. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de alguidares/bacias resume-se a dois fragmentos com origem definida: [69] e [98], sendo os restantes de origem indeterminada<sup>213</sup>.

## VII. 7. 2. Caracterização morfológica

### VII. 7. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de alguidares/bacias registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 27 cm e os 54 cm. Sobressai o diâmetro 34 cm e a regular distribuição de todos os outros diâmetros. A consistência numérica dada a regularidade da distribuição não se manifesta<sup>214</sup>.

### VII. 7. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos demonstra um índice de fragmentação inferior à generalidade de outras categorias morfológicas situando-se entre os 1,3 cm e os 6,8 cm. Sendo os 4 cm o registo de altura com mais fragmentos (2), os valores de registo com um exemplar são os mais frequentes e variam entre 1,5 cm e os 6,8 cm. A dimensão ligeiramente superior à de outros exemplos já apresentados sugere relacionar-se com a superior dimensão destes recipientes documentada igualmente no registo arqueológico<sup>215</sup>.

<sup>212</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 366-367.

<sup>213</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 367.

<sup>214</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 368.

<sup>215</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 368.

### VII. 7. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de alguidar/bacias registam valores entre os 23,5 cm e os 50,5 cm, apresentando uma distribuição uniforme sem destaque de qualquer valor <sup>216</sup>.

### VII. 7. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de alguidar/bacias demonstrou ser, tal como no caso dos alguidares o bordo extrovertido de aba horizontal (7 = 63 %), seguido do bordo introvertido com 2 (18 %) indivíduos. Seguem-se o bordo direito sem inflexão e o fundo de base plana ambos com um exemplar. A representatividade somada dos dois casos perfaz 81 % significando uma clara maioria por estes tipos de opções morfológicas <sup>217</sup>.

### VII. 7. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado nas anteriores formas abertas a morfologia dos fragmentos de prato covado que mais se reproduz é naturalmente a forma esvasada representando 81,8 % do total de fragmentos. As restantes formas distribuem-se por um caso de assentamento discoidal e um caso de bordo extrovertido com inflexão sem ressalto <sup>218</sup>.

### VII. 7. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

O exemplo de variante que mais se destaca na categoria morfológica dos alguidares/bacias é o lábio boleado (5) com 45 % do total de indivíduos. Seguem-se o lábio bifurcado (2) e o lábio biselado (2), ambos com dois indivíduos registados e cada conjunto com 18 % da percentagem total de fragmentos. Os restantes casos são meramente residuais <sup>219</sup>.

### VII. 7. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de alguidar/bacias são a decoração alisada (3). Seguem-se situações de um único exemplo de decoração

<sup>216</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo/base, p. 369.

<sup>217</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 369.

<sup>218</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 370.

<sup>219</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 370.

aplicada em barbotina com mamilos no lábio e de decoração incisa. A amostra não permite ilações de dimensão estrutural não sendo evidente a prevalência de qualquer dos tratamentos de superfície<sup>220</sup>.

### VII. 7. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 7. 3. 1. Alguidares/bacias de bordo direito

A categoria dos alguidares/bacias (V. A. 1. 1.)<sup>221</sup> de bordo extrovertido (tipo: 1.) e forma 1.1 é oriunda da Porta Sul e regista proximidade com exemplos cerâmicos de Braga (Delgado & Morais, 2009, nº 264, p. 85), Coimbra (Carvalho, 1998, fig. 18, pp. 98-98) e da Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XI, nº 147). Esta afinidade acontece particularmente com os números 885 e 1050, sendo o último número o que corresponde ao paralelo de *Aeminium*.

A categoria dos alguidares/bacias (V. A. 2. 1.)<sup>222</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2.1 proveniente da Porta Sul e das termas regista paralelos (nº 115 e 368) no Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, nº 26, p. 356, p. 263-265 Fr8), Mérida (Alvarado & Molano, 1995, fig. 2, nº 2, p. 284), (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 7, nº 29-30, p. 79) e Braga (Delgado, M. e Morais, R., 2009, nº 267, p. 85). Os casos de Mérida estão documentados através do nº 6 de *Ammaia* por Alvarado e Molano estando o nº 717 mais próximo do prato da segunda metade do séc. II definido por Sánchez Sánchez. A cronologia de *Bracara Augusta* enquadra-se com os dados de *Emerita Augusta*, na cidade do noroeste peninsular o paralelo desta forma procedente das termas e categorizado com interrogações como tigela é associado ao início do séc. II. A cronologia de *Ammaia* prolonga o uso da forma até à segunda metade do século V (450-499).

<sup>220</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 372.

<sup>221</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 373. V.A. 1. 1. Alguidar/Bacia de bordo direito, lábio bifurcado, por vezes com mamilos a decorar o lábio, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, muito evasado.

<sup>222</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 6. 5. p. 373. V.A. 2. 1. Alguidar de bordo extrovertido formando aba horizontal pronunciada, reentrante, lábio boleado por vezes com sulcos, parede levemente arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.



### VII. 7. 3. 2. Cronologia e significado dos resultados

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitem balizar dois fragmentos de alguidar/bacias na segunda metade do século V.<sup>223</sup>

## VII. 8. TERRINAS

### VII. 8. 1. Proveniência

O número total de 26 fragmentos de terrinas identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 21 (80,7 %) exemplares identificados na Porta Sul, pelos 4 (16,6 %) exemplares oriundos das termas e por um fragmento de proveniência indeterminada. Tal como no caso de diversas categorias morfológicas já apresentadas as campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (4), 1996 (10) e 2001 (7) o valor de 21 fragmentos de terrina, significando (80,7 %) do universo em estudo. Nas termas os fragmentos de terrina resumem-se a escassas quatro unidades<sup>224</sup>.

#### VII. 8. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 21 fragmentos de terrina identificados na Porta Sul tal como na generalidade dos casos de categorias morfológicas anteriores demonstram especial concentração em redor da torre Oeste e Este, mais especificamente nos quadrados Q: 2635 (3), Q: 2734 (3) e Q: 2537 (3), Q: 2738 (3).

Esta preferência indicia análoga predileção sobre o limite exterior intramuros da estrutura circular. Fenómeno semelhante acontece na torre Este. A leitura espacial da deposição dos fragmentos de terrina oriundos das termas é seriamente prejudicada pela baixa representatividade numérica. Resumem-se a quatro indivíduos distribuídos por dois quadrados Q: 1309 (1), Q: AMB E (3)<sup>225</sup>.

<sup>223</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 7. 4. Cronologia, p. 372.

<sup>224</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 374.

<sup>225</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 375.

### VII. 8. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de terrina resume-se a três (3) fragmentos com origem definida: [98], [110] e [152]. Os restantes vinte e três (23) registam origem estratigráfica indeterminada <sup>226</sup>.

### VII. 8. 2. Caracterização morfológica

#### VII. 8. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de terrina registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 23 cm e os 37 cm. Sobressaem os diâmetros com 24,5 cm e 30 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 29,5 cm e os 32 cm <sup>227</sup>.

#### VII. 8. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos demonstra um elevado índice de fragmentação situando-se entre os 2 cm e os 7, 4 cm. Sendo os valores de 2,1 cm (3), 2,2 cm (3) e 6 cm (3) os registos de altura com mais fragmentos representados é igualmente possível encontrar a repetição de dois fragmentos nos casos das dimensões com 2, 3 cm, 2, 4 cm e 2, 5 cm. Os valores de registo com um exemplar são os mais frequentes e variam entre 3 cm e os 7, 4 cm <sup>228</sup>.

#### VII. 8. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de terrina apresentam valores entre os 18,8 cm e os 28 cm, sendo mais frequente o diâmetro de 21,2 cm <sup>229</sup>.

#### VII. 8. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de terrina demonstrou ser o bordo introvertido de aba horizontal (27 = 38 %), seguido do bordo introvertido com 7 (26,9 %) indivíduos. Seguem-se os casos de bordo direito sem inflexão com 15 % (4). A soma dos conjuntos mais populosos apresenta a representatividade do 79, 9 % do total de

<sup>226</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 375.

<sup>227</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 376.

<sup>228</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 376.

<sup>229</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 377.

fragmentos. Os restantes tipos de bordo todos juntos representam apenas 23 % do universo de fragmentos geralmente com um caso por cada tipo<sup>230</sup>.

#### VII. 8. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado nas formas abertas os fragmentos de terrina reproduziram em maior quantidade morfologias esvasadas representando 53,8 % (14) do total de fragmentos. Neste caso regista-se um equilíbrio com as formas fechadas (11 = 42 %), sendo o caso de bordo extrovertido com inflexão e com ressalto meramente residual<sup>231</sup>.

#### VII. 8. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior a variante dos fragmentos de terrina regista supremacia do lábio boleado (22) sobre todos os restantes casos que registam valores meramente residuais. Esta predileção significa 84,6 % do total de indivíduos<sup>232</sup>.

#### VII. 8. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de terrina são a decoração alisada (2) e as caneluras (2). Seguem-se casos de um único exemplo de alisamento, de decoração incisa, decoração brunida e de engobe. A amostra revela grande diversidade decorativa e nenhuma situação evidente de prevalência de qualquer dos tratamentos de superfície<sup>233</sup>.

### VII. 8. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 8. 3. 1. Terrinas de bordo direito

A categoria das terrinas (VI. 1. 1.)<sup>234</sup> de bordo direito (tipo: 1.) e forma 1.1 é oriunda da Porta Sul e apresenta proximidade formal, em particular o nº 1025 com *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, p. 135, nº 339) e São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, nº 82.2472-2F, p. 359). Em São Cucufate a datação enquadra esta forma de terrina entre meados do século II e meados do século IV.

<sup>230</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 377.

<sup>231</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 378.

<sup>232</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 378.

<sup>233</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 380.

<sup>234</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 5. p. 381. VI. 1. 1. Terrina de bordo direito, lábio boleado ou direito espessado, colo carenado na contracurva marcado por ressalto e rebaixo exterior, parede reta, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado.

### VII. 8. 3. 2. Terrinas de bordo introvertido

A categoria das terrinas (VI. 3. 1.)<sup>235</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3.1 é oriunda da Porta Sul apresentando contiguidade formal com Conímbriga (Alarcão, 1974, Est. V, 21, nº 1), São Cucufate (Pinto, 1999, nº 82.4252-1-B, pp. 364-365), Castelo de Vide (Monteiro, 2011, Est. 19, nº 64, pp. 83, 122) e Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, p. 359, nº 17 e pp. 266-267). Os nºs 358 e 355 são muito próximos do nº 1 de Conímbriga e formalmente idênticos à terrina cinzenta Paleocristã?? nº 82.4252-1-B datada de Tibério-Cláudio em São Cucufate (Vidigueira).

A categoria das terrinas (VI. 3. 2.)<sup>236</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3.2 oriunda da Porta Sul regista vários sítios com afinidades formais. Os nºs 930, 931, 1014 com as necrópoles da cidade de *Ammaia* (Neves, 1972, Est. VII nº 42). O nº 380 com a Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, est.V) e também com a Courela dos Chãos, Sines (Coelho-Soares, 1987, nº 37, p. 201), onde o bordo é semelhante apesar de ter a parede mais aberta. O nº 758 novamente com a Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, est.V) e finalmente o nº 670 com o nº 17 da publicação de Serrano Ramos referente a Málaga (Serrano Ramos, 2000, nº 17, 24), cuja forma é próxima de Vegas 14 e das produções itálicas de engobe vermelho pompeiano. A cronologia ammaiense enquadra-se entre 225-250/275+.

A categoria das terrinas (VI. 3. 3.)<sup>237</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3.3 proveniente da Porta Sul documenta através do nº 228 proximidade com a estampa V da Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, est.V).

A categoria das terrinas (VI. 3. 4.)<sup>238</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.) e forma 3.4 representada pelo nº 1021 com origem na Porta Sul, atesta proximidade com uma terrina de Conímbriga datada de Cláudio (Alarcão, 1975, pl. XXIX, nº 601, p. 148 e Alarcão, 1975, pl. XXXVI, nº 731) e uma tampa de São Cucufate (Pinto, 1999, nº 83.548-2-A, p. 573).

<sup>235</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 5. p. 381-382. VI. 3. 1. Terrina de bordo introvertido, lábio boleado espessado, colo por vezes marcado por ressalto exterior, parede arqueada, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>236</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 5. p. 382. VI. 3. 2. Terrina de bordo introvertido, lábio boleado ou amendoado reentrante, por vezes com canelura a separar o bordo do colo, parede arqueada, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>237</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 5. p. 383. VI. 3. 3. Terrina de bordo extrovertido, lábio triangular ou bifurcado espessado, parede reta, orientação levemente oblíqua, indicia corpo de perfil evasado.

<sup>238</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 5. 5. p. 383. VI. 3. 4. Terrina de bordo extrovertido, lábio triangular ou bifurcado espessado, parede reta, orientação levemente oblíqua, indicia corpo de perfil evasado.

### VII. 8. 3. 3. Cronologia e significado dos resultados

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitem balizar dois fragmentos de terrina. O primeiro, entre Tibério e Cláudio (37-54 d. C.) e o segundo entre 225-250 e 275+<sup>239</sup>.

## VII. 9. TACHOS

### VII. 9. 1. Proveniência

O número total de 96 fragmentos de tacho identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 88 (80,7 %) exemplares identificados na Porta Sul, pelos 7 (7,2 %) exemplares oriundos das termas e por um fragmento de proveniência indeterminada. Tal como no caso de diversas categorias morfológicas já apresentadas as campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (27), 1996 (36) e 2001 (15) o valor de 78 fragmentos de tachos, significando (81 %) do número total de fragmentos.

#### VII. 9. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 96 exemplares de fragmento de tacho identificados na Porta Sul tal como na generalidade dos casos de categorias morfológicas anteriores demonstram especial concentração em redor da torre Oeste e Este, mais especificamente nos quadrados Q: 2635 (3), Q: 2733 (3), Q: 2734 (3) e Q: 2537 (3), Q: 2738 (3).

Esta primazia denuncia idêntica predileção sobre o limite exterior intramuros da estrutura circular. Fenómeno semelhante acontece na torre Este.

A leitura espacial da deposição dos fragmentos de tachos oriundos das termas é seriamente prejudicada pela baixa representatividade numérica. Resumem-se a sete indivíduos distribuídos por quatro quadrados Q: 1209 (1), Q: AMB D (3), Q: AMB E (1), Q: D (2)<sup>240</sup>.

<sup>239</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 8. 4. Cronologia, p. 380.

<sup>240</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 384-385.

### VII. 9. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de tacho demonstra parca representatividade documentando apenas cinco fragmentos correspondendo às unidades [68, [69], [86] e [98] <sup>241</sup>.

### VII. 9. 2. Caracterização morfológica

#### VII. 9. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de tacho registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 12 cm e os 38 cm. Sobressaem os diâmetros com 22 cm, 20 cm, 15 cm, e 16 cm e ainda 18 cm, 24 cm e 27 cm. Existe maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 15 e os 27 cm <sup>242</sup>.

#### VII. 9. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de tacho demonstra um elevado índice de fragmentação situando-se entre os 0,8 cm e os 8,5 cm. Os registos de altura com quatro (4) fragmentos são os seguintes: 2 cm, 2,3 cm, 2,5 cm, 3 cm, 3,5 cm. É igualmente possível encontrar a repetição de três fragmentos nos casos de 1,5 cm, 2,2 cm e 3,2 cm e 2,5 cm. Os valores de registo com um e dois exemplares são os mais frequentes e variam entre 0,8 cm e os 8,5 cm <sup>243</sup>.

#### VII. 9. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de tacho apresentam valores entre os 6,8 cm e os 32 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 28 cm e os 32 cm <sup>244</sup>.

#### VII. 9. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de tacho demonstrou ser o bordo extrovertido de aba horizontal (34 = 35 %), seguido do bordo introvertido de aba horizontal com 18 (18,7 %) indivíduos. Seguem-se o bordo extrovertido de aba

<sup>241</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 386.

<sup>242</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 386.

<sup>243</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 387.

<sup>244</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 388.

horizontal dobrada sobre os ombros 16 (16,6 %). Seguindo-se o bordo introvertido de aba horizontal dobrada sobre os ombros com 8 (8,3 %) e o bordo extrovertido 6 (6,2 %).

A representatividade conjunta das três primeiras opções morfológicas significa uma clara maioria de 70,3 %<sup>245</sup>.

#### VII. 9. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

Ao contrário do registado nas morfologias abertas nos fragmentos de tacho a forma que mais se reproduz é naturalmente a forma fechada ou envasada representando 69,7 % do total de fragmentos. As restantes formas à exceção das 18 esvasadas representam índices de residualidade evidente<sup>246</sup>.

#### VII. 9. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

Os fragmentos de tacho registam maior representatividade com o lábio direito (48) significando 50 % do total de indivíduos, seguido do lábio biselado (30 = 31,5 %). Os restantes casos são meramente residuais<sup>247</sup>.

#### VII. 9. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de tacho são a decoração incisa e as caneluras, ambos com 7 exemplos. Seguem-se as superfícies alisadas (3) e a decoração esgrafitada (1)<sup>248</sup>.

### VII. 9. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 9. 3. 1. Tachos de bordo extrovertido

A categoria dos tachos (VII. 2. 2. A.)<sup>249</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. A oriunda da Porta Sul e das termas, regista semelhança particularmente por intermédio do nº 156, com a forma VII-A-1 de São Cucufate (Pinto, 1999, nº 83.695-1A, p. 377).

A categoria dos tachos (VII. 2. 2. B.)<sup>250</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2.B proveniente da Porta Sul e das termas tem após comparação crono-estratigráfica

<sup>245</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 389.

<sup>246</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 389.

<sup>247</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 390.

<sup>248</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 392.

<sup>249</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 5. p. 393. VII. 2. 2. A. Tacho de bordo extrovertido dobrado sobre os ombros, reentrante, lábio direito ou boleado, raramente moldurado, por vezes com canelura a separar o bordo do colo, parede reta com orientação oblíqua, indicia corpo de perfil envasado.

cronologia associada à segunda metade séc. V (450-499). Esta forma especialmente no nº 1058 apresenta alguma proximidade com o nº 36 de Courela dos Chãos, Sines (Coelho-Soares, A., 1987, p. 201, nº 36) e paralelos sobretudo com os nºs 1057 e 538 com São Cucufate, (Pinto, 1999, nº 80.2010-5, p. 388) e nº 1057 em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. VII, nº 103).

A categoria dos tachos (VII. 2. 3. B.)<sup>251</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2.3.B oriunda da Porta Sul atesta proximidade com três casos de Conímbriga e um na necrópole de Valdoca, Aljustrel com crono-estratigráfica associada à segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos são especialmente próximos no nº 635 (Alarcão, 1975, pl. XXXVII- XLII, nº 738, 739, 742, 743, 744, 745), nº 1066 (Alarcão, 1975, nº 14, p. 124), nº 979 (Alarcão, 1975, pl. XV, nº 326, p. 77), (Alarcão & Alarcão, 1966, Est XXIV, nº 320). O exemplar de Valdoca é categorizado como pote e o nº 326 de Conímbriga está datado do IV séc. V. O índice de preservação dos fragmentos e as características do fabrico e do tratamento de superfície permitiu a associação entre bordo e fundos de generosas dimensões alcançando em alguns casos de estudo a forma completa do tacho. A forma e o bordo dobrado lembra os tachos 2.2.2. de Monte Molião que as autoras associam ao preparado de *garum* e identificam igualmente na Tarraconense em contextos republicanos, no Baixo Guadalquivir, em São Cucufate ao século III e na herdade do Pinheiro ao Alto Império para depois se generalizar em fases posteriores (Arruda, Viegas & Bargão, 2010, fig. 17).

A categoria dos tachos (VII. 2. 4.)<sup>252</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2.4 oriunda da Porta Sul tal como na forma anterior possibilitou a obtenção de formas completas registando proximidade com morfologias desde Narbonne, até à Quinta do Rouxinol, à Tarraconense, Alto da Cidreira ou São Cucufate.

Na região do Languedoque mais precisamente em *Narbonne, Toulouse* a proximidade formal demonstra-se essencialmente através dos nºs 119 (Passelac, 1996,

<sup>250</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 5. p. 393-394. VII. 2. 2. B. Tacho de bordo extrovertido dobrado sobre os ombros, reentrante, lábio direito ou boleado, por vezes com canelura a separar o bordo do colo, parede arqueada, envasada parede curvada, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>251</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 5. p. 394. VII. 2. 3. B. Talha de bordo extrovertido dobrado sobre o ombro, lábio boleado, direito, amendoado ou biselado reentrante, parede arqueada, por vezes com caneluras entre o colo e o ombro e decoração esgrafitada ondulante no ombro, corpo com perfil ovoide com ligeiro aperto na zona superior e pegas horizontais salientes na inferior, fundo de base plana de assentamento discoidal.

<sup>252</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 5. p. 395. VII. 2. 4. Tacho de bordo extrovertido formando pequena aba, levemente reentrante, lábio direito ou boleado muito espessado pontualmente com ressalto em toro na orla superior, colo curto, parede arqueada, indicia corpo de perfil envasado.



nº A1, p. 370, nº 2, p. 371), (Béraudi & Gébara C., 1996, fig. 17, p. 315) e nº 893 (Passelac, 1996, nº A3, p. 370), sendo a fig. 17 de Béraudi categorizada como uma ânfora Valescure 1: Gauloise 4. Esta e outras situações são comuns tendo em consideração as reduzidas dimensões de alguns fragmentos e a afinidade formal dos bordos dos pequenos e grandes contentores, principalmente se apenas estiver preservado o lábio do recipiente. O nº 893 tem paralelos igualmente no Seixal, Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est.XX, nº 386, 392, 404,423, 2.1.7.2.). O nº 749 sem ser um paralelo exacto é próximo das cazuelas da Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, p. 334), tendo paralelo em Cascais (Nolen, 1988, Est. XI, nº 84 e Est. V, nº 9) Alto da Cidreira e no Seixal, Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est. XX, nº 386, 392, 404,423, 2.1.7.2., p. 78). Este mesmo sítio também atesta afinidade com o nº 1002 (Santos, 2011, Est.XX, nº 386, 392, 404, 423, 2.1.7.2.) e ainda com o nº 626 (Santos, 2011, Est. XX, nº 404, p. 78), datado da segunda metade séc. IV inícios de V. Também São Cucufate documenta alguma proximidade em particular com o nº 267 e nº 626 algo semelhantes à forma VII-B-4 (Pinto, 1999, p. 398).

A categoria dos tachos (VII. 2. 5. A.)<sup>253</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 5.A proveniente da Porta Sul regista três paralelos em São Cucufate particularizado no nº 699: (Pinto, 1999, nº 84.2262-1B, p. 383), nº 476: (Pinto, 1999, nº 79.794-7, p. 394) e nº 53: (Pinto, 1999, nº 79.794-7, p. 394), que não sendo um perfeito paralelo apresenta muitas proximidades morfológicas. Esta forma regista também afinidade com o bordo de um possível copo (nº 463) identificado na *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 285, p. 146). O nº 476 também é próximo da cazuela com a forma Celsa 85.46726 da Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, nº 3, p. 346), tendo o nº 772 paralelo nas necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est. XLVI, nº 490).

A categoria dos tachos (VII. 2. 5. B.)<sup>254</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) e forma 2. 5.B oriunda da Porta Sul e termas têm no fórum II de Conímbriga paralelo com o nº 423, datado de Flávio (Alarcão, 1975, pl. XV, nº 300, p. 72). A mesma forma especialmente parecida com o nº 871, surge documentada em São Cucufate (Pinto, 1999, nº 81.1538-2E, p. 402), na *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 181, p. 138), no Castelo da

<sup>253</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 5. p. 396. VII. 2. 5. A. Tacho de bordo extrovertido formando aba horizontal com ressalto, lábio direito ou boleado espessado, por vezes com caneluras a evidenciar o nível do colo e do ombro, parede tendencialmente reta, levemente oblíqua (quase vertical), indicia corpo de perfil levemente envasado.

<sup>254</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 5. p. 397. VII. 2. 5. B. Tacho de bordo extrovertido formando aba horizontal com ressalto, lábio direito ou boleado espessado, por vezes com caneluras a evidenciar o nível do colo e do ombro, parede tendencialmente reta, oblíqua, indicia corpo de perfil envasado.

Lousa (Pinto & Schmitt, 2003, nº 24, p. 379) e nas necrópoles de Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est. VI, nº 39)<sup>255</sup>. Em Elvas as semelhanças acentuam-se com o nº 469 (Nolen, 1985b, est. XLV, nº 484). Com *Emerita Augusta* é o nº 318 de *Ammaia* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 3, nº 4) que maiores semelhanças apresenta, estando o nº 878 formalmente próximo do sítio de Soeiros, Arraiolos (Calado M. J.M., Barradas, M. P., Mataloto, R. J. L., 1999, p. 17, nº 4).

A categoria dos tachos (VII. 2. 5. C.)<sup>256</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.5.C originária da Porta Sul regista paralelos com Mérida essencialmente com os números 36 (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 11, 56) e 246 de *Ammaia* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 6, nº 22 e 22). Apesar do primeiro exemplo cerâmico de Mérida estar categorizado como jarra os bordo demonstram considerável afinidade.

A categoria dos tachos (VII. 2. 6.)<sup>257</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.6 oriunda da Porta Sul regista dois paralelo em Conímbriga especialmente quando comparado a panela nº 106 (Alarcão, 1975, pl.XXI, nº 417, p. 84) e o nº 429 de *Ammaia* com o pote de bordo amendoado com crono-estratigrafia de habitat pré-Flávio (Alarcão, 1975, pl. VIII, nº 129, p. 56). O nº 473 apresenta paralelo da Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XXXVI, nº 310, 2.8.7.1.).

### VII. 9. 3. 2. Cronologia e significado dos resultados

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitem balizar sete fragmentos de tacho. O primeiro dos casos entre a segunda metade do século I e a primeira metade do século II. O segundo, durante o consulado dos Flávios (69-96). Por último, cinco exemplares associados a um momento sedimentar enquadrado na segunda metade do século V (450-499)<sup>258</sup>.

<sup>255</sup> Forma parecida mas com bordo ligeiramente diferente.

<sup>256</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 5. p. 398. VII. 2. 5. C. Tacho de bordo extrovertido formando aba horizontal com ressalto, lábio direito ou boleado espessado, parede tendencialmente reta (?), oblíqua (?), envasada (?).

<sup>257</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 5. p. 398. VII. 2. 6. Tacho de bordo extrovertido dobrado sobre o ombro, lábio triangular ou biselado, parede tendencialmente reta, oblíqua, corpo com forma envasada.

<sup>258</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 9. 4. Cronologia, p. 392.

## VII. 10. PANELAS

### VII. 10. 1. Proveniência

O número total de 60 fragmentos de panelas identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 50 exemplares identificados na Porta Sul, pelos 9 fragmentos oriundos das termas e 1 exemplar de proveniência indeterminada. As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (13), 1996 (16) e 2001 (14) o valor de 43 fragmentos de prato, significando 77,6 % do número total de fragmentos<sup>259</sup>.

#### VII. 10. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 50 exemplares de fragmento de panela identificados na Porta Sul demonstra especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2635 (1), Q: 2734 (7) e Q: 2735 (6).

Esta primazia denuncia idêntica predileção sobre o limite exterior intramuros da estrutura circular. Fenómeno semelhante acontece na torre Este através dos Q: 2537 (1) e Q: 2538 (5) apesar do registo ser menos convincente.

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: D (3), Q: AMB D (3), Q: AMB E (3) e do Estacionamento ficam prejudicadas pela sua baixa representatividade numérica<sup>260</sup>.

#### VII. 10. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de panela demonstra parca representatividade documentando apenas nove fragmentos. A distribuição centra-se nas unidades estratigráficas [86] (3) e [152] (2), tendo as restantes um exemplar cada [68], [98], [112], [147]<sup>261</sup>.

---

<sup>259</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 1. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 399.

<sup>260</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 1. 2. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 400.

<sup>261</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 401.

## VII. 10. 2. Caracterização morfológica

### VII. 10. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de panela registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 12 cm e os 34 cm. Sobressaem os diâmetros com 16 cm, 18 cm, 14 cm, 15 cm e ainda 20 cm e 22 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 14 e os 22 cm<sup>262</sup>.

### VII. 10. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de panela demonstra um elevado índice de fragmentação dos indivíduos exumados, situando-se entre os 1,3 cm e os 9 cm. Sendo os 3,2 cm e 5,5 cm os registos de altura com mais fragmentos (4) representados é possível constatar que os valores de registo com três exemplares oscilam entre os 4,5 cm e os 5 cm. Os casos da repetição de dois e um único exemplar são os mais frequentes<sup>263</sup>.

### VII. 10. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de panelas apresentam valores entre os 15 cm e os 32 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 9,8 cm e os 32,3 cm<sup>264</sup>.

### VII. 10. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de panelas demonstrou ser o bordo extrovertido (27 = 45 %), seguido do bordo extrovertido de aba horizontal e do bordo extrovertido de aba soerguida com 14 (23,3 %) indivíduos. Seguem-se os bordos introvertidos com 3,3 % (2) representando os restantes casos (bordo direito sem inflexão e fundo de base plana) igualmente 3,3 % por terem em conjunto apenas dois fragmentos. A representatividade de 68,3 % do bordo extrovertido de aba horizontal e bordo extrovertido de aba soerguida significa uma clara maioria de 71,6 % por estas opções morfológicas<sup>265</sup>.

<sup>262</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 401.

<sup>263</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 402.

<sup>264</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 403.

<sup>265</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 404.

#### VII. 10. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A forma dos fragmentos de panela que mais se reproduz é naturalmente a forma envasada representando 68,3 % do total de fragmentos. Os onze exemplares esvasados são meramente residuais. Tal situação encontra-se intimamente relacionada com o elevado índice de fragmentação que não permite uma classificação mais detalhada<sup>266</sup>.

#### VII. 10. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de panela. No presente caso impera o lábio biselado (23) com 38,3 % do total de indivíduos seguido do lábio boleado (21) com 35 %. Os restantes casos à exceção do lábio direito com (6) 10 % são meramente residuais<sup>267</sup>.

#### VII. 10. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de panela são o engobe (9 = 15 %), o alisamento (6 = 10 %) e a canelura (4 = 6,6). Seguem-se casos de um único exemplo de decoração incisa e três de aguáda (3 = 5 %). A amostra regista relativa diversidade decorativa e alguma prevalência de casos de engobe e aguáda (9 + 3 = 12 = 20 %)<sup>268</sup>.

#### VII. 10. 3. Paralelos bibliográficos

##### VII. 10. 3. 1. Painéis de bordo extrovertido

A categoria das painéis (VIII. 2. 1.)<sup>269</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.1 oriunda da Porta Sul, termas e Estacionamento regista no contexto crono-estratigráfico ammaiense balizamento associado a Flávio-Antonino (69-96 / 96-192) e ao segundo quartel do século II. Os nºs 604 e 1016 apresentam morfologia próxima de exemplares do Castelo da Lousa (Pinto, 2003, nº 24, p. 379), sendo o nº 500 particularmente

<sup>266</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 404.

<sup>267</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 405.

<sup>268</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 3. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 406.

<sup>269</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 5. p. 407-408. VIII. 2. 1. Painel de bordo extrovertido formando aba soerguida oblíqua por vezes contracurvada, lábio biselado, bifurcado ou boleado, pontualmente com caneluras a separar o bordo do colo ou dupla asa vertical a arrancar ao nível do bordo, colo com perfil em S formando garganta interna, indicia corpo de perfil envasado.

idêntico ao nº 84.1857-2A de São Cucufate apesar da asa estar ausente (Pinto, 1999, nº 84.1857-2<sup>a</sup>, p. 414). Está igualmente próximo sem ser paralelo exacto ao nº 316 da Quinta do Rouxinol, (Santos, 2011, Est. XXIV, nº 316, 2.2.9.1.). Também o nº 730 de *Ammaia* encontra paralelo nesta olaria romana localizada no Seixal (Santos, 2011, Est. XXIV, nº 316), bem como em Girona, na Catalunha (Casas, J. et. al., 1995, fig. 14, p. 123) e em Benevento, Campânia (Cipriano, & DE Fabrizio, 1996, nº 1, p. 215). Esta forma encontra ainda proximidade no nº 132 com as cerâmicas da Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, p. 326-6) e afinidades entre o nº 110 de *Ammaia* com o nº 3 de *Aeminium* (Carvalho, 1998, nº 3, p. 167).

A categoria das painelas (**VIII. 2. 2. A.**)<sup>270</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.A oriunda da Porta Sul e termas tem orientação cronológica na cidade de *Ammaia* associada à segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos da forma 2. A assemelham-se às morfologias de São Cucufate especialmente no nº 561 (Pinto, 1999, nº 82.5419-2A, p. 415) e nº 883 (Pinto, 1999, nº 83.5050-4, p. 430). O primeiro dos números regista exemplos também no Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, nº 30, p. 364) e na Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XXIII, nº 760, 2.2.4.1., p. 81). O nº 883 para além de São Cucufate aproxima-se da morfologia de Benevento, Campânia (Cipriano & DE Fabrizio, 1996, nº 5, p. 207) e de vários sítos da região costeira entre o Tejo e Sado como Courela dos Chãos, Sines (Coelho-Soares, 1987, pp. 197, 98, 201), olaria do Pinheiro, Alcácer do Sal (Mayet & Silva, 1998, pp. 95, 220, 256) e Porto dos Cacos, Alcolhete (Raposo & Duarte, 1996, fig. 8, p. 264). O nº 926 assinala paralelo em Conímbriga datado de Flávio, enquanto o nº 349 tem alguma proximidade com a necrópole de Santro André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, Est. XV. D 3.1 (1) e Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, nº 148, p. 373). O último exemplo apresentar forma geral idêntica mas bordo triangular e não bífido. O nº 679 volta a aproximar Conímbriga (Alarcão, 1975, pl., XX, 1002, p. 139) e a Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, est. XXV, nº 773), bem como São Cucufate de forma indireta através do paralelo de longa duração (I-meados V) identificado por Monteiro e Pereira na vila romana de Mascárro, Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 32, p. 36). Ao nº 679 (Serrano

<sup>270</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 5. p. 408-409. VIII. 2. 2. A. Painela de bordo extrovertido formando aba alongada reta, oblíqua, soerguida, espessada, lábio biselado ou bifurcado, por vezes com leve canelura ao nível da inflexão do colo, formando garganta interna, parede reta oblíqua, indicia corpo de perfil envasado.

Ramos, 2000, nº 54, 55, 56, 57, p. 80) junta-se o nº 710 (Serrano Ramos, 2000, nº 36, 52) e 605 (Serrano Ramos, 2000, nº 1, p. 71)<sup>271</sup> atestando os paralelos desta forma com a produção cerâmica das oficinas do litoral de Málaga.

A categoria das painelas (**VIII. 2. 2. B.**)<sup>272</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.B oriunda da Porta Sul e termas manifesta proximidade sobretudo nos números 197 e 743 com Benevento, Campânia (Federico, 1996, nº 97 e 98, p. 196). O nº 261 com o Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, 192, p. 376,) e particularmente o nº 734 com a região da Catalunha (José Conde, Miguel Cura, Joaquim Garcia, Joan Sanmartí & Dolores Zamara, 1995, fig. 27, p. 20; séc. III).

A categoria das painelas (**VIII. 2. 3. A.**)<sup>273</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.) forma 3.A proveniente da Porta Sul regista dois paralelos em São Cucufate, nº 798 (Pinto, 1999, nº 83.654-7, p. 416) e nº 899 (Pinto, 1999, p. 416). O nº 47 é próximo do nº 65 da vila de Mosteiros, Castelo de Vide (Monteiro, 2011, Est. 19, nº 65, p. 122), demonstrando o nº 901 afinidades com uma forma de talhas identificada no castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, nº 30, p. 389) e com a olaria da Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est. XXIV, nº 315, 2.2.4.3.).

A categoria das painelas (**VIII. 2. 3. B.**)<sup>274</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 3.B proveniente das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Esta forma atesta particular semelhança no nº 522 com paralelos da região de Elvas (Nolen, 1985b, est. XLV, nº 483) datadas de Cláudio-séc.II, bem como nas formas de São Cucufate (Pinto, 1999, p. 429), igualmente atestadas pelo nº 185 (Pinto, 1999, p. 429).

A categoria das painelas (**VIII. 2. 4.**)<sup>275</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.4 oriunda da Porta Sul documenta paralelo de pote com *Augusta Emerita* (Sánchez

<sup>271</sup> Lembra Béltrán 1982, tipo 1ª Málaga.

<sup>272</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 5. p. 410. VIII. 2. 2. B. Painela de bordo extrovertido formando aba alongada reta e oblíqua soerguida, lábio biselado ou bifurcado, por vezes com dupla asa arrancando ao nível do bordo e com leve canelura ao nível da inflexão do colo, formando garganta interna, parede reta, vertical, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>273</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 5. p. 411. VIII. 2. 3. A. Painela de bordo extrovertido formando pequena aba soerguida, lábio boleado, amendoado ou triangular, colo alongado por vezes com ligeiro rebaixo na contracurva, indicia corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior.

<sup>274</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 5. p. 411. VIII. 2. 3. B. Painela de bordo extrovertido formando pequena aba horizontal ou levemente côncava, lábio boleado, direito ou biselado, colo alongado por vezes com ligeiro rebaixo na contracurva, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>275</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 5. p. 412. VIII. 2. 4. Painela de bordo extrovertido formando aba oblíqua soerguida, lábio boleado espessado, por vezes com ligeiro rebaixo na contracurva do colo, parede levemente arqueada, com orientação oblíqua, indicia corpo de perfil envasado.

Sánchez, 1992, fig. 7, nº 35) e proximidade formal com alguns potes e panelas de Monte Molião (Sousa & Arruda, 2010, fig. 24), especialmente quando comparadas com o nº 57 de *Ammaia*, que regista também semelhança com *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 348, p. 138).

### VII. 10. 3. 2. Cronologia

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas, permite balizar três fragmentos de panelas respetivamente em três momentos distintos: período Flávio-Antonino (69-96/96-192); entre o segundo quartel do século II e 225-250/275+; e na segunda metade do século V (450-499)<sup>276</sup>.

## VII. 11. POTES/PANELAS

### VII. 11. 1. Proveniência

O número total de 165 fragmentos de potes/panelas identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 111 exemplares identificados na Porta Sul, pelos 44 exemplares oriundos das termas, 9 no Estacionamento e 1 fragmento indeterminado.

As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (42), 1996 (38) e 2001 (23) o valor de 103 fragmentos de potes/panelas, significando 62,4 % do número total de fragmentos. Nas termas e no Estacionamento os fragmentos de potes/panelas resumem-se respetivamente a escassas 26,6 % e a 5,4 %<sup>277</sup>.

### VII. 11. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 111 exemplares de fragmento de potes/panelas identificados na Porta Sul demonstram especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2635 (5), Q: 2733 (11) Q: 2734 (11) Q: 2735 (13) e Q: 2735 (10).

Esta preferência indicia idêntica predileção sobre o limite exterior intramuros da estrutura circular. O único quadrado que se encontra bem representado e mais afastado

<sup>276</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 10. 4. Cronologia, p. 407.

<sup>277</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 413.



da torre é o Q: 2434 com 7 indivíduos. Fenómeno semelhante apesar de menos convincente acontece na torre Este através dos Q: 2537 (6) e Q: 2538 (5).

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: 1009 (1), Q: 1109 (2), Q: 1110 (3), Q: 1209 (5), Q: 1310 (2), Q: AMB D (10), Q: AMB D (8), Q: D (13), e do Estacionamento Q: A2 (5), Q: A3 (4) fica prejudicada pela sua baixa representatividade numérica<sup>278</sup>.

#### VII. 11. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de potes/panelas demonstra especial produtividade na unidade [68] com dez (10) fragmentos. Seguem-se as unidades [69] e [86] com quatro (4) unidades, [130], [152] e [63], com duas (2), registando as restantes Ue's apenas um fragmento de pote/panela cada [110], [112] e [98]<sup>279</sup>.

#### VII. 11. 2. Caracterização morfológica

##### VII. 11. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de potes/panelas registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 7,8 cm e os 40 cm. Sobressaem os diâmetros com 16 cm, 17 cm, 14 cm, 20 cm e ainda 17 cm e 22 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 14 cm e os 22 cm<sup>280</sup>.

##### VII. 11. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos demonstra um elevado índice de fragmentação situando-se entre os 1,5 cm e os 8 cm. Sendo os valores de 2,5 cm (10), 2,2 cm (9) e 3 cm (3) os registos de altura com mais fragmentos contabilizados (10+9+9), as repetições de oito (2,6 cm), sete (2 cm, 3,5 cm) e seis exemplares (2,3 cm, 3,2 cm, 4,5 cm) são igualmente frequentes.

Os valores de registo com três e dois exemplares são os mais repetidos e variam entre 1,6 cm e os 5,7 cm<sup>281</sup>.

<sup>278</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 414.

<sup>279</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 415.

<sup>280</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 415.

<sup>281</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 416.

### VII. 11. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de potes/panelas apresentam valores entre os 10 e os 9,9 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 11 e os 16 cm<sup>282</sup>.

### VII. 11. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de potes/panelas demonstrou ser o bordo extrovertido de aba horizontal (85 = 51,5 %), seguido do bordo extrovertido com 51 (30,9 %) indivíduos. Seguem-se o bordo extrovertido de aba soerguida 7,2 % (12) e o bordo direito sem inflexão com 4 (2,4 %). A representatividade dos dois primeiros casos significa uma clara maioria de 82,4 % por estas opções morfológicas<sup>283</sup>.

### VII. 11. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado nas morfologias fechadas a forma dos fragmentos de potes/panelas que mais se reproduz é naturalmente a forma envasada representando 141 (85,4 %) do total de fragmentos. As restantes formas à exceção de doze (12) exemplares esvasados concentram-se nos casos de bordo extrovertido com inflexão e sem ressalto (5 = 3 %) e nos bordos extrovertido com inflexão e com ressalto (5 = 3 %). Tal situação encontra-se intimamente relacionada com o elevado índice de fragmentação que não permite uma classificação mais detalhada<sup>284</sup>.

### VII. 11. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido em alguns casos anteriores as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de potes/panelas. No presente caso impera o lábio boleado (60) com 36,3 % do total de indivíduos seguido do lábio biselado (43) com 26 % e do lábio direito (35 = 21 %). Os restantes casos à exceção do lábio triangular com (10 = 6 %) são meramente residuais<sup>285</sup>.

<sup>282</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 417.

<sup>283</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 418.

<sup>284</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 418.

<sup>285</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 419.

### VII. 11. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de potes/panelas são as caneluras (12), o alisamento (11) e o engobe (11). Seguem-se casos de decoração incisa (6), aguada (2 + 1 = 3) antes de se registarem exemplos seguros de residualidade decorativa. A amostra revela grande diversidade decorativa nos tratamentos de superfície e prevalência das caneluras, alisamento e engobe <sup>286</sup>.

### VII. 11. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 11. 3. 1. Potes/Panelas de bordo direito

A categoria dos potes/panelas (IX. 1. 1.)<sup>287</sup> de bordo extrovertido (tipo: 1.), forma 1.1 proveniente da Porta Sul, regista três paralelos na região de Pompeia, esta relação morfológica é mais evidente com o nº 886 (Gasperetti, 1996, fig. 46, nº 32, 33, pp. 39, 42) e nº 461 (Gasperetti, 1996, fig. 46, nº 32, 33, pp. 39, 42,), sendo também próximo o nº 884 (Castiglione Morelli V., 1996, nº 3, p. 109).

#### VII. 11. 3. 2. Potes/Panelas de bordo extrovertido

A categoria dos potes/panelas (IX. 2. 1.)<sup>288</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.1 proveniente da Porta Sul, atesta alguma proximidade especialmente no nº 1031 com um pote identificado em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. X, p. 82, nº 394) datado de Flávio e com *Aeminium* (Carvalho, 1998, fig. 6 [C.6.25-1860], pp. 162-164). O bordo 260 apesar de reduzidas dimensões permitiu a associação ao prato de bordo bifido forma Celsa 84.13596 categorizado na Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, nº 3, 5, 6, p. 205), à forma geral da relação entre bordo, colo e ombro do nº 591 de Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XX nº 591), tal como exemplares de *Aeminium* (Carvalho, 1998, fig. 2, p. 64) e do Castelo da Lousa (Carvalho & Morais, R., 2010, nº 21, pp. 143, 148).

<sup>286</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 3. 2. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 420.

<sup>287</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 421-422. IX. 1. 1. Pote/Panela de bordo direito, por vezes reentrante, formando pequena aba horizontal, lábio boleado, direito ou triangular espessado, por vezes com canelura a separar o bordo do colo, colo alongado, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior, envasado, fundo de base plana e assentamento discoidal.

<sup>288</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 422. IX. 2. 1. Pote/Panela de bordo extrovertido, raramente reentrante, formando pequena aba horizontal, lábio boleado, direito ou triangular espessado, por vezes com canelura a separar o bordo do colo, colo alongado, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior, envasado, fundo de base plana e assentamento discoidal.

A categoria potes/panelas (**IX. 2. 2.**)<sup>289</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.2 proveniente da Porta Sul, documenta através do nº 942 semelhanças com um tacho de Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, Est. LVIII, nº 13.9) e com a figura 4 de Coimbra (Carvalho, 1998, fig. 4, p. 167). O nº 762 é próximo das Ollas Forma Vila-Roma 5.40 da Tarraconense (Aguarod Otal, 1991, nº 2, p. 348), bem como com um pote da necrópole de Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966, Est XXIII, nº 331, nº 2) e um pote originário do Fórum II de Conímbriga, datado de Flávio (Alarcão, 1975, pl. XVIII, nº 356, 79). Esta forma regista ainda paralelos no nº 593 São Cucufate (Pinto, 1999, nº 81.1836-7, p. 455), na Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est.XIX, nº 259, 2.1.4.3.), no Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, nº 191, p. 376) e em Arganil, Lomba do Canho (Fabião & Guerra, 1987, nº 531, p. 305) onde surge caracterizada como talha fazendo remontar a forma deste bordo até meados do séc. I. a. C.

A categoria potes/panelas (**IX. 2. 3. A.**)<sup>290</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 3. A proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Muito distante desta cronologia está a relativa proximidade do bordo da talha do nº 534 da Lomba do Canho (Fabião & Guerra, 1987, nº 534, p. 305) com os números 835 e 836 de *Ammaia*. Esta forma tem dois exemplos em Conímbriga e dois em São Cucufate (nº 198 de *Ammaia*: Pinto, 1999, nº 84.6023-7, p. 464; nº 180 de *Ammaia*: Pinto, 1999, p. 429), sendo o nº ammaiense 852 próximo do nº 892 de Conímbriga, enquadrado em Condeixa-a-Velha entre o séc. V e o período Suevo Visigótico (Alarcão, 1975, pl. XLIX, nº 892, p. 124) e o outro exemplo datado do século IV (Alarcão, 1975, pl. XX, nº 408A, p. 83). Este mesmo número (852) tem paralelo nas necrópoles de Elvas (Nolen, 1985b, Est. IV, nº 25). São igualmente próximos do nº 94 a produção de Fréjus (Béraud, I. e Gébara C., 1996), da *Igaeditania* (Dias, 2002, nº 447, p. 140) e da Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est. XXIV, nº 316, 2.2.9.1.).

<sup>289</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 423. IX. 2. 2. Pote/Panela de bordo extrovertido, lábio boleado de aba soerguida, por vezes espessado, formando garganta interna, parede tendencialmente reta, oblíqua, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>290</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 424. IX. 2. 3. A. Pote/Panela de bordo extrovertido formando pequena aba horizontal, lábio biselado, direito ou triangular, com estreitamento ao nível do colo, parede arqueada, indicia corpo de perfil envasado.

A categoria potes/panelas (**IX. 2. 3. B.**)<sup>291</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 3. B proveniente da Porta Sul e das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia compreendida entre 225-250/275+ e a segunda metade séc. V (450-499). Notabilizam-se os três exemplos de proximidade com Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XV, nº 299; Alarcão, 1975, pl. VI, nº 91 e 91 A; Alarcão, 1975, pl. V, nº 81). O nº ammaiense 787 aproxima-se do nº 299 oriundo do Fórum II de Conimbriga, estando categorizado como talha (Alarcão, 1975, pl. XV, nº 299) regista cronologia de Flávio. O nº 894 tem paralelo com datação de Cláudio no edifício das termas, de Flávio no Forum e de Trajano nas Termas II (Alarcão, 1975, pl. V, nº 81). Este último número tem também proximidade com *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 9, nº 1) enquanto 874 tem semelhanças em Cascais, Alto da Cidreira (Nolen, 1988, est. X, nº 74). A influência geográfica do Tejo é reforçada com os paralelos da Quinta do Rouxinol (nº ammaiense 126: Santos, 2011, Est. XIX, nº 260, 2.2.4.3.) terminando no Baixo Alentejo com São Cucufate (Pinto, 2003, nº 106, p. 368). O nº 126 assemelha-se igualmente à talha da Lomba do Canho, Arganil (Fabião & Gerra, 1987, nº 810, p. 305).

A categoria potes/panelas (**IX. 2. 4.**)<sup>292</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 4 proveniente da Porta Sul tem paralelos essencialmente no Alentejo, litoral algarvio e Málaga. A região alentejana regista paralelos particularmente nos seguintes números e locais: nº 118 São Cucufate (Pinto, 1999, nº 82.1653-7, p. 444), nº 898 Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 21, p. 31), nº 960 necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, Est. XXVIII, E1.33.1 (1) e Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, nº 7, p. 385) onde se assemelha a uma forma de talha. Número 10 é próximo de produções tardo romanas de Málaga registando forma igual mas com tratamento de superfície com estrias inexistente e diferenciado do caso ammaiense (Serrano Ramos, 2000, nº 10, p. 159). O nº 651 aproxima-se das formas de São Cucufate (Pinto, 1999, p. 481) e do litoral algarvio documentados por Eloisa Sousa e Ana Margarida Arruda (Sousa & Arruda, 2010, fig. 23, p. 964).

<sup>291</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 425. IX. 2. 3. B. Pote/Panela de bordo extrovertido formando pequena aba horizontal com ressalto ou duplo ressalto, lábio biselado ou afilado, com estreitamento ao nível do colo, parede levemente arqueada, por vezes com asa a arrancar junto ao lábio, corpo indiciando forma envasada.

<sup>292</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 426. IX. 2. 4. Pote/Panela de bordo extrovertido formando pequena aba côncava, lábio boleado semi-circular ou em gancho, colo tendencialmente curto com inflexão acentuada por vezes com ressalto, por vezes com decoração esgrafitada ao nível do ombro, corpo indiciando perfil ovoide com aperto na zona superior.

A categoria potes/panelas (IX. 2. 5. A.)<sup>293</sup> e (IX. 2. 5. B.)<sup>294</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 5. A e 2. 5. B originárias da Porta Sul documentam proximidade formal com as imitações de cerâmica campaniense do Castelo da Lousa, nº 95 (Pinto & Schmitt, 2010, nº 12, pp. 403, 296) com São Cucufate, nº 899 (Pinto, 1999, p. 416) e com cerâmicas recolhidas do contexto alto imperial de Marselha, nº 460 (Moliner, 1996, nº 3, p. 243).

A categoria potes/panelas (IX. 2. 5. C.)<sup>295</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 5. C originária da Porta Sul é próxima da panela definida com a forma 2.2.2.d. de Lomba do Canho, indiciando remontar a meados do séc. I a. C. Apesar dos dois casos de Arganil não serem paralelos idênticos da forma ammaiense a forma alentejana lembra a mistura do perfil dos dois corpos do acampamento militar (Fabião & Guerra, 1987, nº 502, nº 510, p. 303).

A categoria potes/panelas (IX. 2. 6.)<sup>296</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 6 proveniente da Porta Sul, apresenta vasto reportório de comparações bibliográficas e cronologia na cidade de *Ammaia* enquadrada entre os seguintes hiatos: segunda metade séc. II / III (150-299), segundo quartel século II, 225-250/275+, segunda metade séc. V (450-499). Esta forma encontra muitas semelhanças com a região de Elvas e com São Cucufate tendo igualmente dois casos de familiaridade em Conímbriga e um em Marselha. Elvas lidera o número de casos nº 347 (Nolen, 1985b, Est. LII, nº 527), nº 721 (Nolen, 1985b, Est. LII, nº 527), nº 638 (Nolen, est. XLIV, nº 472), nº 532 (Nolen, 1985b, est. LII, nº 527), (IV-III a.C.) e nº 644 (Nolen, 1985b, est. V, VI, VII, nº 472) (segunda metade I-II). Segue-se São Cucufate, nº 404 e 532 (Pinto, 1999, p. 429), nº 780 (Pinto, 1999, p. 429), nº 644 (Pinto, 1999, pp. 401-458) e Conímbriga onde o nº 64 ammaiense encontra paralelo no Fórum II com datação de Flávio (Alarcão, 1975, pl. VI, nº 87) e o nº

<sup>293</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 427. IX. 2. 5. A Pote/Panela de bordo extrovertido formando aba horizontal ou levemente oblíqua, lábio boleado, biselado ou amendoado espessado, colo alongado por seguir a mesma orientação da parede, parede reta, indicia corpo de perfil alongado envasado.

<sup>294</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 427. IX. 2. 5. B Pote/Panela de bordo extrovertido formando aba levemente oblíqua, lábio boleado, biselado ou amendoado espessado, colo alongado por seguir a mesma orientação da parede, parede reta, indicia corpo de perfil largo envasado.

<sup>295</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 427. IX. 2. 5. C. Pote/Panela de bordo extrovertido formando aba oblíqua, lábio boleado, levemente espessado, colo curto, parede arqueada, indicia corpo de perfil ovoide envasado.

<sup>296</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 428-429. IX. 2. 6. Pote/Panela de bordo extrovertido formando aba horizontal, lábio boleado, direito ou afilado geralmente espessado, colo curto assinalado por forte inflexão, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior, envasado, fundo de base plana e assentamento discoidal.

113 se aproxima da talha de Condeixa-a-Velha (Alarcão, 1975, pl. XV, nº 305, p. 72). Por fim, o caso marselhês identificado pelo nº 245 (Moliner, 1996, nº 3, p. 243).

A categoria potes/panelas (IX. 2. 7.)<sup>297</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 7 proveniente da Porta Sul, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Esta morfologia reforça os exemplos de morfologia idêntica oriundos do centro de Portugal com três casos de Conímbriga nº 562 (Alarcão, 1975, pl. XXXIV, nº 696), nº 770 (Alarcão, 1975, pl. XXXIV, nº 700) e nº 435 (Alarcão, 1975, pl. XV, nº 301, p. 72). O primeiro dos casos data dos séc.s IV e V, sendo o último, enquadrado em dois momentos distintos, no contexto de habitat com cronologia pré-Augusto e no edifício público do Forum II associado a Flávio. A tendência de semelhanças com contextos anteriores a Augusto é potenciada com o nº 773 (Pinto & Schmitt, 2010, nº 129, p. 371) com origem no Castelo da Lousa, Mourão.

A categoria potes/panelas (IX. 2. 8.)<sup>298</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 8 proveniente da Porta Sul, termas e Estacionamento, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia do segundo quartel século II e da segunda metade do séc. V (450-499), registando paralelo do recipiente categorizado como urna na necrópole de Santo André, Santiago do Cacém particularmente no nº 1062 (Nolen & Dias, 1981, Est. VI, nº C4.1 (1)).

A categoria potes/panelas (IX. 2. 9.)<sup>299</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 9 proveniente da Porta Sul, termas e Estacionamento 1, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia do segundo quartel século II e da segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos são diversos e localizam-se desde o centro litoral e interior do atual território português, até ao litoral algarvio ou até à Campânia cujo “olle” nº 21 se aproxima do nº 998 de *Ammaia* (Federico, 1996, nº 21, p. 186). Na Península Ibérica o mesmo número (998) encontra afinidades com o tacho nº 10 do Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, p. 361, nº 10, pp. 267-269), enquanto o nº 489 se relaciona sem ser perfeito paralelo com Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 270, p. 140) e com a forma do recipiente de pasta

<sup>297</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 429-428. IX. 2. 7. Pote/Panela de bordo extrovertido pronunciado formando aba côncava, lábio triangular, direito ou de gancho, espessado, por vezes biselado na orla superior, colo curto assinalado por acentuada inflexão, pontualmente com caneluras ao nível do colo e ombro, indicia corpo de perfil largo envasado.

<sup>298</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 430. IX. 2. 8. Pote/Panela de bordo extrovertido pronunciado formando aba côncava, lábio boleado, triangular ou direito, espessado, colo curto com inflexão acentuada, pontualmente com caneluras ao nível do colo e ombro, indicia corpo de perfil largo envasado.

<sup>299</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 5. p. 431-432. IX. 2. 9. Pote/Panela de bordo extrovertido pronunciado, lábio boleado, triangular, direito ou semi-circular, frequentemente com leves depressões, colo curto com inflexão acentuada, indicia corpo de perfil largo envasado.



bética de São Cucufate (Pinto, 2003, nº 20, p. 175). O nº 823 volta a registar afinidades com formas do Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, nº 159, p. 374) e também com o litoral algarvio (Sousa & Arruda, 2010, fig. 28). Em especial os nºs 281 e 299 apresentam alguma afinidade com São Cucufate (Pinto, 1999, nº 79.511-4, p. 443) e paralelos na *Igaeditania* (Dias, 2002, nº 24, p. 138) com um pote da região de Elvas (Nolen, 1985b, est. XLII, nº 443) e com a Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est. XXIII, nº 462, 2.2.4.1.). As necrópoles do Alto Alentejo também documentam paralelo semelhante ao nº 179, estando o nº 922 representado com proximidade formal em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XX, nº 403, p. 83) com cronologia de Trajano e do século V. O nº 1151 documenta proximidade com o bordo da talha do acampamento da Lomba do Canho (Fabião & Guerra, 1987, nº 600, p. 305)

### VII. 11. 3. 3. Cronologia

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permite balizar trinta e quatro fragmentos de potes/panelas. Estão agrupados segundo a seguinte ordem cronológica: vinte (20) fragmentos na segunda metade do século V (450-499); nove (9) no segundo quartel do século II; dois (2) entre 225-250/275+; dois (2) na segunda metade do século II/III (150-299) e um (1) entre os consulados de Flávio-Antonino (69-96/96-192)<sup>300</sup>.

## VII. 12. POTÉS

### VII. 12. 1. Proveniência

O número total de 97 fragmentos de potes identificados na área da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 47 (48,4 %) exemplares identificados na Porta Sul e pelos 33 (34 %) exemplares oriundos das termas. Igualmente no caso dos potes as campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (18), 1996 (19) e 2001 (143) o valor de 46 unidades, significando 47,4 % do número total de fragmentos. Todavia, a produtividade manteve-se também nos anos de 2003 e 2008, respetivamente com 19 e 11 indivíduos, representando 30,9 % do total.

<sup>300</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 11. 4. Cronologia, p. 421.



No Estacionamento os fragmentos de potes resumem-se a 14 unidades tendo a coleção Maçãs os restantes três<sup>301</sup>.

#### VII. 12. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 47 exemplares de potes identificados na Porta Sul demonstra especial concentração em redor da torre Este, mais especificamente nos quadrados 2237 (4) e Q: 2538 (8).

O único quadrado que se encontra bem representado e mais afastado das torres é o Q: 2533 com 7 indivíduos. Fenómeno semelhante, apesar de ser muito menos convincente acontece na torre Oeste através dos Q: 2535 (2) e Q: 2736 (4). Pela primeira vez e no caso dos potes, as torres invertem os papéis no que se refere a representatividade e concentração de fragmentos, registando a torre Este valores e amostragem superior.

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: 1110 (6), Q: 1310 (4) e do Estacionamento Q: A2 (10), Q: A3 (4) fica prejudicada pela sua baixa representatividade numérica<sup>302</sup>.

#### VII. 12. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de pote demonstra parca representatividade documentando apenas cinco fragmentos correspondendo às unidades [68] (3), [69] (3), [86] (5) e [98] (1)<sup>303</sup>.

#### VII. 12. 2. Caracterização morfológica

##### VII. 12. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de pote registam valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 5 cm e os 32 cm. Sobressaem os diâmetros com 15 cm, 14 cm, 20 cm, 16 cm e ainda 13 cm e 18 cm. Regista-se maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 12 cm e os 20 cm<sup>304</sup>.

<sup>301</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 432.

<sup>302</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 433.

<sup>303</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 433.

<sup>304</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 434.

#### VII. 12. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de pote demonstra um índice de fragmentação inferior ao das restantes categorias morfológicas, situando-se entre os 1,5 cm e os 15,1 cm. Sendo os 3 cm, 3,2 cm, 3,5 cm e 4,5 cm o registo de altura com mais fragmentos (6) representados é possível constatar que os valores de registo com quatro (4) e três (3) exemplares oscilam entre os 2 cm e os 5 cm. Os casos de um único exemplar são os mais frequentes com dezassete unidades<sup>305</sup>.

#### VII. 12. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos de bordo dos fragmentos de pote apresentam valores entre os 5 cm e os 30,8 cm. Destacam-se os diâmetros com 12,9 cm 15,6 cm, 17 cm e os 17,5 cm sendo mais frequentes no intervalo entre os 15,6 cm e os 20 cm<sup>306</sup>.

#### VII. 12. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de potes demonstrou ser o bordo extrovertido de aba horizontal (35 = 36 %), seguido do bordo extrovertido com 34 (35 %) indivíduos. Seguem-se os bordos extrovertidos de aba soerguida (8 = 8,2 %), sendo que os bordos extrovertidos de aba horizontal dobrada sobre os ombros (4 = 4,1 %) e o bordo introvertido de aba horizontal (5 = 5,1 %) representam juntos apenas 9,2 % do número total de fragmentos.

A representatividade de 71 % dos dois primeiros casos significa uma clara maioria por estas duas opções morfológicas<sup>307</sup>.

#### VII. 12. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado nas morfologias fechadas a forma envasada representa 71,1 % do total de fragmentos de pote. As restantes formas à exceção de um exemplar indeterminado concentram-se na forma esvasada (17 = 17,5 %) e no bordo extrovertido com inflexão e sem ressalto (8 = 8,2 %). Tal situação encontra-se intimamente

<sup>305</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 434.

<sup>306</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 435.

<sup>307</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 436.

relacionada com o elevado índice de fragmentação que não permite uma classificação mais detalhada<sup>308</sup>.

#### VII. 12. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de potes. No presente caso impera o lábio boleado (35) com 59 % do total de indivíduos, seguido do lábio direito (14) com 23,7 %. Os restantes exemplos à exceção do lábio biselado com (6) 10 % são meramente residuais<sup>309</sup>.

#### VII. 12. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de pote são a canelura (11), o cordão (8), a decoração incisa (6) e alisada (5). Seguem-se quatro casos de decoração brunida e três casos de engobe e de decoração incisa. A amostra revela diversidade decorativa e alguma prevalência de caneluras e cordões no tratamento de superfície<sup>310</sup>.

#### VII. 12. 3. Paralelos bibliográficos

##### VII. 12. 3. 1. Potes de bordo extrovertido

A categoria dos potes (**X. 2. 1.**)<sup>311</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 1 proveniente da Porta Sul, regista alguma proximidade particularmente nos nºs 877 e 914, com as formas do litoral de Sines (Coelho-Soares, 1987, nº 36, p. 201) e de Cascais (Nolen, 1988, est. V, nº 8) demonstrando o número ammaiense 988, especial afinidade com o pote da estampa XXIX documentado em Valdoca, Aljustrel (Alarcão & Alarcão, 1966, est. XXIX, 402, nº 1).

A categoria dos potes (**X. 2. 2. A**)<sup>312</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 2. A oriunda da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da

<sup>308</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 436.

<sup>309</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 437.

<sup>310</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 3. 2. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 439.

<sup>311</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 5. p. 440. X. 2. 1. Pote de bordo extrovertido dobrado sobre os ombros, lábio boleado ou amendoado, por vezes com dupla canelura ao nível do ombro, parede levemente arqueada, indicia corpo de perfil largo envasado.

<sup>312</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 5. p. 440-441. X. 2. 2. A. Pote de bordo extrovertido, lábio boleado ou amendoado espessado, colo na contracurva do bordo marcado por um rebaixo definido por um cordão liso, frequentemente

segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos formais têm especial tendência para privilegiar a região centro e o Baixo Alentejo nomeadamente devido aos exemplos de Conímbriga, Coimbra e São Cucufate. A influência da vila alentejana demonstra-se pelos números ammaienses 295 (Pinto, 1999, nº 82.787-1ª, p. 488) e 202 (Pinto, 1999, pp. 481-482). Em Condeixa e Coimbra destacam-se as semelhanças com o nº 439 de *Ammaia* (Alarcão, 1975, pl. XIV e Carvalho, 1998, pp. 103-108), sendo em Conímbriga que mais informação se obtém considerando as afinidades na forma e na decoração com o nº 1020 (Alarcão, 1975, pl. XXVI, nº 550, pp. 96) e com os nºs 525 e nº 295 de *Ammaia* (Alarcão, 1975, pl., XXIV, 476ª, p. 90). O último exemplo deste pote revela semelhanças na forma apesar de estar omissa de decoração polida.

A categoria dos potes (X. 2. 2. B.)<sup>313</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 2. B proveniente da Porta Sul, das termas e do Estacionamento 1, expõe paralelos nas vizinhas vilas romanas de Castelo de Vide, (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 29, p. 34) e na capital *Augusta Emerita* (Flávios-III) (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 14, nº 69-75) particularmente através das afinidades com o nº 300 de *Ammaia*. Ainda no sul de Portugal o nº 1110 aproxima-se da datação de Flávio - primeira metade do séc. II, obtida por Nolen na região de Elvas (Nolen, 1985b, est.XXV, nº 30, 39, 42). As semelhanças com o mesmo número (nº 1110) prosseguem com exemplos em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXVII nº 557, p. 96, fórum IV) e Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est. XXV, nº 396, 2.3.4.1.). Em Conímbriga sobressai o púcaro de Trajano (Alarcão, 1975, pl., XXIX, 565, p. 97) próximo do nº 510 ammaiense. As semelhanças completam-se com a forma rara identificada nas cerâmicas oriundas do anfiteatro de *Carthago Nova* em particular com o nº 175 de *Ammaia* (Pérez Ballester, Reyes Borredá & Rosário Cebrián, 1995, fig.11, nº7, p. 195 e nº 84.6139-2B, p. 465).

A categoria dos potes (X. 2. 3.)<sup>314</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 3 proveniente da Porta Sul, certifica proximidade com a panela 79.722-2C de São Cucufate

---

seguido por bandas oblíquas polidas ou incisas de linhas oblíquas paralelas entre si, parede tendencialmente reta, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>313</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 5. p. 441-442. X. 2. 2. B. Pote de bordo extrovertido, formando aba horizontal lábio boleado, amendoado ou biselado, colo na contracurva do bordo marcado por um rebaixo definido por um cordão liso, frequentemente seguido por bandas verticais ou oblíquas, brunidas ou incisas paralelas entre si, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior, por vezes carenado, envasado, fundo de base plana e assentamento discoidal.

<sup>314</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 5. p. 443. X. 2. 3. Pote de bordo extrovertido formando pequena aba oblíqua levemente soerguida, lábio boleado, direito ou biselado, pontualmente colo na contracurva do bordo definido por pequeno cordão liso, parede levemente arqueada, indicia corpo de perfil envasado.

(Pinto, 1999, p. 415, 79.722-2C) e a panela da necrópole de São Salvador de Aramenha 1001, especialmente com os nº 733 e 1001. As naturais afinidades com a necrópole da cidade de *Ammaia* estendem-se ao nº 853 (Neves, 1972, Est III nº 20), documentando o nº 834 paralelo com as vilas da região de Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 27, p. 33). Este mesmo número está registado também no Fórum II de Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XV, nº 303, p.72) com cronologia de Flávio. A relação com esta cidade mantém-se com nº 776 ammaiense (Alarcão, 1974, Est VIII, nº 32, 2) para voltar ao concelho de origem com o nº 589 (Monteiro, 2011, Est. 19, nº 65, pp. 75, 122). Particularmente o nº 589 é semelhante ao pote da região de Elvas (Nolen, 1985b, est. XLII, nº 442) e aos potes e panelas do litoral algarvio (Sousa & Arruda, 2010, fig. 28). Por fim, sobressai o nº 281 com paralelos em *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 24, p. 138,), com um pote da região de Elvas (Nolen, 1985b, est. XLII, nº 443), em São Cucufate (Pinto, 1999, nº 79.511-4, p. 443 próximo) e na Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XXIII, nº 462, 2.2.4.1.).

A categoria dos potes (**X. 2. 4.**)<sup>315</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 4. A proveniente da Porta Sul das termas e do Estacionamento 1 apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia balizada entre Flávio e Trajano, o segundo quartel século II e a segunda metade séc. V (450-499). Apesar de manifestar um número considerável de paralelos estes resumem-se essencialmente às vilas localizadas na região de Castelo de Vide e à vila de São Cucufate. O caso das vilas de Mosteiros e Mascárro documenta-se especialmente pelo nº 502 (Monteiro, 2011, Est. 19, nº 66, pp. 75, 76, 122 e Pereira & Monteiro, 2011, fig. 24, p. 32), e pelo nº 677 (Pereira & Monteiro, 2011, fig. 24, p. 32) registado por Pereira e Monteiro como forma rara 1. Também este nº (677) tem paralelo em São Cucufate (Pinto, 1999, p. 465), continuando os exemplos desta forma nesta vila certificados pelo nº 634 (Pinto, 1999, p. 465) São Cucufate (Vidigueira), nº 630 (Pinto, 1999, p. 465), nº 392 (Pinto, 1999, p. 281) e nº 539 (Pinto, 1999, p. 465). Conímbriga é o terceiro sítio onde são identificados mais paralelos graças à maior semelhança dos nºs 978 (Alarcão, 1974, Est. XIV e XXIII, nº 286 e 452 p. 71, 86, fórum II: Flávio; Flávio e Trajano “grise fine polie”) e nº 973 (Alarcão & Alarcão, 1966, XXVIII, nº

<sup>315</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 5. p. 444-445. X. 2. 4. Pote de bordo extrovertido, formando pequena aba por vezes soerguida, lábio boleado, biselado, semicircular ou triangular espessado, colo com inflexão leve, ombro por vezes assinalado com canelura ou dupla canelura, parede arqueada, indicia corpo de perfil envasado, ovoide com aperto na zona superior (?).

570, p. 97) (Ed Sud TH: séc. V). O mesmo ator com Adília Alarcão garante semelhanças no estudo de Valdoça particularmente através do nº 502 (Alarcão & Alarcão, 1966, est. VI, nº 68, nº 1). Finalmente, em menor quantidade é também possível identificar semelhanças no Castelo da Lousa, Mourão (Pinto & Schmitt, 2010, nº 164, p. 374) e em *Igaeditania*, Idanha-a-Velha (Dias, 2002, nº 26, p. 140).

### VII. 12. 3. 2. Potes de bordo introvertido

A categoria dos potes (**X. 3. 1.**)<sup>316</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.), forma 3. 1 proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia associada a Flávio-Antonino (69-96 / 96-192). Os paralelos desta forma encontram-se especialmente associados ao nº 59 e a Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXIII, nº 472, p. 89), ao Castelo da Lousa (Pinto, 2003, nº 83.4380-1B, p. 414) e São Cucufate (Pinto, 1999, nº 83.401-9, p. 469). A especificidade do nº 625 aproxima o categorizado púcaro enquadrado nas cerâmicas alto-imperiais de Conímbriga ao consulado de Flávio (Alarcão, 1975, pl., XXIII, 472, p. 89) com as necrópoles do Alto Alentejo datadas de finais I-II (Nolen, 1985b, est. XLVI, nº 494).

A categoria dos potes (**X. 3. 3.**)<sup>317</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 3. 3. Originária das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia de Flávio-Antonino (69-96 / 96-192) e paralelo em São Cucufate especialmente com o nº 637 de *Ammaia*.

A categoria dos potes (**X. 3. 4.**)<sup>318</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 3. 4. proveniente da Porta Sul e do Estacionamento 1 apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia do segundo quartel século II e paralelo em Conímbriga especialmente próximo do nº 1054 (Alarcão, 1975, pl. XXXVII 733, p. 114).

### VII. 12. 3. 3. Cronologia

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitem balizar trinta e dois (32) fragmentos de potes sequenciados do seguinte modo: 14 no

<sup>316</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 5. p. 445. X. 3. 1. Pote de bordo introvertido formando pequena aba, lábio boleado ou direito reentrante, colo alongado por vezes com asas, contracurvado formando garganta interna, parede arqueada.

<sup>317</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 5. p. 446. X. 3. 3. Pote de bordo introvertido formando aba horizontal, lábio boleado soerguido, parede arqueada, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>318</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 5. p. 446. X. 3. 4. Pote de bordo introvertido, lábio boleado, com uma aparadeira ligeiramente soerguida a toda a volta, colo marcado por canelura, parede levemente arqueada, indicia corpo de perfil envasado.

segundo quartel do século II; 14 na segunda metade do século V (450-499); 2 num momento compreendido entre 225-250/275+; 1 na primeira metade do século II (0-50/150) e igualmente 1 entre os consulados de Flávio (81) e Trajano (117)<sup>319</sup>.

### VII. 13. TAÇAS

#### VII. 13. 1. Proveniência

O número total de 5 fragmentos de taça identificados na área da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 3 exemplares identificados na Porta Sul, por 1 exemplar oriundos das termas e por outro (1) proveniente da coleção Maçãs.

As três origens carecem de representatividade numérica para se poder aprofundar as ilações quantitativas. Todavia o reduzido número de indivíduos desta categoria morfológica é por si só um elemento representativo e definidor das taças<sup>320</sup>.

#### VII. 13. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 3 exemplares de fragmento de taças identificados na Porta Sul ao contrário das restantes formas demonstra um claro afastamento das torres estando espacialmente concentradas em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2433 (1), Q: 2733 (1) e Q: 2534 (1).

Este indicador está seriamente truncado pela parca representatividade dos fragmentos mas indicia um afastamento de ambas as estruturas circulares que compõe as torres da Porta Sul.

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas está limitada a um único fragmento Q: 1209 (1)<sup>321</sup>.

#### VII. 13. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de taça reflete a parca representatividade do conjunto, documentando apenas um único fragmento com origem estratigráfica definida, enquadrado na unidade [86]<sup>322</sup>.

<sup>319</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 4. Cronologia, p. 439.

<sup>320</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 12. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 447.

<sup>321</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 447.

<sup>322</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 448.

## VII. 13. 2. Caracterização morfológica

### VII. 13. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de taça registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 12,5 cm e os 21 cm. Documentam-se os três casos com os seguintes diâmetros: 12,5 cm, 16 cm, 20 cm, e 21 cm<sup>323</sup>.

### VII. 13. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de taça compreende um intervalo de valores entre os 2,7 cm e os 5,5 cm, sendo o mais elevado igualmente o mais representado (2)<sup>324</sup>.

### VII. 13. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de taça apresentam valores entre os 15 cm e os 32 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 11 e os 15,8 cm<sup>325</sup>.

### VII. 13. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de taça demonstrou ser o bordo extrovertido de aba horizontal (3 = 60 %), seguido do bordo direito sem inflexão com um (1 = 20 %) único indivíduo.<sup>326</sup>

### VII. 13. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A forma dos fragmentos de taça que mais se reproduz é a forma esvasada representando 80 % do total de fragmentos.<sup>327</sup>

### VII. 13. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de taça. No presente caso impera o lábio boleado (3), seguido do lábio direito (1) e do lábio biselado. A residualidade da amostra é evidente<sup>328</sup>.

<sup>323</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 448.

<sup>324</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 448.

<sup>325</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 449.

<sup>326</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 449.

<sup>327</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 449.

<sup>328</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 450.



### VII. 13. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de taça são o engobe (1).<sup>329</sup>

### VII. 13. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 13. 3. 1. Taças de bordo extrovertido

A categoria das taças (XI. 2. 1.)<sup>330</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.1 proveniente das necrópoles de São Salvador de Aramenha e da Porta Sul, regista em Conímbriga semelhanças essencialmente semelhantes com o nº 816 (Alarcão, 1975, pl. XXIV, nº 498, 499) e nº 77 (Alarcão, 1975, pl. XXVII, p. 97).

#### VII. 13. 3. 2. Cronologia

Não foi alcançado qualquer valor crono-estratigráfico mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas que permita balizar cronologicamente qualquer fragmento de taça. Todavia, a taça proveniente da coleção Maçãs (nº 2011-10-138) enquadra-se num momento pré-romano associado à Idade do Ferro. Tal situação suscita a maior curiosidade sobre a origem das recolhas cerâmicas realizadas nas primeiras décadas do século vinte e que engrossaram o espólio do Museu Nacional de Arqueologia<sup>331</sup>. A descontextualização estratigráfica e espacial da coleção Maçãs, bem como, a forma como viajaram os recipientes até Lisboa exige as maiores cautelas e não será pela catalogação de um único fragmento que se poderá inferir qualquer ilação. Este caso adensa a curiosidade sobre o termo *ante quem* da cidade de *Ammaia*, bem como o momento da sua fundação.

## VII. 14. POTINHOS/PÚCAROS

### VII. 14. 1. Proveniência

O número total de 126 fragmentos de potinhos/púcaros identificados na área da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 58 (26,8 %) exemplares identificados na

<sup>329</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 451.

<sup>330</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 5. p. 451. XII. 2. 1. Taça de bordo extrovertido formando aba horizontal, lábio direito ou boleado, por vezes com ligeiro rebaixo na contracurva do colo, parede tendencialmente reta com orientação vertical, indicia corpo de perfil tendencialmente cilíndrico, evasado.

<sup>331</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 13. 4. Cronologia, p. 451.

Porta Sul, pelos 116 (53,7 %) exemplares oriundos das termas, pelos 5 (2,3 %) fragmentos do Estacionamento. Finalmente pelos 37 (17,1 %) recipientes da coleção Maças. As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (17), 1996 (22) e 2001 (19) o valor de 58 fragmentos de prato, significando 26,8 % do número total de fragmentos.

Pela primeira vez os valores das termas superam em número a representação da Porta Sul<sup>332</sup>.

#### VII. 14. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 58 exemplares de fragmento de potinhos/púcaros identificados na Porta Sul demonstra especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2733 (8), 2734 (8), e Q: 2735 (105).

Esta primazia aponta idêntica predileção sobre o limite exterior intramuros da estrutura circular. Fenómeno igualmente convincente acontece na torre Este através dos Q: 2537 (4) e Q: 2538 (7).

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas confirma uma tendência que se repete nas restantes categorias morfológicas e que se reflete na evidente maior produtividade dos Q: 1109 (19) e Q: 1209 (18). Juntamente com o Q: 1110 são sempre a área que mais resultados revelam nas termas. A interpretação do Estacionamento Q: A2 (1), Q: Z19 (3), Q: Z21 (1), Q: Z22 (1) fica prejudicada pela baixa representatividade numérica<sup>333</sup>.

#### VII. 14. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de potinhos/púcaros demonstra maior concentração nas seguintes unidades estratigráficas: [86] (22 = 10,1 %); [69] (17 = 7,8 %); [112] (13 = 6 %); [68] (11 = 5 %)<sup>334</sup>.

<sup>332</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 452.

<sup>333</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 453-454.

<sup>334</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 454.

## VII. 14. 2. Caracterização morfológica

### VII. 14. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de potinhos/púcaros registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 3,3 e os 11 cm. Sobressaem os diâmetros com 8 cm, 12 cm, 7 cm, 11 cm e 13 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 5,4 cm e os 6,2 cm <sup>335</sup>.

### VII. 14. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de potinhos/púcaros compreende um intervalo de valores entre 1 cm e os 9,9 cm. Estão mais representadas as alturas com 1,5 cm (5), 2 cm (6), 2,5 cm (6), 3 cm (7) e 4,6 cm (6). Existindo igualmente registo de quatro fragmentos com a seguinte altura: 2,9 cm; 3,5 cm; 4,3 cm; 4,5 cm e 5 cm <sup>336</sup>.

### VII. 14. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de potinhos/púcaros apresentam valores entre os 1,2cm, e os 8,8 cm, sendo mais frequentes nos seguintes diâmetros: 7,8 cm (7); 6 cm e 6,8 cm (5); 3 cm, 7,3 cm, 8,3 cm e 9,8 cm (4) <sup>337</sup>.

### VII. 14. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de potinhos/púcaros demonstrou ser o bordo extrovertido de aba soerguida (60 = 27,7 %), seguido do bordo extrovertido com 33 (15,2 %) indivíduos. Segue-se os bordo extrovertido de aba horizontal 13,8 % (30) sendo que o bordo introvertido com 7 e os bordos direito sem inflexão (4) representando juntos apenas 5 % do número total de fragmentos. A representatividade dos três primeiros caos significa uma clara maioria de 56,7 % <sup>338</sup>.

### VII. 14. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A forma dos fragmentos de potinhos que mais se reproduz é naturalmente a forma fechada ou envasada representando (136 = 62,9 %) do total de fragmentos. O elevado

<sup>335</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 455.

<sup>336</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 456.

<sup>337</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 457.

<sup>338</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 458.

índice de fragmentação não permite uma classificação mais detalhada embora se documentem 9 casos (4,1 %) de bordo extrovertido com inflexão e com ressalto <sup>339</sup>.

#### VII. 14. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A exemplo do sucedido no caso anterior as características de preservação do registo cerâmico condicionaram os resultados relacionados com a variante dos fragmentos de potinhos. No presente caso impera o lábio boleado (49) com 22,6 % do total de indivíduos seguido dos lábios biselado e afilado, ambos com 27 indivíduos e 12,5 %. Os restantes casos à exceção do perfil ovoide com aperto na zona superior (45) 20,8 % são meramente residuais <sup>340</sup>.

#### VII. 14. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de potinhos são a decoração polida (53 = 24,5 %), o engobe (34 = 15,7 %) e a decoração alisada (23 = 10,6 %). Seguem-se os 17 casos de decoração incisa por carretilha ou rolete (17 = 7,8 %) e os 12 exemplos de caneluras (5,5 %). A amostra revela diversidade decorativa e prevalência pelo polimento, engobe e alisamento, perfazendo em conjunto 50,8 %<sup>341</sup>.

#### VII. 14. 3. Paralelos bibliográficos

##### VII. 14. 3. 1. Potinhos/púcaros de bordo direito

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 1. 1.)<sup>342</sup> de bordo extrovertido (tipo: 21.), forma 1. 1 originários da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Esta morfologia é particularmente próxima do nº 339 ammaiense em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl., XXIX, 606, pp. 99-100) e em São Cucufate (Pinto, 1999, pp. 477-479). Alarcão enquadra o potinho de Conímbriga nas cerâmicas alto imperiais, colocando a possibilidade de ser ou uma importação da Récia ou fabrico local peninsular, dado que regista relativa abundância. Surge também em Valdoca sem ser visível a decoração.

<sup>339</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 459.

<sup>340</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 460.

<sup>341</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 463.

<sup>342</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 465. XII. 1. 1. Potinho de bordo direito, lábio boleado ou biselado, colo por vezes alongado levemente côncavo, indicia corpo de perfil envasado.

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 1. 2.)<sup>343</sup> de bordo extrovertido (tipo: 1.), forma 1. 2 proveniente da porta Sul tem paralelos em vilas alentejanas, sejam as “vizinhas” vilas do concelho de Castelo de Vide (Monteiro, 2011, Est. 19, nº 64, pp. 83, 122) ou sejam da vila de São Cucufate (Pinto, 1999, nº 85. 488-1B, p. 368), ambos os exemplos são próximos do nº 462. Salienta-se que no caso do Baixo Alentejo o exemplo está categorizado como terrina.

#### VII. 14. 3. 2. Potinhos/púcaros de bordo extrovertido

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 1.)<sup>344</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 1 proveniente da Porta Sul e das termas, documenta consistência na proximidade de exemplos cerâmicos oriundos de *Augusta Emerita*. O nº 491 (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 8, nº 41) e nº 707 (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 17, nº 89 e 90) confirmam de forma particular essa afinidade com a morfologia registada na cidade de *Ammaia*.

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 1. B.)<sup>345</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 1. B proveniente Porta Sul e das termas atesta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos revelam grande dispersão geográfica abarcando desde os casos “portugueses” de Conímbriga, São Cucufate (Pinto, 1999, nº 82.6780.1B, p. 499; *Ammaia* nº 479), *Igaeditania* (Dias, 2002, nº 86, p. 139; *Ammaia* nº 995), ao exemplar “espanhol” de *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 8, nº 41; *Ammaia* nº 420 e Sánchez Sánchez, 1992, fig. 4, nº 9; séc.I-II; *Ammaia* nº 669) até aos casos “franceses” do pote de Aix-en-Provence (Nin, 1996, p. 266 B; nº *Ammaia*: 420) ou Marselha (Moliner, 1996, nº 2, p. 246; nº *Ammaia* 847), e ao caso napolitano do palácio de Corigliano (Federico, 1996, nº 6, p. 186; nº *Ammaia* 847). Estes paralelos sugerem uma tendência para espaços urbanos de cidades de dimensão considerável.

<sup>343</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 465. XII. 1. 2. Potinho de bordo direito de reduzidas dimensões, lábio boleado, colo integrado no corpo esférico envasado.

<sup>344</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 466. XII. 2. 1. A. Potinho de bordo extrovertido formando aba oblíqua soerguida, lábio boleado, colo formando leve garganta interna, com caneluras ao nível do colo e ombro, parede levemente arqueada, indicia corpo de perfil envasado com tendência para a forma ovoide com aperto na zona superior.

<sup>345</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 466-467. XII. 2. 1. B. Potinho de bordo extrovertido formando aba oblíqua soerguida alongada, lábio boleado ou biselado, colo pronunciado formando garganta interna, com ligeiras caneluras ao nível do ressalto do colo e zona do ombro, com asa vertical a arrancar ao nível do bordo, corpo de perfil esférico com aperto na zona superior, envasado, fundo de base plana levemente alargada e assentamento discoidal.

Sobressaem as orientações cronológicas de Conímbriga existindo paralelos em Conímbriga com o nº 420 ammaiense (Alarcão, 1975, pl. VIII, nº 150) associado a Cláudio (Ed Sud TH). O nº 325 enquadrado nas cerâmicas alto imperiais assemelha-se ao pote de Conímbriga (Alarcão, 1975, pl., XX, 400, p. 82) respetivamente balizado entre Flávio e Trajano. De igual modo o nº 258 ammaiense tem paralelo nas cerâmicas tardo-romanas, em recipiente categorizado como pote e balizado entre o séc. IV, V e período Suevo-visigótico. Por fim, o nº 271 de *Ammaia* regista afinidades com o púcaro do séc. V (Alarcão, 1975, pl., XXVII, 565, p. 97) e com o pote do século V e Suevo-Visigótico (Alarcão, 1975, pl., XLVII, 875, p. 97).

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 1. C.)<sup>346</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 1. C proveniente da Porta Sul e termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia balizada entre Flávio-Antonino (69-96 / 96-192), 225-250/275+ e segunda metade séc. V (450-499).

Os paralelos tal como na morfologia anterior documentam grande dispersão espacial com incidência particular para Conímbriga (Alarcão, 1975, nº 2, p. 124; *Ammaia* nº 581 e Alarcão, 1975, pl., LVIII, 1015<sup>a</sup>, p. 82; *Ammaia* nº 251), São Cucufate (Pinto, 1999, nº 82.4097.11, p. 501; *Ammaia* nºs: 581, 415, 159, 324) e *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 8, nº 38; *Ammaia* nº 581 e Sánchez Sánchez, 1992, fig. 7, nº 37, séc. II - 2<sup>a</sup> met III; *Ammaia* nº 324). Destaca-se o enquadramento do nº 251 nas cerâmicas Tardo-romanas de Conímbriga e a categorização como panela. A proximidade com o nº 581 de *Ammaia* regista-se também na Courela dos Chãos, Sines (Coelho-Soares, 1987, nº 27, p. 200). Esta morfologia demonstra paralelos representados especialmente através das semelhanças com o nº 742 de *Ammaia* no cripto-pórtico de *Aeminium* (Carvalho, 1998, fig. 2, p. 167), com o nº 159 de *Ammaia* no palácio Corigliano de Nápoles (Federico, 1996, nº 12, p. 186), bem como com o nº 324 em Girona, na Catalunha (Casas, et. al., 1995, nº 24, p. 101 e próximo do nº 15, p. 109). Este mesmo número ammaiense (324) regista paralelo com a Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, est. XXV, nº 326, 405) e proximidade no mesmo sítio com o nº 74 de *Ammaia* (Santos, 2011, est XXV, p. 86 IV-V).

<sup>346</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 467-468. XII. 2. 1. C. Potinho de bordo extrovertido formando aba soerguida em S, lábio boleado, colo pronunciado formando garganta interna, parede na contracurva arqueada igualmente em S, com asa vertical arrancar ao nível do bordo, corpo com perfil ovoide com aperto na zona superior, base plana por vezes levemente alargada com assentamento discoidal.

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 2. A.)<sup>347</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. A proveniente da Porta Sul, das termas, do Estacionamento 2 e coleção Maças apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia compreendida entre Flávio-Antonino (69-96 / 96-192) e a segunda metade do séc. V (450-499) e um vasto número de exemplares.

Os paralelos desta morfologia seguem a tendência de privilegiar as grandes urbes como Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXVII, nº 553, 565 e 555, p. 97; *Ammaia* nº 1113, 1114, 1115, 1119, 1, 1132, 1114, 257, 1120, 320, 78, 346, 225, 335, 1116, 227, 212, 163, 13704, 13685, 2011-10-139) e *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 14, nº 69-75; *Ammaia* nº 1113, 1115, 1119, 1, 1132, 1114, 257, 1120, 320, 78, 346, 608, 225, 335, 1116, 227, 212, 163, 13704, 13685, 2011-10-139) existindo também proximidade com os exemplos das necrópoles de Elvas (Viana & Deus, 1958, Est. IV, foto 1, nº 55 e foto 7, nº 55), (Viana & Deus, 1955, fig. 6, nº 63, 64, p. 255, fig. 7, nº 75, 77, p. 259; fig. 8, nº 118, 120, p. 262), (Nolen, 1985b, Est. XXI, nº 139, 140, 147, 148, 151, 153). Salientam-se as indicações cronológicas de *Augusta Emerita* enquadradas entre Flávios - séc. III e das necrópoles do Alto Alentejo balizadas por Nolen em três momentos. Primeiro, entre fins séc. I e a primeira metade séc. II. Segundo, entre Flávio e início século II. Terceiro, entre Flávio e a primeira metade séc. II.

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 2. B.)<sup>348</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. B proveniente da coleção Maças regista paralelos idênticos ao nº 13710 nas necrópoles de Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. V, sepultura 44, nº 2 e p. 58), Elvas (Viana & Deus, 1955, fig. 7, nº 88, p. 259, fig. 8, nº 91, 95, 106, p. 262) (Nolen, 1985b, Est. XXII, nº 149) e com *Bracara Augusta* (Delgado & Morais, 2009, nº 168, p. 55). A mesma origem fúnebre destes recipientes documenta paralelos naturalmente também com a publicação de Josefa Neves através do número 2011-10-63 (Neves, 1972, Est. III, nº 26).

<sup>347</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 468-471. XII. 2. 2. A. Potinho de bordo extrovertido com aba oblíqua soerguida por vezes com ressalto, lábio afilado ou boleado, corpo com perfil ovoide com aperto na zona superior, formando estreitamento na garganta, moldura com curvatura saliente a separar o bojo do colo, geralmente com decoração ondulada polida ou esgrafitada de linhas onduladas no bojo e linhas oblíquas ou verticais paralelas entre si localizadas entre o ombro e o colo, dupla asa vertical com arranque entre o bordo e o colo e prolongamento até ao bojo, fundo de base plana e assentamento discoidal ou em aresta, por vezes com leve canelura concêntrica.

<sup>348</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 471-472. XII. 2. 2. B. Potinhos de bordo extrovertido com aba oblíqua soerguida com ressalto, lábio boleado, corpo com perfil ovoide com aperto na zona superior, formando estreitamento na garganta, canelura a separar o bojo do colo, geralmente com decoração entre o ombro e o colo de linhas oblíquas ou verticais paralelas entre si, dupla asa vertical com arranque entre o bordo e o colo e prolongamento até ao bojo, fundo de base plana ou côncava por vezes alargada e assentamento discoidal ou em aresta.

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 2. C.)<sup>349</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. C proveniente da Porta Sul, termas e coleção Maçãs, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia compreendida entre 225-250/275+. Os paralelos concentram-se maioritariamente em necrópoles particularizando os seguintes casos: nº 2011-10-96 (Neves, 1972, Est. IV, nº 25) São Salvador de Aramenha, nº 13636 (Nolen & Dias, 1981, Est.LXIII, J5.6, p. 132) necrópole de Santo André, Santiago do Cacém, (Viana & Deus, 1955, fig. 7, nº 69, 71, p. 259) e (Viana & Deus, 1958, Est. V, foto 2, nº 54 e Est. XXI, nº 140) Elvas. Destaca-se a datação de finais séc. I - início II do paralelo da necrópole de Santo André. O nº 13634 apresenta forma semelhante em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXVI, nº 552, 549 e 550) datada de Cláudio e Trajano surgindo igualmente em Elvas (Nolen, 1985b, Est.XXV, nº 180) em duas publicações e categorizada por Abel Viana como urna de barro e pintada de branco (Viana & Deus, 1958, Est. V, foto 3, nº 40).

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 3. A.)<sup>350</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 3. A originária da Porta Sul, aproxima-se pelos nºs 701 (Pinto, 1999, nº 84.5956-1ª, p. 463) e 578 (Pinto, 1999, nº 81.1130-2B, p. 463) dos potes de São Cucufate, bem como do nº 328 da *Igaeditania* (Dias, 2002, nº 328, p. 133).

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 3. B.)<sup>351</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 3. B proveniente da Porta Sul e das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). As afinidades formais particularizam-se no nºs 82 (Alarcão, 1975, pl., XX, III, 454, p. 86), existindo semelhanças com o pote de Conímbriga enquadrado nas cerâmicas alto-imperiais e datado de Flávio) com o nº 559 (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 3, nº 2) que se aproxima do exemplar de *Augusta Emerita*. O nº 255 tem perfil igual mas sem asa na *Igaeditania* (Dias, 2002, nº 245, p. 140) sendo igualmente próximo de São Cucufate, (Pinto, 1999, nº 82.5450-2B, p. 440).

<sup>349</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 472. XII. 2. 2. C. Potinhos/taças? de bordo extrovertido com aba oblíqua soerguida com ressalto, lábio boleado ou afilado, por vezes formando estreitamento na garganta, corpo com perfil bitroncocónico marcado por carena a meia altura, geralmente com decoração entre o colo e o bojo de rolete ou linhas oblíquas ou verticais paralelas entre si, dupla asa vertical com arranque entre o bordo e o colo e prolongamento até à zona da carena, fundo de base plana por vezes alargada e assentamento discoidal, em aresta ou com canelura concêntrica.

<sup>350</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 473. XII. 2. 3. A. Potinho de bordo extrovertido formando aba horizontal, lábio biselado, afilado ou boleado, colo por vezes assinalado com canelura, parede tendencialmente reta, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>351</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 473-474. XII. 2. 3. B. Potinho de bordo extrovertido formando aba horizontal, lábio biselado, boleado ou direito, colo com inflexão pronunciada, por vezes assinalado com canelura, parede reta ou levemente arqueada, por vezes com asa a arrancar junto ao lábio, indicia corpo de perfil envasado.



A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 4. A.)<sup>352</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 4. A proveniente da Porta Sul, documenta paralelos próximos do nº 546 de *Ammaia* em Conímbriga (Alarcão, 1975, nº 2, p. 124), *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 8, nº 38), Courela dos Chãos (Coelho-Soares, 1987, nº 27, p. 200) e São Cucufate (Pinto, 1999, nº 82.4097.11, p. 501). A mesma forma surge também na *Igaeditania* (Dias, 2002, nº 328, p. 133; *Ammaia* nº 1027) e em Monte Molião (Arruda, Viegas & Bargão, 2010, fig. 21, nº 86; *Ammaia* nº 579).

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 4. B.)<sup>353</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 4. B proveniente da Porta Sul e das termas regista na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Apresenta paralelo em Conímbriga com cronologia compreendida entre Augusto e Flávio (Alarcão, 1975, pl. XV, nº 306; *Ammaia* nº 409) e em Elvas com exemplo datado entre Cláudio e o primeiro quartel do séc. II (Nolen, 1985b, est.XLII, nº 447; *Ammaia* nº 530). As proximidades também se confirmam em São Cucufate, Vidigueira (Pinto, 1999, pp. 401-458).

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 5.)<sup>354</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 5 proveniente das termas e da coleção Maçãs apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia balizada entre Flávio-Antonino 69-96 / 96-192, 225-250/275+ e a segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos seguem a orientação genérica das formas anteriores demonstrando maior número de exemplos em Conímbriga, São Cucufate (Pinto, 1999, p. 488; *Ammaia* nº 618), nas necrópoles da região de Elvas (Nolen 1985b, Est. XLII, nº 454, 444 e 443; *Ammaia* nº 13692, nº 13630 e 13633) (Viana & Deus, 1955, fig. 7, nº 82, p. 259; fig. 8, nº 105, p. 262) e em Valdoca, Aljustrel (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. I, sepultura 5, nº 2; *Ammaia* nº 13692). Destaca-se no caso de Elvas a cronologia situada entre Cláudio e o primeiro quartel do séc. II, e no caso de Valdoca a particularidade de ambos os recipientes registarem enegrecimento pelo fumo.

<sup>352</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 474. XII. 2. 4. A. Potinho de bordo extrovertido soerguido, lábio boleado, biselado ou semicircular por vezes espessado, colo com inflexão, ombro por vezes assinalado com canelura ou dupla canelura, parede tendencialmente arqueada, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>353</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 475. XII. 2. 4. B. Potinho de bordo extrovertido formando pequena aba, lábio boleado, biselado, semicircular ou em gancho, colo com inflexão, formando estreitamento interno na garganta, indicia corpo de perfil envasado.

<sup>354</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 475-476. XII. 2. 5. Potinho de bordo extrovertido formando pequena aba por vezes soerguida, lábio boleado ou biselado pontualmente espessado, colo definido por inflexão acentuada formando estreitamento interno na garganta, canelura assinalando o nível do ombro, corpo de perfil ovóide com aperto na zona superior, envasado, fundo de base plana e assentamento discoidal.

Os paralelos datados de Conímbriga categorizam a forma como pote cerâmico alto-imperial de Flávio (Alarcão, 1975, pl., XIX, 396, p. 82) especialmente próximo do nº 609 de *Ammaia*, dilatando o hiato cronológico entre Flávio e Trajano no caso do pote semelhante ao nº 536 ammaiense (Alarcão, 1975, pl., XX, 1018, p. 140). Por último, destacam-se o nº 1129 com a afinidade formal com a Catalunha (Casas, Pere Castanyer, Nolla & Tremoleda, 1995, nº 21, p. 101).

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 6. A.)<sup>355</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 6. A proveniente das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). A proximidade formal foi detectada particularmente mediante a comparação do nº 155 (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 8, nº 38) *Augusta Emerita* e do nº 1133 (Santos, 2011, Est. XXV, nº 405, 2.3.9.1.B) Quinta do Rouxinol (Seixal). Destaca-se a cronologia de Mérida situada entre o sécs. I-III e a proximidade formal com a cerâmica comum africana de cozinha de pasta amarela do conjunto monumental de Ampúrias, Catalunha (Xavier Aquilué, 1995, nº 489, 490, 688, p. 62).

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 6. B.)<sup>356</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 6. B proveniente das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). O distante paralelo com o nº 537 de *Ammaia* com exemplares de Girona, Catalunha reforça a tendência da proximidade formal com esta localização mediterrânica (Casas, et al., 1995, p. 103, nº 10, p. 101, nº 6) e dilata a cronologia dos paralelos por intermédio do nº 521 e similaridade com o pote de cerâmicas tardo romanas desta cidade datado do séc. V e período Suevo Visigótico (Alarcão, 1975, pl., XLIX, 892, p. 124).

A categoria dos potinhos/púcaros (XII. 2. 7.)<sup>357</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 7 proveniente das termas e da coleção Maçãs apresenta na cidade de *Ammaia*

<sup>355</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 476-477. XII. 2. 6. A. Potinho de bordo extrovertido formando aba soerguida alongada, lábio boleado, colo definido por inflexão acentuada formando estreitamento interno na garganta, ombro e bojo com bandas verticais ou oblíquas brunidas, paralelas entre si, indicia corpo de perfil tendencialmente ovoide com aperto na zona superior.

<sup>356</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 477. XII. 2. 6. B. Potinho de bordo extrovertido formando pequena aba, lábio boleado ou biselado, ombro e bojo com bandas verticais ou oblíquas brunidas, paralelas entre si, parede levemente arqueada, indicia corpo de perfil mais alongado tendencialmente ovoide com aperto na zona superior.

<sup>357</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 5. p. 477-478. XII. 2. 7. Potinho de bordo extrovertido formando aba oblíqua soerguida, lábio boleado, colo formando leve garganta interna, por vezes com caneluras ao nível do colo, moldura com curvatura frequente entre o colo e o ombro, geralmente com decoração a rolete entre o ombro e o bojo, corpo com perfil ovoide com ressalto e aperto na zona superior, fundo de base plana e assentamento discoidal ou base levemente côncava com assentamento em aresta no centro ou ainda com ligeiro engrossamento externo e canelura concêntrica

cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos morfológicos são essencialmente de contextos fúnebres aos quais se acrescentam o caso de *Augusta Emerita* semelhante aos números ammaiense 13680 (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 8, nº 41) e nº 2011-10-144 (Alvarado & Molano, 1995, fig. 15, p. 291), ambos com cronologia entre Cláudio e o primeiro quartel do séc.II. Os recipientes com particular semelhança com a necrópole de Valdoca, Aljustrel são o nº 401 (Alarcão & Alarcão, 1966,15/31, p. 15) e nº 13635 (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. II, sepultura 11, nº 2, pp. 5-8), com cronologia do séc. início I/II-III e ainda o nº 13679 (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. XVII, sepultura 236, nº 2 e p. 58). Proximidade com o recipiente nº 401 manifesta igualmente a região de Elvas e respetivas necrópoles (Viana & Deus, 1958, p. 15) que consagra a aproximação formal especialmente com os números ammaienses 13635 (Viana & Deus, 1958, Est. XXI,141 e 143), 13680 (Viana & Deus, 1958, Est. XVI, 137, 138, 138a, Est. X, foto 1, nº 50) e 13679 (Viana & Deus, 1958, Est. XX, 156). Os paralelos terminam com os vários exemplos documentados por Nolen também mediante comparação com o nº 13680 (Nolen, 1985b, Est.XLI, nº 420, 422, 427, 429), (Nolen & Dias, 1981, Est. XIV, D1 (4), p. 130, Est. LXI, J3 (3), p. 170) e nº 13679 (Nolen, 1985b, Est.XLI, nº 428) (Cláudio -1º quartel do séc. II decoração idêntica aos nº 426 e 435). No caso do nº 13680 das necrópoles do Alto Alentejo, Nolen obtém cronologia entre Cláudio e o primeiro quartel do século II. Na necrópole de Santo André onde também existe paralelo a mesma autora atribui datação Nero-Flaviana enquadrada nos enterramentos do tipo 5 balizados entre a segunda metade séc. I-inícios II.

### VII. 14. 3. 3. Cronologia

A comparação das unidades estratigráficas dos fragmentos de potinhos/púcaros e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitiu alcançar valores cronoe stratigráficos enquadrados entre a primeira metade do século I e a segunda metade do século V. Salienta-se os 51 (23,6 %) fragmentos da segunda metade do século V (450-499), os 13 exemplares enquadrados entre 225-250/275+ e os 5 indivíduos (2,3 %) do segundo quartel do século II e dos consulados Flávio-Antonino. Os demais exemplos registam valores residuais<sup>358</sup>.

<sup>358</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 14. 4. Cronologia, p. 464.

## VII. 15. JARROS

### VII. 15. 1. Proveniência

O número total de 36 fragmentos de jarros identificados na área da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pela Porta Sul (17 = 47,2 %), termas (12 = 33,3 %), Estacionamento (4 = 11,1 %) e coleção Maçãs (3 = 8,3 %). Nesta categoria morfológica não se identifica uma maior produtividade em determinado ano ou campanha existindo uma regularidade que não permite aproximações sobre esta ilação<sup>359</sup>.

#### VII. 15. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 17 exemplares de fragmento de jarros identificados na Porta Sul, apesar dos Q: 2635 (3) e Q: 2734 (2) se distinguirem dos restantes, não demonstram uma especial concentração em redor da torre Oeste.

Igualmente no caso da torre Este a parca representatividade numérica registada no Q: 2436 (3) não convence em relação ao fenómeno distributivo registado em outras morfologias cerâmicas.

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: D (1), Q: AMB C (1), Q: AMB D (6), Q: AMB E (3), Q: AMB H (1) e do Estacionamento Q: Z19 (4) fica perturbada pela sua baixa representatividade numérica<sup>360</sup>.

#### VII. 15. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de jarros demonstra parca representatividade documentando apenas onze fragmentos correspondendo às unidades [112] (5), [69] (2), [63] (1), [68] (1), [89] (1), [110] (1), [152]<sup>361</sup>.

### VII. 15. 2. Caracterização morfológica

#### VII. 15. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de jarros registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 5,7 cm e os 14 cm. Sobressaem os diâmetros com 8 cm, 12 cm, 6 cm, 6,3 cm e

<sup>359</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 479.

<sup>360</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p.479.

<sup>361</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 480.

ainda 9 cm e 10 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 8 e os 12 cm<sup>362</sup>.

#### VII. 15. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de jarros demonstra um índice de fragmentação inferior à generalidade de outras categorias morfológicas situando-se entre os 1,8 cm e os 22,9 cm. Sendo os registos de altura com 2,5 cm (5) e com 2,2 cm (3) os mais representados é igualmente possível encontrar a repetição de dois fragmentos nos casos de 5,6 cm e 10,5 cm. Os valores de registo com um exemplar são os mais frequentes (20) e variam entre 1,8 cm e os 20,5 cm<sup>363</sup>.

#### VII. 15. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de jarros apresentam valores entre os 2,5 cm e os 18,1 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 6,5 cm e os 9 cm<sup>364</sup>.

#### VII. 15. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de jarros demonstrou ser o bordo extrovertido (14 = 38,8 %), seguido do bordo extrovertido de aba horizontal (9 = 25 %) e do bordo extrovertido de aba soerguida (6 = 16,6 %). Os restantes casos de bordo representam juntos somente 13,8 % com um exemplar cada. A representatividade dos casos mais populares significa uma clara maioria de 80,4 % pela soma destas opções morfológicas<sup>365</sup>.

#### VII. 15. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado nas restantes formas fechadas também nos jarros é naturalmente a forma envasada a mais representada, com 86,11 % do total de fragmentos<sup>366</sup>.

<sup>362</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 480.

<sup>363</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 481.

<sup>364</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 481.

<sup>365</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 482.

<sup>366</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 482.

### VII. 15. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

Na morfologia dos jarros impera o lábio boleado (17) com 47,2 % do total de indivíduos. Segue-se o lábio biselado (6 = 16,6 %), o lábio direito (4 = 11,1) e o perfil ovoide com aperto na zona superior (6 = 16,6 %). Os restantes casos são meramente residuais<sup>367</sup>.

### VII. 15. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de jarros são a decoração incisa (4 = 11,1), a decoração polida (4 = 11,1) e o engobe (3 = 8,3). Seguem-se casos de um único exemplo de alisamento, canelura, cordão e filete. A amostra revela alguma diversidade decorativa e maior prevalência das incisões, polimento e engobe<sup>368</sup>.

### VII. 15. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 15. 3. 1. Jarros de bordo extrovertido

A categoria dos jarros (XIII. 2. 1. A.)<sup>369</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 1. A. proveniente da coleção Maçãs regista paralelos na necrópole de Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. XXXII, sepultura 439, nº1, p. 86), na Lomba do canho, Arganil (Fabião & Guerra, 1987, nº 509, p. 298) e na cidade de *Bracara Augusta* (Delgado & Morais, 2009, nº 228, p. 77). O caso alentejano é formalmente próximo e tem datação do séc. IV, bastante díspar dos meados do séc. I a. C. do exemplar de Arganil. O exemplo minhoto está ausente de decoração parecendo os paralelos indiciar uma longa duração para a utilização da forma e recursos decorativos.

A categoria dos jarros (XIII. 2. 1. B.)<sup>370</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 1. B. proveniente da Porta Sul exhibe paralelos próximos do nº 851 com um potinho de São Cucufate (Pinto, 2003, nº 84.2020-1B, p. 494), com o nº 829 constata-se aproximação do lábio às ânforas gauloises em Fréjus (Béraud & Gébara, 1996, nº 4, p. 311) e na

<sup>367</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 483.

<sup>368</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 484.

<sup>369</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 4. p. 485. XIII. 2. 1. A. Jarro de bordo extrovertido, lábio boleado, colo alongado formando leve garganta interna, com decoração brunida de estrias em espinhado entre o colo e o ombro, e linhas paralelas horizontais do bojo até a fundo, asa vertical com arranque entre o bordo e o bojo, corpo com perfil ovoide com aperto na zona superior, fundo de base plana e assentamento levemente em aresta no centro.

<sup>370</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 486. XIII. 2. 1. B. Jarro de bordo extrovertido alongado e oblíquo, lábio boleado ou biselado, pontualmente com caneluras entre o bordo e colo, colo tendencialmente alongado.

*Igaeditania* (Dias, 2002, nº 331, p. 143). O nº 140 apresenta forma geral próxima das necrópoles da região de Elvas (Nolen, 1985b, est.II, nº 7).

A categoria dos jarros (XIII. 2. 2.)<sup>371</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 2 proveniente da Porta Sul, encontra paralelos na região francesa da Provença-Alpes-Costa Azul (Moliner, 1996, nº 3 e nº 2, p. 242; *Ammaia* nº 31), (Béraud & Gébara, 1996, , nº 3, p. 319; *Ammaia* nº 454), (Nin, 1996, p. 276; *Ammaia* nº 434), no Alentejo (Nolen, 1985b, est.II, nº 6; *Ammaia* nº 31), (Pinto, 1999, 82.1960-7, p. 515; *Ammaia* nº 434) e na capital *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 12 nº 58; *Ammaia* nº 454)

A categoria dos jarros (XIII. 2. 3.)<sup>372</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 3 originária da Porta Sul tem semelhanças principalmente entre o nº 809 e a forma geral do nº 75 das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985b, est.II, nº 75), e com a bilha nº 6 do Castelo da Lousa (Pinto & Schmitt, 2010, nº 6, p. 381).

A categoria dos jarros (XIII. 2. 5.)<sup>373</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 5 proveniente da coleção Maçãs foi igualmente registado no trabalho de Josefa Neves. Apesar de ser o mesmo recipiente (MNA nº 2011-10-58) não apresenta na publicação de 1972 decoração polida, nem o engobe. Este tratamento de superfície apenas se tornou visível devido às acções de restauro que foi alvo no Museu Nacional de arqueologia precisamente no intervalo que permeia a publicação desta autora sobre São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est. V, nº 37) e o presente estudo.

A categoria dos jarros (XIII. 2. 6.)<sup>374</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 6 proveniente das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia correspondente a três grandes momentos. Primeiro à segunda metade do séc. II / III (150-299), segundo ao século IV (300-399) e terceiro à segunda metade séc. V (450-499).

Esta morfologia regista vários paralelos marcando considerável dispersão geográfica e alguma tendência para estar presente em zonas costeiras como é o caso de

<sup>371</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 486-487. XIII. 2. 2. Jarro de bordo extrovertido, lábio boleado ou biselado, pontualmente com pequeno cordão entre o bordo e colo, colo tendencialmente curto.

<sup>372</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 487. XIII. 2. 3. Jarro de bordo extrovertido formando aba horizontal, lábio boleado ou direito, colo tendencialmente alongado.

<sup>373</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 487. XIII. 2. 5. Jarro de bordo extrovertido formando pequena aba horizontal, bordo direito, colo alongado, corpo com perfil piriforme com aperto na zona superior, com linhas verticais polidas do bordo ao bojo e linhas horizontais do bojo ao pé, asa vertical com arranque no bordo e prolongamento até ao bojo, fundo de base côncava alargada de assentamento anelar com pé desenvolvido.

<sup>374</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 488-489. XIII. 2. 6. Jarro de bordo extrovertido por vezes espessado, lábio boleado, amendoado ou triangular com colo alongado, parede na contracurva arqueada, indicia corpo de perfil piriforme com aperto na zona superior.



Monte Molião (Arruda, Viegas & Bargão, 2010, fig. 17; *Ammaia* nº 505) Málaga (Serrano Ramos, 2000, nº 16, p. 72; *Ammaia* nº 597 e 722) (Serrano Ramos, 2000, nº 1, 22); *Ammaia* nº 398), Girona, na Catalunha (Casas, et. al., 1995, nº 16, p. 105; *Ammaia* nº 722) ou Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, est XXVIII, nº 439, p. 88, IV-V; *Ammaia* nº 722). Também na Provença-Alpes-Costa Azul se encontra exemplo cerâmico com lábio próximo mas menos oblíquo) (Béraud & Gébara, 1996, p. 318, nº 2; *Ammaia* nº 505).

Apesar da forte litoralidade dos paralelos, os exemplos também são consistentes em cidades, vilas, fortificações e necrópoles do interior centro e norte de Portugal como Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. I, nº 3, pl. VIII, nº 36, 1, pl. VII, nº 34; *Ammaia* nº 953) (Alarcão, 1975, pl. XII, nº 253 (Ed Sud TH: Cláudio); *Ammaia* nº 92), com cronologia de Cláudio, *Igaeditania* onde a forma foi categorizada como potinho (Dias, 2002, nº 338, p. 141; *Ammaia* nº 92), São Cucufate (Pinto, 1999, nº 84.3931-9, p. 511; *Ammaia* nº 953), Castelo da Lousa, Mourão onde surge enquadrada como bilha (Pinto & Schmitt, 2010, p. 381, nº 4 e p. 374, 273; *Ammaia* nº 505) e nas necrópoles da região de Elvas (Nolen, 1985b, est. II, nº 8; *Ammaia* nº 953) (Nolen, 1985b, est. II, nº 5; *Ammaia* nº 92), cujo último exemplo apresenta forma geral próxima.

A categoria dos jarros (XIII. 2. 7.)<sup>375</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 7 proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia compreendida entre 225-250/275+. O nº 141 aproxima-se de São Cucufate (Pinto, 2003, nº 259, p. 175) registando o nº 9 paralelos nos “distantes” fornos de Abella na Catalunha (Jaume Buxeda, Àngel Cau, Gurtm, Francesc Tuset, 1995, fig. 2, p. 42), nas produções oficinais do litoral de Málaga (Serrano Ramos, 2000, nº 17, p. 101), bem como no litoral da região de Lisboa (Santos, 2011, est XXVIII, nº 403, p. 89 IV-V) e no interior alentejano (Nolen, 1985b, est. I, nº 3) da região de Elvas.

A categoria dos jarros (XIII. 2. 8.)<sup>376</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 8 proveniente das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499).

<sup>375</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 489. XIII. 2. 7. Jarro de bordo extrovertido formando aba horizontal pronunciada, lábio boleado, com colo alongado, indicia corpo de perfil piriforme com aperto na zona superior.

<sup>376</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 490. XIII. 2. 8. Jarro de bordo extrovertido formando aba horizontal, lábio direito, colo curto, indicia corpo de perfil tendencialmente piriforme envasado.



A categoria dos jarros (XIII. 2. 9.)<sup>377</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 9 proveniente das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia associada a dois momentos. O primeiro entre 225-250/275+ e o segundo correspondendo à segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos do nº 1071 (Santos, 2011, est. XXXI, nº 476, 2.5.14.1.) e nº 1074 (Santos, 2011, est. XXXI, nº 687, 2.5.14.1.) resumem-se aos identificados na Quinta do Rouxinol, Seixal.

A categoria dos jarros (XIII. 2. 10.)<sup>378</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 9 proveniente do Estacionamento 2 apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia do segundo quartel século II.

A categoria dos jarros (XIII. 2. 11.)<sup>379</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 9 proveniente das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia do segundo quartel do século II.

### VII. 15. 3. 2. Cronologia

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas dos fragmentos de jarros e das datações obtidas através de cerâmicas finas, permitiu alcançar valores crono-estratigráficos enquadrados entre a segunda metade do século II e a segunda metade do século V. Salienta-se as seis unidades (6 = 16,6 %) enquadradas entre 225-250/275+, as quatro (4 = 11,1 %) do segundo quartel do século II, bem como os quatro (4) fragmentos enquadrados na segunda metade do século V (450-499). A segunda metade do século II/III e o século IV também se encontram representados embora apenas com um único exemplar<sup>380</sup>. Por fim, relembra-se que a comparação formal e estilística de toda a coleção Maçãs, incluindo as cerâmicas finas, permite balizar os recipientes de jarro com esta origem num período crono-estratigráfico associado ao Alto Império.

<sup>377</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 490. XIII. 2. 9. Jarro de bordo extrovertido formando aba soerguida levemente espessado, bocal trilobado, formando estreitamento na garganta, asa vertical com arranque no bordo e desenvolvimento até bojo geralmente assinalado com canelura, indicia corpo de perfil piriforme com aperto na zona superior.

<sup>378</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 491. XIII. 2. 10. Jarro de bordo extrovertido formando aba soerguida levemente espessado, bocal trilobado, formando estreitamento na garganta, por vezes com caneluras entre o colo e o ombro, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior, fundo de base plana de assentamento discoidal.

<sup>379</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 5. p. 491. XIII. 2. 11. Jarro de bordo extrovertido formando aba soerguida levemente espessado, bocal trilobado, formando leve estreitamento na garganta, cordão ao nível do ombro, geralmente com decoração entre o colo e o bojo de linhas oblíquas ou verticais paralelas entre si, asa vertical com arranque ao nível do bordo e prolongamento até ao bojo corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior.

<sup>380</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 15. 4. Cronologia, p. 485.

## VII. 16. BILHAS

### VII. 16. 1. Proveniência

O número total de 54 fragmentos de bilhas identificados na área da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 25 exemplares identificados na Porta Sul, pelos 12 exemplares oriundos das termas, pelos 2 provenientes do Estacionamento e pelos 15 da coleção Maçãs. As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram dos anos 1995 (6), 1996 (11) e 2002 (7), somando 23 fragmentos de bilhas e significando 42,5 % do número total de fragmentos.

Nas termas e no Estacionamento os fragmentos de bilhas resumem-se a 14 unidades<sup>381</sup>.

#### VII. 16. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 25 exemplares de fragmento de bilhas identificados na Porta Sul demonstra ligeira concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2635 (2) e Q: 2736 (2).

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: 1009 (1) Q: 1010 (2) Q: 1110 (1) Q: 1209 (2) Q: 1310 (2) e do Estacionamento Q: A2 (2) fica prejudicada pela sua baixa representatividade numérica. No entanto, a tendência para na área das termas ser privilegiada a zona de circulação em redor da *natatio* parece manter-se<sup>382</sup>.

#### VII. 16. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de tacho demonstra parca representatividade documentando apenas cinco fragmentos correspondendo às unidades [86] (3), [112] (2), [63] (1) e [69] (1)<sup>383</sup>.

---

<sup>381</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 492

<sup>382</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 492-493.

<sup>383</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 494.

## VII. 16. 2. Caracterização morfológica

### VII. 16. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de bilhas registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 2 cm e os 9 cm. Sobressaem os diâmetros com 5 cm, 6,2 cm e 8 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 4 cm e os 8 cm <sup>384</sup>.

### VII. 16. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de bilhas demonstra um índice de fragmentação inferior à generalidade de outras categorias morfológicas situando-se entre os 1,9 cm e os 24 cm. Sendo os registos de altura com 3,5 cm (3) os mais representados é igualmente possível encontrar a repetição de dois fragmentos nos casos de 2,9 cm, 3 cm, 4 cm e 4,6 cm. Os valores de registo com um exemplar são os mais frequentes (27) e variam entre 1,9 cm e os 24 cm <sup>385</sup>.

### VII. 16. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de bilhas apresentam valores entre os 1,6 cm e os 8,5 cm, sendo mais frequentes no intervalo entre os 4,5 cm e os 5 cm <sup>386</sup>.

### VII. 16. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de bilhas demonstrou ser o bordo extrovertido de aba soerguida (16 = 29,6 %), seguido do bordo extrovertido com 12 (22,2 %) indivíduos. Segue-se o bordo direito sem inflexão com 18,5 % (10) sendo que o bordo introvertido (1) é meramente residual.

A representatividade conjunta dos primeiros casos significa uma clara maioria de 70,3 % por esta opção morfológica <sup>387</sup>.

### VII. 16. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado nas morfologias fechadas a forma dos fragmentos de bilhas que mais se reproduz é naturalmente a forma envasada representando 96,2 % do total

<sup>384</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 494.

<sup>385</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 495.

<sup>386</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 495.

<sup>387</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 496.

de fragmentos. As restantes formas incluindo um fragmento de bordo extrovertido com inflexão e sem ressalto são residuais<sup>388</sup>.

#### VII. 16. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A variante dos fragmentos de bilhas que mais se destaca é o lábio boleado (16 = 29,6 %) e o perfil ovoide com aperto na zona superior (16 = 29,6 %), seguidos de perto por exemplos de lábio triangular (11) com 20,3 %. Os restantes casos à exceção do lábio biselado (3) e do lábio direito (3), ambos com 5,5 %, são meramente residuais<sup>389</sup>.

#### VII. 16. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de bilhas são o engobe (9 = 16,6 %) e o alisamento (8 = 14,8 %). Seguem-se a aguada (4 = 7,4 %), as caneluras (2) e o cordão (2).

A amostra revela grande diversidade decorativa e prevalência do engobe, da aguada e do alisamento nos tratamentos de superfície<sup>390</sup>.

### VII. 16. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 16. 3. 1. Bilhas de bordo direito

A categoria das bilhas (XIV. 1. 1.)<sup>391</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 1. 1 proveniente da Porta Sul regista paralelo semelhante ao nº 128 de *Ammaia* em Benevento Campânia (Cipriano & De Fabrizio, 1996, nº 10, p. 214).

A categoria das bilhas (XIV. 1. 2.)<sup>392</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 1. 2 proveniente das Porta Sul regista paralelo semelhante ao nº 1010 de *Ammaia* na publicação de Josefa Neves referente aos recipientes cerâmicos oriundos da necrópole de São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est. 5, nº 32).

<sup>388</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 496.

<sup>389</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 497.

<sup>390</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 16. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 498.

<sup>391</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 16. 5. p. 499. XIV. 1. 1. Bilha de bordo direito muito curto, lábio boleado, colo cilíndrico alongado formando estreitamento na garganta, arranque de asa ao nível do colo.

<sup>392</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 16. 5. p. 500. XIV. 1. 2. Bilha de bordo direito, lábio boleado, colo cilíndrico alongado formando estreitamento na garganta, por vezes com leves caneluras a separar o bordo do colo.

A categoria das bilhas (XIV. 1. 3.)<sup>393</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 1. 3 proveniente da Porta Sul, das termas e da coleção Maçãs, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Os exemplos de afinidades formais são particularmente associados ao nº 237, estando representados em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl., XXIX, 566 e 586, p. 82), na região de Elvas (Nolen, 1985b, est. V, VI, VII, nº 30, 39, 42), em *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 10, nº 53) e na cidade portuária de Málaga (Serrano Ramos, 2000, nº 91, p. 242). Sobressai do conjunto o cântaro de Conímbriga enquadrado nas cerâmicas alto-imperiais com cronologia associada a Trajano.

O nº 2011-10-92 oriundo da coleção Maçãs (Neves, 1972, Est. V, nº 36) e já analisado na década de setenta, é um dos exemplos mais paradigmáticos da importância que o tratamento de restauro cerâmico pode significar para a integral compreensão do tratamento de superfície dos recipientes de cerâmica comum romana. Por diversas condicionantes e variáveis nem sempre surgem no registo arqueológico os elementos decorativos aplicados pelo oleiro, neste caso a pintura do recipiente só se tornou visível após a ação dos conservadores do Museu Nacional de Arqueologia, estando por esse motivo ausente na publicação de Josefa Neves em 1972 (Neves, 1972, Est. V, nº 36) (cfr. estampas e anexo fotográfico).

#### VII. 16. 3. 2. Bilhas de bordo extrovertido

A categoria das bilhas (XIV. 2. 1. A.)<sup>394</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 2. 1 proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499).

Os paralelos aproximam-se através do nº 1107 de Castelo de Vide (Pereira & Monteiro, 2011, p. 37. fig. 35) e do nº 523, de Girona, Catalunha (Casas, et. al., 1995, nº 16, p. 123). O último exemplo é igualmente próximo e tem cronologia da segunda metade do século II.

A categoria das bilhas (XIV. 2. 1. B.)<sup>395</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 2. 1. B proveniente das termas da coleção Maçãs e do Estacionamento 1 regista um

<sup>393</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 16. 5. p. 500. XIV. 1. 3. Bilha de bordo direito, canelado, lábio boleado, por vezes com ressalto formando L, estreitamento na garganta, colo cilíndrico, corpo de perfil piriforme com aperto na zona superior, fundo de base plana de assentamento discoidal ou levemente em aresta.

<sup>394</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 501. XV. 2. 1. A. Bilha de bordo extrovertido, com inflexão e ressalto formando dobra, lábio boleado ou amendoado, colo cilíndrico.

significativo número de exemplares apresentando na cidade de *Ammaia* cronologia balizada entre 225-250/275+ e o segundo quartel século II.

Os paralelos são maioritariamente de necrópoles excepto os casos especialmente associados ao nº 1069 que documentam proximidade com São Cucufate (Pinto, 1999, p. 523-525) e com a olaria da Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, est XXX, nº 753, p. 94). Na produção cerâmica do Seixal o paralelo é de dimensão inferior e surge com a seguinte cronologia: finais II-III; III-IV; IV-V. As necrópoles em causa são todas da região de Elvas e os exemplares que datam da segunda metade séc. I início do séc. II aproximam-se particularmente do nº 13686 (Nolen, 1985b, Est.IX, nº 64, 65), nº 13687 (Nolen, 1985b, Est.XI, nº 69), nº 13637 (Nolen, 1985b, Est.XI, nº 78) nº 13638 (Nolen, 1985b, Est.XI, nº 72) tendo o nº 13703 de *Ammaia* paralelo datado de meados a fins do séc. II (Nolen, 1985b, Est.III, nº 17, 63) e proximidade com a abordagem de Abel Viana (Viana & Deus A. D., 1958, Est. VIII, foto 5, nº 201 e foto 3, nº 211). As afinidades do nº 13637 estão igualmente documentadas em São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est.V, nº 32 e 33).

A categoria das bilhas (XIV. 2. 1. C.)<sup>396</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 2. 1. C proveniente das da coleção Maças comprova afinidade em *Bracara Augusta* através do nº 2011-10-107 (Delgado & Morais, 2009, nº 274, p. 87).

A categoria das bilhas (XIV. 2. 2.)<sup>397</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 2. 2 proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade do séc. II / III (150-299) e da segunda metade do séc. V (450-499).

Os paralelos a exemplo do sucedido com outras formas registam tendência para distribuição geográfica costeira como Girona, na Catalunha (Casas, et al., 1995, p. 103, nº 4 e p. 124, nº 4; *Ammaia* nº 213), vila dos Castellones Málaga (Serrano Ramos, 2000, nº 63, 64 e 66, p. 128; *Ammaia* nº 614), Toulouse (Passelac, 1996, p. 366, nº 1 e 2;

<sup>395</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 501-502. XV. 2. 1. B. Bilha de bordo extrovertido, com inflexão e ressalto formando dobra, lábio boleado ou amendoado, colo cilíndrico alongado formando L, asa vertical arrancando ao nível do colo com desenvolvimento até ao ombro, dupla ou tripla moldura muito leve, horizontal e paralela entre o colo e o ombro, por vezes regista moldura com curvatura no bojo, corpo de perfil ovoide, com aperto na zona superior, fundo de base plana ou côncava, de assentamento discoidal, levemente em aresta ou anelar com pé pouco desenvolvido.

<sup>396</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 502. XV. 2. 1. C. Bilha de bordo extrovertido, lábio biselado, colo cilíndrico alongado formando L, asa vertical arrancando ao nível do colo com desenvolvimento até ao ombro, cordão entre o colo e o ombro, indicia corpo de perfil ovoide, com aperto na zona superior.

<sup>397</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 503. XV. 2. 2. Bilha de bordo extrovertido, lábio triangular, colo cilíndrico alongado formando estreitamento e aperto, por vezes com dupla asa vertical arrancando ao nível do bordo com desenvolvimento até ao ombro.

*Ammaia* nº 526) ou a Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est. XXIX, nº 16, p. 92 *Ammaia* nº 526), bem como casos de semelhanças na capital *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 9, nº 49; *Ammaia* nº 27, 305, 614) ou na vila de São Cucufate (Pinto, 2003, nº 24, p. 175; *Ammaia* nº 27).

Destacam-se as orientações cronológicas de Girona para a segunda metade do século II, coincidente com o fim do séc. I início e primeira metade do séc. II de *Augusta Emerita*, sendo a Quinta do Rouxinol a cronologia mais tardia e de longa duração (séc. III-IV; IV-V);

A categoria das bilhas (XIV. 2. 3.)<sup>398</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 2. 3 proveniente das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499) e paralelo com a cronologia de finais do séc. I início de séc. II, nas necrópoles da região de Elvas (Nolen, 1985b, Est. IX, nº 62; *Ammaia* nº 408) e em São Cucufate (Pinto, 1999, p. 523; *Ammaia* nº 408).

A categoria das bilhas (XIV. 2. 4. A.)<sup>399</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 2. 4. A proveniente das termas, regista paralelo em São Cucufate (Pinto, 1999, p. 523).

A categoria das bilhas (XIV. 2. 4. B.)<sup>400</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 2. 4. B proveniente da coleção Maçãs comprova proximidade particular com o nº 13698 nas necrópoles de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias L. F. (1981), Est. II, B5.4, p. 131) e Elvas (Viana, & Deus, 1958, Est. VIII, foto 2, nº 84), bem como em *Bracara Augusta* (Delgado & Morais, 2009, nº 235, p. 77) onde a forma é próxima mas com dupla asa. Acrescenta-se a correspondência do enterramento do tipo 2 identificado por Nolen à primeira metade do séc. I.

### VII. 16. 3. 3. Cronologia

Os valores crono-estratigráficos alcançados mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas, permitiu alcançar valores crono-estratigráficos para os fragmentos de bilhas enquadrados entre a segunda

<sup>398</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 504. XIV. 2. 3. Bilha de bordo extrovertido, lábio boleado espessado com inflexão e ressalto formando dobra e L, colo cilíndrico alongado formando estreitamento e aperto.

<sup>399</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 504. XIV. 2. 4. A. Bilha de bordo extrovertido, lábio direito com inflexão, colo cilíndrico curto, formando estreitamento e aperto.

<sup>400</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 504-505. XIV. 2. 4. B. Bilha de bordo extrovertido, formando pequena aba côncava, lábio direito com inflexão, colo cilíndrico alongado formando estreitamento e aperto, asa vertical arrancando ao nível do colo com desenvolvimento até ao ombro, cordão horizontal ao nível do ombro, corpo de perfil piriforme, com aperto na zona superior, fundo de base plana de assentamento em aresta.

metade do século II e a segunda metade do século V. Salienta-se os seis fragmentos (6 = 11,1 %) enquadrados na segunda metade do século V (450-499), bem como os dois (2 = 3,7 %) enquadrados entre 225-250/275+, e ainda os associados ao segundo quartel do século II (2 = 3,7 %). A segunda metade do século II/III também se encontra representada por um (1) único exemplar<sup>401</sup>.

## VII. 17. CÂNTAROS

### VII. 17. 1. Proveniência

O número total de 9 fragmentos de cântaros identificados na área da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído do seguinte modo: 6 (66,6 %) exemplares identificados na Porta Sul, 2 (22,2 %) exemplares oriundos das termas e 1 recipiente da coleção Maçãs. As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as dos anos de 1996 (2), 2001 (3) e 2008 (2) o valor de 7 fragmentos de cântaros, significando 77,7 % do número total de fragmentos<sup>402</sup>.

#### VII. 17. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos seis (6) exemplares de cântaro identificados na Porta Sul demonstra maior concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente no quadrado 2635 (3). Fenómeno semelhante não acontece na torre Este dada a ausência de fragmentos nessa zona.

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: AMB D (1), Q: AMB E (1) e da coleção Maçãs ficam prejudicadas pela sua baixa representatividade numérica<sup>403</sup>.

#### VII. 17. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos fragmentos de cântaro demonstra parca representatividade documentando apenas 2 fragmentos correspondendo às unidades [110] (1), [68] (1)<sup>404</sup>.

<sup>401</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 16. 4. Cronologia, p. 499.

<sup>402</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 505.

<sup>403</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p.506.

<sup>404</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 506.



## VII. 17. 2. Caracterização morfológica

### VII. 17. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de cântaros registaram valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 9 cm e os 18 cm. Sobressai o valor de diâmetro com 12 cm<sup>405</sup>.

### VII. 17. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de cântaros compreende um intervalo de valores entre os 2,9 cm e os 7 cm, sendo o valor dos 3 cm o único repetido por duas vezes<sup>406</sup>.

### VII. 17. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de cântaros apresentam valores entre os 6,3 cm e os 16 cm, registando todos um único exemplar (6,3 cm; 6,9 cm; 8,2 cm; 9,5 cm; 13,3 cm; 16 cm)<sup>407</sup>.

### VII. 17. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo registado nos fragmentos de cântaros com 100 % de indivíduos é o bordo extrovertido<sup>408</sup>.

### VII. 17. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A forma dos fragmentos de cântaros que mais se reproduz é naturalmente a forma envasada representando 100 % do total de fragmentos.<sup>409</sup>

### VII. 17. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A variante mais representada nos fragmentos de cântaros é o lábio boleado (4) com 44,4 % do total de indivíduos, seguido do lábio triangular (2) com 22,2 %. Os restantes

---

<sup>405</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 507.

<sup>406</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 507.

<sup>407</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 508.

<sup>408</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 508.

<sup>409</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 509.

casos lábio semi-circular (1), lábio biselado (1), perfil ovoide com aperto na zona superior (1) registam um único indivíduo <sup>410</sup>.

#### VII. 17. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície registados nos fragmentos de cântaros são o engobe (1) e o cordão (1). A amostra é pouco representativa <sup>411</sup>.

#### VII. 17. 3. Paralelos bibliográficos

##### VII. 17. 3. 1. Cântaros de bordo direito

A categoria dos cântaros (**XV. 1. 1.**)<sup>412</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 1. 1 proveniente da Porta Sul encontra particular semelhança com o nº 120 de *Ammaia* exemplares em *Augusta Emerita* (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 4, nº 8), Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est. XXXII, nº 1046, 2.6.4.1.) e na necrópole de Valdoca (Alarcão; Alarcão, 1966, Est XXXI, nº 441, nº 2; Est XXXII, nº 443, nº 1) onde se aproxima de um pote.

##### VII. 17. 3. 2. Cântaros de bordo extrovertido

A categoria dos cântaros (**XV. 2. 2.**)<sup>413</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.2 proveniente da Porta Sul regista particular proximidade com desenhos cerâmicos em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl.XII, nº 253, Ed Sud TH : Cláudio), na *Igaeditania* (Dias, 2002, nº 338, p. 141) e em Elvas (Nolen, 1985b, est.II, nº 5). É o nº 92 de *Ammaia* que mais se aproxima da forma geral do exemplo de Elvas, do potinho de Idanha-a-Velha e da datação de Cláudio de Conímbriga. O nº 232 tem semelhanças com o copo(?) bético identificado em São Cucufate (Pinto, 2003, nº 43, p. 177). O bordo do nº 96 é próximo da forma ânforica Beltrán II B de Monte Molião (Arruda, Viegas & Bargão, 2010, nº 43, 293) comprovando simultaneamente a dificuldade criada pelo elevado índice de fragmentação cerâmico do registo arqueológico e as semelhanças morfológicas dos contentores cuja grande variação funcional reside muitas vezes estruturalmente no tamanho dos conteúdos a recolher.

<sup>410</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 509.

<sup>411</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 17. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 510.

<sup>412</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 511. XV. 2. 1. Cântaro de bordo extrovertido, lábio boleado, colo alongado por vezes com asa com arranque ao nível do lábio desenvolvida, indicia corpo com perfil envasado.

<sup>413</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 512. XV. 2. 2. Cântaro de bordo extrovertido, lábio boleado, direito ou semicircular com inflexão, colo cilíndrico por vezes curto formando estreitamento e aperto.

A categoria dos cântaros (XV. 2. 3.)<sup>414</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 2.3 proveniente das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia enquadrada de 225-250/275+. As semelhanças formais concentram-se no nº 170 de *Ammaia* e respetiva familiaridade com exemplos de Girona (Casas, J. et al., 1995, p. 124, nº 5 e p. 123, fig. 14, nº 3) datados da segunda metade do século II e *Liria Edetanorum*, Valência (Escrivà Torres, 1995, fig. 13; subtipo S II.2.1, p. 180).

### VII. 17. 3. 3. Cronologia

A comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas, permitiu alcançar valores crono-estratigráficos para os fragmentos de cântaros enquadrados entre 225-250/275+ (1 = 50 %) e a segunda metade do século V (1 = 50 %)<sup>415</sup>.

### VII. 18. GARRAFAS

#### VII. 18. 1. Proveniência

##### VII. 18. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado e por unidade estratigráfica

As oito (8) garrafas identificadas são provenientes da coleção Maças. O espólio atualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia está omissa de referências espaciais e estratigráficas<sup>416</sup>.

#### VII. 18. 2. Caracterização morfológica

##### VII. 18. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os recipientes de garrafa registam valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 4,4 cm e os 5,5 cm. Documenta-se também um caso de 4,5 cm<sup>417</sup>.

<sup>414</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 5. p. 512. XV. 2. 3. Cântaro de bordo extrovertido, lábio triangular, colo cilíndrico alongado formando estreitamento e aperto, por vezes com dupla asa vertical arrancando ao nível do bordo com desenvolvimento até ao ombro.

<sup>415</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 17. 4. Cronologia, p. 511.

<sup>416</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 513.

<sup>417</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 513.

#### VII. 18. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura das garrafas compreende um intervalo de valores entre os 13 cm e os 19,5 cm existindo igualmente um caso com 12,8 cm <sup>418</sup>.

#### VII. 18. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de garrafa apresentam valores entre os 1,8 cm e os 2,7 cm <sup>419</sup>.

#### VII. 18. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de garrafa demonstrou ser o bordo extrovertido de aba horizontal (27 = 66,6 %), seguido do bordo extrovertido com 2 (2,2 %) indivíduos <sup>420</sup>.

#### VII. 18. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A morfologia de garrafa que mais se reproduz é naturalmente a forma envasada representando 100 % do total de fragmentos <sup>421</sup>.

#### VII. 18. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A variante dos recipientes de garrafa registou quatro (4) casos de perfil troncocónico invertido, dois (2) casos de perfil troncocónico com aperto na zona superior e um (1) perfil ciclíndrico <sup>422</sup>.

#### VII. 18. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos recipientes de garrafa são a aguada (2), a canelura (1) e o alisamento (1) <sup>423</sup>.

<sup>418</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 514.

<sup>419</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 2. 3. a) Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 514.

<sup>420</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 515.

<sup>421</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 515.

<sup>422</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 515.

<sup>423</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 516.

### VII. 18. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 18. 3. 1. Garrafas de bordo direito

A categoria das garrafas (XVI. 2. 2.) de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.2 proveniente da coleção Maçãs regista paralelos maioritariamente oriundos de necrópoles. Estão documentados os casos de Valdoca e Elvas essencialmente através do nº 13682, datado de Augusto a inícios século II em Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. XXIII, sepultura 318, nº 1, p. 68-69), e de fins do séc. I até à primeira metade do séc. II em Elvas (Nolen, 1985b, Est. XI, nº 87, p. 59). A sepultura nº 198 de Valdoca, datada de fim séc. I até à primeira metade do séc. II (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. XXXIV, 484, Est. XIV, 198, nº 2) aproxima-se do nº 13683 de *Ammaia*, que encontra paralelo semelhante datado de Flávio até ao séc. II nas necrópoles da região de Elvas (Nolen, 1985b, Est. XI, próximo nº 80, 81, 83, 136).

Por fim, o nº 13684 documenta paralelos inevitáveis nas necrópoles de São Salvador de Aramenha (Neves, 1972, Est. IV, nº 28 e 34) revelando igualmente proximidade com Elvas (Nolen, 1985b, Est. XI, próximo nº 80, 81, 83, 136) com cronologia entre Flávio e o séc. II, (Viana, 1955, nº 137, 153 e Viana, 1958, est. XVIII, nº 176). Os paralelos deste recipiente também acontecem com alguma proximidade formal nas cidades de Málaga (Serrano Ramos, 1995, fig. 11, nº 95), e também em Mérida (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 13, nº 79, p. 81) onde se encontra corpo com forma próxima da produção ammaiense<sup>424</sup>.

#### VII. 18. 3. 2. Cronologia

A comparação formal e estilística da coleção Maçãs, incluindo as cerâmicas finas e vidros do acervo, permite alcançar valores crono-estratigráficos para os fragmentos de garrafas enquadrados no Alto Império<sup>425</sup>.

<sup>424</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 5. p. 518-519. XVI. 2. 2. Garrafa de bordo extrovertido, lábio triangular, colo cilíndrico por vezes curto formando estreitamento e aperto, asa vertical arrancando ao nível do colo com desenvolvimento até ao ombro, corpo de perfil subcilíndrico com bojo carenado com aperto na zona superior, por vezes com leves caneluras no bojo, fundo de base plana de assentamento levemente em aresta.

<sup>425</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 18. 4. Cronologia, p. 517.

## VII. 19. TALHAS

### VII. 19. 1. Proveniência

O número total de 28 fragmentos de talhas identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 18 exemplares identificados na Porta Sul e pelos 10 exemplares oriundos das termas, acrescenta-se ainda um fragmento indeterminado. As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (10), 1996 (4) e 2001 (3) o valor de 17 fragmentos de talhas, significando 60,7 % do universo em estudo <sup>426</sup>.

#### VII. 19. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 18 exemplares de fragmento de talhas identificados na Porta Sul demonstra concentração espacial preferencial em torno da torre Oeste Q: 2734 (6), Q: 2736 (2). Regista-se aparente tendência semelhante na torre Este, onde a pouca representatividade não aconselha ilações Q: 2438 (2)<sup>427</sup>.

#### VII. 19. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de talha demonstra parca representatividade documentando apenas três fragmentos correspondendo às unidades [112] (1), [63] (1), [86] (1)<sup>428</sup>.

### VII. 19. 2. Caracterização morfológica

#### VII. 19. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de talhas registam valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 15 cm e os 50 cm. Sobressaem os diâmetros com 26 cm, 44 cm e 46 cm. Existindo maior consistência numérica no intervalo compreendido entre os 26 cm e os 32 cm <sup>429</sup>.

<sup>426</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 1. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 518.

<sup>427</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p.519.

<sup>428</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 519.

<sup>429</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 520.

#### VII. 19. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de talhas compreende um intervalo de valores entre os 10,3 cm e os 45,5 cm registando uma distribuição uniformizada de um exemplar por cada valor de altura<sup>430</sup>.

#### VII. 19. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de talhas apresentam valores entre os 10,3 cm e os 44,5 cm<sup>431</sup>.

#### VII. 19. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de talhas demonstrou ser o bordo introvertido (7 = 25 %), seguido do bordo extrovertido com seis (6 = 21,4 %) indivíduos. Seguem-se o bordo direito sem inflexão com 17,8 % (5). Os bordos extrovertidos de aba horizontal (3) e bordos extrovertidos de aba soerguida (3) representam juntos (21,4 %) do número total de fragmentos.

A representatividade dos dois primeiros casos significa uma clara maioria de 46,4 % por estas opções morfológicas<sup>432</sup>.

#### VII. 19. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A exemplo do registado noutras formas fechadas a morfologia dos fragmentos de talhas que mais se reproduz é naturalmente a forma envasada representando 51,1 % do total de fragmentos. As restantes formas à exceção de cinco exemplares de bordo extrovertido com inflexão sem ressalto (5 = 17,8 %) são residuais<sup>433</sup>.

#### VII. 19. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

As variantes dos recipientes de talhas que registaram maior representatividade foram o lábio boleado (10) com 35,7 % do total de indivíduos, seguido do lábio semi-

<sup>430</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 520.

<sup>431</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 521.

<sup>432</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 521.

<sup>433</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 522.

circular (6) com 23,7 %. Os restantes casos à exceção do lábio direito (2) e lábio triangular (2 = 7,1 %) são meramente residuais <sup>434</sup>.

### VII. 19. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície mais utilizados nos fragmentos de talhas são a decoração incisa (2) e a decoração incisa por estampagem “corda” (2). Segue-se um único caso de alisamento <sup>435</sup>.

### VII. 19. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 19. 3. 1. Talhas de bordo extrovertido

A categoria das talhas (XVII. 2. 1.)<sup>436</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.1 proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia entre dois momentos. O primeiro associado à segunda metade do séc. II / III (150-299) e o segundo, entre 225-250/275+.

Os paralelos de Conímbriga surgem associados ao nº 640 (Alarcão, 1975, XV, 306) e nº 650 (Alarcão, 1975, pl. XXXIV, 699) apresentando o primeiro caso cronologia Augusto-Flávio e o segundo uma representação de longa duração desde o Alto Imperio ao século V. O balizamento cronológico do paralelo da Quinta do Rouxinol, no Seixal assinala orientação cronológica idêntica situada entre a segunda metade II, início V (Santos, 2011, est. XXIII, p. 82).

A categoria das talhas (XVII. 2. 2.)<sup>437</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.2 proveniente da Porta Sul e das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499). Os paralelos encontrados são particularmente próximos do nº 598 de *Ammaia* e distribuem-se entre as cidades de Conímbriga, onde a morfologia se aproxima (Alarcão, 1975, XIX, 366), *Bracara Augusta* (Delgado & Morais, 2009, p. 19, n.27 (16 a.C.- 50), p. 17, nº 21 (16 a.C.- 50) e a necrópole de Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966, est. XXIV, sep. 329, nº 2, p. 71). A cronologia obtida enquadra

<sup>434</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 522.

<sup>435</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 524.

<sup>436</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 5. p. 525. XVII. 2. 1. Talha de bordo extrovertido, lábio boleado ou semicircular, por vezes com colo na contracurva do bordo marcado por um leve rebaixo, parede levemente arqueada com orientação oblíqua, indicia corpo largo de perfil envasado.

<sup>437</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 5. p. 525-526. XVII. 2. 2. Talha de bordo extrovertido de aba soerguida, biselado ou direito, por vezes com colo na contracurva do bordo marcado por um leve rebaixo, formando estreitamento na garganta, indicia corpo largo de perfil envasado.



a forma de Conímbriga entre Flávio-Trajano, o recipiente de Braga entre os anos 16 a.C.-50 e o exemplar da necrópole de Valdoca no século I. A proximidade com a morfologia de *Bracara Augusta* lembra aos autores as talhas de tradição indígena da Idade do Ferro recente (Delgado & Morais, 2009, n.26, p. 17).

### VII. 19. 3. 2. Talhas de bordo introvertido

A categoria das talhas (XVII. 3. 1. A)<sup>438</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.), forma 3. 1. A proveniente da Porta Sul, é muito frequente e popular registando paralelos especialmente para o nº 302 na Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XXXVI, nº 65, 2.8.1.1) e na vila de vale do Mouro em Coriscada, Mêda (Pereira, 2011, tipo I, ilustração 3, pp. 79-80). Convirá salientar que Pedro Pereira documenta a existência de seis tipos base de *dolia* na sua área de estudo, dividindo-os entre contentores de armazenamento de líquidos e sólidos, alertando para a presença de pez no interior do elemento cerâmico como factor crucial para a caracterização funcional. A argamassa de cal seria em contraposição o revestimento eleito para os contentores de azeite. Pertinente é igualmente a convicção do autor dos *dolia* terem substituído as ânforas a partir do século II d. C. (Pereira, 2011, tipo I, ilustração 3, pp. 79-82). Hipótese de trabalho que por escassez de dados não podemos contradizer ou reforçar.

A categoria das talhas (XVII. 3. 1. C)<sup>439</sup> de bordo extrovertido (tipo: 3.), forma 3.1. A proveniente da casa da Quinta de Deão apresenta paralelo muito próximo em Conímbriga, proveniente do fórum IV e com cronologia do séc. V. (Alarcão, 1975, LIII, 928).

### VII. 19. 3. 3. Cronologia

A comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas, permitiu alcançar valores crono-estratigráficos enquadrados para os fragmentos de talhas entre a segunda metade do século II e a segunda metade do século

<sup>438</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 5. p. 526. XVII. 3. 1. A. Talha de bordo introvertido, lábio amendoado ou boleado espessado, parede arqueada, indiciando corpo de perfil ovoide envasado.

<sup>439</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 5. p. 526-. XVII. 3. 1. C. Talha de bordo introvertido, lábio amendoado ou boleado, com canelura a assinalar o bordo, corpo de perfil ovoide com decoração impressa com motivos de “corda” no bojo, imediatamente abaixo do arranque inferior da asa, fundo de base plana de assentamento discoidal.

V. Salienta-se a distribuição regular dos três casos enquadrados entre 225-250/275+ (1), na segunda metade do século II/III (1) e na segunda metade do século V (450-499)<sup>440</sup>.

## VII. 20. TAMPAS

### VII. 20. 1. Proveniência

O número total de 24 fragmentos de tampas identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído do seguinte modo: 19 exemplares identificados na Porta Sul, 3 exemplares oriundos das termas e 2 provenientes da coleção Maçãs. As campanhas que se revelaram como mais produtivas foram as primeiras, somando os anos de 1995 (3), 1996 (11) e 2001 (4) o valor de 16 fragmentos de tampas, significando 66,6 % do número total de fragmentos<sup>441</sup>.

#### VII. 20. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 19 fragmentos de tampas identificados na Porta Sul demonstra especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2635 (4), Q: 2535 (2), Q: 2733 (2) e Q: 2734 (2).

Esta primazia aponta idêntica predileção sobre o limite exterior intramuros da estrutura circular. A exemplo do registado com as talhas também com as tampas parece desenvolver-se fenómeno semelhante na torre Este Q: 2538 (1). Todavia o único fragmento registado nesta zona não possibilita quaisquer confirmações<sup>442</sup>.

#### VII. 20. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica

A origem estratigráfica dos exemplares de tampas demonstra parca representatividade documentando apenas dois fragmentos correspondendo às unidades [104], [110]<sup>443</sup>.

<sup>440</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 19. 4. Cronologia, p. 524.

<sup>441</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 527.

<sup>442</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, p. 527.

<sup>443</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 1. 2. Distribuição de fragmentos por unidade estratigráfica, p. 527.

## VII. 20. 2. Caracterização morfológica

### VII. 20. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo

Os fragmentos de tampas registam valores do diâmetro exterior do bordo oscilando entre os 5,3 cm e os 40 cm. Sobressaem os diâmetros com 10 cm, 22 cm, 25 cm, 28 cm, 32 cm e 33 cm. Apresenta maior consistência o intervalo numérico compreendido entre os 22 cm e os 33 cm <sup>444</sup>.

### VII. 20. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura

A altura dos fragmentos de tampas compreende um intervalo de valores entre os 1,1 cm e os 5,5 cm. Esta reduzida dimensão é reveladora do elevado índice de fragmentação. Os registos de 1,4 cm, 1,7 cm, 2 cm, 2,2 cm, 3 cm e 5,5 cm são os valores que documentam a existência de dois fragmentos com esta dimensão <sup>445</sup>.

### VII. 20. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo

Os diâmetros internos do bordo dos fragmentos de tampas apresentam valores entre os 2,8 cm e os 29 cm, apresentando um (1) fragmento por cada valor apresentado: 5 cm, 6,5 cm, 6,9 cm, 7,3 cm, 8,4 cm, 10 cm, 15 cm, 18,8 cm, 20 cm, 23,4 cm, 23,6 cm, 25,6 cm, 28 cm <sup>446</sup>.

### VII. 20. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo

O tipo de bordo mais registado nos fragmentos de tampas demonstrou ser o bordo extrovertido (11 = 45,8 %), seguido do bordo direito sem inflexão com seis (6 = 25 %) indivíduos. Seguem-se o bordo extrovertido de aba horizontal (3 = 12,5 %) sendo que o bordo introvertido (2 = 8,3 %) o menos frequente. A representatividade das três primeiras opções significa uma clara maioria de 83,3 % <sup>447</sup>.

<sup>444</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 529.

<sup>445</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 2. 2. Distribuição de fragmentos por altura, p. 529.

<sup>446</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 2. 3. Distribuição de fragmentos por diâmetro interior do bordo, p. 530.

<sup>447</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 2. 4. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 530.

#### VII. 20. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma

A forma dos fragmentos de tampas que mais se reproduz é naturalmente a forma esvasada representando 75 % do total de fragmentos. As restantes formas registam valores residuais<sup>448</sup>.

#### VII. 20. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante

A distribuição de fragmentos por variante dos fragmentos de tampa regista predominância do lábio boleado (10) com 41,6 % do total de indivíduos seguido do lábio bifurcado (9) com 37,5 %. Os restantes casos tais como o lábio triangular (2), o lábio direito (1) e o lábio biselado registam valores residuais<sup>449</sup>.

#### VII. 20. 2. 7. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície

Os dois tipos de tratamento de superfície utilizados nos fragmentos de tampas são a aguada (1) e a decoração incisa por estampagem (1). A amostra revela muito baixa representatividade<sup>450</sup>.

### VII. 20. 3. Paralelos bibliográficos

#### VII. 20. 3. 1. Tampas de bordo direito

A categoria das tampas (**XVIII. 1. 1.**)<sup>451</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 1. 1. proveniente da Porta Sul tem paralelo com o nº 873 em forma de longa duração (finais II até inícios IV) na vila de São Cucufate (Pinto, 1999, nº 80.2218-2B, p. 569)

A categoria das tampas (**XVIII. 1. 2.**)<sup>452</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 1.2. proveniente da Porta Sul é morfologicamente compatível com exemplo da Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, Est. XXXIX, nº 4.1.2., *Ammaia* nº 304).

A categoria das tampas (**XVIII. 1. 3.**)<sup>453</sup> de bordo direito (tipo: 1.), forma 1.3. proveniente da Porta Sul regista semelhanças ao nº 803 em Ercolano, Nápoles,

<sup>448</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 2. 5. Distribuição de fragmentos por forma, p. 531.

<sup>449</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 2. 6. Distribuição de fragmentos por variante, p. 531.

<sup>450</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 3. 3. Distribuição de fragmentos por tratamento de superfície, p. 533.

<sup>451</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 5. p. 534. XVIII. 1. 1. Tapa de bordo direito, lábio boleado espessado, leve depressão a assinalar o bordo, corpo com perfil troncocónico.

<sup>452</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 5. p. 534. XVIII. 1. 2. Tapa/prato de bordo direito, lábio boleado, corpo com perfil troncocónico, pega/base com assentamento discoidal e canelura concêntrica.

<sup>453</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 5. p. 534. XVIII. 1. 3. Tapa de bordo direito, lábio boleado, indicia corpo com perfil troncocónico.

Campania (Scatozza Höricht, L.A., 1996, p. 143, nº 4) e em São Cucufate (Pinto, 1999, p. 8, nº 705).

### VII. 20. 3. 2. Tampas de bordo extrovertido

A categoria das tampas (**XVIII. 2. 1.**)<sup>454</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 1. proveniente da Porta Sul tem paralelos em São Cucufate (Pinto, 1999, p. 347, nº 2 e p. 258), Castelo da Lousa (Pinto; Schmitt, 2010, p. 347, nº 7, p. 258) e Ercolano, Nápoles, Campania (Scatozza Höricht, 1996, nº 1864, p. 142). Inês Vaz Pinto encontra proximidade entre esta forma e o prato de bordo bífido, muito provavelmente inspirado na forma 3 (Vegas 4) de pratos de bordo bífido de Aguarod de cerâmica itálica. As semelhanças formais desta vila com a produção cerâmica de *Ammaia* estendem-se ao nº 215 (Pinto, 1999, nº 81.1499-2B, p. 572).

A categoria das tampas (**XVIII. 2. 2. A.**)<sup>455</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 2. A. proveniente da Porta Sul aproxima-se especialmente no caso do nº 1029, das terrinas documentadas em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXIX, nº 601, p. 148 e Alarcão, 1975, pl. XXXVI, nº 731). Lembra-se que o nº 601 de Condeixa-a-Velha regista cronologia associada a Cláudio. As proximidades formais esgotam-se com o exemplar de São Cucufate (Pinto, 1999, nº 83.548-2-A, p. 573).

A categoria das tampas (**XVIII. 2. 4.**)<sup>456</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2. 4 proveniente da Porta Sul tem maioritariamente paralelos em São Cucufate, existindo também uma aproximação aos materiais da Quinta das Longas e da Tarraconense. O nº 664 (Aguarod Otal, 1991, nº 5, p. 324) (Almeida & Carvalho, 2005, p. 362 nº 49 e 50, p. 341) e nº 288 (Aguarod Otal, 1991, p. 322, nº 3 e p. 324, nº 5), (Almeida & Carvalho, 2005, p. 341, 362, nº 49, 50) são os que mais se avizinham das morfologias da Tarraconense e da Quinta das Longas, Elvas. O nº 123 reparte afinidades entre a Quinta das Longas (Almeida & Carvalho, 2005, p. 359, nº 33, p. 337) e São Cucufate (Pinto, 1999, nº 84.1778-7, p. 561) registando no caso de Elvas categorização como tacho e cronologia entre meados ou segunda metade séc. IV e início do século V e na vila da

<sup>454</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 5. p. 535. XVIII. 2. 1. Tampa/prato de bordo extrovertido, lábio bifurcado, indicia corpo com perfil troncocónico.

<sup>455</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 5. p. 535-536. XVIII. 2. 2. A. Tampa de bordo extrovertido, lábio triangular espessado, indicia corpo com perfil troncocónico.

<sup>456</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 5. p. 536. XVIII. 2. 4. Tampa/prato de bordo extrovertido, lábio boleado por vezes espessado, indicia corpo com perfil troncocónico evasado.

Vidigueira datação alto imperial situada entre a primeira metade do séc. I e inícios séc.II. Os restantes números nº 947 (Pinto, 1999, nº 84.5395-6, pp. 190, 200) e nº 705 (Pinto, 1999, pp. 75, 705) estão próximos do registo morfológico de São Cucufate, Vidigueira.

A categoria das tampas (**XVIII. 2. 5**)<sup>457</sup> de bordo extrovertido (tipo: 2.), forma 2.5 proveniente das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da 225-250/275+.

#### VII. 20. 3. 3. Tampas de bordo introvertido

A categoria das tampas (**XVIII. 3. 1.**)<sup>458</sup> de bordo introvertido (tipo: 3.), forma 3.1. proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia de Cláudio-Nero (41-54 / 54-68). O nº 601 assemelha-se às morfologias da necrópole de Santo André, Santiago do Cacém (Nolen & Dias, 1981, LIII, G4.1 (2), p. 134), com datação balizada entre o séc. I - II e a olaria da Quinta do Rouxinol, Seixal (Santos, 2011, Est. XI, nº 238 e 147, pp. 67-69) com dados crono-estratigráficos balizados entre o séc. II e a segunda metade séc. IV. O autor destaca os paralelos com publicações de Mayet e Vaz Pinto, estando em São Cucufate associado a terrinas.

#### VII. 20. 3. 4. Cronologia

A comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitiu alcançar valores crono-estratigráficos para dois fragmentos de tampas. Um associado a Cláudio-Nero (41-54/54-68) e o outro enquadrado entre 225-250/275+<sup>459</sup>.

#### VII. 21. SUPORTES

##### VII. 21. 1. Proveniência

##### VII. 21. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado, unidade estratigráfica,

O único exemplo de fragmento de suporte é originário do sector D, área das termas e foi identificado na sequência da campanha de 2008, no quadrado AMB D, Ue [68]<sup>460</sup>.

<sup>457</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 5. p. 537. XVIII. 2. 5. Tampa/prato de reduzidas dimensões, bordo extrovertido, lábio boleado, corpo de perfil troncocónico, topo de assentamento discoidal.

<sup>458</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 5. p. 537. XVIII. 3. 1. Tampa/prato de bordo introvertido, lábio bifurcado, por vezes levemente reentrante, corpo com perfil em arco elipsoidal muito evasado.

<sup>459</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 20. 4. Cronologia, p. 533.

<sup>460</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 21. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 538.

## VII. 21. 2. Caracterização morfológica

### VII. 21. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior do bordo/fundo, altura, diâmetro interior do bordo/fundo

O fragmento de suporte regista valores do diâmetro exterior de 5 cm, altura de 4,8 cm e diâmetro interior do fundo de 3,3 cm.<sup>461</sup>

### VII. 21. 2. 2. Distribuição de fragmentos por tipo, forma, variante, tratamento de superfície

O tipo de bordo mais registado no fragmento de suporte demonstrou ser o bordo direito sem inflexão. O indivíduo registou forma cilíndrica, variante de lábio direito e superfície alisada<sup>462</sup>.

## VII. 21. 3. Paralelos bibliográficos

### VII. 21. 3. 1. Suporte de base plana

A categoria de suportes (**XIX. 1.**)<sup>463</sup> de bordo introvertido (tipo: 1.), forma 1. proveniente das termas apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia da segunda metade séc. V (450-499) e paralelo no Seixal, Quinta do Rouxinol (Santos, 2011, est. XLII, nº 768, p. 109) com cronologia similar à ammaiense.

### VII. 21. 3. 2. Cronologia

A comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através de cerâmicas finas permitiu alcançar para o fragmento de suporte o valor cronoestratigráficos enquadrado na segunda metade do século V (450-499)<sup>464</sup>.

## VII. 22. FUNDOS

### VII. 22. 1. Proveniência

O número total de 58 fragmentos de fundos identificados na área intramuros da cidade de *Ammaia* encontra-se distribuído pelos 53 exemplares identificados na Porta

<sup>461</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 21. 2. 1. Distribuição de fragmentos por diâmetro exterior de bordo, p. 538.

<sup>462</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 21. 2. 2. Distribuição de fragmentos por tipo, p. 538.

<sup>463</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 21. 5. p. 539. XIX.1. Suporte tubular de parede curvada bordo afilado e base de tendência quadrangular.

<sup>464</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 21. 4. Cronologia, p. 539.

Sul e pelos 5 exemplares oriundos das termas<sup>465</sup>. Grande parte dos fragmentos de fundo foi sempre que possível associada a categorias morfológicas estando enquadrados essencialmente nos pratos, potes e potinhos. O conjunto apresentado serve essencialmente como síntese informativa deste tipo de fragmento.

#### VII. 22. 1. 1. Distribuição de fragmentos por quadrado

A distribuição dos 53 exemplares de fundos identificados na Porta Sul demonstra especial concentração em redor da torre Oeste, mais especificamente nos quadrados 2635 (8), 2636 (17), Q: 2733 (6) e Q: 2734 (8).

Esta supremacia indicia predileção sobre o limite exterior intramuros da estrutura circular. Fenómeno semelhante acontece na torre Este através dos Q: 2537 (7) e Q: 2538 (2).

A leitura espacial da deposição dos fragmentos das termas Q: 1110 (3), Q: 1209 (2) prejudicada pela baixa representatividade numérica<sup>466</sup>.

#### VII. 22. 2. Paralelos bibliográficos

##### VII. 22. 2. 1. Fundo de base plana

A categoria dos fundos de base plana (**XX. 1.**)<sup>467</sup> proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia entre 225-250/275+ e a segunda metade do séc. V (450-499). As opções tecnológicas e respectivo tratamento de superfície enquadram estes exemplares no contexto de recipientes que tentam imitar as produções de engobe pompeiano originais da Campânia. Para além das semelhanças com a produção da Tarraconense que tratamos com especial detalhe no capítulo autónomo das cerâmicas de engobe vermelho pompeiano, acrescenta-se paralelo com as produções cerâmicas das oficinas do litoral de Málaga, particularmente próximo do nº 354 ammaiense, identificado pelo autor também como próximo das produções de engobe vermelho pompeiano e associado à forma Luni 1; Vegas 15a. (Serrano Ramos, 2000, nº 8 e 9, p. 71).

<sup>465</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 22. 1. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 540.

<sup>466</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 22. 1. 1. Distribuição de fragmentos por proveniência, p. 540.

<sup>467</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 22. 5. p. 541. XX. 1. 1. Fundo de base plana.



## VII. 22. 2. 2. Fundos de base plana alargada

A categoria dos fundos de base plana alargada (XX. 2.)<sup>468</sup> proveniente da Porta Sul e das termas, apresenta na cidade de *Ammaia* cronologia variada graças às associações que foram possíveis fazer com categorias morfológicas como os pratos, potes e potinhos. Salientam-se de acordo com os números em questão as seguintes orientações cronológicas:

XX. 2. 1. Fundos de potes/potinhos de base plana alargada com assentamento discoidal com engrossamento externo e canelura concêntrica: nºs 147, 623, 735 associados à segunda metade do séc. V (450-499), Flávio-Antonino (69-96 / 96-192).

XX. 2. 2. Fundos de potes/potinhos de base plana alargada com assentamento em aresta e engrossamento externo: nº 173, 610 associados à segunda metade séc. V (450-499) e Cláudio- Nero (41-54 / 54-68).

XX. 2. 3. A. Fundos de potes/potinhos de base plana levemente alargada com assentamento discoidal por vezes com ligeiro engrossamento externo: nº 328, 612, 513, 146, 192, 167 associados à segunda metade do séc. V (450-499); nº 633, 8 e 11, associados ao período compreendido entre 225-250/275+; nº 4 associado a Flávio-Antonino (69-96 / 96-192).

XXI. 2. 3. B. Fundos de potes/potinhos de base plana alargada com assentamento discoidal com claro engrossamento externo: nº 18 associado a Flávio-Antonino (69-96/ 96-192) e nº 509 associados à segunda metade do séc. V (450-499).

## VII. 23. Coleção Maçãs

### VII. 23. 1. Morfologia e tecnologia

#### VII. 23. 1. 1. Apresentação e análise quantitativa das características técnicas e formais

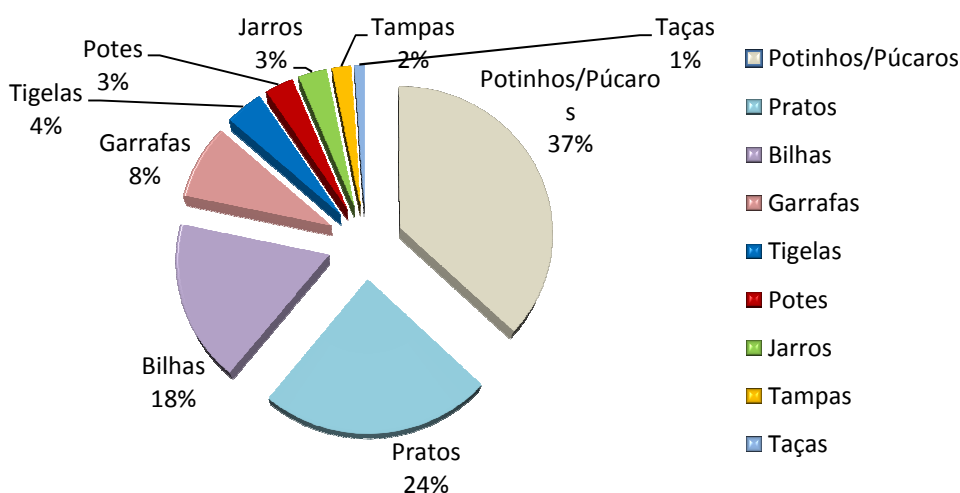
A triagem consumada ao acervo Maçãs, presente no Museu Nacional de Arqueologia permitiu a contagem de 97 recipientes, sendo o número total dividido por 9 categorias morfológicas, donde se destacam os potinhos (36), os pratos (23), as bilhas (17) e as garrafas (8). As restantes formas correspondem a (4) tigelas, (3) potes, (3)

<sup>468</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 4. 22. 5. p. 541-542. XX. 1. 2. Fundo de base plana alargada.

jarros, (2) tampas, estando as taças apenas representadas por um (1) único exemplar<sup>469</sup>. Não foi intencionalmente incluído na quantificação um busto feminino de terracota (MNA nº 2011-10-115) por carecer de conformidade com o restante conjunto. Apresentam-se os mesmos números de inventário definidos pelo Museu Nacional de Arqueologia de modo, a não densificar sequências de inventário e permitir comparações mais seguras com o estudo de Josefa Neves. Pretendeu-se nos capítulos anteriores e respetivas estampas registar apenas os recipientes da coleção Maçãs que não figuravam da publicação de Josefa Neves datada de 1972. Apresenta-se agora os resultados da soma de todos os recipientes observados no Museu Nacional de Arqueologia. Esta distribuição enquadra-se modelarmente nos padrões geralmente registados em contextos funerários.

### I. Pratos

Os (23) vinte e três exemplares de pratos apresentam diâmetro exterior do bordo variando entre os 9,4 cm e os 24,5 cm, oscilando a altura entre os 1,8 cm e os 4,7 cm. Convirá acrescentar sobre estas dimensões, que existe um claro afastamento entre os valores registados nos indivíduos provenientes de contexto funerário e doméstico. Em suma, quando comparados os pratos oriundos de necrópoles, com pratos exumados da área intramuros da cidade de *Ammaia*, os primeiros são claramente mais pequenos.



**Gráfico 7: Coleção Maçãs. Distribuição percentual das categorias morfológicas**

Manifesta-se um predomínio do bordo direito sem inflexão (12), seguido do bordo extrovertido (9) e do bordo extrovertido de aba horizontal (2). Os fabricos que se

<sup>469</sup> Cfr. XI. 4. 23. 1. Distribuição por categoria morfológica, p. 542.

encontram associados a esta forma são o E (11 = 47,2 %), C (7 = 30,4 %), A (3 = 13 %) e B (2 = 8,6 %) indiciando uma clara preferência pelas duas primeiras escolhas técnicas: E e C. Os dois códigos de cor mais identificados são o 5YR 6/6 e o 5YR 6/8 existindo uma clara tendência para os tons vermelhos amarelados e algumas exceções variando entre o rosa e o branco (Munsell, 1994). Do tratamento de superfície destaca-se um ténue engobe (10 = 43,4 %), alisamento (5 = 21,3 %), aguada (2 = 8,6 %) e o polimento (1 = 4,3 %) <sup>470</sup>.

### III. Tigelas

As tigelas compostas por (4) quatro exemplares apresentam prevalência dos bordos direitos sem inflexão (3 = 75 %) e um (1 = 25 %) único caso de bordo extrovertido. Lábios essencialmente boleados (2 = 50 %) e perfil troncocónico invertido (2 = 50 %). São tantos os fabricos como os exemplares, demonstrando elevada diversidade (A, C, E, H1). Esta realidade poderá indiciar uma discrepância entre o espólio preservado e o registo arqueológico original, podendo esta categoria morfológica assumir valores percentuais mais elevados do que os registados com esta quantificação. Condizente com esta possibilidade é a diversidade de cores, oscilando entre o vermelho esbatido (2.5YR 6/2), o rosa (2.5YR 8/4; 5YR 7/4) e o castanho (7.5YR 5/4). O tratamento de superfície regista em dois casos ténue aguada <sup>471</sup>.

### X. Potes

Os (3) três exemplares de potes privilegiam os bordos extrovertidos, ora de aba soerguida (1), ora de aba horizontal (1). Forma fechada, manifesta natural tendência para perfil ovoide com aperto na zona superior. Neste caso não abundam os fabricos resumindo-se a apenas dois (E e O). De igual modo os códigos de cor oscilam entre o vermelho amarelado (5YR 6/8; 7.5YR 5/4) e o castanho (7.5YR 6/6) <sup>472</sup>.

### XI. Taças

O único fragmento de taça presente no acervo é uma taça carenada sem decoração, de cronologia nitidamente pré-romana enquadrada provavelmente num horizonte

<sup>470</sup> Cfr. XI. 4. 23. 2. Pratos, p. 543-547.

<sup>471</sup> Cfr. XI. 4. 23. 3. Tigelas, p. 547-550.

<sup>472</sup> Cfr. XI. 4. 23. 4. Potes, p. 551-551.

temporal correspondente à Idade do Ferro. Esta discordância cronológica adensa as interrogações sobre a exata proveniência destes recipientes, suscitando questões sobre qual o número de necrópoles exploradas e qual a relação espacial das áreas fúnebres com a urbe *ammaiense*. O esclarecimento desta relação poderia consequentemente depreender novos dados igualmente sobre a coleção Maçãs.

A proximidade deste fabrico com o definido como fabrico O, com origem nitidamente romana e proveniente de fragmentos localizados na área intramuros da cidade de *Ammaia*, fortalece a natural possibilidade de continuidade na utilização dos mesmos barreiros no período pré-romano e romano na região da Aramenha<sup>473</sup>.

## XII. Potinhos/Púcaros

Os potinhos são claramente a forma mais encontrada (37 unidades) representando 38,1 % do total de recipientes inventariados. Esta preferência, seguida de longe pelos pratos (23,7 %), reforça o quadro tipológico cerâmico característico das necrópoles conhecidas do Alto Alentejo. Esta realidade estatística demonstra uma escolha e predileção consciente por esta forma.

O diâmetro exterior do bordo varia entre os 4 cm e os 10,4 cm, estando os valores da altura balizados entre 5,7 cm e 12,8 cm. O tipo de potinhos é bastante diversificado, existindo todavia, uma evidente primazia pelos bordos extrovertidos de aba soerguida (21 = 56,7%). É tanto mais evidente a moda por esta forma, se atentarmos que o bordo extrovertido (7), o bordo direito sem inflexão (1), o bordo introvertido (1) e o bordo extrovertido de aba horizontal (1), todos juntos perfazem apenas 10 exemplares (18,9%), sendo as três últimas formas meramente residuais. Como seria de esperar a forma é essencialmente envasada (34), contra apenas duas exceções de formas esvasadas. O perfil ovoide com aperto na zona superior (34 = 91,8%) lidera com grande destaque.

Os fabricos são sete: A (1), B (8), C (1), E (10), F (2), H1 (6) e O (8). Notando-se uma “especialização” centrada nas técnicas B, E e O.

As cores registam enorme variedade essencialmente entre o castanho (5YR 6/6; 7.5YR 5/4), cinza muito escuro (5YR 3/1), castanho amarelado (10YR 6/4), castanho

<sup>473</sup> Cfr. Volume II, Anexos: Estampas XI. 3. 11. Taças, LXXIX.

esbatido (10YR 8/4), verde acinzentado (GLEY 8/1 10 Y), preto (GLEY 2/5 N), castanho muito esbatido (WHITE 10 YR\_2 8.5), vermelho amarelado (7.5YR 7/6) e o rosa (7.5YR 7/4).

A constância do tratamento de superfície denota especial atenção a esta categoria morfológica que regista exemplares idênticos ao nº 12710, 2011-10-63, 2011-10-96, 13704, 13636 e 13685 nas necrópoles alentejanas (Nolen, 1985, est. XXV nº 30, 39, 42, em Conímbriga (Alarcão, 1975, pl. XXVII, p. 97), e em Mérida (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 14, nº 69-75) registando todos os paralelos cronologia flávia. A ampla disseminação desta forma indicia um elevado índice de aceitação destacando-se a decoração polida (5 = 13,5 %) com motivos geométricos no colo e meandros horizontais em torno do bojo. O engobe (9 = 24,3%), as caneluras (4 = 10,8 %), as ranhuras e a decoração incisa por carretinha ou rolete (3 = 8,1 %) são outros dos recursos técnicos frequentes na categoria morfológica que regista maiores cuidados e intencionalidade decorativa<sup>474</sup>.

### XIII. Jarros

A categoria morfológica dos jarros é composta por apenas três exemplares de bordo extrovertido com ligeira aba horizontal. Sobressaem das características técnicas a aplicação de engobe e a correspondência dos fabricos B e L respetivamente com as cores rosa amarelada (WHITE 7.5YR\_2 9) e castanho (7.5YR 5/4)<sup>475</sup>.

O conjunto destaca-se pela exuberância decorativa tendo o nº 13674 reduzidas dimensões (diâmetro exterior do bordo: 6 cm; altura: 9,8 cm; diâmetro interior do fundo: 3,4 cm, regista perfil ovoide com aperto na zona superior e bordo extrovertido, enquadrando-se no fabrico H1, apresenta um tom cinzento-escuro (5Y 4/1).

### XIV. Bilhas

As bilhas, depois dos potinhos e dos pratos são a terceira forma mais frequente deste acervo com (16) dezasseis unidades. A sua expressão numérica (16 = 16,4%), tal como nos casos mencionados, reforça a tendência para a predileção destas morfologias em contextos fúnebres.

<sup>474</sup> Cfr. XI. 4. 23. 5. Potinhos, p. 551-555.

<sup>475</sup> Cfr. XI. 4. 23. 6. Jarros, p. 556.

Registam diâmetros exteriores do bordo com valores entre os 2 cm e os 5,2 cm, altura entre os 11 cm e os 24 cm e diâmetro exterior da base entre os 4,5 cm e os 8,5 cm. Imperam os bordos extrovertidos de aba, ora soerguida, ora horizontal, bem como os perfis ovoides com aperto na zona superior.

Os fabricos B (8 = 50 %) e E (6 = 37,5 %) são os mais representados, estando residualmente também presentes o fabrico C e I apenas com um exemplar cada. As cores variam entre o castanho muito esbatido (10YR 8/2, 10YR 8/3, 10YR 8/4), o rosa (7.5 YR 7/4) e o vermelho amarelado (7.5 YR 6/6 e 7.5 YR 7/6).

O tratamento de superfície destaca-se essencialmente pela frequência da aplicação de engobe (5 = 31,2 %) (5 YR 7/6) e aguada (4 = 25 %). É nesta forma que se identificou o caso de decoração pintada, que salientamos anteriormente (cfr. nº 2011-10-92), sendo demonstrativo do cuidado e atenção manifestados no tratamento de superfície destes recipientes. Destaca-se igualmente das restantes bilhas, não pela decoração mas pela dimensão a bilha identificada no MNA com o nº 2011-10-101 (Neves, 1972, Est. VI, nº 41). Sabemos graças à equipa de conservação e restauro que as generosas dimensões são precisamente 2969,85 g de massa e 4860 ml de capacidade. Este recipiente singulariza-se igualmente por registar decoração com grafito inciso na parte superior do bojo. Com altura de 25 cm e 22,5 cm de diâmetro, regista a capacidade de 4860 ml. Pertencente ao fabrico O tem cor castanha (7.5YR 5/4)<sup>476</sup>.

## XVI. Garrafas

Os oito exemplares de garrafa (nºs: 13682, 13683 e 13684) patenteiam semelhanças evidentes com os modelos publicados na região de Elvas por Jeannette Nolen (Nolen, 1985, Est. XI, nº 80, 81, 83, 136 Flávio-séc. II), e mesmo pelas “distantes” publicações de Abel Viana (Viana & Deus, 1955, nº 137, 153) (Viana, 1958, est. XVIII, nº 176). Os paralelos também ocorrem na região de Aljustrel (Alarcão & Alarcão, 1966, Est. XXIII, sepultura 318, nº 1, p. 68-69, Augusto-início II), e em Mérida (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 13, nº 79, p. 81). Depois dos potinhos, pratos e bilhas são a forma mais documentada. Caracterizam um conjunto coerente de recipientes de reduzida

<sup>476</sup> Cfr. XI. 4. 23. 7. Bilhas, p. 557-561.

dimensão: diâmetro exterior do bordo variando entre os 4,5 cm e os 5,5 cm; altura entre os 12 cm e os 19,5 cm, e o diâmetro exterior da base entre os 6,8 cm e os 10,3 cm.

Somente o fabrico B (6) e E (2) estão documentados, registando-se reduzida variedade igualmente nas cores, verificando-se o registo de castanho muito esbatido (10YR 8/3 e 8/4) e do vermelho amarelado (7.5YR 6/6 e (5YR 7/6)<sup>477</sup>.

### XVIII. Tampas

As duas tampas identificadas representam uma clara minoria. Ambos os casos indiciam que o corpo do recipiente que as combinava terá sido perdido ou não descoberto. Distinguem-se do restante conjunto pela função e pela profusa decoração incisa, que as transformam em exemplos convincentes do carácter estético que se pretendia dar ao conjunto sepulcral (nº 2011-113 e 2011-10-65). Com o fabrico B associado ao tom vermelho acastanhado (5YR 5/3) e o fabrico H1 ao cinza esverdeado (GLEY 1 5 10Y), registam dimensões reduzidas: diâmetro exterior 12, 3 cm e 8,4 cm; altura 4,3 cm e 2,1 cm<sup>478</sup>.

Considerando a integralidade das morfologias tentou-se alcançar valores de massa e de capacidade dos recipientes.

**Tabela 7: Coleção Maças. Distribuição do valor de massa e capacidade dos recipientes por categoria morfológica**

<b>Distribuição do valor de massa e capacidade dos recipientes por categoria morfológica</b>		
<b>Categoria Morfológica</b>	<b>Massa (g) (Média)</b>	<b>Capacidade (ml) (Média)</b>
Pratos	322,94	352,77
Tigelas	207,75	730
Potes	1891, 28	3000 (?)
Taças	38,2	-
Potinhos	172,66	360
Jarros	220, 46	-
Jarro pequeno	108, 62	-
Bilhas	1162,88	2660
Garrafas	389,77	-
Tampas	142,95	-

<sup>477</sup> Cfr. XI. 4. 23. 9. Garrafas, p. 561-564.

<sup>478</sup> Cfr. XI. 4. 23. 10. Tampas, p. 565.

Esta informação poderá permitir a comparação com os valores alcançados na área urbana da cidade de *Ammaia*. Estes valores poderão consentir não só, uma projeção aproximada da quantidade de recipientes mediante a comparação da massa total dos fragmentos, mas também, tentar equiparar as capacidades das diferentes formas.

No atual contexto sepulcral onde por vezes se detetam recipientes com dimensões mais reduzidas do que as verificadas na zona urbana da cidade de *Ammaia*, evidenciam-se os seguintes valores da capacidade média das diversas categorias morfológicas: pratos (352,77 ml); tigelas (207,75 ml); potes (3000 ml (?); potinhos (360 ml); e bilhas (2660 ml).

### VII. 23. 2. Cronologia

A cronologia do conjunto enquadra-se num contexto morfológico, tecnológico e decorativo tipicamente associado ao Alto Império, com preferência para o período compreendido entre a segunda metade do século I e o início do século II. O afinamento desta informação é conseguido essencialmente depois de atestados paralelos com os espólios escavados por Alarcão e Nolen respetivamente em Valdoca (Alarcão & Alarcão, 1966) e Monte Farrobo, (Alarcão, 1974). Aljustrel, e Elvas (Nolen, 1985) ou Santo André (Nolen & Dias, 1981). E ainda por exemplos de Mérida (Sánchez Sánchez, 1992) ou Conímbriga (Alarcão, 1975).

### VIII. SIGNIFICADO DOS RESULTADOS

A reflexão final sobre os dados alcançados não poderia ignorar o extraordinário potencial científico e museológico do sítio onde está implantada a cidade de *Ammaia*, relembrando que é um dever cultural zelar pela salvaguarda e pelo estudo de um património tão singular. Há longas décadas que este caso de estudo avalia a competência de toda a comunidade e a aplicação de boas práticas metodológicas, sendo simultaneamente um ótimo local para exercitar o julgamento geracional a que nenhuma sociedade está imune.

O universo cerâmico estudado apresenta três conjuntos que se destacam do “todo” pelas suas características tecnológicas e morfológicas. São eles as produções de imitação



---

da cerâmica de “engobe vermelho pompeiano”, os almofarizes e o conjunto fúnebre denominado coleção Maçãs. Esta coleção está intimamente relacionada ao papel desempenhado pela família Maçãs e à ação desenvolvida por José Leite Vasconcelos na preservação e salvaguardada deste espólio e deste sítio arqueológico. Este legado documenta a paixão que se encontra associada à prática arqueológica e a necessidade de introduzir constantes melhorias às metodologias aplicadas.

O significado dos dados alcançados esbarra igualmente na importância desempenhada pela longa diacronia metodológica experimentada durante uma centúria. Relembramos que foram estudados recipientes e fragmentos já armazenados desde a década de trinta e desde a década de noventa do século anterior. Este caso de estudo é um exemplo de como a interdisciplinaridade faculta resultados aparentemente inacessíveis. As indicações da arqueometria e das práticas de conservação e restauro orientadas pela arqueologia representaram um progresso informativo eloquente.

A função exercida pelos museus nesta dinâmica adquire uma renovada importância na preservação, estudo e divulgação de acervos, que doutro modo estariam ou dispersos ou irreparavelmente perdidos. Muitos são os pensadores que atribuem a paternidade desta caminhada a Leite de Vasconcelos. Curioso é constatar que a coleção Maçãs e a cidade de *Ammaia* estão associadas a esses primórdios.

O presente exemplo demonstra que não é “orçamentável” a dimensão cultural, geracional e simbólica que o património arqueológico e os museus podem desempenhar para a identidade das comunidades, regiões e nações.

O carácter embrionário do presente estudo cerâmico e o objetivo de estabelecer sólidas bases de conhecimento para posteriores investigações, originou cautelas metodológicas e o conseqüente favorecimento da quantificação. Apesar das limitações do método, a atual fase do conhecimento cerâmico da cidade de *Ammaia* impunha privilegiar esta abordagem.

"Nem tudo o que pode ser contado conta, e nem tudo o que conta pode ser contado."

Albert Einstein

## VIII. 1. Síntese das principais características e relações técnicas, morfológicas, funcionais e cronológicas: ilações culturais.

Os recursos tecnológicos são sinais estruturantes do índice de conhecimento de vanguarda que determinada comunidade consegue reproduzir. No presente caso é igualmente um indicador do grau de aculturação da região alto alentejana aos modelos itálicos de produção cerâmica, e conseqüente avaliação da dicotomia entre a urbe romana e a ruralidade pré-romana.

Em síntese, destacam-se seguidamente as características quantitativas, técnicas e formas preferidas na execução de cada categoria morfológica, dando especial atenção à origem, ao fabrico, cor, tratamento de superfície e cronologia<sup>479</sup>. Reflete-se por esta ordem sobre os indicadores quantitativos, tecnológicos e morfológicos.

O resultado dos dados quantitativos especialmente a distribuição dos fragmentos por quadrado sugere poder relacionar-se com a intrigante questão do termo *post quem* da ocupação das estruturas ammaienses ainda não completamente esclarecida. Nesta sequência, no presente estudo não se descortinou especificamente nenhum contexto estratigráfico de origem islâmica como mencionado na investigação de Sérgio Pereira (Pereira, 2009, 61) e que despoletou também na investigadora Helena Catarino a convicção de que a cidade terá continuado habitada nos primórdios da Alta Idade Média (Pereira, 2009, 12). Contudo, tentou-se seguir as orientações fornecidas prestando-se especial atenção às torres da Porta Sul e aos contextos estratigráficos habitacionais como cozinhas mencionados por Helena Catarino (Pereira, 2009, p. 12). Coincidindo estes indicadores em grande parte com o interior e áreas limítrofe das torres da Porta Sul e por estarem documentados precisamente nestes quadrados a maior representatividade estatística dos fragmentos exumados<sup>480</sup>, esta pista exigia um olhar mais atento e detalhado.

Pressupondo que esta localização horizontal e vertical denuncia a tendência de materiais mais tardios na ocupação da cidade, analisou-se com maior detalhe os

<sup>479</sup> Cfr. Volume II. Anexos: Tabela síntese das características tecnológicas, morfológicas e cronológicas dos fragmentos, p. 566-570.

<sup>480</sup> Cfr. Volume II. Anexos: distribuição de fragmentos por quadrado p. 285, 304, 322, 342, 353, 366, 375, 385, 400, 414, 433, 447, 452, 479, 493, 506, 513, 518, 528, 538.

noventa e um (91) fragmentos<sup>481</sup> oriundos do interior e das imediações das torres da Porta Sul. A residualidade da amostra fragiliza ilações, no entanto, ignorar as considerações anteriores sem as explorar poderia significar a omissão de preciosos e escassos indicadores cronológicos.

O resultado da análise mais pormenorizada destes indicadores comprova a preferência estatística dos fabricos H1 e I, bem como do grupo de potes/panelas e tachos<sup>482</sup>.

As áreas associadas ao interior ou proximidade das torres da Porta Sul demonstram uma preferência pela presença de potes/panelas (16 = 17,5 %) e tachos (13 = 14,2 %), seguindo-se os potes (10 = 10,9 %) e pratos (8 = 8,5 %). Este registo documenta uma preponderância das funções de cozinha e mesa.

A relação estabelecida com os fabricos destaca a representatividade do fabrico H1 com 32,9 % do número total de fragmentos, seguido do fabrico I com 20,8 %. Adicionando a estes valores a maior representatividade destes quadrados e as convicções dos investigadores Helena Catarino e Sérgio Pereira, poder-se-á considerar que serão os fabricos H1 e I que apresentam maior propensão para épocas tardias (Pereira, 2009, pp. 12, 61). Os fabricos B (8,7 %), G (7,6 %) e O (7,6 %) já se distanciam consideravelmente da preponderância estatística dos dois primeiros<sup>483</sup>.

Significarão os resultados tal como consideram os investigadores mencionados, que este material cerâmico corresponde a um momento pós-romano de ocupação da cidade? Considera-se que esta problemática carece de novos dados, tanto mais que o espólio que se apresenta e estuda, à exceção da área das termas é precisamente o mesmo que resulta dos trabalhos anteriores também desenvolvidos na citada publicação. No futuro a coerência destas indicações deverá ser integrada com outro tipo de cultura material que a cerâmica comum de momento e de forma isolada não consegue solucionar. Todavia, resulta deste conjunto de dados a aparente propensão para épocas mais tardias principalmente do grupo de potes/panelas, tachos e dos fabricos H1 e I. Entende-se no entanto, que a possível futura confirmação desta

<sup>481</sup> Cfr. Volume II. Anexos: X. 4. 24. 1. Síntese dos resultados, p. 570.

<sup>482</sup> Cfr. Volume II. Anexos: X. 4. 24. 1. Síntese dos resultados, p. 570.

<sup>483</sup> Cfr. Volume II. Anexos: X. 4. 24. 1. Síntese dos resultados, p. 570.

orientação cronológica não significará a garantia de povoamento da cidade e a total permanência das suas valências urbanas.

A análise tecnológica e arqueométrica concretizada aos diversos fabricos confirmou a proximidade das subdivisões, demonstrando que as diferenças que originaram esta ramificação se devem essencialmente às variações originadas pela temperatura da cozedura<sup>484</sup>. No que diz respeito à origem mineralógica dos elementos não plásticos ficou certificada a origem não local dos fabricos E, J, L e M.

Sobre esta problemática é revelador verificar que o conjunto de almofarizes e dólios é nitidamente estranho ao contexto mineralógico micro-regional da Aramenha. Esta realidade sugere que na cidade de *Ammaia* existiria preferência pela importação destas duas formas em detrimento da produção autóctone. A especificidade destas duas produções reforça esta dinâmica comercial, sendo ampliada no caso dos dólios pela representatividade do fabrico E, o segundo fabrico mais populoso e igualmente de origem não local.

O caso dos almofarizes atesta a origem litoral bética do fabrico J e uma predileção pela cor clara da pasta para esta forma e função, mesmo nos fabricos de origem local (D e C), também de tom claro. Neste caso parecem ter sido importados não só, os recipientes de almofarizes, como o modelo tipicamente mediterrânico da associação entre cor-função. A materialização estatística deste paradigma produtivo e comercial itálico indicia uma aceitação e reprodução dos gostos mediterrânicos. Tal como no caso dos dólios, apesar de estatisticamente inferior aos fabricos locais C e D, também nos almofarizes está representado o “mesmo” fabrico E, também de origem não local.

Os outros fabricos de origem não autóctone (E e M) registam menor representação quando investigada a relação que estabelecem com as categorias morfológicas, diluindo deste modo a seu significado estatístico e cultural. Dos recipientes importados sobressai a importância atribuída às funções de preparação e armazenamento, sendo notória a particularidade de ambas as produções cerâmicas: almofarizes e *dolia*. Esta especificidade indicia não só, uma preferência por diferentes matérias-primas, como um saber fazer de provável difícil reprodução. Relembra-se no

---

<sup>484</sup> Segundo o Centro Hércules as oscilações de cozedura da mesma peça podem variar até 200° c.

caso dos *dolium* que por todo o império é frequente a sua reutilização, com sucessivos concertos, ampliando o tempo de vida destes recipientes de grandes dimensões. Esta prática deverá certamente ser consequência do considerável valor destes contentores, e resultado do grau de dificuldade inerente à tarefa construtiva. As valências técnicas e decorativas dos almofarizes de fabrico litoral bético fazem também destas peças objectos únicos e de difícil imitação graças a esta acentuada diferenciação tecnológica.

O exemplo da produção de almofarizes indicia face à percentagem de fabricos béticos, que esta influência meridional mediterrânica terá tido um papel orientador na produção e preferências cerâmicas dos *ammaiensis*. Relembramos que longe da litoralização dos exemplos da costa algarvia, alentejana e dos vales do Tejo e Sado, a cidade de *Ammaia* parece ter reproduzido o modelo de tendência mediterrânica também identificado em Balsa (Nolen, 1994, p. 135), com forte inclinação para uma presença de almofarizes com nítida associação entre a cor e a função.

A esta forte influência Elisa de Sousa e Ana Margarida Arruda denominaram de gaditanização do Algarve (Sousa; Arruda, 2010). Neste contexto lembra-se o caso de estudo de *Bracara Augusta*, onde Rui Morais atesta a especial relação comercial com o litoral bético, não só, devido ao extraordinário número de ânforas piscícolas (Morais, 2004, p. 567), mas também pela comercialização de almofarizes no mesmo âmbito (Morais, 2004, p. 570). A ausência de litoralidade de *Bracara Augusta* e a superior distância da capital do noroeste peninsular do litoral território bético, quando comparada com a cidade de *Ammaia*, merece que este comportamento comercial seja no futuro melhor percebido também para o caso ammaiense. Recordar-se que este investigador não hesita em considerar os almofarizes um produto imprescindível e indissociável na comercialização das ânforas béticas piscícolas dada a importância que desempenham para a preparação do *garum* (Morais, 2004, p. 570). Convirá neste seguimento lembrar a convicção de Pedro Pereira sobre a gradual preferência dos dólios pelas ânforas principalmente a partir do século II d. C. nos territórios mais distantes das zonas costeiras, especificamente na *villa* de Vale do Mouro, Coriscada, Mêda (Pereira, 2012, p. 82).

Confirmada a origem não local dos fabricos E, J, L e M será interessante acompanhar os desenvolvimentos da investigação arqueométrica e verificar se as

piroxenas dos fabricos não locais são coincidentes ou não, podendo esta informação fornecer preciosas pistas sobre a proveniência dos fabricos não autóctones.

Os restantes fabricos documentam evidências de matéria-prima resultante da alteração de rochas graníticas e por isso de origem possivelmente local e/ou regional. A exiguidade das amostras não permite no momento desenvolver as singularidades dos fabricos K e H2.

A problematização da morfologia e da relação forma-fabrico documenta para além das principais ilações já mencionadas uma especialização do fabrico A associada aos potinhos e pratos. Esta realidade quantitativa é evidente sendo que este fabrico apenas surge com alguma representatividade também nos potes, sendo residual em todas as restantes categorias morfológicas. Surge assim uma associação direta do fabrico A ao serviço de mesa e mais raramente à função culinária tal como às imitações de “engobe vermelho pompeiano”.

As características morfológicas e tecnológicas do presente conjunto cerâmico permitem concluir que os modelos cerâmicos produzidos e usados na cidade de *Ammaia* correspondem aos padrões utilizados na península itálica desde o Alto Império. A imitação de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano demonstra que os oleiros *ammaiensis* conheciam e reproduziam na perfeição os modelos romanos do centro do império. Este facto é prova de que chegavam até Salvador de Aramenha as tendências cerâmicas mais populares. Qual a rota, ou rotas, que proporcionam esta atualidade face às modas do império? Será certamente uma das muitas questões interessantes a tentar responder com novos dados em futuros trabalhos de investigação.

Os resultados demonstram a opção consciente de utilizar os fabricos locais A, B e I, como os mais indicados para a imitação da produção de engobe vermelho pompeiano, com especial predilecção pelo primeiro (A). Constata-se igualmente na morfologia dos pratos que o único fabrico não nativo presente é o fabrico E. Constata-se curiosamente que este mesmo fabrico (E), de origem não indígena, presente nos dólios e nos pratos, também está presente nos alguidares e se encontra disseminado igualmente pelos tachos, potes, taças, bilhas e cântaros. As características técnicas deste fabrico sugerem consentir boa utilização às tarefas culinárias e de armazenamento de líquidos e sólidos aproximando funcionalmente o fabrico E do fabrico H.

Os pratos covos demonstram maior frequência precisamente do fabrico H1, que se repete como o mais documentado igualmente nas tigelas, terrinas, tachos, potes, púcaros, jarros e tampas. Acrescenta-se ainda do mesmo grupo o fabrico H2, como sendo o mais significativo no conjunto dos fragmentos de alguidar e das taças. O fabrico (H) de cozedura redutora destaca-se como o mais bem distribuído por todas as morfologias, indiciando uma preocupação com a atribuição de funcionalidades culinárias e de preparação para recipientes modelados com este fabrico. O vasto reportório de morfologias atribui a este conjunto uma ampla funcionalidade que se difunde desde a loiça de mesa, à loiça de cozinha, à loiça de armazenar líquidos e sólidos.

A produção local essencialmente dos alguidares/bacias indicia uma preferência pelos fabricos C e D, aproximando através da opção tecnológica cor-função a produção local dos alguidares e dos almofarizes, que também são modelados pelos mesmos fabricos. Esta familiaridade tecnológica entre alguidares/bacias e almofarizes estende-se à cor clara de ambas as produções nativas.

Sobre a cor reporta-se predominância dos tons vermelhos para as formas abertas dos pratos e alguidares, estando o vermelho acinzentado e vermelho acastanhado mais presente nos pratos covo e tachos. O vermelho amarelado permanece como opção mais frequente nas tigelas, almofarizes e panelas. Destacam-se ainda os cinzentos e cinzentos-escuros nos púcaros, jarros e no único suporte (?) identificado. A tonalidade rosa surge associada às terrinas, potes/panelas e tampas. Finalmente, os tons de castanho (muito esbatido, avermelhado) estão documentados preferencialmente nos alguidares/bacias, potes, taças, garrafas e dólhos.

A quantificação das características técnicas testemunha que o fabrico B, muito próximo do A é o preferido para produzir potinhos, bilhas e garrafas estando também bem representado nas tampas. A funcionalidade deste fabrico exprime primazia pelo serviço de mesa.

A relação entre os fabricos e a morfologia expõe ainda uma especial familiaridade entre os potes/panelas e o fabrico G. Esta pasta para além dos potes/panelas apenas se encontra representada de forma secundária na categoria morfológica dos jarros e das tampas.

O tratamento de superfície à exceção dos recipientes de líquidos como as bilhas, cântaros, garrafas, e tampas onde existe predominância do engobe e da aguáda, não

sugere registar nenhuma afinidade especial entre o tratamento de superfície e a forma dos recipientes. Acrescenta-se como destaque nesta relação forma-tratamento de superfície/decoração a reciprocidade entre pratos e o engobe, certamente relacionada com a temática das imitações de modelos itálicos, onde a aguáda também desempenha papel de relevo. Sobre esta temática o desaparecimento ou preservação destes recursos técnicos no registo arqueológico é certamente um factor de grande distúrbio que lembra a citação de Albert Einstein «... nem tudo o que conta pode ser contado» e surge retratada na perfeição no registo da coleção Maçãs, por exemplo através da “descoberta” das pinturas e polimento da bilha nº 2011-10-92 e do jarro nº 2011-10-58. Em suma, como já referido anteriormente quando se refletiu sobre a aplicação de técnicas de restauro a recipientes cerâmicos, a ausência de algo no registo arqueológico não implica a sua completa inexistência.

A problemática da tecnologia com especial destaque para as pastas será continuada e desenvolvida com maior pormenor em colaboração com o Centro Hércules mesmo depois do presente estudo. Tal como os fatores tecnológicos também os indicadores cronológicos e morfológicos dos quais seguidamente se expõem síntese ordenada por categoria morfológica (de acordo com a sequência das estampas<sup>485</sup>), carecem de alguma representatividade, sendo aconselhável ponderar a residualidade dos valores apresentados<sup>486</sup>.

A síntese das características morfológicas destaca na variante dos fragmentos de pequena dimensão o predomínio do lábio boleado em todas as categorias morfológicas, exceto nas panelas, onde impera o lábio biselado. Tal facto sugere estar relacionado com a melhor funcionalidade desta morfologia no uso de tampas. A amostra quantitativa revela que o tipo de bordo extrovertido de aba horizontal é o mais frequente sendo utilizado nos almofarizes, alguidares, bacias/alguidares, tachos, potes/panelas, potes, taças, e que o bordo direito sem inflexão é predominante nos pratos, prato covo e tigelas. Os potinhos/púcaros e bilhas registam preferência do bordo extrovertido de aba soerguida, registando o bordo extrovertido maior representatividade nos púcaros, jarros, cântaros e tampas. O bordo introvertido é o

<sup>485</sup> Cfr. Volume II. Anexos: XI. 3. Estampas (I-CXVI), p 148-267.

<sup>486</sup> Cfr. Tabela síntese das características tecnológicas, morfológicas e cronológicas dos fragmentos, p. 570-572.



mais documentado nas garrafas e talhas, sendo finalmente o bordo introvertido de aba horizontal, apesar da residualidade da amostra o mais repetido na forma das terrinas.

Os valores crono-estratigráficos apresentados basearam-se principalmente na comparação das unidades estratigráficas e nas datações dos contextos sedimentares obtidos através de cerâmicas finas. Mais do que repetir os dados cronológicos de todas as categorias morfológicas importa refletir sobre a residualidade da informação e salientar que esta fragilidade deverá ser testada e necessariamente aperfeiçoada em trabalhos futuros.

Uma das grandes dificuldades da arqueologia de campo continua a ser a obtenção de contextos estratigráficos credíveis e preservados que facultem um registo arqueológico estruturante. Apesar dos dados apresentados serem credíveis e sólidos, a cidade de *Ammaia* não é imune a esta dificuldade. Servindo os dados obtidos como base de conhecimento para futuras tarefas de investigação, a experiência e o potencial do sítio arqueológico revelam que é possível aperfeiçoar consideravelmente os intervalos cronológicos alcançados no momento. Os resultados cronológicos estão diretamente relacionados com o percurso da investigação da cerâmica comum no atual território português e com os progressos científicos do próprio sítio arqueológico. Neste momento da pesquisa os indicadores registam longos intervalos temporais que poderão ser amplamente estreitados<sup>487</sup>. O caso de estudo da cidade de *Ammaia* deverá permitir com a continuidade da investigação na zona intramuros, transformar a produção cerâmica mais abundante num indicador cronológico válido que se possa inclusive “exportar” para o restante território da urbe. A especificidade de formas como os pratos, os almofarizes, determinados potinhos/púcaros e os dólios aconselha que se preste mais atenção a estas morfologias no aperfeiçoamento desta problemática geo-espacial.

A insistência na comparação morfológica entre sítios arqueológicos distintos surge como forma de atenuar as dificuldades expostas. O grande mérito das comparações formais com os recipientes do sítios como o acampamento militar de Lomba do Canho, Arganil é a possibilidade de poder atribuir às formas registadas origem cronológica pré-imperial, dada a segurança das datações quanto ao enquadramento da sede de guarnição militar entre o segundo e o terceiro quartel do século I a. C. (Fabião & Guerra,

---

<sup>487</sup> Inês Vaz Pinto também identificou em São Cucufate esta realidade resultando naturalmente na atribuição de características cronológicas de longa duração a diversas formas.

1987, 287-288). Por este motivo poderemos dizer que a tigela nº 233 e especialmente o grupo de potes/panelas nº 593 (forma IX. 2. 2.), nº 611 (forma I.X. 2. 3. B), nº 835 e 836 (forma IX. 2. 3. A.), nº 1151 (forma I.X. 2. 9), são morfologias com aparente cronologia anterior à formação da cidade de *Ammaia* (Fabião & Gerra, 1987, p. 305). As semelhanças com os bordos das talhas da Lomba do Canho recuam o conhecimento destas formas demonstrando a longa duração das mesmas.

A proximidade formal e decorativa do potinho/púcaro nº 13674 da coleção Maçãs aproxima este recipiente de origem fúnebre, das funções “militares” do nº 509 de Arganil e conseqüentemente das cronologias mais antigas (Fabião & Guerra, 1987, p. 298). Apesar do alerta para a exiguidade da amostra e da possível distorção relacionada com a especificidade dos espaços escavados (Fabião & Guerra, 1987, p. 288) o que mais interessa é a solidez dos indicadores cronológicos, que volvidas três décadas continuam a ser o maior obstáculo para o afinamento dos valores atribuídos à cerâmica comum. Não deixa de ser curioso que os autores destaquem a antiguidade das cerâmicas cinzentas finas polidas produção da qual se aproxima o potinho/púcaro da coleção Maçãs e para a dificuldade de caracterizar conceitos de produção e tradição local ou regional sublinhando a importancia dos estudos arqueométricos (Fabião & Gerra, 1987, p. 306). Mais uma vez apesar de passados 27 “longos” anos sobre esta publicação se confirma a dificuldade em multiplicar a aplicação desta interdisciplinariedade ao paradigma da investigação arqueológica nacional, perpetuando a atualidade de reflexões temporalmente distantes.

A informação relacionada com a proveniência dos fragmentos não revela especial ligação entre quadrados, as unidades estratigráficas e o número de fragmentos. Ou seja, a informação recolhida não indicia existir associação direta entre unidade estratigráfica, quadrado e determinada forma. Os resultados apontam mais para uma superior produtividade das Ue’s [86] e [68], com preferência espacial de ambas as leituras verticais para o quadrado 2635, seguido do quadrado 2734. O estrato [86] é o que reporta maior produtividade e conseqüente maior número de fragmentos distribuídos pela morfologia dos pratos, panelas, taças, bilhas e talhas. O estrato [68] também com elevada representatividade apresenta o maior número de fragmentos de alguidares, potes/panelas, potes e cântaros. Da hegemonia dos estratos mencionados destacam-se

os fragmentos de almofariz registados com maior frequência na Ue [154] e o quadrado 2534, bem como os fragmentos de terrina [98] e de jarros [112] curiosamente também exumados do quadrado 2635. Esta ordenação sugere menor antiguidade da morfologia dos almofarizes, seguida dos jarros face às restantes formas. Todavia, as atuais bases do conhecimento tecnológico, morfológico e funcional da cerâmica comum da cidade de *Ammaia*, aconselham que a análise de possíveis sequências evolutivas (não só, entre morfologias, mas também dentro da mesma morfologia) seja abordada de forma mais estruturada no futuro. Novas publicações e investigações dos Professores Doutores Cristina Corsi e Frank Vermeulen permitirão entender melhor o significado cronológico e cultural de cada unidade estratigráfica, aperfeiçoando os horizontes históricos e possibilitando a ampliação de novas ilações em “velhos” espólios.

A reflexão final sobre a coleção Maçãs não poderia deixar de lembrar o papel desempenhado pela família Maçãs e pelo “eterno” José Leite Vasconcelos na preservação e salvaguardada deste espólio. Este legado documenta a paixão que se encontra associada à prática arqueológica e a necessidade de introduzir constantes melhorias às metodologias aplicadas.

O acervo da coleção Maçãs facultou o acesso a formas inteiras praticamente inexistentes na zona intramuros. Esta preciosa comparação e integração morfológica entre mundo funerário e residencial desempenharam um inestimável contributo para o ordenamento final do quadro morfológico-funcional apresentado. Desta comparação resulta a completa integração das formas e fabricos, bem como a confirmação das menores dimensões dos recipientes oriundos das necrópoles.

O presente exemplo demonstra que não é “orçamentável” a dimensão cultural, geracional e simbólica que os museus podem desempenhar para a identidade das comunidades, regiões e nações.

Expostas as principais características técnicas e formais deste conjunto cerâmico seria pertinente o rumo de futuras investigações não ignorar a crucial importância que representa a localização precisa das necrópoles que estão na origem do espólio da coleção Maçãs. Sérgio Pereira em 2009 apresenta sugestões sobre a localização da área urbana e respetivas necrópoles (Pereira, 2009, p. 171) e os recentes trabalhos de geofísica de Cristina Corsi e Frank Vermeulen (Corsi & Frank Vermeulen, 2012, 2013) aperfeiçoam especialmente esta questão. O afinamento cartográfico mais preciso desta

informação poderia possibilitar retomar os atos que precedem a correspondência entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos e quiçá alcançar informação que se considera há muito fatalmente perdida. Poder-lhe-íamos chamar uma contextualização adiada. Na verdade as diversas peripécias desta coleção retratam de certo modo parte da evolução das práticas e metodologias arqueológicas aplicadas no atual território português.

Os valores crono-estratigráficos foram entendidos principalmente mediante a comparação das unidades estratigráficas e das datações obtidas através das características das cerâmicas finas. Apresentam pelos motivos expostos as limitações resultantes dos seguintes balizamentos cronológicos: Tibério- Cláudio (37/54); Cláudio - Nero (41-45/54-68); Flávio Antonino (69-96/96-192); segundo quartel do século II; segunda metade do século II/III (150-229); 225-250/275+; século IV (300-399); segunda metade do século V (450-499).

Sobressaem da síntese dos resultados o longo intervalo de utilização na generalidade das morfologias e por oposição os balizamentos temporais obtidos para os almofarizes (Cláudio - Nero (41-45/54-68); Flávio Antonino (69-96/96-192), terrinas (Tibério- Cláudio (37/54); 225-250/275+), e tampas (Cláudio - Nero (41-45/54-68). Os dados demonstram igualmente que são as tigelas, tachos, potes/panelas, potes, potinhos/púcaros e bilhas as morfologias que registam mais informação cronológica.

A ausência de litoralidade da cidade de *Ammaia* não inviabilizou o conhecimento e imitação de modelos cerâmicos de engobe vermelho pompeiano. As imitações ammaienses apesar de também produzirem as formas 3 e 5 da *Tarraconense* (Aguarod Otal) e serem multifuncionais, confirmam o predomínio da forma 6 e maior pendor para a função culinária. Esta realidade do registo arqueológico de Salvador de Aramenha vai ao encontro do que em capítulo próprio<sup>488</sup> se apelidou de preferência para a litoralização das importações e da função de servir à mesa ou de preparação de alimentos, bem documentadas em Santarém, (Arruda & Viegas, 2002, 222), Lisboa (Fernandes & Filipe, 2007, 237) e mesmo em Alcácer do Sal apesar de registar poucos exemplares (Sepúlveda et al., 2008, pp. 288-289).

Contrastando com as cidades portuárias destacam-se os casos de Braga (Delgado, 1991, p. 117), Conímbriga (Alarcão, 1976, p. 54) e *Ammaia* onde estão mais certificadas

<sup>488</sup> Cfr. VII. 2. 4. Imitações de engobe vermelho pompeiano, p. 124, 155-158.

as imitações e a função de servir à mesa ou de preparação de alimentos. Já na década de setenta Alarcão realça a versatilidade desta produção através da ocorrência de vestígios de fogo também nos pratos com engobe (Alarcão, 1976, p. 54). Sobre este carácter multifuncional convirá destacar os sulcos aleatórios originados pela ação provável de uma faca, no fragmento nº 1088, associando este recipiente também à preparação de alimentos.

As orientações cronológicas alto imperiais deste conjunto de imitações sugerem um termo *ante quem* provavelmente associado ao consulado de Augusto ou Tibério. A parca informação estratigráfica e quantitativa apesar de poder facilmente desvirtuar interpretações sugere no entanto, a gradual omissão da aplicação do engobe e a sua substituição por finas camadas de aguáda. Esta provável evolução terá de ser verificada como opção consciente e representativa de diferentes modelos de consumo, onde seja valorizada a produção local/regional das imitações com provável tendência para a especialização. O contributo dado pela observação de recipientes inteiros proporcionado pela observação da coleção Maças favoreceu esta interpretação. Relacionado com esta temática surge a necessidade da comunidade científica rever e ampliar os critérios generalistas que imperam sobre o entendimento dado ao aparente espartano tratamento de superfície dos recipientes de cerâmica comum.

## XIX. REFLEXÕES FINAIS

As ponderações finais reportam instintivamente ao início de todo o processo científico e académico, bem como à longa história que a cidade de *Ammaia* proporciona. Também por este motivo se considera pertinente relembrar a aparente dicotomia princípio-fim a florada no início deste estudo com uma citação de Agostinho da Silva. Serve este alerta não só, para valorizar a importância e aplicação da metodologia proposta, como para ampliar o significado da dualidade dos dois conceitos.

O que aproximou os conceitos de princípio e fim neste estudo foi sem dúvida a ferramenta metodológica, funcionando como autêntico farol estrutural para a elaboração de tão vasta tarefa. A dialética desta dualidade pretende no momento demonstrar que mesmo o conceito teórico de fim pode ser questionado convertendo-se noutro qualquer princípio.

"Todo o fim é contemporâneo de todo o princípio; só a nossos olhos vem depois."

Agostinho da Silva.

O princípio de algo neste caso tenderia a querer manifestar-se no desejo que as bases informativas agora lançadas possam ter continuidade. O processo científico vive dessa dinâmica e seria valioso poder-se obter e confrontar dados arqueométricos de diversas categorias morfológicas, com paralelos confirmados em diferentes sítios arqueológicos da Lusitânia. Lembram-se particularmente o caso dos pratos, dos almofarizes, dos tachos, dos potes/púcaros ou dos dólios. Esta comparação tecnológica entre formas iguais de sítios diferentes poderia acrescentar interessantes dados sobre a proveniência e conseqüente difusão comercial e produtiva de determinada região, aproximando-nos das dinâmicas micro e macro regionais que estas produções cerâmicas terão desenvolvido.

A cidade de *Ammaia*, ainda mais do que no início deste processo, continua a fascinar, estando a origem deste poder nas características da sua historiografia e na ação dos estudiosos que nos precedem. Esta questão permite salientar a importância do registo na construção do conhecimento histórico-arqueológico. A relevância deste acto aumenta quando ponderado o índice de pilhagem e destruição a que o sítio arqueológico foi alvo.

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia,  
um morto que vive."

Padre António Vieira

Os sedimentos e cultura material que guarda a cidade de *Ammaia* são tão preciosos como um livro, com a agravante de não terem sido ainda registados. Aflorado o tema do que poderia inspirar um sermão de inegável atualidade, urge materializar o que se verbaliza depois do reconhecimento universal e unânime do valor do património.

Curioso é constatar a importância que a história e a arqueologia em particular assumem para as identidades nacionais e regionais, sendo que o mapa político do qual a *Ammaia* romana fez parte está na base da divisão geográfica, política e religiosa, que ainda hoje divide culturalmente a Europa: o império romano do ocidente a sul, e o mundo bárbaro dos que não falam latim a norte. Não se resiste a dizer que os recipientes exercem influência crucial na forma como as comunidades evoluem e

consequentemente na sua forma de estar e pensar o mundo. Este facto é indissociável do recipiente não existir sem conteúdo e dos processos produtivos de ambos (contéudos e recipientes) se influenciarem mutuamente. Assim se percebe melhor, por exemplo, o porquê de um homem que beba cerveja de uma caneca não pensar nem decidir do mesmo modo que um homem que beba champanhe de uma flute, ou espumante de um copo alto.

Os exemplos apresentados são paradigmáticos e esclarecedores quanto à necessidade de instruir eleitos e eleitores sobre as suas origens. Demonstrada a importância que desempenha a busca das identidades para um bom entendimento e governo das comunidades, resta que este valor não se esqueça ou desbarate, para que a harmonia entre comunidades seja mais possível, e não uma mera visão profética da espiritualidade e linguística de Vieira ou Pessoa.

O estudo cerâmico apresentado apesar de ter como principal objetivo a elaboração de um quadro tecnológico, morfológico e funcional, demonstra também a sua dimensão cultural, tendo sido igualmente possível identificar pormenores da produção e comércio da cerâmica comum da cidade de *Ammaia*. A dimensão da tarefa foi proporcional à extensão do registo e ao estudo dos dados compilados, esbarrando a obtenção de resultados pertinentes e válidos, na dificuldade de padronizar o comum, identificando igualmente o singular do vulgar. Em suma, tornou-se complexo identificar as dissemelhanças e extrair os detalhes pertinentes e válidos para os diversos balizamentos realizados.

Os valores alcançados representam um longo e penoso processo de complexos desenvolvimentos, inevitavelmente iniciados na busca da forma, técnica e função. Todavia, os resultados morfológicos, tecnológicos e funcionais permitiram também aflorar preferências denunciadoras do gosto dos oleiros e dos consumidores da cidade de *Ammaia*. Determinadas particularidades de valor cultural foram assim alcançadas sendo comprovadas por exemplo, pela forma como os *ammaiensis* produziram, imitaram e importaram os pratos, os almofarizes, os potinhos/púcaros ou os dólios.

“Diz-me o que comes, dir-te-ei o que és. O carácter de uma raça pode ser deduzido simplesmente do seu método de assar a carne. Um lombo de vaca preparado em Portugal, em

França, ou Inglaterra, faz compreender talvez melhor as diferenças intelectuais destes três povos do que o estudo das suas literaturas”.

Eça de Queiroz

Apesar do pensamento de Eça de Queiroz pressupor as fases preparatórias da refeição, o âmbito deste estudo obriga a sublinhar a pertinência e validade das questões prévias à mesa, relacionadas com a construção do recipiente e que se podem sintetizar na seguinte reformulação:

Diz-me com o quê, como, e onde constróis o recipiente, dir-te-ei quem és.

Vítor Manuel da Silva Dias



---

BIBLIOGRAFIA<sup>489</sup>

AA.VV. (1981): Atlante delle forme ceramiche, Enciclopedia dell'Arte Antica, Classica e Orientale Roma.

ABASCAL J. M. & CEBRIÁN R. (2009). O Estatuto jurídico de *Ammaia* a propósito de uma inscrição copiada em 1810. In Encarnação (Eds), *Marvão e a Ammaia ao tempo das Guerras Peninsulares* (p. 15-32). Ibn Maruán. Nº especial. Marvão: Edições Colibri.

AGUAROD OTAL, C. (1991). *Cerámica común romana de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.

AGUAROD OTAL, C. (1995). La cerámica común de producción local, regional y importada. Estado de la cuestión en el Valle del Ebro. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (p. 129-153). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

ALARCÃO, A. M. & ALARCÃO, J. (1966). O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conímbriga*, 5, p. 7-104.

ALARCÃO, J. (1971). Vidros romanos de Aramenha e Mértola. *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 5, p. 191-206.

ALARCÃO, J. (1974). A necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel). *Conímbriga*, 13, p. 5-32.

ALARCÃO, J. (1974 B). Cerâmica Comum local e Regional de Conímbriga. *Suplementos de Biblos*, 8, Coimbra.

ALARCÃO, J. (1975). La céramique commune, locale et régionale. In Alarcão, J., Étienne, R., eds., *Fouilles de Conímbriga*. V. Paris: Diff. E. de Bocard.

ALARCÃO, J., DELGADO, M., MAYET, F., ALARCÃO, A. & PONTE, S. (1976). Céramiques diverses et verres. In Alarcão, J.; Étienne, R., eds. - *Fouilles de Conímbriga*. VI. Paris: Diff. E. de Bocard.

ALARCÃO, J. (1983). *Portugal Romano*. (3ª edição revista). Lisboa: 33ª Coleção "História Mundi".

ALARCÃO, J. (1985a). *Introdução ao Estudo da Casa Romana*. Cadernos de Arqueologia e Arte. 4. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ALARCÃO, J. (1985b). Sobre a romanização do Alentejo e Algarve – a propósito de uma obra de José d'Encarnação. *Arqueologia*, 11, Porto: G.E.A.P.

---

<sup>489</sup> De acordo com a Norma APA – *American Psychological Association*. Publication Manual of the American Psychological Association.

ALARCÃO, J. (1988a). *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa América.

ALARCÃO, J. (1988b). Os montes Hermínios e os Lusitanos. In *Livro de homenagem a Orlando Ribeiro*. Vol. II, Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, p. 41-47.

ALARCÃO, J. (1988c). *Roman Portugal*. Vol. II, 2 e 3. Warminster.

ALARCÃO, J. (1999). Três notas sobre o Alentejo Romano. *Al Madan*. 2ª serie 8, Almada, p. 72-74.

ALARCÃO, J., DELGADO, M., MAYET, F., ALARCÃO, A. & PONTE, S. (1976). Céramiques diverses et verres. In Alarcão, J., Étienne, R., eds. - *Fouilles de Conímbriga*. VI. Paris: Diff. E. de Bocard.

ALARCÃO, A. M. & MARTINS, A. N. (1976). Uma cerâmica aparentada com as "paredes finas" de Mérida. *Conímbriga*, 15, p. 91-109.

ALMEIDA, M. J. & CARVALHO, A. (2005). *Villa Romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): A Lixeira baixo-imperial*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8.1, Lisboa, p. 299-368.

ANTUNES, A. S. (2000). Vidros romanos da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3: 2, Lisboa, p. 153-199.

ALVARADO M. & MOLANO, J. (1995). Aportaciones al conocimiento de las cerámicas comunes altoimperiales en *Augusta Emerita*: el vertedero de la calle Constantino. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (p. 281-296). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

ÁLVAREZ, M. B. (2011). *La cerâmica romana en Augusta Emerita en la época Altoimperial. Entre el consumo y la exportación*. Colección de Estudios Históricos de la Lusitania. Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida.

AMARO, C., BUGALHÃO, J. & SABROSA, A. (1996). Complexo fabril romano na Rua Augusta. Notícia preliminar. In Filipe, G.; Raposo, J. M. C., (Eds.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado* (p. 199-214). Lisboa: Dom Quixote.

ARRAIS, F. (1589). *Diálogos de frei Amador Arrais*. Introdução e Revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão editores (1974).

ARRUDA, A. & ALMEIDA, R. R. (2000). Importação e consumo de vinho Bético na Colónia romana de *Scallabis* (Santarém, Portugal). In *Congresso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Écija- Sevilla, 17 al 20 de Diciembre de 1998 (p. 703-7715). Vol. II. Écija : Graficas Sol.

ARRUDA, A. M. & PEREIRA, C. S. P. (2008). As ocupações antigas e modernas no Forte de S. Sebastião, Castro Marim. In *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, Outubro de 2007* (p. 365-395). *Xelb* 8, Vol. I. Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

ARRUDA, A. M. (2001). Importações púnicas no Algarve: cronologia e significado. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional, Outubro de 2000* (p. 69-98). Lisboa: Universidade Aberta.

ARRUDA, A. M. (2007). *Laccobriga* e o seu território. In *Laccobriga. A ocupação romana na Baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos, p. 7-48.

ARRUDA, A. M. & SOUSA, E. (2003). A cerâmica de Paredes Finas na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6. 1, Lisboa, p. 236-286.

ARRUDA, A. M., SOUSA, E., LOURENÇO, P. & BARGÃO, P. (2008). Monte Molião (Lagos) - Resultados de um projecto em curso. In *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve* (p. 161-192). *XELB*, 8. Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

ARRUDA, A. M. & ALMEIDA, R. R. (1999). Importações de vinho itálico para o território português: contextos, cronologias e significado. In *Économie et territoire en Lusitanie romaine: actes de l'IIIème Table ronde sur la Lusitanie romaine* (p. 307-337). Madrid: Casa de Velázquez.

ARRUDA, A. M., BARGÃO, P. & SOUSA, E. (2005). A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8. 1, Lisboa, p. 177-208.

ARRUDA, A. M. & VIEGAS, C. (2002). As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5. 1, Lisboa, p. 221-238.

ARRUDA, A. M. & VIEGAS, C. (2004). Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal). In *Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule: actes du Congrès de Vallauris, 20-23 mai 2004* (p. 341-349). Marseille: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule.

ARRUDA, A. M., VIEGAS, C. & BARGÃO, P. (2010). A cerâmica comum de produção local de Monte Molião. In *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve Silves 2009* (p. 285-304). *Xelb* 10. Silves: Câmara Municipal de Silves.

ARRUDA, A. M., VIEGAS, C., BARGÃO, P. & PEREIRA, R. (2006). A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana. In *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica* (p. 153-176). Setúbal Arqueológica 13. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnologia do distrito de Setúbal (MAEDS).

BALFET, H., FAUVET-BERTHELOT, M. F. & MONZON, S. (1989). *Lexique et typologie des poteries. Pour la normalisation de la description des poteries*. Paris : Presses du CNRS.

BATS, M. (1988). *Vaisselle et alimentation à Olbia em Provence (v.350-v.50 av. J.-C.). Modèles culturels et catégories céramiques. Revue archéologique de Narbonnaise, supplément 18*. Paris : Édition du Centre Nacional de la Recherche Scientifique

BATS, M. (1993). Céramique commune italique. In Py, M. (Eds.), *Dicocer, Dictionnaire des céramiques antiques (VIIe s. av. n.è. – VIIe s. de n. è) en méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan (p. 357- 36)*. Lattara 6. Lattes : Association pour la Recherche archéologique en Languedoc Oriental.

BATS, M. (ed.) (1996). Remarques finales. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonnaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.). La vaisselle de cuisine et de table (p. 481-484)*. Nápoles: Centre Jean Bérard.

BELTRÁN LLORIS, M. (1990). *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza : Pórtico.

BÉRAUD, I. & GÉBARA C. (1996). Les céramiques communes de Fréjus : production et consommation. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonnaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.). La vaisselle de cuisine et de table (p. 299-325)*. Nápoles: Centre Jean Bérard.

BERNARDES, J. P. (2008). O centro oleiro do Martinhal. In *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (p. 191-212)*. Xelb 8. Vol. I. Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

BORGES, S. (2002). A cidade romana de *Ammaia*: as termas do fórum (notícia preliminar). *Ibn Maruán, 12*, Marvão, p. 85-97.

BORGES, S., CARVALHO, J. & PEREIRA, S. (1999). Cidade romana de *Ammaia*. Fundação Cidade de *Ammaia*. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.

BRAGANTINI, I. (1996). La ceramica da cucina dello scavo di Pallazzo Corigliano e il commercio della ceramica campana da cucina. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonnaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.). La vaisselle de cuisine et de table (p. 173-182)*. Nápoles: Centre Jean Bérard.

CABRAL, J. M. P., WAERENBORGH, J. C., FIGUEIREDO, M. O. & MATIAS, P. H. M. (1986). Contribuição para o estudo da cerâmica cinzenta fina de Conímbriga e de Santa Olaia por espectroscopia Mössbauer e difração de raios X. *Conímbriga, 25*, Coimbra, p. 5-21.

CAEIRO, J. O. (1978). Observações sobre a cerâmica comum romana do séc. III proveniente da “cidade das rosas” Serpa. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (249-271)*. Vol. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

CAEIRO, J. O. (1979). O espólio arqueológico da Herdade do Reguengo, Vaiamonte. *Conímbriga, vol. XVIII*, Coimbra, p. 113-120.

CALADO M. J.M., BARRADAS, M. P. & MATALOTO, R. J. L., (1999). Povoamento proto-histórico no Alentejo central. *Revista de Guimarães, Volume especial I*, Guimarães, p. 363-386.

CARDOSO, G. & RODRIGUES S. (1996). O contexto oleiro de Muje na produção romana do baixo e médio Tejo. In Filipe, G. & Raposo, J.M.C. (Eds.), *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas Sobre Romanização dos estuários do Tejo e do Sado* (p. 167-191). Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote. Lisboa.

CARDOSO, P. L. (1747). Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica. Tomo 1. Lisboa: Regia Oficina Sylviana e da Academia Real.

CARNEIRO, A. (2002). O fim do império e a cristianização no território da *civitas ammaiensis*: mudança e continuidade no concelho de Fronteira. *Ibn Maruán, 12*, Marvão, p. 135-157.

CARNEIRO, A. (2004). *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*. Câmara Municipal de Fronteira e Câmara Municipal de Cascais: Edições Colibri.

CARNEIRO, A. (2005). Espólio da necrópole romana da herdade dos Pocilgais (Fronteira). Uma leitura integrada. *O Arqueólogo Português, vol. 23*, Lisboa, p 283-320.

CARVALHO, P. C. (1998). *O forum de Aeminium*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

CARVALHO, P. C. & MORAIS, R. (2010). “Terra Sigillata de tipo itálico”. In Alarcão, J., Carvalho, C., Gonçalves, A. (coords), *Castelo da Lousa: Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002* (p. 139-151). Studia Lusitana 5. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

CARVALHO, J. (2002). *Ammaia e a sua rede viária, algumas propostas de trabalho*. *Ibn Maruan, 12*, Marvão, p. 9-8.3

CASAS, J., PERE CASTANYER, J. M. NOLLA & TREMOLEDA J. (1995). Les ceràmiques comunes locals del N.E. de Catalunya. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Ceràmica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió* (p. 99-127). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

CASTIGLIONE MORELLI V., 1996. Ceramica comune della casa di Iulius Polybius a Pompei. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 105-111). Nápoles: Centre Jean Bérard.

CERQUEIRA, J. (2005). Aspectos físicos da Freguesia de S. Salvador da Aramenha. In OLIVEIRA J. (Coord.), *S. Salvador da Aramenha: História e Memórias da Freguesia* (p. 19-24). Ibn Maruan. 13. S. Salvador da Aramenha, Marvão: Edições Colibri.

CICIRELLI, C. (1996). La ceramica comune da Terzigno: nota preliminare. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 157-171). Nápoles: Centre Jean Bérard.

- CIPRIANO, M. T. & DE FABRIZIO S. (1996). Benevento. Il quartlere ceramico di Cellarulo: prime osservazione sulla tipologia ceramica. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 201-223). Nápoles: Centre Jean Bérard.
- CHIOSI, E. (1996). Cuma: una produzione di ceramica a vernice rossa Interna. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 225-233). Nápoles: Centre Jean Bérard.
- COELHO-SOARES, A., (1987). Materiais arqueológicos da Courela dos Chãos (Sines). *Setúbal Arqueológica VIII*, Setúbal, p. 193-202.
- CORNIDE J. A. C. F. (1800). Estado de Portugal en el año de 1800. *Memorial Histórico Español* 26-28. Madrid, Real Academia de la História, 1893, 1894 e 1897.
- CORSI, C. & VERMEULEN F. (Eds) (2010). *Changing Landscapes. The impact of Roman towns in the Western Mediterranean. Proceedings of the International Colloquium, Castelo de Vide – Marvão, 15–17 May 2008*. Ricerche, Series Maior 1. Bologna: Ante Quem.
- CORSI, C. & VERMEULEN F. (2007). Elementi per la ricostruzione del paesaggio urbano e suburbano della città romana de *Ammaia* in *Lusitania*. *Archeologia Aerea* 3, p. 13-30.
- CORSI, C. & VERMEULEN F. (Eds) (2012). *Ammaia I: The Survey A Romano-Lusitanian townscape revealed*. Ghent: Academia Press.
- CORSI, C. & VERMEULEN F. (Eds) (2013). *Ammaia – A Roman town in Lusitania. Uma cidade romana na Lusitânia*. Marvão: Radio Past Radiography of the past.
- DE CAROLIS, E. (1996). Ceramica comune de mensa e da dispensa di ercolano. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 121-128). Nápoles: Centre Jean Bérard.
- DE MAN, A. (2006). *Conímbriga - Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Ed. Sílabo.
- DELGADO, M. (1994). Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga. *Cadernos de Arqueologia, Série II. 10-11*, Braga, p. 113-149.
- DELGADO, M. & MORAIS, R. (2009). *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Porto: CITCEM.
- DEPREZ, S. (2004). Geoarchaeology In the northern Alentejo region, Portugal: a geomorphological approach: Fieldwork Report 2004. Universiteit Gent. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.
- DI GIOVANNI, V. (1996). Produzione e consumo di ceramica da cucina nella Campania romana (II a.C.-II d.C.). In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 65-103). Nápoles: Centre Jean Bérard.



DIAS, J. (1965). Da olaria primitiva ao torno de oleiro. *Revista de Etnografia*, 4 (1), p. 5-31.

DIAS, L. T. (1997). *Tongobriga*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

DIAS, V. S. (2002). *A cerâmica comum romana da casa da porta sul de Idanha-a-Velha*. Dissertação da tese de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

DIAS, V. S. (2011). A cerâmica comum de *Ammaia*. Apresentação de projecto de tese de doutoramento. In Cascalheira. J. & Gonçalves C. (Eds.), *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica 11 a 13 de Maio de 2011, vol. II* (347-351). Faro: N.A.P.D. A.H.F.C.H.C Universidade do Algarve.

DIAS, V. S. (2013). Notícia sobre a cerâmica comum da cidade de *Ammaia*: almofarizes de importação bética. In Arnaud. J. M, Martins, A. & Neves C. (Eds.), *Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal 150 anos* (p. 821-825). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

DIAS, V. S. (no prelo I). A cerâmica de “engobe vermelho pompeiano: imitações”. O caso de São Salvador de Aramenha. A cidade de *Ammaia*: Porta Sul. In *Actas do II Congresso Internacional de La SECAH – Ex Officina Hispania*. Braga: Ex Officina Hispania, 2013, (SUBMETIDO).

DIAS, V. S. (no prelo II). Cerâmica comum de *Ammaia*. Desenvolvimentos da investigação. Apresentação tipológica. Exemplos de produções locais, importações e imitações. In *Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição: o mundo funerário*. Évora, 2013. (SUBMETIDO).

DIOGO, A, FARIA, J. & FERREIRA, M. (1987). Fornos de ânforas de Alcácer do Sal. *Conímbriga*, 26, Coimbra, p. 77-111.

ESCRIVÀ TORRES, V. (1995). Cerámica común romana del *Municipium Liria Edetanorum*. Nuevas aportaciones al estudio de la cerámica d’*época altoimperial* en la Hispania Tarraconensis. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d’*época Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió** (p. 167-186). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d’Arqueologia de Catalunya.

ENCARNAÇÃO, J. D’ (1984). *Inscrições romanas do Conventus Pacensis I-II*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC (=IRCP).

FABIÃO, C. (1993-1994). O azeite da *Baetica* na Lusitânia. *Conímbriga*, 32-33, p. 219-245.

FABIÃO, C. (1998). O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1, 1, Lisboa, p. 169-168.

FABIÃO, C. (2000). O sul da Lusitânia (Algarve português) e a *Baetica*: concorrência ou complementaridade? In *Congresso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas*,

*aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Écija- Sevilla, 17 al 20 de Diciembre de 1998 (p. 717-730). Vol. II. Écija : Graficas Sol.

FABIÃO, C. (2004). "Centros oleiros da Lusitania: Balanços dos conhecimentos e perspectivas de Investigação." In Bernal, D., Lagóstena, L., (Eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas em la bética (ss. II a. C. – VII d. C.)*. Actas del Congreso Internacional. Cádiz, 12-14 Noviembre de 2003 (p. 379-410). Vol. II. Oxford : ARcheopress (B.A.R. International Series 1266).

FABIÃO C. (2008). Las ánforas de Lusitania. Cerámicas hispanoromanas. Un estado de la cuestión. In D. Bernal y A. Ribera Lacomba (eds.), *Actas del XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores. Trabajando con hornos romanos: investigaciones arqueológicas centros de producción cerámica. Cadiz 28 Septiembre-5 Octubre 2008* (p. 725-745). Cádiz: Universidad de Cádiz.

FABIÃO, C. (2008). José Leite de Vasconcelos (1858-1941): um arquéologo português. *O Arqueólogo Português*, série IV, 26, p. 97-126.

FABIÃO, C. (2009). Modelos forenses nas cidades da Lusitania: balanços e perspectivas. In Nogales Basarrate, T. (Eds.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (343-360). Studia Lusitana 4. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

FABIÃO, C. (2009). "A dimensão atlântica da Lusitânia: periferia ou charneira no império romano." In Gérard Gorges, J., D' Encarnação J. Nogales Basarrate, T. & Carvalho A. (Eds.), *A Lusitânia romana. Actas da VI mesa-Redonda internacional sobre a Lusitânia romana* (p. 53-74). Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

FABIÃO, C. & GUERRA, A (1987). Considerações preliminares sobre a cerâmica comum do acampamento militar da Lomba do Canho, Arganil. *Separata Da Pré-História à História, homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*, Lisboa, Editorial Delta, p. 287-308.

FEDERICO, R. (1996). La ceramica comune dal territorio dei Liguri Baebiani. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 183-200). Nápoles: Centre Jean Bérard.

FERNANDES, A. P., PERDIGÃO, J. C., CARVALHO, H. F. & PERES, A. M. (1973). *Carta Geológica de Portugal Notícia Explicativa da folha 28-D (Castelo de Vide)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

FERNANDES, L. (2003). "Capitéis romanos de Ammaia (S. Salvador da Aramenha - Marvão)". *O Arqueólogo Português*, 4.ª série, 19 (2001--2003), Lisboa, p. 95-158.

FERNANDES, L. & FILIPE, Victor (2007). Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10. 2, Lisboa, p. 229 – 253.

FREIRE, J. G. (1982). Mulher de Ammaia curada em La Rioja (Castela). *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, 4, Portalegre, p. 42.



GABRIEL GIJÓN, E. (2004). Las terracotas figuadas del Museu Nacional de Arte Romano de Merida. *Cuadernos emeritenses*, 24. Museu Nacional de Arte Romano, Asociación de amigos del museo, Mérida.

GASPERETTI G., (1996). Produzione e consumo della ceramica comune da mensa e dispensa nella Campania romana. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.). La vaisselle de cuisine et de table* (p. 19-63). Nápoles: Centre Jean Bérard.

GORJÃO, S. & LIBERATO J. LIBERATO J. (1993). O actual concelho de Marvão e suas freguesias nas "Memórias Paroquiais de 1758. *Ibn Marúan*, 3, Marvão, p. 51-83.

GORGES, J.-G. (1997). Villes et villas de lusitanie. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires*, Table ronde Internationale du CNRS (Talence, le 8-9 décembre 1988) (Collection de la maison des pays ibériques, 42) (p. 91-113). Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

GOUDINEAU, C. (1970). Note sur la céramique à engobe Interne rouge-pompéien (Pompejanisch-roten platten). *Mélanges de l'École Française de Rome*. 82, Roma, p. 159-186.

GUERRA, A. (1995). *Plínio-o-Velho a Lusitânia*. Lisboa: Coleção Arqueologia & História Antiga, Ed. Colibri.

GUERRA, A. (1996). *Ammaia, Medobriga e as ruínas de S. Salvador da Aramenha; dos antiquários a historiografia actual*. A Cidade. *Revista Cultural de Portalegre*, 11, p. 7-33,

GUSMÃO, F. & RODRIGUES, A. (1874) Apontamentos archeologicos: medalhas de prata encontradas nas antigas ruínas de Medobriga (Aramenha). *Boletim Architectonico e de Archeologia*, 2 série 3, Lisboa, p. 45-46.

GUSMÃO, F. & RODRIGUES, A. (1876). Apontamentos archeologicos: Medobriga. *Boletim Architectonico e de Archeologia*, 2 série, 1 (10), Lisboa, p. 152-153.

GUSMÃO, F. & RODRIGUES, A. (1961) -"Apontamentos archeologicos: Porta da Aramenha, Medobriga", *Hermínio. Boletim Architectonico e de Archeologia*. IV (3), Lisboa, p. 394-95, 402-404.

HAYES, J. W. (1972). *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.

JALHAY, E. (1947). Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo da Aramenha romana (concelho de Marvão). *Brotéria*, XLV, 6, Lisboa, p. 615-633.

JAUME BUXEDA, ÀNGEL CAU, M., GURTM., J. & FRANCESC TUSET (1995). Análisis tradicional y análisis arqueométrico en el estudio de las cerámicas comunes de época romana. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (p. 39-60). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

JOSÉ CONDE, M., MIGUEL CURA, JOAQUIM GARCIA, JOAN SANMARTÍ & DOLORS ZAMORA (1995). Els precedents. Les ceràmiques de cuina a torn pre-romanes en els jaciments ibèrics de Catalunya. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Ceràmica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió* (p. 13-23). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

LAMBOGLIA, N. (1950). *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della ceramica romana. Parte prima. Campagne di scavo 1938-1940*. Bordighera: Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri.

LANGSDORFF, G. H. von (1798). Cod. Ms. Hist 39. Niedersächsische Staats-und Universitätsbibliothek Göttingen.

LE ROUX, P., (1986). Municipie et droit latin en Hispania, *Révue historique de droit français et étranger*, 64, Paris, p. 325-50.

Le Roux, P. (1990). Les villes de Statut municipal en Lusitanie romaine. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires* (p. 35-49). Paris: C.N.R.S Editions du Centre national de la recherche scientifique.

LE ROUX, P., (1994). Bracara Augusta, ville latine, In Jorge, V. O. (Eds.), *Congresso de Arqueologia Peninsular* (p. 229-41). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (3-4). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

LEAL, P. (1873). *Portugal Antigo e Moderno, Dicionario Geographico, Estatístico, Chorografico, Heráldica, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Vi/las e Freguezias de Portugal e de Grande Numero de Aldeias*. Vol. 1. Lisboa: Emprêza Literária Flumlnense, Lda.

LUÍS LUÍS, (2010). In Alarcão, J., Carvalho, C., Gonçalves, A. (coords), *Castelo da Lousa: Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002* (p. 111-138). *Studia Lusitana* 5. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

LOESCHCKE, S. (1909). Keramische Funde in Haltern, ein Beitrag zur Geschichte der augusteischen Kultur in Deutschland. In *Mitteilungen Attertumskommission für Westfalen* . V. p. 101-322

LOESCHCKE, S. (1919). *Lampen aus Vindonissa. Ein Beitrag zur Geschicht e von Vindonissa und des antiken Beleuchtungswesens*. Zurich.

LOESCHCKE, S. (1942). Die Römische und die belgische Keramik aus Oberaden. In Albrecht, CH., *Das Römerlager in Oberaden*. Vol. II. Dortmund.

MAÇÃS, D. (1991). *Livro de Horas dos Olhos d'Água em Marvão*. Lisboa: edição de autor.

MACIEL, M. J., (tradução do latim, introdução e notas) (2006). *Vitrúvio, Tratado de Arquitectura. Vitruvii Decem Libri*. Lisboa: Ist Press Instituto Superior Técnico.

MADEIRA, J. L., (2002). *O desenho na Arqueologia*, Instituto de Arqueologia. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MANASSE, G. (1973). Ceramica a vernice rossa Interna” In FORVA, A., ed. - *Scavi di Luni* (p. 278-281). Roma: L’Erma di Bretschneider.

MANTAS, V. G. (1993-1996). *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, Partes I-II. Coimbra. Dissertação de doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

MANTAS, V. G. (1998). Colonização e aculturação no Alentejo romano”. *Arquivo de Beja, Série 3*, 7-8, Beja, p. 33-61.

MANTAS, V. G. (2000). A sociedade luso-romana do município de *Ammaia*. In *Sociedade y Cultura en Lusitania Romana*. In Gorges, J. G. & Nogales, T. (coords) *Sociedad y cultura en Lusitânia romana IV Mesa Redonda Internacional* (p. 391-420). Série Estudios Portugueses. 13. Mérida: Junta de Extremadura.

MANTAS, V. G. (2002). Libertos e escravos na cidade luso-romana de *Ammaia*. *Ibn Maruán*, 12, Marvão, p. 49-68.

MANTAS, V. G. (2004). Novidades epigráficas de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão). In C. Auliard et L. Bodiou (Eds.), *Jardin des Hespérides. Histoire, Sociépigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à Aloïn Tranoy* (p. 87-105). Rennes: Presses Universitaires Rennes (PUR).

MANTAS, V. G. (2009). “*Ammaia e civitas Igaeditanorum.*” In Nogales Basarrate, T. (Eds.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (167-188). *Studia Lusitana* 4. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

MARTINS, M. A. P. (1995). Por entre a *Ammaia* desconhecida. *Ibn Maruán*, 5, Marvão, p. 51-56.

MARTINS, M. & DELGADO M. (1989-90). As Necrópoles de Bracara Augusta. *Cadernos de Arqueologia, série II, vol. 6-7*, Braga, p. 41-186.

MAYET, F. e SILVA, C. T. da (1998). *L’Atelier d’amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: Ed. De Boccard.

MENDES, A. J. S. C., BORGES, A.G.M. (1991). A lápide árabe da Serra de São Mamede. *Ibn Maruán*, 1, Marvão, p. 59-65.

MOLINER, M. (1996). Céramiques communes à Marseille d’après les fouilles récentes. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – Ier s. ap. J.- C.)*. *La vaisselle de cuisine et de table* (p. 237-255). Nápoles: Centre Jean Bérard.

MONTEIRO, M. (2011). *A villa romana dos Mosteiros* (Castelo de Vide). In AÇAFA *On Line*, nº 4. Associação de Estudos do Alto Tejo]. Consultado em [http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/A\\_villa\\_romana\\_dos\\_Mosteiros.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/A_villa_romana_dos_Mosteiros.pdf)

MORAIS, R. (2004). "Os almofarizes béticos em Bracara Augusta." In Bernal, D., Lagóstena, L., (Eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas em la bética (ss. II a. C. – VII d. C.)*. *Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 noviembre de 2003)* (p. 567-570). Vol. II. Oxford : ARcheopress (B.A.R. International Series 1266).

MORAIS, R. (2005). Autarcia e Comércio em *Bracara Augusta*. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial. *Bracara Augusta, Escavações Arqueológicas 2*, Braga, UAUM/Narq.

MORAIS, R. (2006). Potes meleiros e colmeias em cerâmica: uma tradição milenar. In García Borja, P., Domingo Sanz, I. & Roldán Garcia, C. (Eds.), *SAGVNTVM, Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, (p. 149-161). 38. Universitat de València, Facultad de Geografía I História. Valencia: Universitat de Valencia Departament de Prehistòria i d'Arqueologia.

MORELLI, V. C. (1996). Ceramica comune della casa di Iulius Polybius a Pompei. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. *La vaisselle de cuisine et de table* (p. 105-120). Nápoles: Centre Jean Bérard.

MUNSELL (1994). *Soil Color Charts*, edição revista. Nova Iorque: Macbeth Division of Kollmorgan Instruments Corporation.

NEVES, J. C. (1972). Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha. *Conímbriga*, 11, Coimbra, p. 5-34.

NIN, N. (1996). Le vaisselier du site de l'établissement thermal à Aix-en-Provence (50 av. J.-C. – fin du Ier s. de n.è.) : ébauche d'un faciès culturel. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. *La vaisselle de cuisine et de table* (p. 183-200). Nápoles: Centre Jean Bérard.

NOLEN, J. U. S. (1979). "Ampurian gray ware" from Mirobriga. *Conímbriga*, 18, p. 105-112.

NOLEN, J. U. S. (1981). A grave group from Monte dos Irmãos (Montargil), *Conímbriga*, vol. 20, nº 0, p. 181 – 190.

NOLEN, J. U. S. (1985a). Nota sobre um *dolium* da Herdade da Machoqueira. *Conímbriga*, 24, p. 105-109.

NOLEN, J. U. S. (1985b). *Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança. Lisboa.

NOLEN, J. U. S. (1988). A *Villa* romana do Alto da Cidreira (Cascais). Os Materiais. *Conímbriga XXVII*, Coimbra, p. 61-140.

- NOLEN, J. U. S. (1993). A Cerâmica Comum. In Medina, J. (Dir.), *História de Portugal* (p. 288-298). Vol. II. Lisboa: Ediclube.
- NOLEN, J. U. S. (1994). *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa, Incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- NOLEN, J. U. S. & DIAS L. F. (1981). A Necrópole de Santo André, Parte II. Os Materiais. *Conímbriga*, XX, Coimbra, p. 33-180.
- OLIVEIRA, J. (1991). A estátua romana da Escusa (Aramenha - Marvão). *Ibn Maruán*, 1, Câmara Municipal de Marvão, p. 85-96.
- OLIVEIRA, J. (1996). Cidade da *Ammaia* (Marvão). *Ibn Maruán*, 6, Marvão, p. 15-22.
- OLIVEIRA, J. (2002). A cidade romana de *Ammaia*, documentos para a sua história recente. *Ibn Maruán*, 12, Marvão. 12, p. 11-48.
- OLIVEIRA, J., PEREIRA, S. & PARREIRA, J. (2007). *Nova Carta Arqueológica do concelho de Marvão*. *Ibn Maruán*. 14. Marvão: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, J., BORGES, S. & CARVALHO, J. (1998). Cidade romana de *Ammaia*. Fundação Cidade de *Ammaia*. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.
- OLIVEIRA, J. & CUNHA, S. S. (1994). A cidade romana de *Ammaia* na correspondência entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*, 4.<sup>a</sup> série, 11-12, Lisboa, p. 103-134.
- OLIVEIRA, J. & CUNHA, S. S. (1998). O complexo arqueológico de Vidais na correspondência trocada entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos. *Ibn Maruán*, 8, Marvão, p. 57-85.
- OLIVEIRA, J., FERNANDES, I. C., CAEIRO, J., BORGES, S., CARVALHO, J. (1995). Cidade romana de *Ammaia*. Fundação Cidade de *Ammaia*. Relatório apresentado ao IPPAR, Marvão, Portugal.
- OLIVEIRA, J., FERNANDES, I. C., CAEIRO, J., BORGES, S. & CARVALHO, J. (1996). Cidade romana de *Ammaia*. Fundação Cidade de *Ammaia*. Relatório apresentado ao IPPAR, Marvão, Portugal.
- OLIVEIRA, J., FERNANDES, I. C. & CAEIRO, J., (1996). Cidade romana de *Ammaia*. *Ibn Maruán*, 6, Marvão, p. 15-22.
- OLIVEIRA, J. & PEREIRA, S. (2005). Do domínio islâmico à «Reconquista Cristã» na freguesia de S. Salvador da Aramenha. In Oliveira, J. (Coord.), *S. Salvador da Aramenha: história e memórias da freguesia* (p. 73-80). *Ibn Maruán*. 13. S. Salvador da Aramenha, Marvão: Edições Colibri.
- PAÇO, A. (1953). Carta arqueológica do concelho de Marvão. In *Actas do XIII Congresso Luso-espanhol para o Progresso das Ciências (1950)* (p. 93-127). 7.<sup>a</sup> secção. Lisboa: Ciências Históricas e Filológicas, Associação para o Progresso das ciências.

PAÇO A. & ALMEIDA, F. d' (1962). Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão. *Revista de Guimarães*, 72, Guimarães.

PASSELAC, M. (1996). Céramiques gallo-romaines en Languedoc occidental : exemples de production et de consommation (fin Ier s. av. n.è.-Ile s.). In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.). La vaisselle de cuisine et de table* (p. 361-390). Nápoles: Centre Jean Bérard.

PEACOCK, D. P. S, (1982). *Pottery In the Roman world: an ethnoarcheological approach*, London: Longman Archeology Series.

PEACOCK, D. P. S. (1977). "Pompeian red ware." In Peacock D. P. S. (Eds.), *Pottery and early commerce: characterization and trade In Roman and later ceramics* (p. 147-162). London: Academic Press.

PEREIRA, P. (2011). Uma história de dolia. Uma primeira análise aos recipientes cerâmicos de armazenamento de vale do Mouro (Coriscada, Meda). Separata da *Revista do Citcem*, nº 2, Porto, p. 75-82.

PEREIRA, S. (2002). Dois depósitos monetários encontrados na Porta Sul (Ammaia). *Ibn Maruan*, 9-10, Marvão, p. 55-70.

PEREIRA, S. (2005). "A Freguesia da Aramenha sob domínio romano." In Oliveira J. (Coord.) - *S. Salvador da Aramenha: História e Memórias da Freguesia* (p.35-61). Ibn Maruán. 13. S. Salvador da Aramenha, Marvão: Edições Colibri.

PEREIRA, S. (2005a). "Da desagregação do império ao período visigótico na freguesia de S. Salvador da Aramenha". In Oliveira J. (Coord.) - *S. Salvador da Aramenha: História e Memórias da Freguesia* (p. 63-71). Ibn Maruán. 13. S. Salvador da Aramenha, Marvão: Edições Colibri.

PEREIRA, S. (2006). *Ammaia: um projecto auspicioso. Conimbriga*, XLV, Coimbra p. 139-152.

PEREIRA, S. (2009). *A Cidade Romana de Ammaia. Escavações Arqueológicas 2000-2006*. Ibn Maruan, nº especial (II), Marvão: Edições Colibri.

PEREIRA, A., MONTEIRO M. (2011). *Cerâmica comum romana no concelho de Castelo de Vide* (Estudo Preliminar). In AÇAFA On Line, nº 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. Consultado em de [http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Ceramica\\_Comum\\_Romana\\_de\\_Castelo\\_de\\_Vide.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Ceramica_Comum_Romana_de_Castelo_de_Vide.pdf)

PEREIRA, S., BORGES, S. & CARVALHO, J., (1998-2002). *Cidade romana de Ammaia: relatório quadrienal. Fundação Cidade de Ammaia*. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.

PEREIRA, S., BORGES, S. & CARVALHO, J., (2000). *Cidade romana de Ammaia. Fundação Cidade de Ammaia*. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.



---

PEREIRA, S., BORGES, S. & CARVALHO, J., (2001). *Cidade romana de Ammaia. Fundação Cidade de Ammaia*. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.

PEREIRA, S., BORGES, S. & CARVALHO, J., (2002). *Cidade romana de Ammaia. Fundação Cidade de Ammaia*. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.

PEREIRA, S., BORGES, S. & CARVALHO, J., (2003). *Cidade romana de Ammaia. Fundação Cidade de Ammaia*. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.

PEREIRA, S., BORGES, S. & CARVALHO, J., (2004). *Cidade romana de Ammaia. Fundação Cidade de Ammaia*. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.

PEREIRA, S., BORGES, S. & CARVALHO, J., (2005). *Cidade romana de Ammaia: relatório quadrienal*. Fundação Cidade de Ammaia. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.

PEREIRA, S., BORGES, S. & CARVALHO, J., (2006). *Cidade romana de Ammaia: relatório quadrienal*. Fundação Cidade de Ammaia. Relatório apresentado ao IPA, Marvão, Portugal.

PEREIRA, S., CARVALHO, J. & BORGES, S. (2000). Numismática *ammaiense*: notas preliminares. *Ibn Maruán, 9-10*, Marvão, p. 55-70.

PEREIRA, S. & OLIVEIRA, J. (2005c). “Da Pré-História à romanização na freguesia de S. Salvador da Aramenha”. In Oliveira J. (Coord.) - *S. Salvador da Aramenha: História e Memórias da Freguesia* (p. 25-34). Ibn Maruán. 13. S. Salvador da Aramenha, Marvão: Edições Colibri.

PEREIRA, V. (2006). *Terra Sigillata em tres locais da Lusitania: Ammaia, Idanha, Mileu*. Dissertação de mstrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

PÉREZ BALLESTER, J., REYES BORREDÁ, & ROSÁRIO CEBRIÁN, (1995). La cerámica de cocina del siglo I d. C. en Carthago Nova y sus precedentes republicanos. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (p. 187-199). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

PICON, M., THIRIOT, H. & DIOGO J. M. (1995). Estudos em laboratório e observação etnoarqueológica das cerâmicas negras portuguesas. In *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu estudo* (p. 87-206). Porto: Edições Afrontamento.

PIMENTA, J. P. (2005). As ânforas romanas do Castelo de S. Jorge (Lisboa). *Trabalhos de Arqueologia 41*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

PIMENTA, J., SEPÚLVEDA, E., SOUSA, E. M., FARIA, J. C. & FERREIRA, M. (2006). Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 4: ânforas de Importação e ânforas de produção lusitana. *Revista Portuguesa de Arqueologia, 9, 2*, Lisboa, p. 299-316.

PINTO, I. V. (1997). Dolia de São Cucufate et jarres modernes de l'Alentejo: essai d'ethnoarchéologie. In R.Étienne e F. Mayet, (eds.), *Itinéraires Lusitaniens, Trente années de collaboration archéologique luso-française, Actes de la réunion tenue à Bordeaux les 7 et 8 avril 1995* (p. 111-156). Paris : Diddusion E. de Boccard.

PINTO, I. V. (1999). *A Cerâmica Comum de São Cucufate*. Partes I-IV. Dissertação de doutoramento, Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal.

PINTO, I. V. (2003). Common ware from the Roman villae at São Cucufate (Beja, Portugal). *Rei Cretariæ Romanæ Favtorvm*. Abingdon, *acta 38*, p. 331-338.

PINTO, I. V. (2006). A Cerâmica comum bética das villae romanas de São Cucufate: uma revisão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9, 1, Lisboa, p. 167-184.

PINTO, I. V. & SCHMITT A. (2010). Cerâmica comum. In Alarcão, J., Carvalho, C., Gonçalves, A. (coords), *Castelo da Lousa: Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002* (p. 219-444). Studia Lusitana 5. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

Prudence, M.R. 1987. *A Source Book on Pottery Analysis*. Chicago: University Press.

QUARESMA, J. C. (1995-1997). Os almofarizes romanos de Povos (Vila Franca de Xira) no contexto do território actualmente português. *CIRA Boletim Cultural*, 7, Vila Franca de Xira, p. 26-45.

QUARESMA, J. C. (2006). Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9, 1, Lisboa, p. 149-166.

QUARESMA, J. C. (2010-2011). *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão, Portugal) no âmbito dos intercâmbios de bens e de gentes com o Norte peninsular durante o Alto-Império. *Oppidum*, 6-7, p. 85-102.

QUARESMA, J. C. (2013). Cerâmicas finas e territorialidade no Baixo-Império e Antiguidade Tardia: o caso da *Ammaia* (São Salvador de Aramenha, Marvão). In D. Bernal, D., Juan L.C., Bustamante M., Díaz, J.J. & Sáez A.M. In *I Congreso Internacional de la SECAH – EX OFFICINA HISPANA. Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania Cadis, 3 e 4 de Março de 2011* (p. 227-236). Tomo II. Cadiz: Universidade de Cadiz.

RAMOS, A. C. & ALMEIDA, R. (2005). O Complexo Industrial Conserveiro de Época Romana da Rua Silva Lopes. Principais Resultados de uma Intervenção de Emergência no Centro Histórico de Lagos. In *Actas do II Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003* (p. 101-118). Xelb 5. Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

RAPOSO, J. M. & DUARTE A. L. D. (1996). O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In Filipe, G. & Raposo, J.M.C. (Eds.), *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas Sobre Romanização dos estuários do Tejo e do Sado* (p. 249-265). Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote. Lisboa.



REI, A. (2002). Târiq Ibn Ziyâd e o seu exército em Almeida e na cidade de Ammayá (Marvão) em finais de 711-Inícios de 712. *Ibn Maruán*, 12, Marvão, p. 159-167.

RESENDE, A. (1593). *De Antiquitatibus Lusitaniae, Caeteraque Historica, quae Extant, Opera* (p. 68-69). Tomus I. 2.2 edição (1790), Coimbra: Conimbricæ Ex Typographia Academico-Regia.

RÉCHIN, F. (1996). La vaisselle commune de table et de cuisine en Aquitaine méridionale. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 447-480). Nápoles: Centre Jean Bérard.

RIVET, L.A. (1996). Fonctions et faciès: étude comparée de quelques lots de céramiques provenant de Fréjus (Var), de Mandelieu (Alpes-Maritimes), d'Áix-en-Provence et de St-Julien-les-Martigues (Bouches-du-Rhône). In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. 327-350). Nápoles: Centre Jean Bérard.

ROCA M. & MERCÈ R. (1995). Estado actual de la Investigación de las cerámicas comunes de época romana en la Península Ibérica. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (p. 9-12). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

RODRIGUES, J. & NEVES, J. C. (2002). Os muros apiários do Parque Natural da Serra de São Mamede e sítio de São Mamede (p. 365-395). *Ibn Maruán*. 12. Marvão: Edições Colibri.

ROLO, M. (2010). *A Necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora)*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

SABROSA, A. J. (1996). Necrópole Romana de Porto dos Cacos (Alcochete). In Filipe, G. & Raposo, J.M.C. (Eds.), *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas Sobre Romanização dos estuários do Tejo e do Sado* (p. 283-300). Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote. Lisboa.

SÁEZ ROMERO, A. M. (2004). "El alfar tardopúnico de Torre Alta. Resultados de las excavaciones de 2002-03 " In Bernal, D. , Lagóstena, L., (Eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas em la bética (ss. II a. C. – VII d. C.)*. Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 noviembre de 2003) (p. 699-712). Vol. II. Oxford : ARcheopress (B.A.R. International Series 1266).

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. Á. (1992). Cerámica común romana de Mérida: estudio preliminar. *Serie de Arqueología Extremeña nº 3*. Cáceres: Universidad de Extremadura.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. Á. (1995). Producciones importadas en la vajilla culinaria romana del Bajo Guadalquivir. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (p. 251-279). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

SÁNCHEZ, S., TORRECILLA, A., OCHOA, A. & GÓMEZ, E. (2002). Las cerámicas comunes altoimperiales. In Bernal, D., Lorenzo, L., (eds.) - *Excavaciones arqueológicas en la villa romana del Puente Grande (Los Altos del Ringo Rango, Los Barrios, Cádiz). Una ventana al conocimiento de la explotación económica de la Bahía de Algeciras entre el s. I y el s. V d.C* (p. 217-254). Cádiz: Universidad de Cadiz, p. 217-254.

SANTOS, C. R. (2011). *As cerâmicas de produção local do centro oleiro da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

SCATOZZA HÖRICHT, L.A. (1996). Appunti sulla cerâmica comune di Ercolano. Vasellame da cucina e recipienti per la preparazione degli alimenti. In Bats, M. (ed.), *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (Ier s.av. J.-c. – le s. ap. J.- C.)*. La vaisselle de cuisine et de table (p. x129-156). Nápoles: Centre Jean Bérard.

SEPÚLVEDA, E. CARVALHO, A. (1998). Cerâmica romana de paredes finas no Museu Municipal de Elvas. *Conímbriga*, 37, p. 233-265.

SEPÚLVEDA, E., FARIA, J. C. & FARIA, M. (2000). Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: terra sigillata. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3. 2, Lisboa, p. 119-152.

SEPÚLVEDA, E., SOUSA, E. M., FARIA, J. C. & FERREIRA, M. (2001). Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 2: “Cerâmicas de Verniz negro” e cinzentas. *O Arqueólogo Português, série 4*. 19, Lisboa, p. 199-234.

SEPÚLVEDA, E., SOUSA, E. M., FARIA, J. C. & FERREIRA, M. (2003). Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6. 2, Lisboa, p. 383-399.

SEPÚLVEDA, E., FERREIRA, M. & MATA, V. (2008). O espólio cerâmico romano do Alto de São Miguel (Alcácer do Sal): intervenção arqueológica urbana de emergência. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6. 2, Lisboa, p. 288-289.

SERRANO RAMOS, E. (1978). Ceramica comum del alfar de Cartuja (Granada). In *Baetica Estudios de arte, geografía, e história*, 1, Málaga, p. 243-257.

SERRANO RAMOS, E. (1995). Producciones de cerámicas comunes locales de la Bética. In, Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (p. 227-250). Monografies Empuritanes VIII Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.

SERRANO RAMOS, E. (2000). *Cerámica común romana: siglos II a.C. al VII d.C.: materiales importados y de producción local en el territorio malacitano*. Málaga: Universidad.

SIERRA FERNANDEZ, J. A. de la (2004). Imitaciones locales de cerámicas africanas en el valle del Guadalquivir. In Bernal, D., Lagóstena, L., (Eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas em la bética (ss. II a. C. – VII d. C.)*. *Actas del*

---

*Congresso Internacional (Cádiz, 12-14 noviembre de 2003)* (p. 537-544). Vol. II. Oxford : ARcheopress (B.A.R. International Series 1266).

SIDARUS, A. (1991). *Ammaia* de Ibn Maruán: Marvão. In *Ibn Maruán, 1*, Marvão, pp. 13-26.

SILVA, C. T., & COELHO-SOARES A. (1980-81). A Praça do Bocage (Setúbal) na época romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica VI-VII*, Setúbal, p. 249-284).

SILVA, C. T., SOARES J., BEIRÃO C.M., DIAS L. F. & SOARES A. C. (1980-81). Escavações arqueológicas no castelo de Alcacer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica VI-VII*, Setúbal, p. 149-218).

SILVA, C. T., SOARES A. C. & CORREIA V. H. (1980-81). "Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres)". In Alarcão e F. Mayet (Eds), *Ânforas Lusitanas: tipologia, produção, comércio* (p. 225-246). Coimbra/Paris: Museu Monográfico de Coimbra/Dif. E. De Boccard.

SILVA, C. T., SOARES J. & DIAS L. F. (1980-81). Trabalhos arqueológicos na Ilha do Pessegueiro (1980). *Setúbal Arqueológica VI-VII*, Setúbal, p. 219-247.

SILVA, C. T., SOARES J., DIAS L. F. & SOARES A. Coelho. (1980-81). Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícia da 2ª campanha (1981). *Arquivo de Beja, volume 1, II Série*, p. 11-45).

SILVA, C. T., SOARES J. & COELHO-SOARES A., (1992). Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica IX-X*, Setúbal, p. 335-374.

SILVA, C. T. & COELHO-SOARES A., (1987). Escavações arqueológicas no Creio (Arrábida). Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica, VIII*, Setúbal, p. 221-237.

SOTTO-MAIOR, D. P. de (1984). Tratado da Cidade de Portalegre. Introdução leitura e notas de Leonel Cardoso Martins. 1ª edição de 1619. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre.

SOARES, J. & SILVA, C. T. (1986). Ocupação pré-romana de Setúbal: Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. In *Actas do I Encontro de Arqueologia Urbana Setúbal, 1985* (p. 87-101). Trabalhos de Arqueologia 3. Lisboa: IPPC.

SOEIRO, T. (1981-82). Monte Mozinho: cerâmica cinzenta fina. *Portugália*, vol. II/III, Porto, p. 97-120.

SOEIRO, T. (1981-82). Monte Mozinho: cerâmica cinzenta fina. *Portugália*, vol. II/III, Porto, p. 97-120.

SOEIRO, T. (1984). Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura, 3ª série. 1*, Penafiel.

SOUSA, E. & ARRUDA, A. M. (2010). A gaditanização do Algarve. In *Los púnicos de Iberia: proyectos, revisiones y síntesis* (p. 951-974). Mainake, XXXII (II). Málaga: Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga (CEDMA).

SOUSA, E. (2005). *A cerâmica de tipo "Kuass" do castelo de Castro Marim e de Faro*. Vol. II Partes I-IV. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

SOUSA, E. M. (1993-1994). Cerâmica vidrada romana proveniente de Tróia de Setúbal. *Conímbriga*, 32/33, p. 359-369.

SOUSA, E. M., SEPÚLVEDA, E., FARIA, J. C. & FERREIRA M. [et al.] (2008). Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 6: conclusões. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11. 1, p. 155-154.

STYLOW, A. U. 1995. Apuntes sobre las tribus romanas en Hispânia. *Veleia* 12, p. 105-123.

STYLOW, A. U. 1999. Entre edictum y lex. A propósito de una nueva ley municipal flavia del término de Ecija. In (ed. J. González), *Ciudades privilegiadas en el Occidente romano* Sevilla (p. 229-237). Sevilla: Diputación y universidad de Sevilla.

STYLOW, A. U. 2009. O Estatuto jurídico de *Ammaia* a propósito de uma inscrição copiada em 1810. In Encarnação (Apresentação), *Marvão e a Ammaia ao tempo das Guerras Peninsulares* (p. 35-55). Ibn Maruán. Nº especial. Marvão: Edições Colibri.

TAELEMAN, D. (2012). *The provenance, supply and use of stone material at the Roman town of Ammaia*, Thesis presented for the Degree of Doctor of Archaeology, Universiteit Gent, Gent, Bélgica. Consultado em <http://hdl.handle.net/1854/LU-4115916>

TAELEMAN, D., CORSI, C., De DAPPER, M., DEPREZ, S., VERDONCK, L. VERMEULEN F., (2008). *Geoarchaeological Observations on the Roman Town of Ammaia (Alentejo Portugal)*. [pdf.]. Roma: Bollettino di archeologia on line, Ministero per I Beni e le Attività Culturali. Consultado em <http://www.bollettinodiarcheologiaonline.beniculturali.it>

VASCONCELOS, J. L. (1913). As religiões da Lusitânia. Maia. Reedição de 1989. Vol. III, p. 23, 170, 179, 494, 495. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

VASCONCELOS, J. L. (1935). Localização da cidade de *Ammaia*. *Ethnos*, Lisboa. 1, p. 5-9.

VEGAS, M. (1964). *Clasificación tipológica preliminar de algunas formas de la cerámica común romana*. Barcelona: Universidad, Instituto de Arqueología y Prehistoria.

VEGAS, M. (1973). *Cerámica Común Romana del Mediterráneo Occidental*. (Publicaciones Eventuales nº 22). Barcelona: Universidad de Barcelona. Instituto de Arqueología y Prehistoria.

VERMEULEN, F. [et al.]. (2000). Geo-archeological of the Landscapes of Classical Antiquity, International Colloquium Ghent 23-24 October 1998. *Babesch Supplement 5*, Leuven-Paris-Sterling 2000.

VERMEULEN, F. & TAEELMAN, D. (2010). From city-scape to landscape in Roman Lusitania: the municipium of *Ammaia*. In C. Corsi e F. Vermeulen (Eds.): *Changing landscapes, the impact of Romantowns in the Western Mediterranean: proceedings of the international colloquium, Castelo de Vide, Marvão, 15th-17th May, 2008* (p. 311-324). Bologne: Ante Quem.

VIANA, A. (1946). Alguns objectos da Idade do Bronze, da Idade do ferro e da Época Romana, Cerâmica argárica; Cerâmica árabe. *Sep. Do Arquivo de Beja, vol. II*, Beja: Minerva Comercial, p. 1-33.

VIANA, A. (1955). Notas de arqueologia alto-alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa, «A cidade de Évora», Évora, nº 33-34, p. 235-238.

VIANA, A. (1956). *Algumas notas sobre António Dias de Deus, e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas*, Beja, Minerva Comercial, p. 3-10.

VIANA, A. & DEUS A. D. (1955). Necropolis de La Torre das Arcas. *Archivo Español de Arqueología, Segundo Semestre, Consejo Superior de Investigaciones Científica, Instituto Español de Arqueología y Prehistoria «Rodrigo Caro»*, Madrid, p. 243-265.

VIANA, A. & DEUS A. D. (1957). Mais alguns Dólmens da região de Elvas (Portugal). In *IV Congresso Arqueológico Nacional, Paço Ducal de Vila Viçosa materiais da secção arqueológica* (p. 89-100). 5. Zaragoza: Tipografia “La Académica” Galo Ponte.

VIANA, A. & DEUS A. D. (1958). Campos de urnas do concelho de Elvas, Paço Ducal de Vila Viçosa materiais da secção arqueológica. *Separata de o Instituto, vol. 118*, Coimbra, Tipografia da Coimbra Editora Limitada, p. 1-61.

VIEGAS, C. (2009). *A povoação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

VIEGAS, J., NOLEN, J. & DIAS, L. F. (1981). A necrópole de Santo André. *Conímbriga, 20*, p. 5-180.

XAVIER AQUILUÉ, (1995). La cerámica común africana. In Xavier Aquilué & Mercè Roca (Eds), *Cerámica comuna romana d'època Alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la questió* (p. 61-74). Monografies Empuritanes VIII. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.